

Fé Invencível

Vincent Cheung

Título do original: *Invincible Faith*

Copyright © 2008 by Vincent Cheung

<http://www.vincentcheung.com>

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto

Revisão: Melina Marin

Direitos para o português gentilmente cedidos pelo autor ao site *Monergismo.com*.

<http://www.cheung.com.br>

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Nova Versão Internacional (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.



SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA	4
PREFÁCIO	6
1. A IGREJA INVENCÍVEL	7
2. A BÍBLIA, O PREGADOR E O ESPÍRITO.....	48
3. ESTUDANTES NO MUNDO REAL.....	76
4. AS LUTAS HUMANAS E A SOBERANIA DIVINA	143
5. FÉ PARA MOVER MONTANHAS.....	181
6. O SANGUE DA PÁSCOA.....	206
7. O DEUS DOS DESASTRES.....	216
8. LEMBRE-SE, ARREPENDA-SE, RETORNE.....	228
9. MATEUS 23.37.....	234
10. SINTOMAS DE RETARDAMENTO.....	240
11. A HISTÓRIA DE UM SISTEMA.....	246
12. O CÓDIGO DA VINCI.....	252

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Neste excelente livro, Vincent Cheung aborda temas vitais para a Igreja e todo cristão interessado no crescimento do Reino de Deus: a vitória e a invencibilidade da Igreja, a importância e a primazia da Bíblia em toda a História humana, a defesa da fé e a soberania absoluta do grande e eterno Deus.

Embora todos os capítulos sejam relevantes e mereçam ser estudados com atenção, faço os seguintes comentários sobre alguns deles:

- 1) No primeiro capítulo encontramos a verdadeira mensagem bíblica com respeito à vitória da Igreja de Cristo, bem diferente do pessimismo tão comum e recorrente nos púlpitos de hoje em dia. Muitos cristãos passam a vida inteira debatendo Mateus 16.13-19, tentando mostrar o que a passagem *não* ensina (principalmente no contexto dos debates com católicos romanos). Embora estejam corretos até onde isso diz respeito,¹ poucos parecem atentar para as implicações da promessa de Cristo de que ele edificará a sua Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.
- 2) Já no segundo capítulo, a suficiência da Escritura é enfatizada, outra doutrina não somente esquecida em nossos dias, mas amplamente rejeitada. Continuamente são propostas adições ou mesmo substituições à Palavra de Deus. Ou seja, enquanto os ateus e demais céticos rejeitam a *inerrância* da Escritura, a maioria daqueles que se dizem cristãos hoje menosprezam ou rejeitam a *suficiência* da Escritura.
Além disso, Cheung lembra-nos do papel primordial do Espírito Santo em nossa pregação. Como disse o Dr. Gordon Clark, “é impossível através *apenas* de argumento ou pregação fazer alguém crer na Bíblia. Somente Deus pode produzir tal crença”.² Embora, sem dúvida, a argumentação e a pregação não sejam inúteis, mas sim os meios usados por Deus, a única causa eficiente é Deus mesmo, por meio do seu Espírito Santo.
- 3) O capítulo três, que é um “pequeno curso apologético introdutório”, é de relevância particular aos nossos dias, marcados por um ataque violento e

¹ Aquilo que não é o foco primário de uma passagem *nunca* deve ser o nosso foco primário ao explicarmos tal passagem.

cruel ao Cristianismo. Os novos ateus não somente rejeitam a veracidade do Cristianismo, como afirmam sua nocividade à sociedade. Pela providência de Deus, Vincent Cheung vive nesta mesma era, e através dos seus escritos ele tem mostrado como refutar e aniquilar completamente os ateus e todos os que objetam à fé cristã. Ele faz isso de forma bíblica e racional, provando que são os incrédulos os realmente irracionais e tolos justamente por rejeitaram a revelação divina racional.

- 4) Com o renascimento do interesse pelo verdadeiro Cristianismo e as doutrinas da graça em nosso país e no mundo todo, muitas perguntas têm sido levantadas sobre o assunto. Geralmente essas perguntas dizem respeito a supostas contradições nesse ensino e, no capítulo quatro, o leitor encontrará uma resposta bíblica, racional e completa sobre a relação entre a soberania de Deus e as lutas, as enfermidades e os pecados humanos.
- 5) Os capítulos seis e sete são dois excelentes sermões sobre a soberania de Deus na existência do mal. Longe de ser uma contradição ao Deus cristão, como muitos ateus tolamente afirmam, a existência do mal é absolutamente controlada e serve totalmente aos propósitos de Deus.
- 6) Os sermões contidos nos capítulos oito e nove são respectivamente sobre a necessidade de arrependimento em nossa caminhada cristã, mesmo após termos sido salvos, e uma exposição sobre uma passagem da Escritura usada por alguns contra a verdade da soberania divina, a eleição e a reprovação.

Espero que todos os que lerem este livro sejam abençoados e edificados em nossa santíssima fé e assim “estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa” (1 Pedro 3.15) que objetar à fé cristã, que é invencível.

Felipe Sabino de Araújo Neto

11 de junho de 2009

² Gordon Clark, *God's Hammer: The Bible and its Critics*, (The Trinity Foundation), p. 20. Ênfase adicionada.

PREFÁCIO

Esta coletânea reúne alguns itens de grande importância. Entre eles estão exposições bíblicas e algumas correspondências.

“A Igreja Invencível” é uma exposição de Mateus 16.13-18, com ênfase na promessa e predição de Jesus de que a igreja subsistirá no decorrer do tempo, será indestrutível em face da oposição, e cumprirá a sua missão.

“A Bíblia, o Pregador e o Espírito” discute o papel supremo que Deus deu à Bíblia na História da humanidade e na História da redenção. Sua mensagem é geralmente entregue a homens por homens, mas se torna eficaz no coração dos homens somente pela vontade e poder do Espírito Santo.

“Estudantes no Mundo Real” é um livreto direcionado para cristãos na escola secundária e universidade. Ele oferece lembretes e sugestões relevantes para estudantes, com ênfase na apologética. Por causa de sua contribuição para a apologética, os que não são estudantes também encontrarão nele um recurso valioso. Ele inclui materiais não encontrados em outros lugares nos meus escritos.

“As Lutas Humanas e a Soberania Divina” é uma resposta a certa pessoa que luta com a forma como Deus usa sua soberania sobre todas as coisas. As três seções principais lidam com a relação entre a soberania de Deus e a enfermidade humana, a depravação humana e a espiritualidade humana.

Os capítulos cinco até o nove são exposições bíblicas. Então, “Sintomas de Retardamento” e “A História de um Sistema” são baseados em correspondências. O primeiro tem a ver com apologética, e o último discute a ideia popular de que a Bíblia é “história” e como isso se relaciona com teologia sistemática e teologia bíblica. O artigo final, “O Código Da Vinci”, não se engaja diretamente com o conteúdo do romance, mas considera a atitude apropriada em relação a esta e outras obras de falsidade de blasfêmia.

1. A IGREJA INVENCÍVEL

Chegando Jesus à região de Cesareia de Filipe, perguntou aos seus discípulos: “Quem os outros dizem que o Filho do homem é?”

Eles responderam: “Alguns dizem que é João Batista; outros, Elias; e, ainda outros, Jeremias ou um dos profetas”.

“E vocês?”, perguntou ele. “Quem vocês dizem que eu sou?”

Simão Pedro respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”.

Respondeu Jesus: “Feliz é você, Simão, filho de Jonas! Porque isto não lhe foi revelado por carne ou sangue, mas por meu Pai que está nos céus. E eu lhe digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la. Eu lhe darei as chaves do Reino dos céus; o que você ligar na terra terá sido ligado nos céus, e o que você desligar na terra terá sido desligado nos céus”. Então advertiu a seus discípulos que não contassem a ninguém que ele era o Cristo. (Mateus 16.13-19).

Quando um profeta fala, é frequentemente difícil para as pessoas colocá-lo numa categoria. Ele está pregando ou ensinando? O que ele está fazendo? Ele parece estar pregando, mas que tipo de pregador diz tais coisas? Ele parece estar ensinando, mas que tipo de professor instrui dessa forma? Às vezes ele é bem direto para confrontar, e até mesmo muito duro, mas parece extremamente simplista relegar isso a uma falha de caráter ou falta de compaixão. Não é a franqueza típica de um cristão fanático ou a dureza de um não-cristão. Não é o cinismo do tradicionalista que se apegava mais a um credo humano do que à revelação divina, ou o sarcasmo amargo do idólatra que sacrificaria seu próprio irmão no altar de seu teólogo preferido. Parece haver mais nessa pessoa.

A ofensa que surge de ouvir ou ler suas palavras, se alguém for honesto sobre isso, acontece porque ele é justo e preciso em tudo o que diz. Ele é tão justo que não deixa espaço para diálogo ou discussão, esmagando o orgulho do homem e expondo sua vergonha. O profeta é tão justo e preciso que a tentativa do ouvinte de suprimir a culpa

que se intensifica torna-se ira, e a ira torna-se ódio e assassinato. Se o chamado ao arrependimento é rejeitado e o coração é endurecido contra a mensagem, então se veste a tradição religiosa como uma capa para encobrir o mal interior, e a justiça de Cristo é substituída pelo endosso humano. Retirando a armadura de Deus e se revestindo da armadura do diabo, aqueles que ouviram e rejeitaram a palavra profética resolvem destruir o mensageiro de Deus, pois ele deve ser silenciado para preservar a paz e sanidade deles.

Há algo sobre o profeta que o separa dos outros oradores. Às vezes pode ser difícil especificar as diferenças, mas parece que ele tem um espírito diferente, um maior poder, uma ousadia especial, um discernimento mais profundo e uma missão divina sobre a qual ele fala e escreve. Ele é, podemos dizer, alguém que fala com autoridade. E essa é a impressão que as pessoas tinham do Senhor Jesus. Elas ficavam perplexas com ele – Que tipo de pregação é essa? Que tipo de homem é ele?

Ele não falava como os escribas, que dependiam do número de notas de rodapé em seus discursos para afirmar suas conclusões. Em toda tradição, há cristãos que, orgulhando-se de uma mentalidade de erudito, julga o que leem ou ouvem por esse padrão. Isso nos diz mais sobre eles do que sobre aqueles que eles criticam. A revelação e a razão podem ser condenadas. O próprio Deus pode ser abatido e silenciado. Eles respeitam apenas a aprovação e concordância humana. Eles condenariam o próprio Senhor Jesus como inculto e amador, embora fossem forçados a respeitá-lo por aparência. Mas eles sabiam – a autoridade daquela pessoa estava além das notas de rodapé. Ele sem dúvida não era nenhum rabi comum.

Alguém fala com autoridade hoje, como alguém que recebeu uma palavra de outro mundo, ou voltamos a fazer notas de rodapé? Jesus prometeu aos seus discípulos o poder do Espírito Santo, pelo qual eles se tornariam suas testemunhas. Mas por causa da cessação da fé, o próprio Espírito Santo tem sido excomungado como um herege. “Oh, não”, eles dizem, “não negamos isso. De fato, todo o mundo já tem esse poder!”. Bem, se todos os crentes já o possuem, onde está? Desde quando o poder do Espírito Santo não é associado com demonstrações miraculosas? Desde quando ele é reduzido à mera ousadia ao falar? Espere, nós ao menos temos isso? Desde quando a obra do Espírito foi reduzida ao desenvolvimento de virtudes? E nós temos isso em nossas igrejas? Verdade? Onde? O que atribuímos ao Espírito de Deus que não possa ser

facilmente imitado por qualquer não-cristão? Na Escritura, o poder do Espírito impressiona e intimida os incrédulos. Com que frequência isso acontece hoje? Não, a maioria dos cristãos não tem esse poder, mas isso faz com que se sintam melhores, e os livra de sua responsabilidade se a doutrina deles diz que já o possuem.

De acordo com o profeta Joel, “diz Deus, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os jovens terão visões, os velhos terão sonhos [...] derramarei do meu Espírito naqueles dias, e eles profetizarão” (Atos 2.17-18). A teologia que encoraja uma cessação da fé nas manifestações espirituais não pode explicar essa passagem de uma forma que faça sentido. Por exemplo, John MacArthur colocou o seu cumprimento no período da Tribulação em sua falsa escatologia dispensacionalista.¹ Todavia, é verdade que o Cânon mata as visões, e a Tribulação mata o Cânon? Se a Tribulação não mata o Cânon, mas ressuscita as visões, então o Cânon nunca matou as visões em primeiro lugar, de forma que o primeiro não necessariamente exclui o último.² De qualquer forma, Joel também diz na mesma passagem: “E todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (v. 21). Por alguma razão, ninguém questiona que isso se aplica sempre. A verdade é que eles não têm o poder do Espírito. Eles estão mentindo sobre isso. Eles não entram, e nem deixam os outros entrar.

Há diferentes manobras, mas a tática é a mesma – coisas com as quais eles não desejam lidar podem ser sempre relegadas a um tempo que não o deles. Não importa realmente quando aconteceu ou quando acontecerá de novo, conquanto não aconteça agora. Eles são como Marta, que lamentou com toda a piedade que poderia exhibir: “Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição *do último dia*” (João 11.24). Mas Jesus respondeu: “Eu *sou* a ressurreição e a vida”, e perguntou “Crês tu isto?” (v. 25-26). Muitos cristãos respondem enfaticamente: “Não”.

É fútil encobrir a questão com uma avalanche de notas de rodapé quanto à razão de isso não ser verdade, com esquemas artificiais de dispensações sobre o motivo de não poder ser agora, ou com uma hermenêutica vergonhosa que rotula todos os exemplos bíblicos de “exceções”, pois o Senhor Jesus diz: “Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês” (Atos 1.8). Eles devem se submeter à

¹ John MacArthur, *The MacArthur Bible Commentary* (Thomas Nelson, Inc., 2005), p. 1437.

² Don Codling, *Sola Scriptura and the Revelatory Gifts* (Sentinel Press, 2005).

definição da própria Escritura de poder, incluindo seus propósitos e efeitos. Se esse poder, como explicado e ilustrado pela Escritura, não se manifesta em suas experiências (quando a Escritura assume que deveria), então devemos concluir que eles não o possuem, e que o mesmo ainda deve ser buscado e obtido. Qualquer outra conclusão é tradição humana, preocupada em proteger seu próprio orgulho sobre sua ortodoxia autoproclamada e sua autoridade sobre a vida dos homens, e não com a verdade, humildade e obediência.

Em todo caso, as pessoas tendem a identificar Cristo com um dos profetas do passado. Alguns dizem que ele é João o Batista, talvez porque ele também veio pregando fé e arrependimento. Alguns dizem que ele é Elias, talvez por causa da quantidade e magnitude dos milagres associados ao seu ministério, e por ter vindo para voltar de novo o coração do povo para Deus. E alguns dizem que ele é Jeremias, talvez porque permanecia sozinho contra as instituições e tradições religiosas dos seus dias, declarando a futilidade da piedade externa que não procede de uma realidade interna. Como nos dias de Jeremias, o povo derivava sua segurança dos rituais no templo e tradições humanas e, com isso, tinham rejeitado as exigências de fé, misericórdia e justiça da parte de Deus.

Não importa quão positivas possam ser tais opiniões, elas estão aquém da verdade sobre a pessoa de Jesus Cristo. Um pregador ordinário dificilmente poderia receber maior lisonjeio do que ser chamado de um Elias ou um Jeremias, mas ao Senhor isso seria mais como insultos do que elogios. A verdade, como Pedro declararia num momento, é que ele era “o Cristo, o Filho do Deus vivo”. Ele é o maior de todos os profetas e o cumprimento de todas as suas profecias. Ele permanece numa classe por si só e, falhando em ver isso, as pessoas carecem de uma categoria existente na qual poderiam classificá-lo. Assim, supõe-se que eles veem em Cristo algo dos espíritos dos profetas, mas o que eles falham em captar e expressar é que eles veem em cada um dos profetas algo do espírito de Cristo, que falava por meio deles a respeito de si mesmo. Portanto, alguém que diz que Cristo não é nada mais que um profeta, mesmo o maior de todos os profetas, desonra e difama o Filho de Deus. Não há salvação e promessa em tal confissão. Por esse padrão julgamos as pessoas e as religiões do mundo.

Jesus não assume que seus discípulos compartilham as positivas, embora inadequadas opiniões das pessoas, de forma que pergunta: “E vocês? Quem vocês

dizem que eu sou?’ Pedro responde: ‘Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo’. A isso Jesus responde: ‘Feliz é você, Simão, filho de Jonas! Porque isto não lhe foi revelado por carne ou sangue, mas por meu Pai que está nos céus’.” Dissipando as tradições propagadas pela sociedade, as confusões entre o povo, as oposições dos líderes religiosos, e as questões dentre os próprios discípulos, Deus o Pai revelou seu Filho soberanamente aos apóstolos, e aqui especificamente a Pedro.

Ele diz que a confissão de Pedro procede de uma revelação que vem de Deus, e não do homem, uma que procede do espírito, e não da carne. Isso poderia significar que Jesus até aqui nunca tinha alegado ser o Cristo, ou nunca tinha dado qualquer indicação de que ele fosse o Cristo, e agora o Pai tinha revelado a informação necessária a Pedro, à parte de qualquer meio natural, bem como fez com que ele assentisse a essa informação revelada. Tomada por si só, a declaração do Senhor não exclui essa interpretação. É certamente possível para Deus revelar Cristo a um indivíduo à parte da pregação de um homem. Isso não é dizer que Cristo é revelado à parte da “palavra”, mas apenas que Deus estaria revelando (ou mesmo pregando) sua palavra diretamente ao espírito do homem. A Escritura nunca indica que isso é impossível, mesmo que seja incomum.

Todavia, vemos que essa é uma interpretação improvável do versículo quando consideramos o que ocorreu no Evangelho de Mateus. Por volta de Mateus 2, João o Batista tinha apontado Jesus como o Cristo, aquele que batizaria o seu povo com o Espírito Santo, e aquele cuja justiça era tão perfeita que não requeria dele arrependimento ou batismo em água. E uma voz do céu anunciou: “Este é o meu Filho amado, em quem me agrado” (v. 17). Em Mateus 7, alguns supõem que eles poderiam chamá-lo de “Senhor, Senhor” e entrar no Reino dos céus. Jesus deixa implícito que alguns entrarão, mas somente aqueles que também fazem a vontade do Pai (v. 21). Assim, Jesus reconhece que ele é a chave confessional para a salvação, mas exige uma confissão verdadeira que resulte em obediência (Lucas 6.46). É possível também profetizar, expulsar demônios, e operar milagres em seu nome (Mateus 7.22-23), deixando implícito que ele não é mero profeta. O versículo 29 indica que ele é diferente dos mestres da lei, mas ele é “como quem tem autoridade”.

Em Mateus 8, Jesus acalma a tempestade com uma palavra, de forma que os discípulos exclamam: “Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?” (v. 27).

Quando os demônios o viam, eles gritavam: “Que queres conosco, Filho de Deus? Vieste aqui para nos atormentar antes do devido tempo?” (v. 29). Ele declara em Mateus 10: “Quem, pois, me confessar diante dos homens, eu também o confessarei diante do meu Pai que está nos céus. Mas aquele que me negar diante dos homens, eu também o negarei diante do meu Pai que está nos céus” (v. 32-33). E ainda mais significativo para o nosso contexto, ele diz em Mateus 11: “Todas as coisas me foram entregues por meu Pai. Ninguém conhece o Filho a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai a não ser o Filho e aqueles a quem o Filho o quiser revelar” (v. 27). Então, em Mateus 12, ele chama a si mesmo de “o Senhor do sábado”, que é “maior do que o templo” (v. 6, 8).

É desnecessário multiplicar os exemplos. Não é que Cristo nunca tenha ensinado sobre si mesmo, ou que ele nunca tenha dado alguma indicação de sua natureza e identidade. As pessoas falharam em reconhecê-lo corretamente não por falta de explicação, e nem por não ter havido nenhuma demonstração. Pelo contrário, houve múltiplas explicações explícitas e inúmeras demonstrações espetaculares. Em Mateus 13, Jesus fala porque as pessoas não o reconheceram, dizendo: Neles se cumpre a profecia de Isaías: ‘Ainda que estejam sempre ouvindo, vocês nunca entenderão; ainda que estejam sempre vendo, jamais perceberão’ (v. 14). Ou, como Paulo coloca: “Quem não tem o Espírito não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhe são loucura; e não é capaz de entendê-las, porque elas são discernidas espiritualmente” (1 Coríntios 2.14).

Assim, não é que Cristo não tenha explicado sua natureza ou demonstrado seu poder, mas sim que a percepção espiritual não foi concedida ao povo. Ele diz em João 6: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair; e eu o ressuscitarei no último dia. Está escrito nos Profetas: ‘Todos serão ensinados por Deus’. Todos os que ouvem o Pai e dele aprendem vêm a mim” (v. 44-45). Portanto, com ou sem explicações, e com ou sem demonstrações, uma pessoa vem a Cristo quando o Pai realiza uma obra direta em seu coração, fazendo-o perceber e crer na verdade sobre Cristo, que ele é o Filho de Deus, e aquele que redime o seu povo através de um sacrifício expiatório.

Essa é a razão básica pela qual uma pessoa crê em Cristo e a outra não. Eu chego a uma pessoa e digo: “Arrependa-se, e creia no evangelho!” E se Deus a capacitar para perceber a verdade e gerar fé nela, então essa pessoa será convertida e confessará a

Cristo como seu Senhor. Pode até ser o caso de essa pessoa ter ouvido o evangelho inúmeras vezes antes, mas até agora Deus não ter revelado Cristo diretamente ao seu coração. Se sim, a pessoa poderia exclamar: “É claro que é assim! Sem dúvida esse Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo, que tomou a carne humana para morrer pelos pecados do seu povo. Pensei que eu fosse sábio — racional, científico e tudo o mais — mas tenho sido o maior tolo do mundo até hoje. Agora vejo que somente um imbecil negaria a verdade da religião cristã.” Dessa forma, uma pessoa chega à fé por meio de uma mensagem simples que contém pouca explicação ou argumento.

Por outro lado, posso sentar por muitas horas com outra pessoa, e apresentar toda a fé cristã a ela de uma forma sistemática, fornecendo uma justificação racional para cada alegação e premissa, ora defendendo essa afirmação, ora refutando aquela objeção, até que obter uma vitória total sobre sua obstinação, e até que sua mente e corpo cheguem a um ponto de exaustão. E, ainda assim, ela pode falhar em perceber a verdade sobre Cristo, fracassando em crer e confessar a Jesus Cristo. O defeito não está em Deus, em mim, na mensagem, ou na apresentação, mas no incrédulo. Eu posso colocar Cristo diante de seus olhos, e ele fracassará em percebê-lo. Eu posso colocar o evangelho em seus ouvidos, e ele não entenderá. Oh, não-cristão estúpido! Quem te livrará do seu retardamento mental? O incrédulo é uma pessoa arruinada, deficiente e estúpida.

Dito isso, não devemos concluir que toda a nossa pregação e argumentação são inúteis. A responsabilidade humana é determinada pelo mandamento divino, e não pelo efeito antecipado da nossa ação. Paulo escreve: “Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fez crescer; de modo que nem o que planta nem o que rega são alguma coisa, mas unicamente Deus, que efetua o crescimento” (1 Coríntios 3.6-7). Ele não conclui a partir disso que ele deveria parar de plantar e Apolo de regar. Não; somos dirigidos pelo mandamento, e não pelo efeito. E Deus nos manda pregar a palavra, defender a sã doutrina, e refutar aqueles que se opõem. Seja qual for o efeito numa circunstância particular, a pregação e argumentação corretas honram a Deus, e ele frequentemente as usa para efetuar o seu propósito, ou como o meio para mudar o coração do homem.

Assim, a pregação e argumentação são muito necessárias, mas é Deus quem determina o efeito. Embora Pedro tenha sido exposto a explicações e demonstrações concernentes à verdade sobre Cristo, ele nem sempre percebeu e confessou essa

verdade. Não até que o Pai revelou Cristo diretamente a ele, e então a verdade finalmente rompeu em seu coração como o nascer do sol dissipa as trevas da noite. “Pois Deus, que disse: ‘Das trevas resplandeça a luz, ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo” (2 Coríntios 4.6).

Pedro não faz sua confissão à parte de explicação e evidência. Na verdade, houvera plenitude de explicação e evidência, e elas logicamente necessitavam de confissão. Contudo, embora a confissão seja racional, o homem nem sempre é racional. Antes de a revelação de Deus fazer a percepção brotar em seu coração, Pedro foi incapaz de perceber a verdade, mesmo quando a explicação e evidência sobre Cristo lhe foram apresentadas dia após dia.

Portanto, embora a verdade e a razão estejam do nosso lado, porque Deus endurece o réprobo tolo e irracional, nenhum argumento pode convencê-lo. E porque Deus preserva o eleito, cuja mente tem sido iluminada para perceber e crer na verdade, nenhuma objeção pode dissuadi-lo. Não é que os esforços do homem não tenham significado, mas sim que esses esforços por si só não produzem o efeito, seja fé ou incredulidade. Antes, Deus frequentemente usa os esforços do homem para realizar o seu propósito, tanto para converter quanto para endurecer, embora ele seja capaz de produzir o mesmo efeito à parte de tais esforços. Isso é crucial para o nosso entendimento e aplicação do versículo 8. Veremos que essa verdade não deveria levar a um sentimento de futilidade e desânimo, mas de confiança e invencibilidade.

Antes de procedermos para o versículo 18, devemos retornar para examinar a confissão de Pedro no versículo 16: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. Enquanto Jesus explica os aspectos metafísicos e epistemológicos da confissão no versículo 17, o versículo 16 aborda o aspecto intelectual da confissão, isto é, seu conteúdo doutrinário. Esse conteúdo doutrinário é crucial para o que Jesus está para dizer sobre a igreja, pois é o versículo 16 que fornece a base para o versículo 18. Também, por causa do conteúdo doutrinário abrangente, a confissão (v. 16) limita a aplicabilidade da predição (v. 18) e, dessa forma, nos oferece uma ideia específica quanto ao tipo de igreja que Jesus promete construir e perpetuar. Assim, faremos quatro observações sobre a confissão.

Primeiro, Pedro dirige a confissão a “tu” — isto é, Jesus, que pergunta aos discípulos: “Quem vocês dizem que eu sou?”. A confissão inteira depende disso, visto que a pergunta identifica a pessoa sobre quem a confissão é feita. O “tu” a quem Pedro está falando é Jesus de Nazaré, sobre quem Mateus vem escrevendo desde o começo do seu Evangelho. Ele havia nascido de uma mulher, tinha um corpo físico e uma natureza humana. Ele vinha ensinando, curando e tendo contato com homens e mulheres. Em outras palavras, o “tu” sobre o qual Pedro fala e que ele chama de Cristo, não é um Cristo cósmico, ou alguma ideia abstrata de Cristo, mas uma pessoa histórica. A palavra enfatiza a historicidade e humanidade de Cristo.

Como veremos adiante, a confissão indica que ele é mais do que uma pessoa humana, mas seja lá o que mais ele possa ser, isso não exclui ou contradiz o fato de que ele possui uma natureza humana. Porque a confissão é direcionada a um “tu” histórico definido, ela se aplica somente ao Jesus dos Evangelhos. Qualquer outro que alegue ser o Cristo é um impostor, e qualquer doutrina sobre Jesus de Nazaré que contradiga o Evangelho é uma falsidade.

Segundo, a confissão de Pedro diz que essa pessoa, Jesus, é o “Cristo”. Por volta daquele tempo, os judeus tinham sobrecarregado a ideia do Messias com várias falsas expectativas e tradições humanas (Mateus 16.23). Todavia, entendia-se que todas as predições do Antigo Testamento concernentes a um Messias convergiriam para essa pessoa. Portanto, quando Pedro chama seu mestre de o Cristo, ele reconhece que tudo que está escrito no Antigo Testamento sobre o Messias é cumprido neste Jesus de Nazaré (Lucas 24.27, 44). Entre outras coisas, isso significa que ele seria o Rei e Profeta supremo, e o Salvador do povo de Deus. Um estudo mais completo do Messias aparece na doutrina da cristologia. Aqui estamos apenas apontando o conteúdo doutrinário substancial da confissão de Pedro.

Terceiro, a confissão de Pedro diz que o Cristo é “o *Filho* do Deus vivo”. Ele não quer dizer que Jesus é o filho de Deus num sentido ordinário, ou no sentido que qualquer crente poderia ser considerado filho de Deus, que qualquer criatura de Deus poderia ser considerada de sua descendência. Antes, Pedro chama Jesus de “o Filho” em relação a sua identidade única como “o Cristo”. E Mateus usa o termo para designar o segundo membro da Trindade, como em “o nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”

(28.19; veja também 3.17). Como diz o Evangelho de João, Jesus é “Deus Unigênito... vindo do Pai... que está junto do Pai” (João 1.14, 18).

Embora seja provável que Pedro não entenda o significado pleno da sua confissão nesse instante, não é um anacronismo entender “o Filho” nessa confissão como, primeiro, um reconhecimento da divindade de Cristo e, segundo, um reconhecimento da doutrina da Trindade. O motivo é que, embora Pedro pudesse ter um entendimento imperfeito da confissão – ou, de forma mais precisa, seu entendimento poderia estar aquém do pleno significado apropriadamente expresso nas palavras da confissão – essa limitação não se aplica a Mateus. Quando Mateus escreveu 16.16, ele já entendia a divindade de Cristo e a doutrina da Trindade, e ele não vê nenhuma necessidade de ajustar o termo aqui, ou harmonizar 16.16 com 28.19, visto que “o Filho” se refere à mesma coisa em ambas as passagens.

Quando reunimos o fato de que Pedro está fazendo a confissão à pessoa histórica e humana de Jesus, o fato de que ele ao mesmo tempo confessa a divindade de Jesus (“o Filho”), e o fato de que essa pessoa é “o Cristo”, isso significa que o Cristo predito pelos profetas deve ser uma encarnação da divindade. E tal é a natureza de Jesus de Nazaré – ele é o Cristo, tanto Deus como homem. Não há dúvida que é a intenção de Mateus transmitir essa doutrina, pois mesmo no começo do seu Evangelho, em conexão com o nascimento humano de Jesus, Mateus registra que ele seria chamado de “Emanuel”, que significa “Deus conosco” (1.23).

Quarto, Pedro confessa o Cristo como algo que é consistente e inseparável de sua crença atual no “Deus vivo”. Essa é uma designação do Antigo Testamento para o Deus dos judeus, isto é, o Deus cristão.

Em favor da conveniência e exatidão, a menos que o contexto de uma discussão de alguma forma requeira a distinção, não deveríamos nos referir ao Deus do Antigo Testamento como o Deus dos judeus e não o Deus dos cristãos. E isso porque Deus, no Antigo ou no Novo Testamento, sempre tem sido um, e somente um, Deus cristão. Ele revelou e pregou o Cristo já em Gênesis 3.15. Visto que esse Cristo é o Jesus de Nazaré do Novo Testamento, Deus tem sido um Deus cristão, e se revelou como tal desde o próprio princípio – e isso mesmo antes do povo judeu vir à existência.

Além do mais, aqueles judeus que foram salvos receberam sua salvação não por causa de sua herança natural, mas porque creram na promessa concernente a um redentor, que faria expiação pelo pecado. Essa é a promessa que foi feita em Gênesis 3.15 e que tem sido acrescida e expandida por toda a História da revelação. Portanto, todos os judeus redimidos são cristãos. A parte judia é irrelevante, assim como um cristão chinês é salvo somente porque é um cristão, e um chinês não-cristão está condenado somente porque é um não-cristão. Não precisamos nem mesmo mencionar a parte chinesa, assim como não precisamos nem mesmo mencionar a partir judia quando estamos falando de uma pessoa judia que foi salva por meio da fé em Cristo. Somente os cristãos são salvos, sejam eles judeus ou não.

Isto é, embora historicamente os crentes tenham sido primeiramente chamados de “cristãos” em Atos 11.26, teologicamente eles têm sido cristãos desde Gênesis 3.15. Por essa razão, pelo menos quando falando teologicamente, não é um anacronismo chamar os crentes do Antigo Testamento de cristãos. Dessa forma, Abel, Enoque, Noé, Abraão, Jacó, Davi, Elias, Jeremias, e homens semelhantes, eram todos cristãos. E por tudo o que sabemos, um homem como Caim era um não-cristão. Não é um anacronismo o escritor de Hebreus dizer: “[Moisés] *por amor de Cristo*, considerou sua desonra uma riqueza maior do que os tesouros do Egito” (Hebreus 11.26). Moisés era um cristão. Sua fé não estava numa divindade genérica, ou mesmo num Deus judeu, mas num Deus explícita e exclusivamente cristão, um Messias cristão, e uma revelação e religião cristã.

Portanto, quando Pedro confessa “o Deus vivo”, ele confessa o Deus cristão. O Deus cristão é o único Deus, ou em outras palavras, somente os cristãos têm o entendimento correto do Deus único e verdadeiro. Dessa forma, essa parte da confissão exclui e condena todas as religiões não-cristãs, incluindo o Judaísmo, isto é, qualquer fé judia que não seja de fato cristã e que não afirme o que Pedro agora confessa sobre Jesus de Nazaré. Uma pessoa podia alegar crer no Cristo prometido, mas tendo o cumprimento da promessa chegado e essa pessoa o tenha rejeitado, isso mostra que ela não cria de fato na promessa. Não importa o que pense crer, ela tem em mente outra coisa, algo diferente do conteúdo verdadeiro da promessa. Tal confissão não tem nenhuma promessa correspondente salvadora, de forma que seu fim é condenação, e essa é a ruína da fé judia.

É irracional e incorreto acusar essa posição de antissemitismo. Primeiro, a verdade é a verdade, a despeito de ela parecer ser “anti” alguma coisa. É tolice citar preconceito racial ou cultural como um argumento contra uma doutrina teológica, quando estamos considerando sua veracidade, e não o motivo para sustentá-la. Segundo, visto que Deus fez o pacto cristão com Abraão, de forma que pudesse ser propagado através do povo judeu ao mundo todo, neste sentido a fé cristã é “dos judeus” (João 4.22). Portanto, há uma garantia mais forte para acusar os judeus não-cristãos de antissemitismo do que eles têm para acusar os cristãos de antissemitismo.

Se eles são contra o Cristianismo, ou se eles são contra a ideia que somente o Cristianismo pode salvar e que qualquer fé “judia” não pode, então *eles* são na verdade os verdadeiros antissemitas. *Eles* são contra a fé judia e o povo judeu. *Eles* são contra Abraão, e o Deus e Cristo dele. Como Jesus diz: “Abraão, pai de vocês, regozijou-se porque veria o meu dia; ele o viu e alegrou-se” (João 8.56). Ele era um cristão, de forma que um judeu ser um não-cristão é rejeitar a fé de Abraão. Se eles ficam perturbados pelo fato de o Cristianismo parecer antijudeu, então que eles parem primeiro sua hipocrisia de serem anticristãos. Ora, os judeus são um povo, e nós cristãos não? Nós somos uma “geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus” (1 Pedro 2.9).

Mencionamos a questão do entendimento imperfeito de Pedro. Os versículos 21-23 mostram que, naquele momento, Pedro não tinha captado o significado e implicação plena da confissão. Se Jesus é o Cristo, o cumprimento de todas as profecias messiânicas, então se segue que ele também cumpriria a missão do Cristo como predito no Antigo Testamento. Jesus aparentemente pensa assim, de forma que uma vez que a revelação de que ele é o Cristo foi dada, ele “começou a explicar aos seus discípulos que era necessário que ele... fosse morto e ressuscitasse ao terceiro dia” (v. 21). Jesus considera a confissão como incluindo ou sendo a base para a doutrina da expiação.

Pedro se alarma e repreende Jesus por dizer algo assim, mas Jesus responde que Pedro tem em mente as coisas dos homens e não as coisas de Deus. Isto é, naquele momento ele considera a missão messiânica a partir da perspectiva das prioridades e tradições dos homens, e não o que as profecias messiânicas de fato descrevem. Pedro pode ter em mente a promessa que o Cristo salvaria o seu povo. Isso é verdade num sentido, e mesmo somente com essa promessa ampla em mente, ele percebeu que Jesus

de Nazaré era aquele que cumpriria aquele papel. Contudo, é outra questão qual a natureza e método exato dessa salvação, e o que o processo de libertação envolve. Embora o Antigo Testamento seja claro e específico, o povo nem sempre entende: “Está escrito que o Cristo haveria de sofrer e ressuscitar dos mortos no terceiro dia, e que em seu nome seria pregado o arrependimento para perdão de pecados a todas as nações, começando por Jerusalém” (Lucas 24.46-47).

Uma interpretação minimalista da confissão de Pedro seria errônea. Novamente, Jesus a considera como incluindo ou sendo a base para a doutrina da expiação. Além do mais, a localização dos versículos 21-23 implica que era entendimento de Mateus que a confissão do “Cristo” deveria incluir um entendimento apropriado de sua missão também, e essa era fazer expiação por aqueles a quem Deus escolheu salvar. Mateus pretendeu que a obra da expiação fosse inclusa e aplicada à confissão de Pedro sobre Cristo.

Portanto, a confissão de Pedro no versículo 16 refere-se a uma fé que afirma pelo menos essas grandes doutrinas: o Deus do teísmo cristão, incluindo a sua Trindade, um Cristo que conduziria e salvaria o povo de Deus (de acordo com as profecias bíblicas messiânicas), a divindade de Cristo (o Filho da Trindade), a humanidade desse Cristo (a encarnação do Filho como uma pessoa histórica), a obra da expiação que Ele realizaria para libertar o seu povo por meio de sua morte e ressurreição, e que esse Cristo é o Jesus de Nazaré do Evangelho de Mateus.

Quando chegamos ao versículo 18, há a tentação de ignorar a controvérsia da primeira parte do versículo e proceder imediatamente à segunda metade, visto que o propósito principal da nossa discussão é a promessa de Jesus com respeito à construção e perpetuação da igreja, e uma ênfase acentuada no debate sobre a primeira porção do versículo 18 é provavelmente distrair disso. Todavia, não lidar de forma alguma com a primeira parte permitiria dúvidas quanto à aplicação apropriada da segunda parte. Portanto, direcionaremos agora nossa atenção à primeira parte do versículo 18 não para responder a todas as questões sobre ela, mas somente para estabelecer uma base suficiente para a segunda parte.

Assim, Jesus diz: “E eu lhe digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja”. O significado geral é de fato suficientemente claro, e a promessa com

respeito à igreja não é obscurecida pelas várias interpretações propostas à declaração. O debate acerca do significado exato desse versículo não teria tal significância atribuída a ele não fosse a abominação do Catolicismo, que abusa da passagem ao ponto de atribuir autoridade suprema a Pedro, e que inventa a ideia de uma sucessão apostólica, de forma que essa autoridade possa ser passada adiante, e que então reivindica para o seu papa o papel de sucessor à cadeira de Pedro.

Protestantes algumas vezes preferem pensar que a “pedra” se refere à confissão que Pedro tinha feito, e que qualquer crente deveria e teria feito, de forma que o fundamento da igreja não é Pedro, mas uma confissão verdadeira com respeito a Cristo. Nesta visão, a “pedra” é uma doutrina, e não uma pessoa; ou, mesmo que seja uma pessoa, é Cristo e não Pedro. Essa é uma interpretação atrativa, e é verdadeira no sentido que é apoiada por outras porções da Escritura. Contudo, nosso interesse atual tem a ver com o significado da passagem em Mateus, e não apenas uma doutrina geral sobre o fundamento da igreja.

É verdade que nesse versículo é usada uma palavra grega para “Pedro” (*petros*) e outra para “pedra” (*petra*), e, sobre essa base, alguns afirmam que Jesus distingue as duas, de forma que na verdade ele não diz que edificaria sua igreja sobre Pedro. Esse argumento é conveniente, mas inconclusivo. O motivo é que há razões plausíveis pelas quais as palavras gregas poderiam diferir, mesmo que Jesus estivesse se referindo à pessoa nos dois casos. É algumas vezes apontado que, embora Mateus escreva em grego, se Jesus faz a declaração em aramaico, então ele estaria usando a mesma palavra para “Pedro” e “pedra”. Mas isso é irrelevante, visto que Mateus deveras escreve em grego, e devemos derivar nossa doutrina a partir da revelação escrita real, e não da nossa especulação.

A palavra comum para “pedra” ou “rocha” é *petra*, e está no feminino. Como ela deve ser mudada para o masculino quando aplicada a um nome de um homem, Pedro, isso poderia explicar o motivo de *petros* ser usada. Além do mais, *petros* e *petra* nem sempre diferem em significado, mas *petra* poderia se referir também a uma pedra ou rocha, de forma que não podemos concluir que duas palavras diferentes são usadas no texto porque Jesus pretendia distinguir entre “Pedro” e “esta pedra”. E quer “Pedro” e “pedra” signifiquem a mesma coisa ou não, parece inatural distinguir os dois quando Jesus diz, “e eu lhe digo que você é Pedro, e sobre *esta* pedra edificarei”. Em adição, o

fato de Jesus usar o pronome singular da segunda pessoa “você” ao longo dos versículos 17-19 reforça a interpretação que ele está se dirigindo a Pedro na passagem inteira, incluindo sua referência a “*esta* pedra”.

Dito isso, permanece o fato de que essa passagem não fornece nenhum suporte para o Catolicismo. Em primeiro lugar, ela não dá a Pedro autoridade única ou suprema. Embora Jesus empregue o pronome singular da segunda pessoa no versículo 19 quando fala das chaves do reino e do poder para ligar e desligar, quando ele repete a autorização em 18.18, ali ele fala a vários discípulos (18.1) e emprega o pronome plural. Ali a autoridade para ligar e desligar não está nem mesmo limitada aos apóstolos, mas é concedida à “igreja” (18.17). Observe também João 20.23, quando Jesus fala a um grupo de discípulos, e não apenas a Pedro ou qualquer apóstolo individual.

Quando o comportamento de Pedro é desafiado pelos crentes no Livro de Atos, ele não apela à infalibilidade apostólica, mas fornece uma explicação sólida (Atos 11.1-18). Ali ele está no caminho correto, e a questão é resolvida em paz. O papa não defende suas reivindicações e ações? E sua explicação mostra que ele está correto? Então, quando Pedro dá uma de hipócrita entre os gálatas e se comporta contrariamente ao evangelho, Paulo o repreende na cara e em público (Gálatas 2.11-14). Se o papa é tão bom quanto Pedro, então quando ele faz reivindicações e realiza ações que são contrárias ao evangelho, não temos o direito de repreendê-lo na cara e em público, de acordo com o exemplo de Paulo? Se consideramos o papa parte da igreja em primeiro lugar (embora não o façamos!), quando ele falha em se arrepender, não temos o direito de excomungá-lo em nome de Cristo (Mateus 18.15-20)?

Mesmo que “esta pedra” refira-se a Pedro, a pessoa não pode ser considerada à parte da sua confissão. É ao Pedro que faz a confissão do versículo 16 que Jesus faz sua declaração. Então, quando se diz respeito à sucessão apostólica, o que há para ser sucedido e quem é o sucessor? Como temos mostrado, Pedro nunca teve uma autoridade suprema e única a ser recebida e exercida pelo papa. E mesmo que ele tivesse tal autoridade, ela pertenceria apropriadamente ao papa?

Para começar, a Escritura não ensina a doutrina católica da sucessão apostólica. Mesmo que o fizesse, todo o Novo Testamento enfatiza uma herança que é transmitida e identificada através da fé comum, e não por meio de geografia, etnia, hereditariedade,

ou qualquer conexão natural ou humana. Mas a doutrina católica contradiz Pedro em seus ensinamentos sobre a natureza e constituição do sacerdócio (1 Pedro 2), a natureza, extensão e eficácia da expiação (1 Pedro 2), as tarefas e poderes dos presbíteros (1 Pedro 3), e a possibilidade e meios de alcançar a certeza da salvação (2 Pedro 1). Além disso, a doutrina de Pedro inclui um endosso das cartas de Paulo bem como do restante da Escritura (2 Pedro 3.14-16), e isso nos permite apontar que a teologia católica contradiz as doutrinas de Paulo sobre a expiação, justificação, santificação, glorificação, os sacramentos, casamento e quase uma lista sem fim de outras doutrinas bíblicas.

Não é de admirar que muitos comentaristas bíblicos concluam que o papa seja o anticristo, assim como é também “anti-Pedro” e “anti-Paulo”. Por essa razão, embora neguemos a doutrina católica da sucessão apostólica, mesmo que existisse tal coisa, negamos que o papa seja o sucessor apropriado e legítimo à cadeira de Pedro, visto que ele contradiz os ensinamentos de Pedro e os ensinamentos daqueles a quem Pedro endossa. Por outro lado, visto que minha doutrina concorda com a de Pedro com aqueles a quem ele endossa, se alguém agora faz jus à cadeira e ofício de Pedro, sou eu, e não o papa. Que todos os católicos então curvem os seus joelhos diante de mim – ou qualquer crente que afirme a fé de Pedro – e não diante do papa. Mas diferente do papa, eu diria com Pedro, como o faria qualquer cristão: “Levante-se, eu sou homem como você” (Atos 10.26). Ou seja, pelo próprio padrão deles, todos os católicos estão sujeitos a nós, os chamados protestantes, pois somos os verdadeiros herdeiros da confissão e autoridade de Pedro.

Em todo caso, este versículo está na Bíblia não para alimentar um debate sobre catolicismo, mas para fornecer uma contribuição positiva para o nosso entendimento da fé. É fácil ver em que sentido Cristo edifica sua igreja sobre Pedro. Como os primeiros capítulos de Atos indicam, após a ascensão de Cristo, Pedro assume um papel de liderança ao ganhar espaço para a fé cristã e alcançar tanto judeus como gentios com o evangelho (Atos 2, 10, etc.). Dessa forma, o que Jesus lhe diz em nossa passagem — “sobre esta pedra edificarei a minha igreja” e “eu lhe darei as chaves do Reino dos céus” — foi cumprido.

Podemos considerar com segurança Pedro como o fundamento da igreja neste sentido. Mas partindo de uma perspectiva ampla, Paulo escreve que a igreja está “edificada sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo Jesus Cristo como pedra angular” (Efésios 2.10). A declaração mal precisa de explicação, mas é

devastadora para a doutrina católica. Jesus é a pedra angular, o ponto sobre o qual e a partir do qual o fundamento é construído. Os apóstolos e profetas formam a base do fundamento porque eles foram enviados para cumprir a ordem de Cristo, estabelecer a igreja por meio de sua pregação e feitos. Não importa quão importante fosse Pedro, ele era considerado somente uma parte do fundamento juntamente com os outros apóstolos e profetas.

Novamente, mesmo que a igreja seja edificada sobre Pedro num sentido, ela não é edificada sobre qualquer Pedro, mas um Pedro que faz a confissão no versículo 16, de forma que a confissão é necessária para a promessa que Jesus faz no versículo 18. Sem dúvida, Pedro também é necessário, pois é um dos instrumentos escolhidos por meio dos quais Jesus edificaria a igreja. E à medida que Jesus edifica a igreja, ele perpetua o fruto do labor de Pedro. Isto é, ele continua a estabelecer e desenvolver uma comunidade mundial de crentes que afirmam a mesma coisa como tendo sido expressa pela confissão de Pedro no versículo 16 — mas também por todos os outros apóstolos e discípulos no restante do Novo Testamento — que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo.

Portanto, mesmo que concordemos que “a pedra” do versículo 18 refira-se a Pedro, o fundamento da igreja ainda é Cristo, ou a confissão apropriada sobre Cristo (Efésios 2.20; 1 Pedro 2.7). E como Paulo escreve: “Porque ninguém pode colocar outro alicerce além do que já está posto, que é Jesus Cristo” (1 Coríntios 3.11). Essa é uma base suficiente para que possamos continuar.

Uma consequência trágica da controvérsia é que ela tem feito alguns crentes se focarem na primeira parte do versículo 18 e negligenciarem a segunda parte. Ganhar o debate contra as interpretações falsas do versículo é um feito patético comparado a captar o significado verdadeiro da promessa de Cristo concernente à igreja. Por essa razão, agora que lançamos o fundamento, voltaremos nossa atenção para a segunda parte do versículo 18, no qual Cristo diz: “Eu edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la”. Ou, como lemos na ACF, “*as portas do inferno não prevalecerão contra ela*”. A expressão representa as forças de Satanás, incluindo o poder da morte.

A declaração em si poderia ser considerada uma declaração incondicional de intenção. Não é uma proposta a ser aprovada, uma possibilidade a ser concretizada, ou uma recompensa a ser merecida. Ele diz: “Eu farei isso. Tal fato acontecerá”. Não há chance de isso não ocorrer. Ele declara aos seus discípulos como algo em que se deve crer e que se deve lembrar, de forma que ele também intenta que seja uma promessa, e é inteiramente apropriado pensar nela como tal. O fato que ela é incondicional significa que acontecerá com certeza; todavia, não significa que o seu cumprimento beneficiará a todos os indivíduos, não importa quem. A promessa diz respeito à “igreja”, e não a qualquer pessoa que alegue fazer parte dela. Diremos mais sobre esse ponto importante mais tarde.

Há três pontos principais que podemos derivar da declaração de Jesus. Após isso, para compreender e aplicar apropriadamente esses pontos, teremos que ter em mente tudo o que temos dito em conexão com os versículos 16 e 17, principalmente o conteúdo doutrinário da confissão de Pedro, e a soberania de Deus na questão da fé e incredulidade, isto é, em fazer uma pessoa afirmar ou rejeitar tal confissão.

Primeiro, Cristo faz uma promessa com respeito à construção da igreja. Ele diz “eu” edificarei — ele fará isso, não os homens. A construção da igreja não depende da capacidade humana nem acontece pela autoridade humana, mas Cristo edificará a sua igreja por seu próprio poder e sabedoria. Ele usará instrumentos humanos como lhe parecer melhor, mas os efeitos desses instrumentos humanos ainda são produzidos pelo poder divino. E ele a chama de “minha” igreja. Ele se assenhora dela. Assume responsabilidade pessoal e toma um interesse pessoal nela. Ele toma como ofensa pessoal qualquer conduta rebelde dentro da igreja, bem como qualquer perseguição direcionada contra ela. Quanto à própria “igreja”, ela é uma comunidade mundial de crentes que afirmam que Jesus é “o Cristo, o Filho do Deus vivo”, e que sofreu a morte para expiar os pecados do seu povo. Ele promete estabelecer uma comunidade de pessoas unidas e governadas por tal confissão.

Segundo, em conexão com o próximo ponto, há a suposição de que haveria oposição por parte do inimigo. As forças de Satanás tentarão destruir a igreja. De fato, a Escritura não diz que os espíritos demoníacos tenham algo a fazer senão usurpar os propósitos de Deus e espalhar rebelião contra ele. E eles geralmente tentam alcançar isso atacando e tentando o seu povo. Assim, quanto das forças do inferno dedica-se à

destruição da igreja? “A força e perspicácia combinada de todos os poderes do inferno” é a resposta provável. E quais táticas e métodos eles usarão para alcançar o seu propósito? “Tudo o que possam sem qualquer misericórdia, hesitação ou integridade” é a resposta simples. Se parece que os poderes do inferno têm sido restringidos ao longo dos séculos, isso é um testemunho da fidelidade de Cristo à sua promessa. E, como discutiremos, mesmo os ataques servem ao propósito da promessa.

Terceiro, Cristo promete a perpetuação da igreja — “as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. As “portas do inferno”, sem dúvida, não representam somente os ataques diretos de espíritos demoníacos, mas também todas as forças que estão debaixo de sua categoria e seu controle, e isso inclui todos os não-cristãos. Como João escreve: “Sabemos que somos de Deus e que o mundo todo está sob o poder do Maligno” (1 João 5.19). Ele faz uma clara distinção entre os cristãos e o restante do mundo. Os cristãos são os filhos de Deus, mas os não-cristãos trabalham para o diabo.

Esta é uma situação de “nós” contra “eles” (Mateus 12.30). Os incrédulos ridicularizam isso como uma atitude ignorante e contraproducente, mas louvam a tolerância, o diálogo e a cooperação. Eu digo: tolice! É uma tática do inimigo para enfraquecer nossa vigilância. Mas a própria sugestão é, na verdade, uma rendição implícita — se os não-cristãos pudessem nos destruir, eles realmente ofereceriam a paz? Ao invés de detectar esse sinal de fraqueza e perseguir nossos inimigos até aos confins da Terra, é surpreendente o número de cristãos que aceitam essa doutrinação — é uma castração espiritual. E, então, como os homens de Judá traíram Sansão entregando-o aos filisteus (Juízes 15.12), esses traidores se voltam e perseguem aqueles que recusam fazer aliança com o inimigo. Mas quer estejamos enfrentando demônios, incrédulos, ou crentes professos que traem a causa do evangelho, Cristo promete que todos os poderes do inferno não prevalecerão contra a igreja.

O povo de Deus sempre sofre oposição pelas forças de Satanás. Começou com a tentação que levou à queda de Adão e Eva, seguida pelo assassinato de Abel por seu irmão Caim. E mesmo então, Deus disse para a serpente: “Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça e você lhe ferirá o calcanhar” (Gênesis 3.15). Isso não é completamente diferente do que Jesus prometeu aos seus discípulos: “edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. De fato, a última promessa é o cumprimento da primeira. A

promessa é que nós enfrentaremos oposição e perseguição, mas nunca seremos derrotados. A promessa é absoluta e incondicional. É simples — exegeticamente, não existe nada mais que eu deva dizer — mas as implicações são bem abrangentes.

O Livro de Atos registra uma variedade de ataques que Satanás e os não-cristãos lançam contra a igreja. Por conveniência e para ajudar o aprendizado, podemos colocá-los sob várias categorias. Embora essas categorias parcialmente se sobreponham, de forma que um exemplo de oposição pode cair sob duas ou mais categorias, é útil listá-las para trazer à consciência os diferentes tipos de ataques que os cristãos tem enfrentado desde o primeiro século.

Existem pelo menos três razões para que nos tornemos mais conscientes da perseguição. Primeiro, tornar-se consciente da grande variedade e do número de ataques contra a igreja ajuda os cristãos a perceberem a extensão da maldade de Satanás e dos não-cristãos. Segundo, isso ajuda os cristãos a valorizarem a necessidade e o poder da promessa de Cristo para a edificação e perpetuação de sua igreja. Terceiro, ajuda os cristãos a detectarem esses ataques, de forma que possam confrontá-los e enfrentá-los. O terceiro ponto é tão importante quanto os dois primeiros, uma vez que alguns desses ataques são sutis e visto que alguns ataques acontecem com tal frequência e constância que os crentes acabam se acostumando a eles talvez não sejam mais reconhecidos como assaltos satânicos contra a fé.

A oposição teológica ataca as doutrinas cristãs. Embora todos os ataques sejam de fato contra as doutrinas cristãs, ataques teológicos são mais baseados em discordâncias religiosas do que qualquer outra coisa, como quando os judeus se opunham à fé cristã dizendo: “Se vocês não forem circuncidados conforme o costume ensinado por Moisés, não poderão ser salvos” (Atos 15.1). Quer direta ou indiretamente, de forma óbvia ou sutil, a oposição contra a fé cristã vem de todas as religiões não-cristãs, tais como catolicismo, islamismo, budismo, como também de todas as religiões menos conhecidas que são contra as doutrinas de Cristo.

A oposição filosófica vem de um ponto de vista supostamente racional. Reconhecemos aqui uma extensão da oposição teológica, visto que algumas filosofias estão inseparavelmente integradas a religiões. Um exemplo pode ser a oposição à ressurreição de Cristo pelo povo de Atenas. O cristianismo responde: “Por que os

senhores acham impossível que Deus ressuscite os mortos?” (Atos 26.8). A oposição é realmente surpreendente. Não existe nenhum argumento racional contra a ressurreição. Nós podemos incluir a oposição científica sob a categoria da filosofia. Todas as teorias da ciência, e não somente a teoria da evolução, são fundamentadas em pensamentos irracionais, já que seu método envolve a falácia tripla do empirismo, indução e experimentação.

A oposição histórica é a tentativa de distorcer a História a fim de desacreditar o Evangelho. Os ataques debaixo dessa categoria incluem reivindicações infundadas e irracionais com relação a quem era realmente Jesus, o que ele fez realmente, e o que realmente disse. Isso ocorreu imediatamente após a sua ressurreição, quando os judeus subornaram os soldados romanos a mentirem sobre o que aconteceu com o corpo. A oposição textual poderia também ser incluída sob essa categoria, que acontece quando é feita uma tentativa de distorcer o texto da Escritura para desacreditar a fé ou enfraquecer a confiança das pessoas nela.

A oposição cultural se refere aos ataques contra o Cristianismo que se originam de uma diferença no ambiente ético entre a igreja e o mundo. A oposição ética, desta forma, pode ser incluída sob essa categoria, embora pudesse também pertencer à teológica e filosófica. Debaixo do cultural e do ético, poderíamos incluir ataques em relação à forma como vemos nosso trabalho, o lugar do entretenimento, nossos padrões com respeito à linguagem, etiqueta, diferenças religiosas, amizade, casamento, sexualidade e também coisas como arte e música. Isto é, quando o mundo produz obras de arte e música que são contrárias aos padrões e aos ensinamentos do Cristianismo, isso deveria ser considerado oposição contra a existência e a comissão da igreja.

Novamente, não é nosso objetivo colocar todo tipo de oposição numa categoria tão bem definida que não haja sobreposição em relação às outras categorias. Antes, o propósito é alertar a nós mesmos para o fato de que as forças do inferno estão constantemente atacando a igreja de muitos lados, e que esses ataques assumem muitas formas diferentes. Essa consciência aumenta nossa vigilância para confrontá-los e a nossa confiança na promessa que a igreja nunca cairá à medida que percebemos que Cristo tem preservado os seus contra todas as forças do inferno desde o início. Não é que não temos sido atacados, ou que até agora não existiu nenhuma forte oposição, mas que Cristo tem sido verdadeiro com sua promessa desde o princípio.

Então, em conexão com as diferentes categorias de ataque contra nossa fé, podemos enumerar as diferentes manifestações de oposição satânica. Distinguiremos dois tipos principais de manifestações, e dividiremos o segundo tipo em várias categorias.

O primeiro tipo pode ser chamado de manifestações sobrenaturais, uma vez que o envolvimento demoníaco é mais evidente nele. Um exemplo vem de Atos 16, quando uma mulher com um espírito de adivinhação perturbou Paulo e seus companheiros. O método bíblico e apostólico para lidar com uma manifestação óbvia de poder demoníaco é confrontá-lo como tal e dominá-lo com autoridade pela força. E assim Paulo disse: “Em nome de Jesus Cristo eu lhe ordeno que saia dela!” (Atos 16.18).

O outro método para lidar com manifestações demoníacas é aparentemente convencer a nós mesmos de que elas não mais acontecem, naturalizando as manifestações e renomeando-as como distúrbios neurológicos, entregando-as para psiquiatras não-cristãos, talvez para drogar essas pessoas ou interná-las em instituições que lidam com problemas mentais. Bravo! Que modo de cumprir a Grande Comissão! Oh, queira Deus que pudéssemos também internar aqueles que pensam que essas manifestações ainda acontecem hoje. Então essa política de ignorância, essa teologia de negação, esse desafio contra Cristo, essa cessação de fé não pareceria tão ruim.

O segundo tipo pode ser chamado de manifestações naturais, quando o envolvimento demoníaco é menos evidente. Esses podem ser divididos em várias categorias. Novamente, elas não são exatas, mas as distinções são feitas para aumentar a conscientização.

A perseguição política acontece quando a autoridade civil de um povo ratifica e impõe legislações que dificultam ou até mesmo criminalizam a afirmação, propagação e aplicação da fé cristã. Esse tipo de perseguição acontece mesmo quando se alega que há liberdade religiosa para o povo, porque existem algumas legislações que ameaçam crentes contra orar e praticar sua fé verdadeira e completamente. Talvez não exista nenhum lugar no mundo inteiro onde os cristãos sejam completamente livres de perseguição política.

A perseguição eclesiástica é semelhante à perseguição política, só que é executada pela autoridade religiosa de um povo ao invés da autoridade civil. Os líderes

religiosos às vezes usam os meios disponíveis para silenciar ou punir dissidentes. Quando bíblicamente autorizados, os líderes exercitam seu poder para disciplinar indivíduos de maneira bíblicamente aprovada por causa da pureza doutrinária e moral da igreja, da honra de Deus, e da salvação do ofensor; esse é o uso adequado da disciplina da igreja e não equivale à perseguição eclesiástica. Mas estamos nos referindo a um uso de autoridade por indivíduos não autorizados ou por razões não autorizadas, tais como preservar seu próprio controle sobre o povo ou preservar doutrinas e tradições antibíblicas. Esse tipo de perseguição pode tomar a forma de uma reprovação oficial, um “voto contra” ou a cassação de um ministro, uma conspiração para assassinar o problemático.

A perseguição social pode acontecer em vários ambientes, inclusive no local de trabalho, na escola, no ambiente familiar, em um círculo de estranhos ou amigos. A perseguição real pode tomar a forma de exclusão, calúnia, insulto, demissão do emprego ou expulsão da escola. Note que os últimos dois exemplos têm semelhanças com perseguição política e eclesiástica. Uma manifestação comum desse tipo de perseguição é a extensa desaprovação e escárnio da fé cristã na sociedade. Esse tipo de perseguição ocorre constante e quase universalmente.

A perseguição intelectual se refere a qualquer oposição contra a fé cristã que apele às mentes de crentes e incrédulos. Isso não significa que seja uma oposição racionalmente sólida, embora ela seja frequentemente apresentada como tal. De fato, em outro lugar demonstramos que oposições intelectuais contra a fé cristã nunca são racionalmente sólidas, mas sempre falaciosas e enganosas. Entre outras coisas, elas podem assumir a forma de afirmações, argumentações e narrativas. Muitas afirmações falsas são feitas contra a fé cristã, e algumas pessoas acreditam nelas sem questionar. Às vezes, são produzidos argumentos contra o Cristianismo em instituições educacionais por professores e instrutores, mas eles são sempre fáceis de refutar.

É importante estar alerta ao uso de narrativas como arma de ataque contra a fé cristã, uma vez que esse método é mais sutil. Embora a História possa ser distorcida na tentativa de desacreditar a fé, refiro-me às narrativas de ficção. Por exemplo, um autor não-cristão pode produzir um romance, uma peça, ou um filme em que os cristãos são hipócritas odiosos e os não-cristãos são heróis altruístas. É possível fazer alguém dizer e fazer qualquer coisa em uma obra de ficção. Esse é um método eficaz para influenciar

indivíduos descuidados que, quanto mais envolvidos e entretidos, tendem a esquecer a natureza ficcional da obra e a relativa onipotência do autor ao projetar os personagens e os enredos. Dessa forma, a ficção ultrapassa eficazmente suas defesas ordinárias para instilar neles a incredulidade e o desprezo contra a fé cristã.

A perseguição física ou corpórea geralmente é uma extensão ou resultado das manifestações anteriores da natural oposição contra a fé cristã. Ela assumirá formas diferentes dependendo da cultura da época. No primeiro século, incluiu aprisionamento, chicoteamento, apedrejamento, queimação e crucificação dos cristãos. Hoje, nós teríamos de adicionar fuzilamento à lista, pelo menos para algumas partes do mundo. Mas nem todo caso de perseguição física é tão extremo. Por exemplo, não é incomum um pai bater em seu filho por se converter à fé cristã.

A igreja não enfrenta somente ataques externos, ou seja, daqueles que vêm de fora da comunidade de crentes, daqueles que chamam a si mesmos de não-cristãos. Antes, a igreja também enfrenta ataques internos, em parte pela infiltração de não-cristãos (que alegam ser ou falsamente consideram-se cristãos), e em parte pela manifestação de pecado remanescente nos crentes, às vezes agindo por si mesmos e às vezes provocados pela infiltração de ideias não-cristãs na igreja. Esses ataques se materializam nas doutrinas e práticas de cristãos professos que tentam corroer de dentro a comunidade da aliança de Cristo.

Existe muita confusão doutrinária entre os crentes. Há aqueles que alegam ser cristãos, mas que negam a infalibilidade da Escritura, a expiação do sangue de Cristo, a Trindade de Deus, e assim por diante. As divisões da igreja parecem indesejáveis, mas sob certas circunstâncias elas são necessárias, e a crescente fragmentação ocorre se lidarmos com problemas doutrinários somente quando o fermento já se espalhou pela massa inteira. Em termos de prática, adultério, divórcio, aborto e homossexualidade correm desenfreadamente, e porque a comunidade foi infiltrada por um número incrível de falsos convertidos que, de fato, favorecem convicções e valores não-cristãos, essas coisas não os perturbam, mas as pessoas amam tanto ter isso que, em muitos casos, a aceitação de divórcio, aborto e homossexualidade é até mesmo considerada uma marca de verdadeira compaixão similar à de Cristo.

Que diremos dessas coisas? “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Romanos 8.31). Jesus promete que edificará a sua igreja, e que todos os poderes do inferno não a vencerão. Embora a resistência contra o evangelho tenha sido constante, e embora a perseguição contra a igreja tenha sido implacável, podemos estar confiantes de que, assim como a fé cristã resistiu no passado, ela continuará a resistir no futuro. Não há necessidade de se preocupar e dizer: “O Cristianismo será no final destruído?” Não há necessidade de se angustiar e dizer: “A igreja perderá sua influência em algum tempo no futuro?” E não há necessidade de abrigar a possibilidade que o suposto progresso na ciência e cultura alguma vez esvaziará a Bíblia de sua relevância.

Os poderes do inferno não vencerão a igreja. A fé cristã está aqui para permanecer para sempre. Ela nunca será destruída. Nunca será esquecida. Nunca será substituída. Nunca perderá a sua influência ou a sua relevância. De fato, a fé cristã não apenas sobreviverá, mas prosperará em todo propósito que Cristo tenha para ela. Isso porque Cristo nos promete mais que sobrevivência — ele promete que *edificará* a igreja. Ela é uma promessa de progresso. Dessa forma, a igreja continuará a amadurecer, crescer e avançar de acordo com a vontade de Deus. Nada pode nos deter. Nada pode nos impedir. Cumpriremos todas as boas obras que Deus preordenou para nós antes da criação do mundo.

Ora, mesmo um homem imortal poderia temer a derrota e a morte se não perceber que ele não pode perecer. Mas, uma vez que entende e crê nisso, ele entra no descanso, e de dentro dele surge uma ousadia indestrutível que o livra de todas as ameaças dos seus inimigos. Da mesma forma, uma igreja que se apropria da promessa de Deus move-se de uma religião de medo, esforço, tentativa e autopreservação, para uma religião de descanso, fé e de grande poder e coragem.

Contudo, a “igreja” não é uma entidade ou ideia abstrata, mas constituída pelos indivíduos que a compõem. Portanto, quando dizemos que a igreja deve se apropriar da promessa de Cristo, estamos na verdade dizendo que os crentes como indivíduos devem se apropriar dela. Em outras palavras, eles devem aprender a pensar dessa forma sobre a igreja — que Cristo continuará a edificar a sua igreja, e ela nunca desaparecerá ou perecerá, mesmo que todos os poderes do inferno invistam contra ela.

Ao invés de permitir que suas mentes sejam dominadas pela sua percepção da condição atual da igreja e a força das ameaças contra ela, eles devem colocar o ônus para a sobrevivência e progresso do Cristianismo no lugar que lhe pertence, isto é, sobre a promessa de Cristo. A fé cristã sobreviverá e prosperará não porque sejamos sábios o suficiente ou fortes o suficiente, mas porque Deus prometeu sustentá-la, e ele é fiel para cumprir a sua promessa. Para instilar essa confiança em crentes individuais, de forma que a igreja como um todo possa entrar numa esfera de fé e descanso, devemos proclamar e expor essa promessa às nossas congregações, e os cristãos devem separar tempo para estudar, pensar e falar sobre isso.

É uma certeza que a fé cristã, ou a igreja, nunca pode ser destruída, mas permanecerá para sempre. Mas personificar essa confiança é o que concede libertação e eficácia a um crente. Ironicamente, um dos maiores empecilhos para um cristão adquirir essa confiança pessoal é a oposição de outras pessoas que alegam ser cristãos.

Algumas pessoas são confiantes somente na extensão em que são arrogantes, e assim, quando veem confiança em outra pessoa, não sabem como chamar isso senão de arrogância, pois arrogância é tudo o que elas conhecem em si mesmas. Se elas são confiantes em sua religião somente até onde são confiantes em sua capacidade humana, então sua fé nunca esteve na palavra de Deus. Eles estão tão cegos pela sua tradição e preconceito com respeito à forma como um cristão deveria pensar e falar, que acusariam alguém como eu de ser arrogante quando declaro que sou invencível porque a palavra de Deus é invencível. A menos que possam mostrar que sou de fato um não-cristão, de forma que minha confiança não tem fundamento, seu julgamento a meu respeito é de fato sua atitude para com a palavra de Deus.

Minha declaração, portanto, permanece como um testemunho contra eles, expondo sua fé mentirosa e falsa humildade — *essas* são as coisas que não podem suportar os poderes do inimigo. Seu julgamento concernente a mim é correto somente concernente a eles. Alguns deles até mesmo alegam crer que a palavra de Deus é invencível, mas sua reação negativa a alguém que personifica essa verdade mostra que eles são mentirosos. Eles não creem na palavra de Deus. Eles reagem porque uma palavra minha perturba a dependência deles da mente dos homens e coloca o seu sistema em desordem. Mas eles valorizam a tradição e não Cristo e, assim, até mesmo levantam sua mão para matar o próprio irmão.

Menciono isso para ilustrar um ponto. Quer venha de não-cristãos ou de cristãos professos, não devo permitir que a oposição dite a minha agenda de ministério ou me desencaminhe do que sei que devo fazer. Serei considerado responsável por minhas decisões pelo padrão da comissão divina, e não pelo padrão das reações e críticas humanas. Em tudo isso, permaneço em perfeita fé e descanso, pois estou confiante na promessa de Cristo e no chamado de Deus. Não há nada que alguém possa fazer para me impedir, a não ser a providência divina, ou destruir minha carne antes de a tarefa ser finalizada. Minha obra crescerá em força e influência de acordo com a vontade de Deus, e não há nada que alguém possa fazer contra isso, para diminuí-la ou miná-la. O que é de Deus permanecerá, e o que não é de Deus, estou mais ávido para ver demolido do que aqueles que se opõem a mim.

Embora eu seja perseguido por expressar uma confiança pessoal na palavra de Deus, suportarei com alegria a oposição para que possa permanecer um exemplo a outros, que podem se inspirar a da mesma forma abraçar e aplicar a promessa divina de uma forma pessoal. Os religiosos fariseus os proíbe. Eles nem entram no descanso, nem permitem que outros entrem. Mas a promessa de Cristo permanece contra eles, e eles não podem vencê-la. Eles são impotentes contra mim. São impotentes contra nós.

Se pensam que podem fazer uma diferença, que tentem. Deixem-os conspirar e combinar tudo o que puderem. Seus esforços não me prejudicarão, mas no final promoverão a nossa causa. Há muito tempo, a palavra de Deus me deu conhecimento e segurança disto. E à medida que os anos passam, a experiência tem nos dado muitas ilustrações do mesmo. Eles se agitam e maquinam, enquanto eu durmo completamente em fé e descanso. Eles gritam e atacam, e atacam! Mas nós atravessamos a multidão e seguimos o nosso caminho. Portanto, lancemos fora uma fé mentirosa e nos afastemos de uma falsa humildade; reconheçamos a palavra de Deus como ela é, e então a personifiquemos com ousadia. E nós podemos ser ainda mais confiantes sobre o destino da igreja como um todo.

Em adição à confiança, a promessa de Cristo nos dá a perspectiva correta com respeito aos ataques de Satanás e seus esforços sobre a igreja. Eventos e números somente não têm significado se não há nenhum princípio interpretativo pelo qual possamos entender a verdade sobre eles. Por exemplo, simplesmente porque parece haver muitos novos convertidos em uma congregação não significa que a mensagem e

os métodos sejam corretos, e nem que todos eles sejam verdadeiros convertidos. Há certos princípios na Escritura por meio dos quais podemos averiguar a genuinidade da fé com um nível grande de acuidade. Da mesma forma, quando os assaltos de Satanás parecem ter certos efeitos, o que parece pode não ser o que está de fato acontecendo.

Precisamos de princípios interpretativos confiáveis. Um princípio central deve ser a promessa de Cristo que ele edificaria a sua igreja, e que as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Isso significa que, seja lá o que aconteça, não devemos dizer, “veja, a igreja está para ser destruída. A fé cristã está a ponto de se tornar irrelevante. Todos os homens desprezarão a nossa religião, e ela logo será esquecida. Talvez o evangelho original tenha expirado em seu poder, de forma que devemos mudá-lo se quisermos sobreviver”. Por causa da promessa de Cristo, isso é sempre a falsa interpretação de eventos e números, e outras indicações de ameaças religiosas.

De fato, por causa da promessa deveríamos sempre assumir a interpretação oposta a essa mencionada quando as coisas parecem ir contra nós. Antes, deveríamos dizer: “A incredulidade parece ser abundante. A heresia parece proliferar. A imoralidade é a norma. Parece difícil fazer novos convertidos. E parece duro segurar alguns que professaram a fé. Todas essas coisas, então, devem ter seu lugar no que Cristo está fazendo à medida que edifica sua igreja, e todas essas coisas não resultarão na destruição da igreja, mas na edificação dos eleitos. As forças do inferno não aniquilarão a fé cristã”. A promessa divina é certa e fixa, mas os eventos individuais e suas interpretações não. Assim, é a promessa que dá sentido às circunstâncias, e não o contrário.

Podemos ser até mais específicos em nosso entendimento dessas circunstâncias, pois a Escritura nos fornece muito mais princípios interpretativos. Por exemplo, Romanos 8.30 diz: “E aos que predestinou, também chamou; aos que chamou, também justificou; aos que justificou, também glorificou”. Uma pessoa chega à fé em Cristo porque Deus a escolheu, predestinou-a para ser salva e, em seu tempo designado, dá-lhe fé em Cristo para crer no evangelho. Esse versículo nos diz que essa pessoa passará, sem falha, por todo o caminho desde a justificação até a glorificação. Em outras palavras, uma pessoa que foi predestinada para a justificação foi também igualmente predestinada para a glorificação. A predestinação não se aplica somente à fé e conversão, mas aplica-se à consumação da salvação na pessoa. Portanto, qualquer

pessoa que foi predestinada para a salvação irá certamente ser salva. Não há chance de ela finalmente abandonar a fé e ser condenada com os incrédulos.³

A mesma doutrina é ensinada em João 10. Ali, Jesus explica o porquê de algumas pessoas não crerem no evangelho e o porquê de outras crerem:

Os judeus reuniram-se ao redor dele e perguntaram: “Até quando nos deixará em suspense? Se é você o Cristo, diga-nos abertamente”.

Jesus respondeu: “Eu já lhes disse, mas vocês não creem. As obras que eu realizo em nome de meu Pai falam por mim, mas vocês não creem, porque não são minhas ovelhas. As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna, e elas jamais perecerão; ninguém as poderá arrancar da minha mão. Meu Pai, que as deu para mim, é maior do que todos; ninguém as pode arrancar da mão de meu Pai. Eu e o Pai somos um”. (João 10.24-30)

Aqueles que já não são ovelhas de Cristo jamais se tornarão ovelhas de Cristo. O judeu demanda, “se você é o Cristo, diga-nos abertamente”, ao que Jesus responde, “Eu já lhes disse”. Dessa forma, Jesus afirma que ele tinha sido explícito o suficiente com os judeus em relação ao fato que ele é o Cristo. A incredulidade deles não pode ser atribuída a qualquer deficiência no conteúdo ou apresentação da mensagem, visto que é o próprio Cristo quem está falando, e podemos assumir que ele testifica sobre si mesmo de maneira completa e perfeita. E mais, esses judeus recusam crer, e Cristo explica que isso é porque eles não são suas ovelhas.

Por outro lado, aqueles que são ovelhas de Cristo já são ovelhas de Cristo mesmo antes de crerem. De fato, a razão de eles crer é já serem ovelhas de Cristo quando ouvem o evangelho, a voz de Cristo. Uma pessoa não se torna uma ovelha de

³ Vincent Cheung, “A Preservação dos Santos” em *O Autor do Pecado*.

Cristo no momento em que “nasce de novo” ou crê no evangelho. É justamente porque ela já é ovelha de Cristo que nasce de novo e crê no evangelho. A conversão acontece quando a ovelha de Cristo ouve sua voz e começa a segui-lo. Novamente, para que isso aconteça, a pessoa já tem que ser ovelha de Cristo antes de ouvir a voz do pastor.

Então, concernente às ovelhas, Jesus diz que ninguém pode arrebatá-las da sua mão ou da mão do Pai. Em outras palavras, somente suas ovelhas crerão no evangelho, todas as suas ovelhas crerão no evangelho, e nenhuma dessas ovelhas voltarão a rejeitar o evangelho. Na linguagem de Paulo, poderíamos dizer, somente os escolhidos ou predestinados serão salvos, todos aqueles que foram escolhidos ou predestinados serão salvos, e nenhum desses que foram escolhidos ou predestinados apostatarão do evangelho e serão condenados. Paulo também ensina, como João e Jesus fazem aqui, que aqueles que não foram escolhidos para salvação, mas sim para a condenação, serão endurecidos para que não creiam e não possam crer no evangelho e sejam salvos.

Essa doutrina constitui um princípio interpretativo seguro e fixo pelo qual podemos entender algumas das coisas que ocorrem no mundo e na igreja com respeito à atitude da pessoa com a fé cristã. Por exemplo, uma aplicação dessa doutrina naturalmente produziria a declaração de João: “Eles saíram do nosso meio, mas na realidade não eram dos nossos, pois se fossem dos nossos teriam permanecido conosco; o fato de terem saído mostra que nenhum deles era dos nossos” (1 João 2.19). O princípio geral é que se uma pessoa que professa ser um cristão renuncia real e finalmente à fé cristã, então ela nunca foi cristã em primeiro lugar.

Qualquer pessoa pode falar: “Eu creio em Cristo. Sou um cristão”, e se filiar a uma igreja, mas fazer isso não garante que ela seja verdadeiramente um crente em Cristo ou um cristão. Sob as condições corretas e nos devidos contextos, um falso converso reagirá muito provavelmente de uma forma que exporá o seu verdadeiro eu, que ele é de fato um não-cristão. Em conexão com isso, precisamos fazer três perguntas para nós mesmos. Primeiro, como fez esse incrédulo para se infiltrar na igreja e se apresentar como um cristão sem ser descoberto? Talvez a pregação tenha sido falha, e o padrão da igreja é sub-bíblico. Segundo, a igreja gera de fato aquelas condições e contextos que exporiam naturalmente esse incrédulo? Talvez a doutrina e a cultura da igreja tornem o ambiente habitável mesmo para não-cristãos. Terceiro, quando esse crente falso fala ou se comporta de forma que exponha sua verdadeira natureza, o que a

igreja deve fazer sobre isso? Talvez ela seja relutante em praticar a confrontação e exercer a disciplina. Dessa forma, o incrédulo permanece na igreja.

Tal negligência e desobediência em nossas igrejas tem resultado num número quase sobrepujante de falsos crentes em nossas congregações. Eles, por sua vez, resistem às nossas doutrinas, afetam nossas políticas, pressionam nossos líderes, confundem nossas missões, maculam nossas reputações, corrompem nossos rebanhos, controlam nossas finanças e exaurem nossos recursos. Tão severo é o problema que muitas igrejas de Deus são de fato sinagogas de Satanás. Se fôssemos obedecer imediatamente aos ensinamentos bíblicos sobre disciplina eclesiástica – e deveríamos –, dezenas de milhares, milhares sobre milhares, e mesmo milhões de membros de igreja seriam excomungados *hoje*. Com todos esses crentes professos em nossas igrejas que negam a inspiração bíblica, que praticam feitiçaria, que cometem adultério, que endossam a homossexualidade, a tolerância doutrinária, o diálogo inter-religioso e coisas semelhantes, esse número de forma alguma é um exagero. Mas é muito improvável que essa excomunhão em massa aconteça, pois muitas igrejas são negligentes e desobedientes quando diz respeito a manter a pureza da fé ou da comunidade.

Contudo, mesmo quando somos infiéis aos seus mandamentos, Cristo é fiel à sua promessa. Ele ainda está edificando a sua igreja e ainda está assegurando que as portas do inferno não a vencerão. E quando as forças do inferno começarem a ganhar múltiplos apoios nas próprias igrejas, Cristo fará algo sobre isso. Assim, talvez uma razão pela qual Cristo ordene os ataques do inimigo é fazer exatamente o que ele nos promete – que ele edificará a sua igreja, e que as forças do inferno não a vencerão. Mas ele também diz que ninguém pode arrebatá-lo os crentes verdadeiros da sua mão. Portanto, o efeito final de um êxodo das nossas igrejas como um resultado dos ataques do inimigo é uma remoção dos falsos crentes da igreja. Cristo faz por nós o que somos muito covardes e infiéis para fazer.

Os ataques trazem vergonha e sofrimento sobre os crentes, mas a igreja na verdade se torna mais saudável por meio disso. Como a carta aos Hebreus diz: “Suportem as dificuldades, recebendo-as como disciplina; Deus os trata como filhos. Ora, qual o filho que não é disciplinado por seu pai?... Nenhuma disciplina parece ser motivo de alegria no momento, mas sim de tristeza. Mais tarde, porém, produz fruto de

justiça e paz para aqueles que por ela foram exercitados. Portanto, fortaleçam as mãos enfraquecidas e os joelhos vacilantes” (12.7, 11-12). A zombaria do mundo contra a igreja estimula os crentes a uma fé e excelência maiores. Ela desperta os cristãos adormecidos de seu estupor espiritual. Encoraja o autoexame, resultando numa certeza de fé bíblica e genuína, ao invés de uma mera suposição de salvação. Por meio dos seus assaltos constantes, Deus treina os nossos músculos e testa o nosso caráter espiritual.

De fato, para os crentes que são capazes de exercer percepção exata, todos os ataques do inimigo servem para confirmar a excelência e superioridade de sua religião. Os cristãos que têm sido bem ensinados se impressionam com a natureza irracional dos argumentos e manobras não-cristãs contra a igreja, e ficam ainda mais impressionados que seus colegas não-cristãos (tanto de dentro como de fora da igreja) sejam convencidos e motivados à ação por tais argumentos e manobras. Toda campanha hostil do inimigo é um testemunho público da estupidez e impiedade dos não-cristãos, e em contraste, da perfeita coerência e justiça de Deus, de forma que em cada caso Deus confirma aos eleitos sua própria sabedoria e deriva glória para si mesmo da situação.

Enquanto isso, nem um cristão verdadeiro sequer se perde. Todos aqueles que se afastam são não-cristãos em primeiro lugar, ou são incrédulos se apresentando como crentes na igreja. Os ataques do inimigo apenas ajudam a dividir o justo do ímpio de uma maneira mais distante que os nossos esforços apáticos têm sido capazes de fazer. Nem é a nossa influência sobre a cultura ou nossa campanha contra o mundo diminuída pelas forças do inferno. Assim como Deus reduziu o exército de Gideão de aproximadamente 32 mil homens para somente 300, ele faria muito mais com um número pequeno de crentes verdadeiros do que com uma congregação sobrecarregada com um número devastador de incrédulos, que não são nada senão dívidas espirituais e sociais enquanto se identificarem conosco. Seu afastamento não representa nenhuma perda para a igreja, mas sim uma limpeza e libertação para nós. Todas as coisas servem à promessa de Cristo: a edificação dos eleitos e a condenação dos réprobos.

Embora Cristo seja ativo e determinado em edificar sua igreja, e embora isso signifique que as forças do inferno são incapazes de diminuir ou destruí-la, isso não deveria encorajar complacência em nós, e não quer dizer que não tenhamos responsabilidades ou que nossas ações como indivíduos não tenham significado. E confiança não deveria levar à indolência ou negligência.

Algumas vezes, as pessoas pensam que são responsáveis ou que suas ações têm sentido somente quando todo o empreendimento depende deles. Se o resultado não for direta, necessária e proporcionalmente relacionado aos seus esforços, então eles lavam suas mãos e concluem que é inútil fazer algo. Essa atitude é tola e ímpia, e implica que a menos que o resultado dependa em última instância da pessoa humana — a menos que a pessoa substitua Deus — não há razão para fazer a coisa certa, ou obedecer aos mandamentos de Deus.

Incidentalmente, essa atitude perversa é uma premissa controladora em muitos argumentos em favor da liberdade humana, incluindo alguns argumentos em favor do compatibilismo e a doutrina das causas secundárias.⁴ A suposição deles é que a importância de uma ação e a responsabilidade de uma pessoa dependem necessariamente de algum tipo de liberdade humana. Poucos percebem a arbitrariedade dessa premissa por causa de sua ampla aceitação. Mas não há justificção para isso. Todavia, nossa preocupação presente não é com a liberdade humana, mas com a relação entre ação e efeito, e como isso se relaciona com responsabilidade.

A posição bíblica e racional é que a responsabilidade moral não é minada ao dizermos que a ação de uma pessoa não tem efeito direto, necessário e proporcional sobre algo, mas que, quando devemos falar sobre o nível metafísico ou falar com relação ao ponto de referência final, Deus é a causa direta e necessária de todas as coisas. Não existe nenhuma conexão necessária entre nossa responsabilidade e o efeito ou resultado das nossas ações. A suposição de que existe uma relação entre os dois é baseada num desejo existencial equivocado por significado, em vez de uma demonstração bíblica e racional de uma relação entre os dois. Antes, nossa responsabilidade relaciona-se apenas com os mandamentos e julgamentos de Deus.

⁴ Os compatibilistas têm às vezes questionado o meu entendimento da sua posição. Após me engajar com eles sobre essa questão, minha percepção é que pelo menos alguns deles percebem que estou correto em minha doutrina, mas ao invés de abandonar uma tradição estimada, que é admitidamente difícil de fazer, eles preferem dizer que sua posição na verdade não comete os erros que menciono. Contudo, como exemplo, veja o que John Frame, um compatibilista respeitado, escreve: “Creio que a liberdade compatibilista é o principal tipo de liberdade necessária para a responsabilidade moral. Há outros tipos de liberdade, contudo, que também são importantes teológica e eticamente” (*Free Will and Moral Responsibility*, IJIM Magazine Online, Volume 1, Number 12, May 17 to May 23, 1999). Observe que ele não somente chama o compatibilismo de um tipo de “liberdade” e relaciona-o com a responsabilidade moral, mas também crê que há outros tipos de liberdade que são “importantes teológica e eticamente”. Algumas exposições de compatibilismo não são tão claras e concisas, mas afirmam a mesma coisa. Assim, parece que meu entendimento do compatibilismo é de fato mais exato do que de alguns dos defensores desta doutrina.

Isso significa dizer que somos moralmente responsáveis por fazer as coisas que seus mandamentos nos ordenam fazer, e não produzir os efeitos que pensamos ser a intenção dos seus mandamentos produzir. Há uma grande diferença entre os dois – Deus quer que o obedeçamos, não que o substituamos. Sem dúvida, Deus frequentemente relaciona os efeitos que ele produz com os efeitos que exercemos em seguir os seus mandamentos, mas os dois não estão relacionados dessa forma por necessidade, e sim pelo arranjo soberano de Deus. O ponto é que, embora a sobrevivência da igreja não dependa das nossas ações, ainda somos responsáveis e nossas ações ainda têm significado, porque nossa responsabilidade e significado deveriam ser mensurados com relação aos mandamentos de Deus, e não aos efeitos que podemos produzir.

Assim, dizemos que Cristo edificará a sua igreja e que a igreja permanecerá e terá sucesso “não importa o que aconteça”, mas essa não é uma doutrina de fatalismo, que ensina que os eventos são determinados por uma força impessoal, e que os efeitos acontecerão a despeito dos meios. Contrariamente ao fatalismo, insistimos que um Deus racional e pessoal determina todos os eventos, e que ele frequentemente usa meios, incluindo instrumentos humanos, para produzir os efeitos que pretende.

Contra alguns que sustentam uma doutrina incoerente e incompleta da soberania divina, afirmamos também que Deus tem controle direto e total sobre os instrumentos humanos, de forma que esses não têm nenhuma liberdade. Mas, novamente, essa doutrina não se torna fatalismo, visto que o nosso Deus ainda é pessoal, e os seus meios ainda são eficazes. Por definição, isso não pode ser identificado como fatalismo. Essa doutrina não é apenas diferente do fatalismo, mas é uma forma mais forte de determinismo que o fatalismo. De fato, essa formulação bíblica, racional e coerente é a forma mais forte de determinismo possível. Onde diz respeito ao estado da igreja, como princípio geral podemos dizer que Deus cumprirá os seus decretos por sua direção soberana dos instrumentos humanos com relação aos seus mandamentos divinos. Contudo, Deus não precisa empregar instrumentos humanos para produzir todo efeito. É um erro assumir que ele sempre usa ou deve usar os meios.

Portanto, embora o sucesso da igreja não dependa de nós, e embora possamos ter confiança inamovível quando diz respeito à construção e perpetuação da igreja, ainda carregamos muitas responsabilidades, pois temos recebido mandamentos de Deus sobre no que deveríamos crer, como deveríamos viver, como devemos tratar as pessoas e o

que devemos dizer a elas. Em nosso contexto, devemos considerar a reação apropriada para com os ataques do inimigo contra a fé cristã. Quais são as nossas responsabilidades quando todas as forças do inferno são lançadas contra nós, como se para nos destruir? O que deveríamos fazer quando diz respeito a enfrentarmos o ceticismo, a imoralidade e a perseguição de fora, e a dissensão e heresia de dentro?

Primeiro, devemos manter a confissão. Como Hebreus 10.23 diz: “Retenhamos firmes a confissão da nossa esperança; porque fiel é o que prometeu” (ACF; também 4.14). Jesus promete construir e continuar sua igreja. O cumprimento dessa forma depende somente dele, e não do desejo ou capacidade humana. Ele é fiel para cumprir sua promessa mesmo quando somos infiéis. E mesmo quando somos fracos, ele é forte. De fato, sempre que escolhe realizar sua vontade por meio de instrumentos humanos dispostos, ele criará o desejo e a capacidade necessária nesses vasos que ele usa.⁵

Dito isso, sua promessa em Mateus 16.18 é feita sobre uma igreja que ele edificará sobre a confissão que Jesus de Nazaré é “o Cristo, o Filho do Deus vivo”. Sua promessa garante que sempre haverá uma comunidade de pessoas que afirmam essa confissão. Em outras palavras, sempre haverá cristãos neste mundo, e a fé cristã permanecerá para sempre, a despeito do que as forças do inferno fizerem para atacá-la.

Contudo, isso não significa que todo indivíduo que alegue ser um cristão está entre este grupo de pessoas. Ou, para dizer de outra forma, a promessa é feita com respeito à igreja, e a igreja consiste em indivíduos, mas nem todo indivíduo que alega ser parte da igreja é deveras parte dela.

Sempre haverá indivíduos que são cristãos, que são parte da igreja que Cristo edifica, mas se uma pessoa particular é um cristão é outra questão. Paulo escreve: “Examinem-se para ver se vocês estão na fé; provem-se a si mesmos” (2 Coríntios 13.5). No contexto de Mateus 16, tudo depende da confissão. Jesus promete nada senão condenação a um indivíduo ou comunidade que seja posta em outro fundamento. Ele não promete edificá-la ou protegê-la, nem dar-lhe vitória. Ele sempre preservará uma igreja que mantém essa confissão e, novamente, visto que a igreja é formada por

⁵ Ele pode cumprir sua vontade por meio de instrumentos indispostos e incrédulos, e mesmo através do diabo. Isto é, uma pessoa pode realizar uma ação com uma intenção negativa, mas o efeito será o que Deus ordena. Observe que isso não é compatibilismo, visto que mesmo a intenção negativa aqui não é livre, mas causada pelo poder divino. Deus é deveras compatível consigo em todas as suas ações, mas isso não é o que o compatibilismo pretende afirmar.

indivíduos, isso significa que ele sempre preservará um grupo de pessoas que retém firmemente a confissão. E se um indivíduo particular pertence ou não a essa igreja que Cristo está edificando é determinado pelo fato de ele manter ou não essa mesma confissão.

Há um bispo que disse: “o Cristianismo deve mudar ou morrer”, referindo-se a alguns dos nossos ensinamentos teológicos e éticos centrais. No momento em que disse isso, ele se tornou um agente do inferno. Somente alguém que tenha em mente as coisas do homem, e não as coisas de Deus, pode fazer semelhante declaração (Mateus 16.23). Ele não tem em mente a promessa, mas tem em mente o que pensa fazer o “Cristianismo” sobreviver, à parte de qualquer poder divino para preservá-lo. Sua solução é preservar o nome, mas destruir a substância. Mas então o Cristianismo já estaria morto. Não, Jesus não faz nenhuma promessa de edificar ou proteger um “Cristianismo” que tenha algum outro fundamento. Se o Cristianismo mudar, então morrerá pelo simples fato de que a mudança é a morte.

Qualquer indivíduo que faça uma confissão diferente de ou contrária à confissão de Pedro se torna um inimigo da igreja. A promessa de Cristo não está, então, a favor, mas contra ele. De fato, Cristo promete que essa pessoa não terá sucesso em sua oposição ou discordância com a confissão. Ele poderia se denominar cristão, mas se sua confissão difere, Cristo não promete proteger essa pessoa, mas antes proteger sua igreja dessa pessoa.

Jesus faz a promessa sobre uma igreja que é bem definida em sua fé e doutrina. Essa é a razão de eu não ter começado com o versículo 18, com a promessa em si, para estabelecer o ponto que a igreja é invencível. Tive que primeiro definir a igreja à qual a promessa é feita. E a igreja é definida pela confissão de Pedro, que como temos observado, afirma e implica várias doutrinas principais e inegociáveis, incluindo o Deus cristão, a Trindade, um Cristo plenamente divino e plenamente humano, que não é outro senão o Jesus de Nazaré do Evangelho de Mateus.

Qualquer um que abra mão dessa confissão remove a si mesmo da garantia da promessa de Cristo. Sem dúvida essa promessa, juntamente com todas as suas implicações teológicas e éticas, é ofensiva e impopular. Mas de acordo com Cristo, esse é também o lugar mais protegido, ou o lugar da promessa. O que parece ser a posição

mais perigosa é na verdade o lugar de segurança e de poder. E o que parece ao homem como a posição segura, a posição de paz e de nenhum conflito é na verdade a posição mais perigosa. Como Hebreus 10.38-39 diz: “Mas o meu justo viverá pela fé. E, se retroceder, não me agradarei dele. Nós, porém, não somos dos que retrocedem e são destruídos, mas dos que creem e são salvos.”

Sem dúvida, é errado ofender-se com algo que é apenas uma questão de preferência, mas quando o assunto pertence a uma doutrina ou princípio, aquilo que é mais ofensivo à rebelião humana é também mais sujeito à libertação divina. Por outro lado, quando uma pessoa tenta se livrar da rejeição humana por meio da concessão, ela se torna algo comum, de forma que não haverá sentido em ouvi-la ou concordar com ela sobre qualquer outra pessoa. Ou, visto que a libertação divina não mais o acompanha, ele cairá diante de qualquer perseguição humana que restar. E a questão mais premente é: quem o livrará do julgamento divino que há de vir?

Portanto, retenhamos primeiro nossa confissão de fé. Oremos, estudemos e edifiquemos uns aos outros por meio da instrução e encorajamento mútuo, de forma que possamos nos tornar convencidos e estabelecidos na fé, permanecendo sob a promessa invencível de Cristo.

Devemos, ainda, proclamar a confissão. Cristo promete edificar a sua igreja, e que as portas do inferno não a vencerão. A segunda parte dessa promessa é baseada na primeira parte, conectada pela suposição que Cristo terá sucesso em edificar a igreja, pois ele tem sucesso em tudo o que faz, de forma que toda oposição contra ele fracassará. A segunda parte, então, é uma inferência necessária a partir da primeira, e seria verdadeira mesmo que não declarada. Essa observação nos ajuda a perceber que a aplicação negativa da promessa (que o inferno não a vencerá) é dependente da sua ênfase positiva. A essência da promessa é positiva e capturada pelas palavras “eu edificarei a minha igreja”. A igreja será tão grande, próspera e influente quanto Cristo desejar.

Em outras palavras, a promessa não implica apenas que a igreja será capaz de deter as portas do inferno, mas também que as portas do inferno serão incapazes de deter o avanço da igreja. Cristo de fato defende a igreja contra Satanás de acordo com a promessa, mas esse aspecto negativo da promessa é baseado na ênfase positiva, que ele

edificará a sua igreja. Essa ênfase positiva necessariamente produz uma implicação positiva também, que a igreja continuará a ser construída ou a avançar, e Satanás será incapaz de deter Cristo de edificar a sua igreja – isto é, Satanás será incapaz de deter a igreja que mantém e proclama a confissão.

Temos ordens para não somente manter a confissão, mas a proclamarmos a cada parte do mundo, e temos a promessa de que Cristo estará conosco à medida que fazemos isso (Mateus 28.18-20). Portanto, temos a autoridade e obrigação de sermos ativos, agressivos e mesmo militantes no avanço da fé cristã. Sem dúvida não estou me referindo ao uso de forças físicas ou militares para espalhar nossa religião. Mas, como as metáforas militares de Paulo, estou apontando o fato de estarmos envolvidos num conflito com as forças do inferno, que consiste em Satanás, demônios e não-cristãos. Esse conflito é espiritual e intelectual em natureza, e é nesse nível que nossa agressão se aplica. Nossas armas incluem petições fervorosas a Deus e proclamações aos homens, e não as táticas superficiais e inferiores do terrorismo, que podem fazer a carne se submeter, mas nunca mudar o coração.

Não se engane aqui. Estamos de fato determinados a avançar a nossa fé e destruir todas as outras. Cristo ordena que façamos isso, de forma que devemos colocar em questão o comprometimento cristão de qualquer um que negue ou desobedeça tal formulação da nossa missão. Converter pessoas à nossa fé é convertê-las para fora da fé delas. Dizer que estamos corretos é dizer que eles estão errados. Não há meio termo. Mas empregamos armas que são bem mais devastadoras, eficazes e permanentes que as armas físicas de qualquer exército. De acordo com a vontade de Deus, exercemos os próprios poderes do mundo vindouro. Recebemos o poder do Espírito Santo para conquistar as nações e povos pela espada do Espírito, que é a palavra de Deus. A promessa de Cristo é para nós um refúgio seguro, mas uma maldição de morte sobre todas as crenças e esforços não-cristãos deste mundo.

Assim, devemos ser vigilantes em nossa atitude e abordagem, em nossa proclamação da confissão da nossa fé. E, assim como o conteúdo é essencial quando mantemos nossa confissão, é também necessário que o conteúdo da nossa proclamação seja o mesmo que a confissão que mantemos por nós mesmos, e que nossa apresentação seja sem concessão e agressiva e com frequência eficaz e ofensiva (1 Coríntios 1.23). Devemos falar a verdade em amor a todos os homens, e isso significa dizê-la clara e

ousadamente, de forma que possam nos ouvir. Devemos dizer-lhes o que a Bíblia diz, que os não-cristãos são pecadores e estúpidos, e que mudar isso requer justiça e iluminação que vêm somente por meio da fé em Cristo.

Há alguns que distorcem a Escritura para atacar aqueles que fariam a verdade desta maneira, para que possam ocultar suas próprias inadequácias. Eles são uma desgraça para o Reino de Deus. É como se tivessem feito um tratado de paz com o diabo em seus corações, e destruiriam mesmo os seus irmãos para permanecer em favor com o reino das trevas. Mas não devemos fazer concessões ao diabo na atitude ou no conteúdo da nossa proclamação da confissão cristã.

Nunca devemos permitir uma síntese com o pensamento não-cristão, mas muitos têm feito isso em nome da paz, diálogo, tolerância, de descobrir o terreno comum ou respeito e entendimento mútuo. Então há aqueles que se orgulham porque “ênfatizam a antítese”, quando a verdade é que eles meramente simulam a antítese, construindo uma estrutura diferente sobre o terreno comum de um fundamento antibíblico. Eles de fato ensinam as pessoas a se curvarem a Cristo, mas não antes de fazerem Cristo se curvar a Satanás.

Eles falam pacificamente dos falsos métodos intelectuais e premissas dos incrédulos, mas alegam que não podemos justificá-las ou fazer com que tenham sentido à parte das pressuposições bíblicas. Como se isso não fosse ruim o suficiente, eles então fazem desses métodos e premissas falsas a condição para conhecer as próprias pressuposições bíblicas que eles alegam ser necessárias para explicar esses mesmos métodos e premissas.⁶ Isso é trair toda a fé cristã ao inimigo e, ao fazê-lo, eles reforçam a sustentação do pensamento não-cristão na mente dos homens, de forma que eles têm

⁶ Os argumentos que formulamos com respeito a vários tópicos são baseados em premissas fundacionais que deveriam ser examinadas. Os argumentos poderiam parecer sólidos uma vez que as premissas são assumidas, mas a questão é se elas deveriam ser assumidas em primeiro lugar. Entre outras coisas, a abordagem pressuposicional à apologética produz consciência a essas premissas e investiga-as. É prática da apologética pressuposicional demonstrar que a revelação bíblica é a condição para qualquer argumento e qualquer proposição. Contudo, nem todos os que advogam o pressuposicionalismo concordam. Há uma escola de pensamento que alega reconhecer a revelação bíblica como a condição para todas as proposições, mas então alega que uma assumido, é fornecida uma explicação até mesmo para coisas que são inerentemente irracionais (no sentido que podem até mesmo produzir verdade e conhecimento, quando de fato não podem), tais como indução, empirismo e a falácia de afirmar o consequente que caracteriza o método científico. Então, eles dão meia volta e fazem desses itens irracionais a condição para conhecer a revelação bíblica. Dessa forma, com efeito, isso nega a Bíblia, e tudo da fé cristã. Veja Vincent Cheung, *Questões Últimas, Confrontações Pressuposicionalistas, Apologética na Conversação, e Cativo à Razão*.

juntado as próprias forças do inferno que buscam minar nossa confissão de fé. Quanto a nós, temos a promessa de Cristo quanto à sobrevivência e vitória. Sejamos ousados para representar claramente a fé e a confissão cristã.

Assim como Deus fez os passos de quatro leprosos soar como um grande exército para cumprir seu decreto de fazer o inimigo de Israel fugir (2 Reis 7.1-7), ele pode devastar o inimigo e converter o pecador, tornando poderoso e eficaz mesmo o esforço humano mais patético. Até o filósofo mais sofisticado não tem nenhuma defesa contra o cristão mais inculto e destreinado cuja afirmação clara do evangelho é energizada pelo Espírito Santo. Embora seja bem melhor ser apropriadamente equipado não pelo profissionalismo mundano, mas por um entendimento e aplicação sólida da fé, nosso sucesso e progresso geral são garantidos pela promessa divina. O efeito nem sempre será proporcional à nossa capacidade ou fidelidade, mas à promessa e decreto de Cristo.

O cristão que não é abrangentemente ensinado e treinado está em desvantagem, e deveria ser diligente e se preparar para se mostrar aprovado como um obreiro da fé. Dito isso, ele está longe de ser inútil, pois Deus está do seu lado, e por seu Espírito o testemunho dele pela fé pode ser como um martelo ou um fogo ardente para o coração do homem. Há, de fato, argumentos sólidos em favor da fé cristã, e Deus algumas vezes os usa como ocasiões para humilhar e endurecer o réprobo, confirmar o eleito e trazer seus escolhidos à fé. Mas ele não tem que usar esses argumentos. Ele pode destruir o inimigo e alcançar o eleito com uma simples palavra. Ele pode destruir as defesas irracionais e imorais dos incrédulos com ou sem argumentos. Somos obrigados a aprender e melhorar, mas não precisamos obter perfeição antes que Deus possa agir por meio de nós para cumprir a sua vontade.⁷

A fé é indestrutível porque nosso Pai é maior que todos. A igreja é invencível porque Cristo promete edificar a sua igreja e que as forças do inferno não a vencerão. O Cristianismo é uma religião permanente, e a igreja de Cristo uma instituição permanente. Por essa razão, nosso trabalho não é uma questão de sobrevivência, mas de responsabilidade imposta pelo mandamento de Deus para manter e proclamar a confissão que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo. À luz da promessa de Cristo, as

⁷ Vincent Cheung, “A Bíblia, o Pregador, e o Espírito”.

forças do diabo e dos incrédulos são patéticas e impotentes. Eles são indefesos contra nós, pois aquele que está conosco é maior do que aquele que está no mundo (1 João 4.4). Portanto, descansando na promessa divina de uma igreja invencível, advertimos todos os homens com grande sinceridade e confiança: una-se a ele, ou será esmagado por ele (Mateus 21.44).

.

2. A BÍBLIA, O PREGADOR E O ESPÍRITO

Deus deu à Bíblia um lugar muito proeminente tanto na História da humanidade em geral como na História da redenção em particular. De fato, se pensarmos sobre o assunto, essa é apenas outra forma de dizer que ele deu a si mesmo essa proeminência. Isto porque, como a Bíblia é a sua própria Palavra ou uma porção revelada da sua mente divina, e como separar a mente de uma pessoa não faz sentido quanto à ideia toda do que significa ser uma pessoa, nunca podemos separar a Bíblia do próprio Deus como se fosse possível tratar com um sem também tratar com o outro.

Quando falamos dessa forma, não estamos primariamente nos referindo à Bíblia como um livro físico, do qual há muitas cópias impressas, mas à “Palavra” de Deus incorpórea. Estamos nos referindo àquela porção da sua mente que no foi revelada, que é em si mesma não-física. Contudo, no que segue, me referirei à “Bíblia” ao invés de à “Palavra” para enfatizar que Deus revelou sua mente para nós e registrou seus conteúdos na forma de uma revelação verbal e escrita.

Deus governa pela Bíblia. Através desse livro, ele declara que é o criador e que o homem é a criatura. Como o oleiro tem o direito de moldar algo que lhe agrada a partir do barro, Deus tem o direito como criador de fazer qualquer criatura que ele deseje, e fazer a criatura para qualquer propósito que queira. Através desse livro, Deus diz ao homem seu lugar como criatura no universo e na História. Ele dita ao homem o padrão pelo qual ele deve se conduzir neste mundo, e exige que o homem o obedeça.

Através desse livro, ele define para o homem a verdade e a mentira, o certo e o errado. Uma religião falsa como a *Baha'i Faith*¹ alega encorajar a “investigação independente da verdade”, isto é, até que sua investigação sugira que a *Baha'i Faith* é falsa. Você pode investigar tanto quando desejar — sim até mesmo “independentemente” — conquanto finalmente concorde com a *Baha'i Faith*.

¹ *Fé Bahá'í* (também chamada equivocadamente de Bahaísmo) é uma das novas religiões mundiais independentes. O seu fundador, Bahá'u'lláh (1817-1892), é considerado pelos bahá'ís como o mais recente na linha dos Mensageiros de Deus, que remonta aos primórdios da História e da qual fazem parte Krishna, Abraão, Moisés, Buda, Zoroastro, Cristo, Muhammad - Maomé e Báb. [N. do T.]

Membros da comunidade científica não estão acima dessa hipocrisia. Eles te encorajam a pensar por si mesmo, mas quando você de fato faz isso, escapando da irracionalidade do empirismo e cientismo, eles ficam indignados. Eles chamam a religião de irracional, e ela é irracional porque é não científica. Contudo, o que é praticar o método científico, senão primeiro assumir sem justificção a confiabilidade da sensação e indução, e então cometer a falácia lógica de afirmar o consequente repetidamente? O método equivale a nada mais do que um irracionalismo sistemático. A lógica nunca foi o ponto forte da ciência. Ela tem as suas utilidades, mas descobrir a verdade sobre a realidade não é uma delas.²

Deus, a Bíblia e, assim, o Cristianismo, estão livres da hipocrisia da ciência e das falsas religiões. Esse livro revela e te diz que se você tentar uma investigação independente da verdade e da revelação divina, então você será enganado e chegará a uma falsa conclusão. A razão para isso é que uma pessoa nunca pode conduzir uma investigação da verdade independentemente de alguns princípios. Já que o Cristianismo é a verdade, realizar uma investigação da verdade independentemente dele significa necessariamente que a investigação deve adotar um ponto de partida falso. Em outras palavras, se você tentar uma investigação *da verdade* que seja independente *da verdade*, então sua investigação se aparta dela desde o princípio, e não há nenhuma forma de você chegar à verdade quando começa fugindo dela. Ao trazê-los à fé em Cristo, Deus salva seus eleitos da obstinação intelectual inicial deles.

A Bíblia é ousada e honesta. Ela te diz que se você discorda de algo dela, então você está errado, e Deus te responsabilizará por sua falsa crença e a falsa conduta que se segue dela. Ela não pretende te conceder o direito de se opor ou debater com ela. Você deve concordar com ela, crer nela e obedecê-la. Ela não respeita valores e opiniões privadas, como se cada um de nós fossemos o nosso próprio deus. Ela ignora aquelas coisas que consideraríamos nossos direitos quando estamos lidando com os nossos semelhantes. Isso é assim porque quando estamos lidando com a Bíblia, não estamos lidando com outros seres humanos, mas com o próprio Deus. Até mesmo os direitos que temos quando lidamos com outros seres humanos devem vir da própria Bíblia, visto que Deus é o governador de todos nós, e ele é aquele que define a relação apropriada entre suas criaturas.

² Veja Vincent Cheung, *Questões Últimas e Confrontações Pressuposicionistas*.

Através desse livro, Deus dita cada aspecto da vida humana. Ele nos fala sobre como adquirir, economizar e gastar nosso dinheiro. Diz como e o que ensinar aos nossos filhos. Diz o tipo de pessoas com quem podemos ter amizade, em quem podemos confiar e com quem devemos nos casar. Atribui papéis sociais, incluindo aqueles que pertencem à idade, posição, gênero e conhecimento e maturidade espiritual. Regula o que alguns consideram questões mais privadas, tais como sexualidade humana. Muitas pessoas pensam que a sexualidade é um assunto que diz respeito somente a elas, mas a Bíblia prescreve instruções e preceitos exatos sobre o assunto, ora exortando e ordenando, ora proibindo e condenando. Ela anuncia princípios concernentes ao consumo de álcool, e faz da glotonaria um pecado. Então, ela contém mandamentos até mesmo com respeito aos nossos pensamentos e motivos, de forma que não somente é pecaminoso roubar, mas cobiçar também. Porque esse livro contém o todo da vontade de Deus para a humanidade, ele representa tudo o que os rebeldes espirituais odeiam.

O governo humano também deve se curvar diante da autoridade da Bíblia. Embora eu concorde com aqueles que afirmam que a Constituição dos Estados Unidos tem a intenção de proteger a igreja do Estado, e não requerir que o Estado isole e discrimine a igreja, essa não é a nossa preocupação presente. Ao discutir a função e autoridade apropriada do governo, devemos lembrar que o que é Americano não é necessariamente cristão, e que existem muitos países no mundo e por toda a História cujas leis são diferentes daquelas dos Estados Unidos.

Assim, nossa primeira preocupação não deveria ser a interpretação apropriada da lei Americana, ou as visões dos fundadores da nação, como se devêssemos segui-los mesmo que eles fossem ateístas, deístas, muçulmanos ou budistas! Ora, quando diz respeito ao nosso pensamento sobre o governo humano, nossa primeira preocupação deveria ser o entendimento apropriado da Escritura sobre o assunto. O que conseguirmos com essa perspectiva se aplicará a todos os países, em todos os períodos da História humana.

Para começar, qualquer governo humano deveria ser estabelecido “pela autoridade de Deus, para a glória de Deus”, e não “pelo povo, para o povo”. Isso não é anular o fundamento do governo Americano ou a filosofia da democracia. Deixe-me dizer duas coisas sobre isso para esclarecer.

Primeiro, o governo humano ideal não é a democracia, mas a ditadura divina — isto é, ter Jesus Cristo como o rei de todos. A ditadura é, em princípio, a forma mais eficiente de governo, mas seu sucesso depende da dignidade, capacidade e caráter do ditador. Somente Jesus Cristo merece esse nível de exaltação e somente ele pode exercer tal poder de forma justa e sábia. Seu governo não requereria nenhum conselheiro, nem procedimentos políticos ineficientes ou equilíbrio de poder. E não haveria nenhuma corrupção, injustiça, engano ou fracasso.

Certamente, Deus vem governando o universo desde sempre, e todas as coisas procedem de acordo com a sua vontade. Mas nossa discussão presente não se relaciona com o ponto de referência último, mas com um subordinado, pois estamos considerando apenas o governo *humano*. E sobre esse nível, Deus não nos tem dado a ditadura divina como um sistema de governo humano. Até chegarmos ao céu, não haverá nenhum governo no qual aqueles que sustentam o poder sejam completamente sem pecados e egoísmo, e no qual todos os preceitos de Deus sejam perfeitamente seguidos. Assim, admitir que nosso sistema de governo não é ideal não significa necessariamente que ele merece ser anulado, e menos ainda que deveríamos adotar outra forma de governo, tal como uma ditadura *humana*.

Em segundo lugar, o princípio de “pelo povo, para o povo” é de fato aceitável e talvez até mesmo preferível, mas somente quando considerado em um sentido relativo, isto é, não com relação ao governo divino, mas com relação a um ponto de referência subordinado. Em outras palavras, aqui excluimos temporariamente a relação criador-criatura do nosso pensamento e, em vez disso, consideramos somente as relações entre os homens.

Mas o que é relativo é subordinado, de forma que ele não pode ser o fundamento *último* para o governo. Antes, como Deus é o ponto de referência último para tudo da realidade, não podemos verdadeira e finalmente excluí-lo de cada aspecto do nosso pensamento e, assim, ele deve ser também o ponto de referência último para o governo humano. Portanto, “pela autoridade de Deus, para a glória de Deus” deve ser a filosofia cristã do governo humano. Os compromissos temporários de lado, a autoridade divina e os preceitos revelados devem construir o ponto de partida do nosso pensamento.

Nos Estados Unidos, o argumento é frequentemente sobre a assim chamada “separação entre a igreja e o Estado”. A legitimidade da própria frase está em questão, visto que a Constituição de fato não a inclui ou afirma. Mas como mencionado, a Constituição não é a Bíblia. Ela não tem nenhum lugar necessário numa discussão quanto ao ensino da Bíblia sobre o governo, a menos que a discussão lide com o fato de a Constituição ser bíblica ou não. Neste instante, estamos pensando sobre o governo humano — *todo* e qualquer governo humano, e não apenas dos Estados Unidos.

Precisamos considerar a relação correta entre a igreja e o Estado e se deveria haver uma “separação” entre elas em algum sentido. Nisto, podemos dizer que a igreja e o Estado são duas instituições estabelecidas por Deus para exercer funções diferentes. Elas são “separadas” no sentido que a autoridade dada a uma não é exercida pela outra. Por exemplo, a igreja não deve realizar execuções, e o Estado não deve excomungar pessoas da igreja.

Este é o ponto onde o pensamento de algumas pessoas se torna confuso. Elas parecem pensar que apenas porque o Estado é “separado” da igreja no sentido especificado acima, ele deve, portanto, ser edificado como algo totalmente secular; mas isso é incorreto! Embora o Estado seja distinto da igreja, devemos lembrar que a igreja não é Deus, e a igreja não é a Bíblia. A visão apropriada é que até mesmo em situações nas quais a igreja não está abaixo do Estado e o Estado não está abaixo da igreja, ambas as instituições permanecem abaixo de Deus e da Bíblia.

Deus é o governador sobre toda pessoa e toda instituição, não apenas dos crentes e da igreja. Uma vez que a Bíblia é sua revelação, ela carrega a mesma autoridade sobre as pessoas e instituições. Portanto, todo governo humano deve se submeter e operar abaixo da Bíblia, e qualquer desvio dela constitui rebelião contra a autoridade divina. O Estado não é a igreja, mas ele não tem a permissão de ser moralmente secular, também. Devemos lembrar que o governo não é uma entidade vazia ou impessoal; ele é constituído por pessoas, quer sejam reis, juízes, oficiais da lei ou representantes eleitos. E, como pessoas, cada uma delas tem a obrigação de crer no evangelho do Senhor Jesus Cristo e obedecer a todos os seus ensinamentos *em todo o tempo*, incluindo os tempos quando eles estão promulgando leis e desempenhando suas funções públicas.

Esse é o único fundamento racional e defensível para formular e reforçar as leis que regulam a sociedade. Sobre esse fundamento, por exemplo, podemos afirmar que o Estado tem a permissão de condenar e executar assassinos. Por outro lado, se o Estado não está abaixo da autoridade imediata da Bíblia, então não há nenhum argumento final que o proíba de ignorar os assassinos, ou mesmo estabelecer leis que *encorajem* o assassinato. O mesmo se aplica aos atos como estupro, roubo, perjúrio e assim por diante.

Mas se a Bíblia é a autoridade imediata que governa diretamente as leis e decisões do Estado, então o Estado também deve condenar blasfêmia, adultério e homossexualidade ao invés de se orgulhar de conceder aos seus cidadãos a liberdade para cometer tais abominações. Contudo, porque a sociedade humana não tem operado sob esse princípio, o Estado estabelece leis que abrem a comporta para o assassinato em massa (como o aborto), que endossa a sodomia desenfreada, que considera o adultério um assunto privado entre adultos que consentem, e que concede o divórcio como um direito a ser exercido livremente.

E aqueles lugares que há leis blasfemas agora consideram as leis bíblicas arcaicas e não mais as reforçam. Mas, como Calvino escreve, o ofício do magistrado deve atender “a ambas as Tábuas da Lei”, e é “tolice negligenciar a preocupação com Deus... e dar atenção somente a estabelecer justiça entre os homens. Como se Deus apontasse governadores em seu nome para decidir controvérsias terrenas, mas fizesse vistas grossas para o que é de maior importância – que ele mesmo seja puramente adorado de acordo com a prescrição da sua lei”.³

Alguns cristãos não têm problemas em pensar que uma nação deveria ser fundamentada sobre a chamada segunda tábua da Lei, mas de alguma forma pensam que a primeira tábua deveria ser deixada de lado. Mas a primeira tábua é o fundamento para a segunda, isto é, o temor de Deus é o único fundamento apropriado para as relações corretas entre os homens. Deixar de lado a primeira é destruir a segunda, ou talvez pior, é colocar a segunda tábua de mandamentos divinos sobre um fundamento humanista. Tal monstro de um sistema legal não pode permanecer, e inevitavelmente cairá em maior injustiça e frouxidão moral.

³ João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, 4.20.9.

Alguns cristãos separam totalmente o Estado da religião, mas ao mesmo tempo tentam argumentar que o Estado deveria adotar valores bíblicos. A partir do que têm aprendido da Escritura, eles percebem como a lei deveria ser para que fosse justa e correta, mas tentam argumentar por isso após já terem se apartado do debate, pela própria razão de que eles já sabem o que a lei deveria ser em primeiro lugar. Assim, não somente o pensamento deles tem se tornado confuso, o argumento fraco e a tarefa impossível, mas eles de fato terminam em uma posição que é menos do que bíblica.

Você pode imaginar Jesus Cristo ordenando que tanto a criação como a evolução devem ser ensinadas nas escolas públicas? Dizer que a Bíblia não é o livro-texto por meio do qual todos os outros são julgados, e que um Cristianismo explícito e exclusivo não é ensinado nas escolas públicas, é um crime contra Deus. E o fato de que a evolução não é totalmente refutada e condenada representa uma rebelião e apostasia nacional patentes. Urgir que a criação deveria ser ensinada nas escolas públicas *juntamente com* a evolução já é uma concessão.⁴ Isso poderia ser necessário dada a nossa presente situação, isso se pudéssemos obter sequer isto, mas seria errado afirmá-lo em princípio também, pois a princípio, a evolução deveria ser banida totalmente sobre o fundamento de que ela constitui uma conspiração para enganar o público.

Lembre-se de que não estou falando sobre o que é realmente possível e legítimo sobre a base da lei Americana, mas estou falando sobre aquelas coisas que deveriam existir a partir da perspectiva da Bíblia, isto é, a situação ideal. Enquanto isso, devemos trabalhar com as leis existentes em cada sociedade para alcançar os resultados que estejam mais de acordo com os preceitos bíblicos, enquanto oramos para que as leis mudem para melhor no futuro. Isso virá somente como o resultado de uma mudança fundamental no clima espiritual da nação, à medida que o Espírito torna a pregação eficaz e frutífera. Em todo caso, ao trabalhar com o que é possível no presente, não devemos esquecer do ideal, que é este: mesmo que uma não esteja sob a jurisdição da outra, ambas as instituições devem funcionar diretamente debaixo da autoridade divina da Bíblia.

Isso nos leva de volta ao ponto que estou estabelecendo, visto que meu foco não é de fato a teoria política. Antes, nossa discussão diz respeito à relação da Bíblia com a

⁴ Estou me referindo a ensinar a criação diretamente a partir da Bíblia, não a “ciência” da criação.

humanidade, e o ponto é que, como a Bíblia é a porção revelada da mente de Deus, e nenhuma pessoa está separada da sua própria mente, a Bíblia, portanto, carrega a própria autoridade de Deus, de forma que quando diz respeito ao conhecimento da vontade de Deus, os dois devem ser identificados. Deus ordenou que este livro governasse a humanidade. Nenhuma pessoa e nenhuma instituição que se desvia dos ensinamentos da Bíblia pode permanecer sem culpa.

De fato, toda instituição é constituída por *pessoas* que Deus considera responsáveis, de forma que se estamos falando de indivíduos, sobre a igreja, ou o Estado, ainda estamos falando de pessoas que são obrigadas a crer e obedecer todos os preceitos de Deus durante todo o tempo, e não importa em qual posição elas estejam agindo. Você não pode pregar como um cristão e então votar como um ateu. Se o fizer, é provável que você seja simplesmente um ateu. Você não pode militar contra o aborto e então apoiar uma lei que conceda direitos antibíblicos a homossexuais, a despeito de você pensar que isso é a coisa Americana a se fazer. Deus não te considerará não-culpado simplesmente porque você está tratando de questões do Estado. Ele poderia simplesmente “separar” você totalmente da igreja e lhe enviar para o inferno. Ali você pode organizar a sua política.

Assim, Deus julga pela Bíblia. Porque a Bíblia mantém a relação exposta acima com a humanidade e porque é a revelação dos mandamentos e preceitos divinos, ela é o ponto de referência pelo qual Deus julga toda pessoa. Para pensar cuidadosa e claramente sobre isso, devemos enfatizar novamente que, pelo fato de a Bíblia (ou a Palavra de Deus incorpórea) ser a revelação de uma porção da mente de Deus, e a mente de uma pessoa ser *a* pessoa, não há nenhuma diferença entre a autoridade da Bíblia e a autoridade de Deus e, em no presente contexto, não há nenhuma diferença entre a Bíblia como o ponto de referência e Deus como o ponto de referência.

É Deus quem estabelece o padrão. Não crer e desobedecer a Deus é pecado; crer e obedecê-lo é justiça. Como não há nenhuma diferença entre a Bíblia (a Palavra de Deus incorpórea) e Deus, a atitude e reação de uma pessoa para com a Bíblia deve ser tomada como sua atitude e reação exata para com Deus. Isso significa que ninguém pode obedecer a Deus e desobedecer a Bíblia. E ninguém pode alegar amar a Deus mais do que ele ama a Bíblia. Qualquer pessoa que não crê em alguma parte da Bíblia chama Deus de mentiroso.

O que quer que a Bíblia diga é o que Deus diz. Se não fosse pela incredulidade, esta declaração seria desnecessária e redundante, pois tudo o que isso significa é que o que Deus diz é o que Deus diz. Ora, Deus é aquele que julga e condena. Portanto, é a Bíblia que julga e é a Bíblia que condena. Deus condena ao inferno todos que a Bíblia condena ao inferno. Não há nenhuma diferença.

Assim, nunca deveríamos hesitar em tomar uma posição decisiva com respeito à natureza e destino de um tipo de pessoa, crença ou ação que a Bíblia tem abordado. Nunca deveríamos usar a desculpa: “Só Deus sabe”. Não! *Nós* também sabemos, pois Deus revelou seu pensamento sobre o assunto para nós. Os não-cristãos irão para o inferno. Os homossexuais sofrerão para sempre no fogo do inferno. O feminismo é do diabo. A ambição leva à perdição. Os mentirosos serão expostos e punidos. Os opressores serão destruídos pela ira divina. *Nós sabemos* todas essas coisas.

Brincar de humilde e não-julgador quando Deus já nos revelou seu veredicto é desafiá-lo na cara. Um cristão professo não estaria disposto a dizer que os mórmons irão para o inferno porque “somente Deus pode fazer tal decisão”. Que insulto a Deus! Suponha que eu lhe diga que gosto de carne bovina, mas detesto carne de porco, e então você se volta e diz a alguém: “Eu não sei o que trazer para Vincent. Somente ele pode nos dizer do que ele gosta”. Certo, e eu já lhe disse, mas você tem tão pouco respeito a mim que é como se você não prestasse atenção ou ignorasse o que eu digo. E é como se esse cristão professo nunca tivesse lido a Bíblia, ou desconsiderasse o que leu. Quanto a mim, eu *sei* que os mórmons, muçulmanos, católicos, hindus e budistas verdadeiros, e todos aqueles que rejeitam Jesus Cristo irão para o inferno. Deus falou, e eu não ousou fingir que nada tenha acontecido.

Então, Deus salva pela Bíblia. Sabemos que ele julga pela Bíblia, e por ela todos os homens são considerados pecadores e rebeldes contra Deus, e assim a Bíblia condena todos os homens a um inferno eterno em chamas. Mas ela também revela o único caminho para a salvação: a fé em Jesus Cristo.

João 5.39-40 diz: “Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras, porque pensam que nelas vocês têm a vida eterna. E são as Escrituras que testemunham a meu respeito; contudo, vocês não querem vir a mim para terem vida.” Esses versículos têm sido interpretados incorretamente por algumas pessoas, especialmente pessoas do tipo anti-

intelectual e antidoutrinário, como se fosse ensinado o oposto do que eles afirmam. Alega-se que, aqui, Jesus refuta o erro de se olhar para um livro ao invés de uma pessoa. De acordo com essa visão, a Bíblia não deve ser nosso objeto direto de crença, pois ela é somente um guia para a pessoa de Cristo, que deve ser o verdadeiro objeto da fé. Os fariseus erravam em sustentar a Bíblia numa estima tão alta que abraçavam o livro, mas rejeitavam a pessoa.

Contudo, isso definitivamente não é o que Jesus diz. Ele declara que as pessoas pensavam que poderiam possuir a vida eterna através de um estudo diligente da Escritura, mas então rejeitavam aquilo que a Escritura testificava. Em outras palavras, não é que as pessoas estimassem muito a Bíblia, mas o exato oposto era verdadeiro – elas não tinham nenhum respeito pelo que a Bíblia ensinava. A reverência delas para com a Escritura era uma mera pretensão. De fato, Jesus repetidamente os acusa de fazer isso. Como ele diz em outro lugar: “Vocês negligenciam os mandamentos de Deus e se apegam às tradições dos homens” (Marcos 7.8). Os fariseus erravam ao estudar a Bíblia, *pois* ao mesmo tempo recusavam tomá-la seriamente ou crer e obedecê-la. Essa era a condenação deles, e isso é o que condena muitas pessoas hoje.

Assim, embora possa parecer piedoso para algumas pessoas, é no mínimo enganoso dizer: “Não somos salvos por crer num livro, mas por crer numa pessoa”. Dizer isso sobre a Bíblia seria como dizer: “Não somos salvos por crer nas palavras de Cristo, mas por crer na pessoa de Cristo”, como se as palavras de Cristo pudessem ser separadas da pessoa de Cristo, e como se pudéssemos conhecer a pessoa sem as palavras. Se você crê nas palavras, você crê na pessoa e vice-versa. Mas sem as palavras, ou sem os conteúdos sobre a pessoa que estejam em harmonia com a pessoa, não há realmente nenhuma “pessoa” em quem você crer.

Assim, somos de fato salvos pela fé em Cristo, mas é somente através da Bíblia que recebemos uma revelação infalível a partir de Cristo e sobre Cristo. Portanto, nesse sentido, somos de fato salvos por crer num livro, *este* livro, pois não há nenhuma diferença entre crer num livro e crer numa pessoa. Contanto que não separemos a revelação de Cristo da pessoa de Cristo, visto que esses realmente não podem ser separados, então de fato somos salvos pela Bíblia, e nela encontramos a vida eterna.

Assim como o destino eterno de uma pessoa é determinado por sua atitude e reação para com Cristo, seu destino eterno é determinado por sua atitude e reação para com a Bíblia. Ninguém que rejeita a Bíblia pode aceitar a Cristo ao mesmo tempo, visto que é a Bíblia que mostra Cristo. Portanto, ninguém que rejeita a Bíblia pode ser um cristão, ou pode ser salvo, de forma que todos aqueles que rejeitam a Bíblia também rejeitam a Cristo, tornando certa a sua condenação.

Paulo escreveu: “Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por meio da sabedoria humana, agradou a Deus salvar aqueles que creem por meio da loucura da pregação” (1 Coríntios 1.21). O homem não pode conhecer a Deus por sua própria sabedoria e poder, mas somente pela autorrevelação de Deus, que ele entregou através dos profetas e apóstolos. Não há salvação fora da Bíblia, pois não há nenhuma forma de conhecer a Deus ou seu caminho para a salvação fora dos escritos dos profetas e apóstolos.

Assim, Deus governa, julga e salva pela Bíblia, ou seja, um livro. Os incrédulos pensam que isso é loucura. Eles pensam assim não porque os caminhos de Deus sejam de fato loucura, mas porque são eles mesmos loucos. As suas mentes são tão fracas e cegas que não podem perceber ou entender a verdadeira sabedoria. Como Paulo escreve: “Não se enganem. Se algum de vocês pensa que é sábio segundo os padrões desta era, deve tornar-se ‘louco’ para que se torne sábio. Porque a sabedoria deste mundo é loucura aos olhos de Deus. Pois está escrito: ‘Ele apanha os sábios na astúcia deles’; e também: ‘O Senhor conhece os pensamentos dos sábios e sabe como são fúteis’” (1 Coríntios 3.18-20).

Os incrédulos são especialistas na autoaprovação. Eles inventam seus próprios padrões, e então usam esses padrões para se julgarem sábios. Mas ser contado como sábio dessa maneira é um horror absurdo. Essa pessoa se torna o que ela consideraria um “louco” por esses falsos padrões. Paulo diz: “A sabedoria deste mundo é loucura aos olhos de Deus”. Quando examinamos os incrédulos e as suas filosofias a partir da perspectiva da mente divina, percebemos que elas são loucura. Para colocar de uma maneira simples: os incrédulos consideram-se inteligentes somente porque eles inventaram seus próprios padrões, e então usam esses padrões para medir a si mesmos. Por esse método, até mesmo um anão pode parecer um gigante. Os não-cristãos são apenas um bando de pessoas muito estúpidas chamando umas às outras de inteligente;

quando os examinamos de acordo com a verdadeira sabedoria, passamos a vê-los como os loucos que são.

Eles nos ridicularizam por tomar ordens de um livro que foi escrito há milhares de anos, como se a verdade mudasse com o tempo. Certamente, alguém sugerir que um livro produzido há tanto tempo atrás deve, portanto, conter inúmeros erros, é condenar tudo o que ele alega conhecer agora. Ele nos diz que, mesmo por seu próprio padrão, não deveríamos tomar algo que ele diz com seriedade, visto que, em poucos anos ou mais, até mesmo algumas das suas crenças centrais e suas convicções mais firmemente sustentadas serão refutadas. Mas, embora os incrédulos ainda não tenham refutado nada que a Bíblia diga, nós podemos refutar tudo o que eles creem agora mesmo. O conhecimento nunca progride, isto é, se o conhecimento é aquilo com o qual você começa. Mas a especulação vazia “avança” todo dia, e esta é a essência da história de toda a ciência natural, filosofias humanas e religiões não-cristãs.

Assim, a Bíblia é um livro, mas ela não é como qualquer outro livro. Ela é a mente de Deus, a palavra de Deus, a voz de Deus e, portanto, possui valor supremo e autoridade última. À luz disto, ficamos maravilhados com o fato de Deus ter nos confiado esse livro tanto para aprendermos a partir dele como para pregar a partir dele. Ele poderia ter escolhido declarar sua palavra à humanidade sozinho, ou poderia ter ordenado aos anjos que realizassem a tarefa. Em vez disso, ele permitiu que manuseássemos este livro sagrado, derramou o seu Espírito sobre nós, e fez de meros homens seus “cooperadores” (1 Coríntios 3.9).

Tendo lançado o fundamento concernente à relação da Bíblia conosco e o seu lugar apropriado na sociedade, agora nos voltamos para considerar como Deus a usa para falar aos homens usando homens como instrumentos. É desnecessário dizer que esse é um assunto amplo sobre o qual muitos livros têm sido escritos, mas eu tenho um propósito específico e, com ele, vários pontos básicos que gostaria de cobrir. Transmitirei somente esses e mais nenhum no que segue.

Em Neemias 8, há uma descrição do que equivale a um reavivamento ou despertar espiritual entre o povo de Deus. Insisto que você leia pelo menos o capítulo inteiro por conta própria. Aqui teremos tempo de ler somente aquelas declarações que são especialmente relevantes para a nossa discussão:

Quando chegou o sétimo mês e os israelitas tinham se instalado em suas cidades, todo o povo juntou-se como se fosse um só homem na praça, em frente da porta das Águas. Pediram ao escriba Esdras que trouxesse o Livro da Lei de Moisés, que o Senhor dera a Israel. Assim, no primeiro dia do sétimo mês, o sacerdote Esdras trouxe a Lei diante da assembleia, que era constituída de homens e mulheres e de todos os que podiam entender. Ele a leu em alta voz desde o raiar da manhã até o meio dia, de frente para a praça, em frente da porta das Águas, na presença dos homens, mulheres e de outros que podiam entender. E todo o povo ouvia com atenção a leitura do Livro da Lei.

O escriba Esdras estava numa plataforma elevada, de madeira, construída para a ocasião... Esdras abriu o Livro diante de todo o povo, e este podia vê-lo, pois ele estava num lugar mais alto. E, quando abriu o Livro, o povo todo se levantou. Esdras louvou o Senhor, o grande Deus, e todo o povo ergueu as mãos e respondeu: “Amém! Amém!” Então eles adoraram o Senhor, prostrados, rosto em terra.

Os levitas... instruíram o povo na Lei, e todos permaneciam ali. Leram o Livro da Lei de Deus, interpretando-o e explicando-o, a fim de que o povo entendesse o que estava sendo lido.

Então Neemias, o governador, Esdras, o sacerdote e escriba, e os levitas que estavam instruindo o povo disseram a todos: “Este dia é consagrado ao Senhor, o nosso Deus. Nada de tristeza e de choro!” Pois todo o povo estava chorando enquanto ouvia as palavras da Lei... Então todo o povo saiu para comer, beber, repartir com os que nada tinham preparado e para celebrar com grande alegria, pois agora compreendiam as palavras que lhes foram explicadas.

Essas pessoas estavam se voltando de anos de negligência e apostasia espiritual. Alguma coisa sobre eles tinha mudado, e era como se estivessem voltando de um extremo para outro. Embora costumassem ser negligentes, licenciosos, egocêntricos, agora eles estavam ávidos em ouvir a Deus. Esdras “leu em alta voz desde o raiar da manhã até o meio-dia”, e eles prestaram atenção durante todo o tempo. Mais tarde em 9.3, é dito que a Lei foi lida “durante três horas”, e então o povo gastou “outras três horas confessando os seus pecados e adorando o Senhor, o seu Deus”. Hoje as pessoas se consideram cristãos dedicados se gastarem uma hora por semana na igreja. As mesmas pessoas provavelmente pensariam que somente fanáticos gastariam várias horas ouvindo, confessando e adorando.

É verdade que nem toda reunião de igreja deve durar metade de um dia. Essas pessoas tinham negligenciado a Lei durante muito tempo, e estavam especialmente ávidas por aprenderem o que tinham perdido. Elas estavam fazendo um trabalho completo de retorno a Deus em suas crenças e práticas e, assim, era natural que essas reuniões iniciais durassem tanto tempo. Contudo, isso certamente não significa que as reuniões subsequentes deveriam ser bem mais curtas, ou que eles não poderiam gastar todo o dia seguinte na Lei e na adoração, à medida que a necessidade e o desejo surgissem.

Quando comecei a pregar, costumava falar de quarenta e cinco minutos a duas horas por vez, e usava até quarenta textos em cada mensagem. Uma vez preguei sobre “Trindade *versus* Unicidade” e usei mais de oitenta passagens. Essa abordagem é ocasionalmente apropriada, e algumas vezes até mesmo necessária. Algumas congregações precisam de uma vistoria completa em seus sistemas de crenças e um conhecimento geral de muitas passagens bíblicas. Essa era uma forma de satisfazer aquela necessidade.

Contudo, isso tem os seus problemas, visto que as pessoas não podem manter a atenção durante tanto tempo sem interrupção, e usar tantas passagens significa que quase todas elas falharão em receber tratamento detalhado. Em meu caso, fiz isso parcialmente porque cria que o povo necessitava disso, mas também porque era inexperiente, e tentei reunir tudo o que sabia sobre o assunto numa única sessão. Olhando para trás, percebo que foi muito para eles – as pessoas não podiam suportar, especialmente quando havia crianças pequenas na audiência!

Se essa é a abordagem correta depende de vários fatores, tais como a natureza dos ouvintes e a quantidade de tempo (em termos de semanas, meses e anos) que o ministro tem trabalhado com eles. Essa provavelmente não deveria ser a abordagem primária para o pregador que tem acesso ao mesmo grupo de ouvintes por longos períodos de tempo. Mesmo que fosse pregar por duas horas, ele deveria estruturar a apresentação claramente e selecionar poucas passagens, mas expô-las com certo detalhe.

Regras rígidas são inúteis, mas se um pregador gastar de trinta minutos a uma hora expondo de uma a três passagens todo domingo, uma congregação saudável pode ser desenvolvida durante a longa caminhada. Algo menos do que vinte e cinco minutos é provavelmente muito curto para sermões de domingo, a menos que a pregação seja ao mesmo tempo concisa, profunda e explosiva, ou a menos que a igreja mantenha várias reuniões durante a semana com uma boa frequência dos membros. Um fator pivô, certamente está na forma como o pregador habilmente expõe e aplica as passagens bíblicas.

Todavia, se uma abordagem curta é tomada, os membros deveriam consumir materiais suplementares durante a semana. Isso é verdade ainda que os sermões de domingo sejam muito longos e detalhados, mas é especialmente necessário quando são mais curtos e simples. A igreja pode ajudar a suprir isso de várias maneiras, talvez sugerindo leituras, reuniões de oração e estudos bíblicos. A liderança deveria perceber que algumas congregações tomam a “igreja” muito serialmente, fazendo dela um aspecto integral das suas vidas, de forma que eles têm até mesmo reuniões diárias. Eu penso que todas as congregações deveriam se esforçar com esse intuito, mas o mínimo que elas podem fazer é ter duas ou três reuniões por semana.

De qualquer forma, é bom para os crentes que desenvolvam um maior interesse na pregação e um maior zelo na adoração. A perseverança naturalmente crescerá. Onde isso foi estabelecido como uma questão de hábito e cultura, como em muitas congregações em tempos passados, reuniões longas são a norma. E onde há reavivamento e despertamento, as pessoas anseiam tê-las diariamente.

Aqui encontramos o modelo básico do ministério da Palavra, ou os dois elementos da pregação bíblica. Primeiro, o pregador lê a Bíblia. Então, ele dá a exposição e aplicação dos versículos que leu, assim como os levitas estavam

“interpretando e explicando, a fim de que o povo entendesse o que estava sendo lido”. Da mesma forma, Paulo instrui Timóteo: “Até a minha chegada, dedique-se à leitura pública da Escritura, à exortação e ao ensino” (1 Timóteo 4.13).

Quer a pregação dure cinco minutos ou cinco horas, esse deve ser o padrão básico e usual. Há vários exemplos na Bíblia para ilustrar isso. Seleccionaremos um do ministério de Jesus:

Ele foi a Nazaré, onde havia sido criado, e no dia de sábado entrou na sinagoga, como era seu costume. E levantou-se para ler. Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías. Abriu-o e encontrou o lugar onde está escrito:

“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor”.

Então ele fechou o livro, devolveu-o ao assistente e assentou-se. Na sinagoga todos tinham os olhos fitos nele; e ele começou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir”. (Lucas 4.16-21)

Devemos edificar todos os nossos esforços ministeriais sobre este modelo de leitura e exposição da Escritura. Isso não se aplica somente aos sermões de domingo, mas a todos os aspectos de alcance cristão, tais como discipulado, evangelismo e até mesmo criação de filhos.

Nos casos em que a estrutura formal de um sermão é inatural ou indesejável, esses dois elementos de leitura e exposição da Escritura ainda devem estar usualmente presentes. Podemos ilustrar isso a partir do encontro de Filipe com o eunuco:

Então Filipe correu para a carruagem, ouviu o homem lendo o profeta Isaías e lhe perguntou: “O senhor entende o que está lendo?”

Ele respondeu: “Como posso entender se alguém não me explicar?” Assim, convidou Filipe para subir e sentar-se ao seu lado.

O eunuco estava lendo esta passagem da Escritura: “Ele foi levado como ovelha para o matadouro, e como cordeiro mudo diante do tosquiador, ele não abriu a sua boca. Em sua humilhação foi privado de justiça. Quem pode falar dos seus descendentes? Pois a sua vida foi tirada da terra”.

O eunuco perguntou a Filipe: “Diga-me, por favor: de quem o profeta está falando? De si próprio ou de outro?” Então Filipe, começando com aquela passagem da Escritura, anunciou-lhe as boas novas de Jesus. (Atos 8.30-35)

O incidente envolve uma conversação e não um sermão formal, que seria um monólogo. É o eunuco quem fornece o texto para a ocasião, e é Filipe quem então oferece a exposição e aplicação. Note que os dois elementos de leitura e exposição da Escritura ainda estão presentes. Assim, este também é um modelo para o alcance individual ou de pequena escala.

Incidentalmente, a passagem também ilustra a necessidade de exposição. Como nossa leitura de Neemias 8 mostra, muitas pessoas não entenderão o que uma passagem bíblica significa sem que alguém explique para elas. Certamente, à medida que elas se sentam sob o ministério de um expositor, com muita probabilidade crescerão em sua capacidade de entenderem a Bíblia por si mesmas. Mesmo nesse caso, podemos estar

certos de que, como um subproduto da exposição de Filipe sobre Isaías, muitas outras passagens, que lhe eram anteriormente ambíguas, abriram-se para o eunuco.

O chamado método “expositivo” é frequentemente uma forma excelente de apresentar o ensino da Escritura. Contudo, a abordagem “leia e exponha” não deveria ser identificada juntamente com ou restrita ao método expositivo em sua abordagem do texto ou à estrutura da sua apresentação. Com todos os seus perigos potenciais, os sermões tópicos podem facilmente adotar a abordagem “leia e exponha”, e até mesmo o odiado método “prova textual” é usado na Escritura com mais frequência do que muitos praticantes da homilética querem admitir. Mas certamente, nem deveria ser preciso dizer que quando você dá uma prova textual para algo, o texto seria mais apropriadamente uma prova para o que você está afirmando.

Os sermões e discursos que encontramos na Bíblia geralmente não se conformam ao que é chamado de método expositivo. Alguns princípios nunca são violados, mas algumas das coisas que os livros-texto sobre pregação prescrevem, em termos de como empregar melhor uma passagem bíblica ou estruturar um sermão, nem sempre são seguidos pela própria Escritura.

Por essa razão, há pelo menos dois perigos em adotar e aprovar o método expositivo *somente*. Primeiro, um pregador que faz isso tem se limitado, sem boa razão, a usar somente uma abordagem quando poderia haver várias outras que o ajudariam a comunicar melhor seus pontos no que diz respeito a certos textos e tópicos. Segundo, ele induz os ouvintes a desprezarem sermões e discursos que não sejam estritamente expositivos, mas que são, todavia, totalmente escriturísticos e legítimos, tanto em seu conteúdo como métodos. Ainda pior, alguns que têm sido ensinados que somente o método expositivo é aceitável podem se tornar confusos sobre aquelas porções da Escritura onde é claramente usado algum outro método para manusear as passagens bíblicas, e isto, conseqüentemente, pode lançar dúvidas em suas mentes com respeito à confiabilidade e competência dos próprios personagens bíblicos.

Assim, que não haja nenhum mau entendimento: eu afirmo que todo sermão deve ser bíblico em seu conteúdo – ele deve concordar completamente com a Bíblia, e toda passagem bíblica deve ser interpretada no contexto. Em minha própria pregação e escrita, eu tenho — algumas vezes estritamente, algumas vezes livremente — talvez

empregado o método expositivo mais do que qualquer outro. Mas eu discordo que ser bíblico implica necessariamente que uma pessoa deve sempre empregar o que é chamado de método expositivo. Devemos ser cuidadosos para que uma opção excelente não se torne um requerimento sem garantia bíblica. Deve haver rigidez absoluta na fidelidade à Escritura, mas algumas flexibilidades quando nos referimos à apresentação.

Então, digamos uma palavra sobre a reação apropriada à pregação bíblica. Ministros apreciarão o que vou dizer. Algumas pessoas chegam até mim após um sermão e dizem: “Isso foi maravilhoso” ou “Eu realmente apreciei o sermão”. Quando ouço isso, sempre penso comigo, e em algumas ocasiões digo em voz alta: “Mas você ouviu o que eu disse? Você entendeu? Você vai colocar em prática?”.

Uma das respostas mais desapontadoras que um pregador sincero pode receber de um ouvinte é não dizer nada mais do que ele “apreciou” aquele sermão “maravilhoso” que acabou de ouvir. Eu não me importo muito se o sermão foi maravilhoso ou se ele o apreciou. Eu preferiria muito mais uma resposta apropriada à mensagem, quer em sua oração silenciosa, arrependimento em lágrimas, celebração alegre, amor reavivado ou determinação renovada.

As pessoas choravam ao ouvir Esdras ler a Lei de Deus. Elas podiam perceber a diferença entre os requerimentos de Deus e a prática real delas. Diferentemente de muitos igrejeiros de hoje, eles não estavam ali como “entendedores” de sermão, para criticar e avaliar o que estava sendo dito. Eles não estavam dizendo: “Isso está muito longo”, “Ele não desenvolveu plenamente o segundo ponto”, “Uma ilustração teria ajudado”, ou até mesmo “De zero a cinco, dou nota quatro”. Não, eles foram compungidos no coração pelo que ouviram, e se arrependeram com lágrimas confessando os seus pecados. Isso foi seguido por obediência real e uma mudança no estilo de vida.

O povo de Deus deveria ser humilhado, encorajado e provocado pela pregação bíblica. Como os discípulos disseram: “Não estava queimando o nosso coração, enquanto ele nos falava no caminho e nos expunha as Escrituras?” (Lucas 24.32). Se isso nunca ocorre em nossos ouvintes, é porque nossa pregação é seriamente deficiente, quase completamente vazia de algo bíblico, ou porque não há nenhuma vida espiritual nas pessoas, de forma que não há nada para provocar e nada para despertar. Todavia, à

medida que o Espírito deseja, a pregação bíblica pode dar vida até mesmo aos ossos secos e colocar carne nova neles. E isso nos traz à próxima seção da nossa discussão.

O fator decisivo na eficácia da pregação é a ação soberana do Espírito Santo. Embora Deus use homens como instrumentos para proclamar sua Palavra, eles carecem da habilidade para transformar diretamente os corações dos ouvintes. Por outro lado, o Espírito exerce controle ativo e direto sobre as mentes de todos os homens, causando pensamentos, crenças, atitudes e motivos neles de acordo com sua própria vontade. A Bíblia é o instrumento usual — o conteúdo intelectual com o qual Deus trabalha à medida que controla os corações dos homens — que Deus usa para converter e santificar, mas também para endurecer, os corações dos homens. E os homens são os instrumentos usuais por meio dos quais Deus propaga os conteúdos da Bíblia.

Paulo percebeu que os homens eram “apenas servos por meio dos quais vocês vieram a crer” (1 Coríntios 3.5). Paulo plantou, Apolo regou — eles não podiam fazer mais do que isso — mas “Deus fez crescer” (v. 6). Esse conhecimento era um fator controlador no ministério de pregação de Paulo. Ele o fazia depender do Espírito para a eficácia, e se regozijava quando o Espírito vinha em poder à medida que pregava: “Sabemos, irmãos, amados de Deus, que ele os escolheu porque o nosso evangelho não chegou a vocês somente em palavra, mas também em poder, no Espírito Santo e em plena convicção. Vocês sabem como procedemos entre vocês, em seu favor” (1 Tessalonicenses 1.4-5).

De certa forma, tudo o que tenho dito até aqui é para levar a esse ponto, que é frequentemente reconhecido no papel, mas mui frequentemente negligenciado na prática. Isto é, o ministro ou crente maduro é marcado por sua capacidade de manusear a Bíblia com sabedoria e habilidade, mas isso deve incluir uma dependência genuína do Espírito Santo para trabalhar com a Escritura e tornar a pregação eficaz. Ele conhece o seu papel. Ele sabe o que deve fazer, mas também percebe que há algumas coisas que ele nem mesmo deve tentar — pelo contrário, deve contar com o Espírito Santo para realizá-las.

Um homem de negócios não-cristão certa vez se encontrou com um pregador no salão de um hotel. O encontro foi arranjado por um amigo mútuo, provavelmente a única razão para ele ter concordado. Mesmo assim, ele deu ao pregador somente alguns

minutos, talvez menos do que dez. Durante a breve conversação deles, o pregador repetidamente lhe disse: “O caminho do infiel é áspero”. Isso é metade de um versículo de Provérbios (13.15). Quando ele se levantou para ir embora, o pregador disse novamente.

Algum tempo depois disso, ele correu atrás desse pregador novamente numa certa conferência. E disse ao pregador: “Após conversarmos, não podia lembrar de nada do que você disse, exceto ‘o caminho do infiel é áspero’. E isso continuou me voltando à mente. Eu me virava e revirava na minha cama de noite. Aquela declaração ficava se repetindo em minha mente. Acordei na manhã seguinte, e era como se aquelas palavras estivessem na extremidade da minha cama, olhando diretamente para mim e dizendo: ‘O caminho do infiel é áspero’. Eu fui trabalhar, e era como se a declaração estivesse falando comigo para onde quer que eu olhasse: ‘O caminho do infiel é áspero’. Eu estava para fazer algo que sabia ser errado, e aquele versículo veio à minha mente: ‘O caminho do infiel é áspero’. Aquele versículo me assombrou. Ele quase me deixou doido. E então, finalmente, percebi... finalmente ele me golpeou — o caminho do infiel é áspero! Eu me ajoelhei na minha cama, no quarto do hotel, me arrependi dos meus pecados, e recebi a salvação através de Jesus Cristo”.

O pregador respondeu: “Deixe-me lhe contar o final da história. Eu estava desapontado por você não ter me dado uma oportunidade para dizer o que desejava dizer. Mas após você partir, orei: ‘Senhor, não tive tempo para dizer tudo o que desejava a este homem, mas ainda assim, eu preguei sua Palavra para ele, e tu disseste que tua Palavra não retornará para ti vazia. Agora eu oro para que o Senhor use o que eu disse e o persiga com isso. Senhor, trabalhe em seu coração, até mesmo o assombre dia e noite, e que seja feita a tua vontade nele’. Evidentemente, Deus foi fiel e honrou sua Palavra e realizou exatamente o que eu lhe pedi.”

Spurgeon disse: “Tenho notado que sempre que temos uma conversão, em noventa e nova de cada cem casos, a conversão é atribuível ao texto ou a alguma passagem da Escritura citada no sermão, do que a qualquer adágio velho ou original do pregador” (sermão n.º 172, *Search the Scriptures*). Em nosso exemplo, o pregador falou ao homem de negócios sobre o caminho da salvação através de Jesus Cristo, mas a chave que girou tudo ao redor dele não foi nada mais do que metade de um versículo de

Provérbios. Ela foi *entregue* ao homem por um homem, mas foi *dirigida* ao seu coração pelo Espírito Santo.

Em outro lugar, Spurgeon menciona um homem que foi convertido por uma genealogia do Antigo Testamento na qual a passagem bíblica repetia as palavras “e ele morreu... e ele morreu... e ele morreu”. O homem repentinamente percebeu sua mortalidade, que um dia *ele* morreria como o restante das pessoas, e após isso seria levado ao céu ou lançando no inferno. Ali mesmo, ele foi convertido e recebeu a salvação através da fé em Jesus Cristo.

Assim como na conversão do eunuco em Atos 8, algumas vezes instrumentos humanos podem estar totalmente envolvidos no processo. Nesta ocasião, Filipe correu para se juntar à carruagem e então gastou algum tempo expondo Cristo para ele a partir da Escritura. Mas, algumas vezes, Deus se agrada de reduzir ou até mesmo minimizar o papel dos instrumentos humanos.

Um certo jovem passou anos buscando a verdade e realidade espiritual. Ele tinha ouvido centenas de horas de sermões, e lido uma pilha de livros. Mas seu espírito permanecia perdido e morto. Então, um dia estava lendo um livro e se deparou com uma citação da Bíblia: “No último e mais importante dia da festa, Jesus levantou-se e disse em alta voz: ‘Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva’” (João 7.37-38). Imediatamente, ele se decompôs e caiu em lágrimas, e foi convertido. O que fez a diferença? Ele queria essa água da vida, e a buscou diariamente por muitos anos. Pelo desígnio de Deus, ele foi levado a buscar, mas o que ele estava buscando o iludia. Então, *repentinamente*, o Espírito abriu os seus olhos, e o que anos de busca não puderam produzir foi lhe dado num instante.

O papel do instrumento humano é algumas vezes reduzido ou minimizado, mas isso não pode ser dito do Espírito, cuja obra é sempre necessária e decisiva. William Barclay escreveu sobre a história de Signor Antônio, de Minas Gerais, Brasil, que comprou um Novo Testamento para que pudesse queimá-lo. “Ele foi para casa e achou o fogo apagado. Deliberadamente o acendeu e lançou o Novo Testamento nele. Ele não queimaria. Então, o homem abriu as páginas para facilitar o processo de queima. Ele abriu no Sermão do Monte. Signor olhou de relance quando o entregou às chamas. Sua

mente foi capturada; ele o tomou de volta. Ele o leu, esquecido do tempo, durante as horas da noite, e quando a aurora estava raiando, se levantou e declarou: ‘Eu creio’”.⁵

Paulo chama a Palavra de Deus de “a espada do Espírito”. Ele a colocou nas mãos de cristãos e, como mencionamos, essa Palavra pode ser usada com maior ou menor sabedoria e habilidade. Esse é o porquê de ele ter exortado Timóteo: “Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade” (2 Timóteo 2.15). Então, novamente, algumas vezes o papel dos instrumentos humanos é reduzido ou minimizado, e o Espírito de Deus empunha a Palavra por si mesmo, quebrando toda resistência, e dirigindo-a profundamente aos corações dos homens.

Novamente, Barclay escreve: “Vincente Quiroga, do Chile, encontrou algumas páginas de um livro levado para o litoral por uma grande tempestade seguida de um terremoto. Ele as leu e nunca descansou até que obteve o restante da Bíblia. Ele não somente se tornou um cristão; devotou o resto da sua vida à distribuição da Escritura nos vilarejos esquecidos do norte do Chile”.⁶

De forma alguma estou urgindo para que negligenciemos nosso papel no ministério da Palavra, visto que devemos ser diligentes em desenvolver nossa habilidade de manusear a Escritura (2 Timóteo 2.15), de forma que possamos habilmente tratar com quem quer que encontremos “conforme o ministério que o Senhor atribuiu a cada um” (1 Coríntios 3.5). Estou insistindo por uma confiança mais forte na Bíblia e uma dependência genuína do Espírito para operar poderosa e eficazmente, para produzir conversão nos eleitos e santificação nos crentes, algumas vezes em conjunção com nossa exposição, e algumas vezes quase completamente à parte dela.

Com base no que dissemos sobre a Bíblia, o pregador, e o Espírito, consideremos agora algumas aplicações.

Deus deu à Bíblia um papel central na História humana. Ele governa por ela. Julga por meio dela. Salva através dela. E seu Espírito trabalha com ela para chamar os eleitos à fé, para amadurecer os santos e para endurecer os réprobos. Por seus vários efeitos, ela até mesmo influencia o destino das nações. A Bíblia deve ocupar um lugar,

⁵ William Barclay, *The Letters to Timothy, Titus, and Philemon, Revised Edition* (Westminster John Knox Press, 1975), p. 200-201.

em nosso ministério, consistente com a autoridade e importância que Deus atribuiu a ela. Qual é a sua autoridade? Qual é a sua importância? Se tivermos uma visão apropriada deste livro, então quando nos referimos à “Bíblia”, isso é apenas uma abreviatura para a porção revelada da mente divina. A partir dessa perspectiva, a Bíblia carrega a própria autoridade de Deus e a própria importância de Deus.

A aplicação negativa é que não devemos permitir que nada comprometa ou substitua o lugar da Bíblia em nosso ministério. A Bíblia pode romper rochas, expulsar demônios, e evocar fogo do céu, porém alguns de nós pensam que precisamos baratear a propaganda para alcançar as pessoas. Que insulto é para Deus pensarmos que a Bíblia é mais eficaz quando apresentada por fantoches, através de cartoons, novelas e filmes, ou qualquer outro artifício produzido pela criatividade humana.

Spurgeon diz aos ministros: “Faremos bem em estar diante de Cristo conscientes de seu poder e presença... Ora, se seu evangelho não conta com o poder do Espírito Santo, não podem pregá-lo com confiança, e serão tentados a utilizar métodos para atrair as pessoas às quais o Cristo crucificado não atrai. Se dependem de tais expedientes, estão degradando a religião que pretendem honrar”.⁷

É sobre isso que estou falando. Há poder na Palavra. Há poder no Espírito. É nesse poder divino que confio quando ministro, quer esteja pregando, escrevendo ou aconselhando. É fútil para mim esforçar-me confiando na carne. Essa dependência do poder divino remove qualquer pressão sobre mim de produzir o que o homem nunca poderá realizar. Devemos proclamar, persuadir e implorar, e então refutar, repreender e relembrar. Mas nem todo mundo crerá – alguns foram preordenados por Deus para a destruição.

Pense comigo sobre como você tem usado a Bíblia – ou melhor, como você não a tem usado. Algumas vezes temos substituído a Bíblia por algo mais sem nos apercebermos. Talvez você tenha debatido evolução com um amigo em diversas ocasiões, tentando convencê-lo do seu erro. Mas agora que pondera sobre isso, você constata que tem tratado com ele inteiramente sobre a base da ciência, usando apenas argumentos científicos. Suponha que agora continue a pensar sobre sua discussão com ele, e até mesmo chegue à conclusão que a evolução é falsa. Agora, no que ele deverá

⁶ Ibid.

crer? Você não lhe disse nada. Você apenas refutou a especulação humana inferior com uma especulação humana superior.

Essa é a verdadeira natureza da ciência — mera especulação humana — e você introduziu algo infinitamente inferior à revelação divina numa tentativa de reforçar a Bíblia. Devemos nos importar se o idiota aprova o gênio? O que importa se o vilão dá o voto de aprovação ao santo? E daí se o irracional vindica o racional? Mesmo que o testemunho do anterior não fosse completamente inútil, escutemos mais o último. Um ministro fica sem poder se em sua própria tentativa de vindicar a Escritura, ele está distraído de proclamá-la.

A Bíblia é suficiente tanto para afirmar como para defender seus próprios ensinamentos. Ela é uma espada poderosa, e devemos desenvolver a habilidade de manuseá-la. Contudo, a maioria das pessoas deve primeiro desenvolver uma confiança nela para depois considerá-la primariamente uma arma, para não dizer a arma exclusiva deles. Somente então eles deixarão de depender de substitutos e de alternativas, e pararão de olhar para a Bíblia como algo inútil que eles devem desesperadamente proteger por métodos extrabíblicos. Uma vez que eles aprendam a respeitar a Bíblia pelo que ela é, eles começarão a vê-la como a arma divina pela qual nossas oposições são destruídas.

Sobre o lado positivo, um entendimento apropriado da autoridade e do poder da Bíblia, bem como do seu papel importantíssimo na História humana, nos previne de nos tornarmos cansados, persistindo em sua propagação frequente e difusa. Isso nos admoesta a nos tornarmos mais deliberados em nosso uso da Bíblia, bem como dar a ela o lugar supremo em situações onde temos negligenciado seu papel e potencial.

Algumas pessoas me dizem que elas desejariam fazer mais em termos de evangelismo, mas carecem de habilidade para defender a fé e, assim, se esforçam para se tornarem mais bem equipadas. O desejo delas de aperfeiçoamento é recomendável, mas se até mesmo metade de um versículo de Provérbios pode converter um homem de negócios mundano que nunca antes tinha mostrado nenhum interesse em religião, então certamente nenhum crente deveria se sentir impotente, ou como se ele não tivesse nenhuma mensagem poderosa que pudesse declarar ao pecador. Certamente, à medida

⁷ C. H. Spurgeon, *Um Ministério Ideal* (Editora PES), p. 106,107.

que a habilidade de alguém aprimora, ele trará mais facilmente à superfície a força que é inerente na revelação divina, de forma que sua verdade se tornará mais prontamente óbvia. Mas, mesmo então, ainda é o Espírito quem deve levar a mensagem até o fundo do coração. Mas com o Espírito, até mesmo metade de um versículo da Escritura inadvertidamente ouvido não-intencionalmente por um incrédulo pode demolir sua obstinação e converter sua alma.

Seria impossível mencionar cada aspecto da nossa vida e ministério, mas consideremos somente mais um. E é este: devemos ser mais deliberados e diligentes em nosso uso da Bíblia ao tratar as crianças. Não devemos estabelecer regras rígidas sobre como devemos fazer isso, mas até mesmo um versículo da Escritura posto na parede pode ser usado pelo Espírito para convencer, converter e santificar uma criança. Ou tal versículo pode ser algo que o Espírito usará para trazer a criança rebelde de volta para Deus muitos anos mais tarde.

Um pregador mencionou que ele foi convertido por um versículo da Escritura escrito na contracapa de uma Bíblia dada a ele por sua mãe. Ele tinha colocado de lado essa Bíblia e nunca a tinha lido, mas leu o bilhete que sua mãe escreveu. O Espírito o fez lembrar-se dele num dia, e aquilo foi suficiente para trazer essa pessoa de volta de muitos anos de viver desordenado. Mas embora Deus possa usar até mesmo metade de um versículo para cumprir a sua vontade, sua prescrição é a imersão total:

Ouçã, ó Israel: O SENHOR, o nosso Deus, é o único SENHOR. Ame o SENHOR, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças. Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar. Amarre-as como um sinal nos braços e prenda-as na testa. Escreva-as nos batentes das portas de sua casa e em seus portões. (Deuteronômio 6.4-9)

A dependência do Espírito faz com que paremos de tentar reforçar a Bíblia com a nossa carne. O que você quer dizer com isso? Para mencionar um aspecto, alguns pregadores usam uma voz monótona, lamentosa, chorosa ou suplicante quando falam. Alguns abaixam suas vozes e tentam parecer misteriosos. Ainda outros são muitos barulhentos e exuberantes por nenhuma razão. Além de ser artificial e aborrecedor, essas tentativas de reforçar as palavras divinas da Escrituras não adicionam nada à substância da mensagem. Não há nenhum poder real, pois não há dependência do Espírito Santo, mas eles tentam fazer os ouvintes responderem à mensagem com esses artifícios tolos.

A verdade é que quando dizemos às pessoas, “Creia nisso”, *elas não crerão* — a menos que o Espírito lhes dê fé. E quando dizemos às pessoas, “Façam isso” ou “Parem de fazer aquilo”, *elas não pararão* — a menos que o Espírito lhes conceda arrependimento e obediência. Nós entregamos a mensagem, mas precisamos que o Espírito cause a reação apropriada nas pessoas e injete a força interior necessária neles para realizar as coisas requeridas deles. É nisto que devemos confiar. Nós apenas tornaremos as coisas piores se tentarmos produzir aquilo que somente o Espírito pode gerar.

Talvez alguns pregadores pensem que devem soar de uma certa maneira para que exibam um senso de seriedade. Mas se essa é a intenção, então que haja um transbordar genuíno a partir do espírito, ao invés de apenas uma demonstração de representação pobre. Seria melhor o pregador abrir uma passagem da Escritura, ler a mesma três vezes, e então mandar todo mundo para casa com uma oração para que o Espírito agisse, a tentar produzir poder e efeito espiritual com a sua carne.

Alguns cristãos sofrem sob dúvida persistente, e muitos lutam com pecados teimosos. Eles precisam saber que ninguém pode simplesmente tomar a exortação da Escritura para crer e então produzir fé em si mesmo por si mesmo. Uma pessoa não pode simplesmente decidir crer em algo que ela de fato não crê. Assim como não podemos nem mesmo tornar nosso cabelo branco ou preto de acordo com a nossa vontade (Mateus 5.36), ainda menos podemos transformar nossos corações de acordo com a nossa vontade, incluindo a tarefa impossível de mudar nossa vontade de acordo com a nossa vontade. Da mesma forma, uma pessoa não progride em santidade

simplesmente porque ela decide que isso deve acontecer. Paulo escreve: “Pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele” (Filipenses 2.13). Falhando em captar esse ponto, muitas pessoas tentam manufaturar por pura força de vontade o que a Escritura demanda e, então, certamente, elas se tornam desapontadas e desiludidas.

Qual é o caminho correto? Não devemos ter nenhuma confiança na carne, mas devemos nos expor à Bíblia, imergir a nós mesmos em suas palavras e seus ensinamentos e, então, orar para que o Espírito as torne eficazes em nossas vidas. A carne é impotente e não serve para nada. A vida e o poder estão na Escritura e no Espírito. Certamente é correto lutar e tentar, bem como manifestar esforço na vida cristã. Mas somente o Espírito pode transformar o coração humano, incluindo o seu. Até mesmo um esforço correto e uma luta frutífera deve vir do Espírito Santo. É ele quem nos concede o esforço espiritual santo e, portanto, é ele quem abençoa isso em nós.

3. ESTUDANTES NO MUNDO REAL

INTRODUÇÃO

Este texto foi originalmente produzido como uma única palestra a estudantes que estavam retornando à escola para um novo ano acadêmico. Para essa publicação, dividi o texto em vários capítulos e realizei uma revisão completa neles. Isso me permitiu desenvolver apropriadamente as ideias principais e apresentá-las de forma mais aproveitável. Além do mais, uma seção “Perguntas e Exercícios” foi adicionada ao final de cada parte para prolongar a atenção do leitor sobre as ideias apresentadas, e ajudá-lo a personalizá-las.

Embora a intenção geral fosse se dirigir a estudantes universitários, especialmente aqueles que estavam entrando em seu primeiro ano na universidade, muitos dos princípios e sugestões aqui sugeridos são facilmente aplicáveis a outras situações. Aqueles que estão cursando ou retornando à escola secundária deveriam ser capazes de adotar o que é dito aqui sem muita modificação. E algumas das ideias apresentadas são ensinamentos bíblicos gerais relevantes a crentes em qualquer estágio da vida.

Como a vida acadêmica ocupa muito do tempo de um estudante, aqui daremos atenção significativa ao engajamento intelectual de um crente com o pensamento não-cristão no contexto da vida escolar. É entendido que a escola envolve mais que estudos acadêmicos, e essa é a razão de abordarmos também outras áreas, embora nada exaustivo possa ser esperado de um texto breve como este. Todavia, creio que fornecerá instrução e encorajamento útil para estudantes cristãos comprometidos com o avanço do Reino dos céus sobre a Terra através de suas palavras e ações.

Finalmente, visto que a audiência pretendida é constituída por estudantes que seguem de perto esse ministério, este capítulo espera alguma familiaridade ou pelo menos fácil acesso aos nossos materiais anteriores. Por essa razão, nem sempre há uma preocupação em apoiar alegações e explicar doutrinas que já discutimos e estabelecemos em outros lugares.

PARTE 1

É frequentemente dito aos jovens que eles devem obter uma educação para se prepararem para “o mundo real”. Essa expressão comum é considerada útil quando alguém quer estabelecer um ponto, mas há muitas coisas erradas com ela, tantas que é impossível oferecer uma lista completa aqui. Assim, devemos ser seletivos quanto ao que dizer, e manter relevância da discussão para o nosso assunto.

Um problema primário com a expressão é que, num contexto como o nosso, quase nunca ela é usada para distinguir o mundo real de algo que é irreal. Em vez disso, a distinção é feita entre uma parte do mundo e outra parte do mundo que é tão real quanto a primeira. Se a educação prepara as pessoas para o mundo “real”, então em que mundo o estudante está vivendo agora? Num mundo imaginário? Mesmo um sonho é um sonho *real* — ele ocorre no mundo “real”. Mas a vida escolar é mais que um sonho. A expressão faz uma distinção que é baseada na significância e permanência percebida, e não na ontologia de realidades diferentes. Assim, ela é enganosa; de fato, a mesma contribui para uma mentalidade desastrosa.

Visto que ela é usada em vários contextos, e que aqueles que a usam são descuidados e imprecisos (senão não a usariam de forma alguma), a expressão tem uma série de significados. Em todo caso, uma pessoa está certamente enganada se chama uma parte do mundo de “o mundo real” em contraste com outra parte do mundo que seja tão real quanto a outra. Talvez a maioria das pessoas nunca tenha considerado a expressão, e a usam por costume. Contudo, além dessa explicação, há certamente também uma medida de arrogância por detrás dela — uma pessoa é tão centrada sobre essa parte diminuta do mundo na qual vive ou sobre a qual se importa, que se refere somente a essa como o mundo “real”. A verdade é que se contássemos todas as crianças, estudantes, monges, camponeses, toda a população rural da China, e todas as pessoas excluídas pela expressão, descobriríamos que o mundo “real” é tão pequeno que a maioria das pessoas — pessoas *reais* — não estão vivendo nele.

Há uma implicação importante para a teologia. Afirma-se com frequência que os cristãos são chamados para se engajarem na cultura, de forma que é antibíblico se retirar do mundo “real”. Se há uma ideia saudável por detrás disso, ela é obscurecida pela

expressão terrível. O que exatamente é esse mundo “real” do qual supostamente não devemos nos retirar? Monastérios são tão reais quanto qualquer outra coisa, e eremitas podem viver em cavernas e cabanas reais. É pecaminoso ser um fazendeiro cujos vizinhos mais próximos estão a milhas de distância? É necessariamente antibíblico ser um pesquisador no Polo Sul? As coisas não são mais reais simplesmente por estarem mais próximas da cidade ou de distritos financeiros.

Uma pessoa que pensa não será influenciada por uma admoestação que descansa sobre tal expressão (ou a ideia implicada por ela), pois percebe que quem fala dessa forma é egocêntrico, condescendente e não muito inteligente. Quer use essas palavras ou não, ele pede que outros se engajem no “mundo real” quando o que quer dizer é que eles deveriam entrar em *seu* mundo, a área muitíssimo diminuta onde ele age.

Chamar a vida após a escola de o mundo “real” é um insulto aos estudantes. É minimizar a significância, as lutas, responsabilidades e realizações deles. A escola *é* o mundo real. Por mundo “real”, os pais frequentemente referem-se ao período de vida quando seus filhos terminam a escola e começam a ganhar o seu próprio dinheiro. Assim, os filhos descobrem que o conceito inteiro de realidade dos seus pais é baseado em ganhar a vida — somente quando alguém alcança esse estágio, a vida *realmente* começa a acontecer. Aqueles que são capazes de pensar um pouco mais profundamente começam então a desprezar o conselho dos seus pais sobre a vida. Enquanto o pensamento desses pais refletir como eles verdadeiramente pensam, é difícil culpar os filhos por perderem o respeito por eles.

À medida que me dirigir àqueles de vocês que são estudantes, não direi que o que vocês estão fazendo tem significância por estar lhes preparando para o mundo real. Não, vocês estão no mundo real *agora* — vocês têm estado nele desde que foram concebidos. É verdade que vocês estão se preparando para a próxima fase importante das suas vidas, mas não estão *apenas* se preparando — vocês já estão *vivendo* no mundo real agora.

Sem dúvida, mesmo aqueles que não usam a expressão podem cometer o mesmo erro que aqueles que a usam, ou seja, mensurar a significância de um período de vida de acordo com a geração de dinheiro, ou qualquer outro padrão arbitrário ou antibíblico. A

Escritura demanda que consideremos cada fase das nossas vidas como significativa, pois é vivida diante dos olhos de Deus.

Por um lado, isso significa que devemos reconhecer suas realizações e não minimizar seus esforços. Significa também que devemos insistir em suas responsabilidades, requerendo que vocês pensem e se comportem corretamente *agora*, e que devemos chamar a atenção para as ramificações das suas ações tanto para o presente quanto para o futuro. Em outras palavras, se estão nesse mundo, vocês são *cristãos* vivendo no mundo real.

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

- Reflita sobre sua infância e educação primária. Mesmo então você estava vivendo no mundo “real”. Quais foram alguns dos desafios que você teve que enfrentar? Como os enfrentou? Você os tratou como um cristão? Se não, o que teria feito diferentemente se fosse um cristão? Que conselho cristão você daria a uma criança ou a alguém que acabou de entrar para a escola?
- Reflita sobre as diferenças entre este período e os estágios anteriores de sua vida. Você aceitou maiores responsabilidades? Quais?
- Considere as mudanças e as responsabilidades adicionais que você enfrentará no próximo estágio de sua vida. Quais podem ser? Você estará passando da fantasia para a realidade, ou haverá significativa coincidência nos assuntos que deve abordar?
- Como os estágios anteriores de sua vida te prepararam para esse período de sua vida? Como você está se preparando agora para o próximo estágio de sua vida?
- Em primeiro lugar, por que esses estágios e períodos de sua vida são definidos por fatos externos e pela sociedade, tais como infância, escola, vocação, aposentadoria e assim por diante? Há alguma justificativa para isso? Há algo que é constante em sua vida, ou algo que proceda em uma programação diferente?
- Existe um princípio ou propósito abrangente que guia e une esses diferentes períodos de sua vida? Qual? De que forma você é governado por esse princípio abrangente, e de que forma você é governado por esses estágios da vida (escola, carreira, família, aposentadoria, etc.)?
- Como um não-cristão responderia a essas perguntas? E o que você pensa sobre as respostas dele? Se você conclui que uma resposta de um incrédulo pode somente terminar em futilidade e desespero, como sua fé faz alguma diferença? A diferença é apenas psicológica ou é de grande importância?

- Se você não é um estudante universitário, modifique essas perguntas de forma que se apliquem à sua situação presente, e então tente respondê-las.

PARTE 2

Muitos cristãos professos perdem seu zelo ou apostatam da fé quando grandes transições ocorrem em suas vidas. Uma razão para isso é que quando uma pessoa entra numa nova situação que demanda seu tempo e atenção, e na qual deseja exceder, ele deve reavaliar suas prioridades. Novos itens são adicionados à sua rotina diária, e alguns antigos são abandonados. Para alguns, se Deus ao menos está na lista, ele é relegado a um apêndice no final. Os cristãos frequentemente enganam a si mesmos ao pensarem que podem fazer tudo o mais primeiro, para então poder voltar e dar atenção à sua fé com qualidade sem distração.

Contudo, o Senhor nos admoesta a pensar na direção oposta (Mateus 6.33).¹ Assim, um dos primeiros princípios no qual qualquer cristão em qualquer fase de sua vida deve se basear é honrar a Deus como o centro de sua vida diária e fazer da comunhão com Deus o fundamento de todas as suas outras atividades. Você não é um estudante que está lutando para permanecer como um cristão nas horas vagas; você é um cristão que se tornou um estudante agora.

Isso parece clichê, mas é um ensinamento verdadeiro que deve ser implementado. Simplesmente porque você o ouviu muitas vezes não significa que o está praticando. Estamos falando sobre mais que uma atitude, visto que isso requer que você arranje todas as atividades ao redor de sua fé. Ela deve afetar toda decisão com respeito à forma como você gastará seu tempo e energia. Estamos falando de um modo de pensamento que governa sua vida e produz resultados concretos. Você realmente tem que agir e fazer mudanças, e deve ser óbvio quando não está fazendo isso.

Por exemplo, sua programação acadêmica deve ser construída ao redor de sua fé e abrir caminho para ela. Participar de vários cursos exigidos pode construir um currículo impressionante, e participar ainda mais de outros pode até mesmo assegurar uma graduação mais rápida. Contudo, se isso significa que haverá um sacrifício do tempo dispensado para as coisas de Deus – tais como estudo, oração, comunhão e ministério — então você deve conter suas ambições acadêmicas. Enquanto você tiver a atitude que “deixará espaço” para a sua fé em sua programação, continuará empilhando

¹ Veja Vincent Cheung, “O Reino em Primeiro Lugar.”

esportes, clubes, festas, e assim por diante, de forma que num belo dia você poderá ter somente dez minutos de sobra no final da noite para a oração, logo antes de cair num sono profundo.

Falando de sono, o que dizer sobre acordar uma hora mais cedo toda manhã para orar? Quando eu estava na escola secundária, levantava às 5h30 toda manhã, de forma que pudesse orar de quarenta e cinco minutos a noventa minutos antes do café da manhã. Não há forma mais apropriada para começar um dia. Mas não há nenhuma necessidade de imitar alguém ou se tornar legalista sobre isso – o ponto é que você sempre terá mais que tempo suficiente para as coisas de Deus se arrumar o tempo para elas primeiro.

Como um cristão, eu nunca estudei intensamente para um exame na escola secundária e na universidade. De fato, nunca perdi o sono por causa de algum trabalho escolar. Nunca fiz algo após a hora de dormir. Mesmo quando tinha um trabalho escrito ou uma prova no dia seguinte, após gastar uma quantidade limitada de tempo nisso, eu parava tudo e retornava aos meus estudos bíblicos e à obra do ministério. Isso não quer dizer que todas as pessoas devem seguir esse padrão, ou que é errado estudar intensamente para provas. Exceções ocasionais que tiram o tempo da oração e do ministério podem ser aceitáveis (embora não as permita para mim mesmo), mas o crente deve se assegurar de que isso não se torne um hábito, e hábitos são construídos com exceções repetidas, até que não sejam mais exceções.

Em todo caso, eu não negligenciei meus trabalhos escolares e minhas notas. O desempenho acadêmico era parte do meu testemunho cristão não somente diante dos homens, mas principalmente diante de Deus, visto que um crente deve diligentemente labutar nas tarefas que lhe são atribuídas. Eu mantive uma média de notas alta durante todos os meus anos na escola secundária e na universidade, e me graduei com honras. É sempre possível colocar sua fé em primeiro lugar e ainda obter notas acima da média; contudo, dependendo de vários fatores, tais como suas habilidades acadêmicas, você pode ter de escolher um curso e uma vida social mais manejáveis do que preferiria. E se você der atenção à sua fé, ela aumentará seu desempenho em outras áreas. Deus é capaz

de conceder sabedoria ao seu povo não somente quando diz respeito às coisas espirituais, mas também em “todos os aspectos da cultura e da ciência” (Daniel 1.17).²

Fé não é inteiramente um assunto particular. Há também a questão da comunhão da igreja. Se sua escola é perto de casa, então não há nenhuma necessidade de mudança. Mas se você é um estudante internato, terá de encontrar um novo lugar para a adoração e o ministério corporativo. Embora grupos e igrejas cristãs abundem em e ao redor de muitos campos, muitos deles são apáticos em espírito, confusos em doutrina e, assim, perigosos para crentes novos e não-instruídos. Eles não adiantarão muito para sustentar ou promover seu progresso espiritual. Assim, a menos que você encontre uma das melhores igrejas ou grupos, a única razão para frequentar é amiúde para oferecer sua assistência e encorajamento; à medida que fizer isso, Deus energizará sua fé e lhe ensinará os seus caminhos.

É frequentemente dito que os crentes precisam de comunhão constante até mesmo para sobreviver, para não dizer crescer na fé. Aqui está outro clichê, mas desta vez é falso. Em sua providência, Deus algumas vezes ordena que uma pessoa deva permanecer sozinha. A chave está no aprendizado que um cristão nunca está verdadeiramente sozinho, pois Deus está com ele. Antes de eles o abandonarem, Jesus disse aos seus discípulos: “Aproxima-se a hora, e já chegou, quando vocês serão espalhados cada um para a sua casa. Vocês me deixarão sozinho. Mas eu não estou sozinho, pois meu Pai está comigo” (João 16.32). Devemos seguir o padrão de Cristo sempre, exceto nisso?

Algumas vezes, argumenta-se que até mesmo Cristo rodeou a si mesmo com discípulos para ajudá-lo em sua obra. Contudo, é óbvio a partir dos Evangelhos que, exceto para ajudá-lo com alguns trabalhos práticos, os discípulos foram mais um fardo para ele do que qualquer outra coisa. Ele foi repetidamente aborrecido por eles e os repreendeu por sua falta de fé e entendimento. Ele reuniu esses discípulos não porque precisava deles, mas porque eles precisavam dele para ensinar-lhes, de forma que pudessem se tornar suas testemunhas e desenvolver os seus ministérios após sua ascensão.

² “Em todos os tipos de literatura e aprendizado”, na versão do autor. [N. do T.]

Então, as pessoas gostam de falar sobre “equipe de ministério” e a “companhia apostólica” usando Paulo como o exemplo primário. Certamente, Paulo preferia trabalhar juntamente com outros crentes fiéis, e assim deveríamos nós fazer, mas ele também percebia que as pessoas nem sempre são confiáveis. Ele escreveu: “Na minha primeira defesa, ninguém apareceu para me apoiar; todos me abandonaram. Que isso não lhes seja cobrado. Mas o Senhor permaneceu ao meu lado e me deu forças, para que por mim a mensagem fosse plenamente proclamada e todos os gentios a ouvissem. E eu fui libertado da boca do leão” (2 Timóteo 4.16-17). De encontro com o que muitos ensinam hoje em dia, Paulo rejeitava a ideia de que um crente certamente cairia se permanecesse sozinho.

Aqui está a diferença entre um líder e um seguidor. Não é que um líder prefira permanecer sozinho; pela fé em Deus ele *pode* permanecer sozinho e pode se desenvolver muito bem à medida que o faz. De fato, algumas vezes você está muito “sozinho” quando há crentes de todos os lados — considere os três mil homens de Judá que traíram Sansão e o entregaram aos filisteus (Juízes 15.11). Se na providência de Deus você deve permanecer sozinho, então saiba também que é capaz disso, pois ele é fiel para evitar que você caia.

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

- À medida que um novo ano acadêmico começa, quais mudanças estão acontecendo em sua vida? Existem novos problemas e novas oportunidades? Quais são, e porque são importantes? Essas mudanças são internas ou externas? São espirituais, intelectuais ou sociais? Como você está respondendo a essas mudanças? Há um princípio constante ou ponto de referência que governa suas decisões?
- Você concorda que deveria se considerar um cristão acima de tudo o mais? E é assim que você pensa sobre si mesmo na realidade? A Escritura nos ensina a treinar na fé como soldados e atletas. Você tem feito isso? Cite exemplos concretos — ações que realizou, decisões que tomou — ilustrando que de fato sua fé é sua prioridade.
- Você consegue pensar em ocasiões nas quais falhou em colocar sua fé em primeiro lugar? De que forma você comprometeu sua fé ou o tempo e atenção que dá às coisas espirituais? Cite exemplos.
- O que você pode fazer para melhorar? Não responda em termos gerais ou em termos de sentimentos e resoluções, embora sejam úteis, mas forneça soluções específicas desenvolvidas para a sua situação. Mencione as horas, dias da semana, durações, localidades, ações, e assim por diante. A razão disso não é se tornar legalista, mas o fato de um plano muito vago nunca ser executado.
- Liste as igrejas e comunidades que se reúnem nos campi ou ao redor deles. Considere suas características em detalhe. Considere sua força e fraqueza, sua fidelidade à Escritura, à Grande Comissão e as oportunidades de ministério disponíveis. Considere como você se relacionaria com cada grupo. Reserve tempo para orar, pensar e investigar antes de se comprometer com qualquer um deles.

- Uma “equipe de ministério” é *sempre* melhor? Quando é melhor, e quando não é? Quanto da sua ideia de equipe de ministério vem do mundo dos negócios secular? Quanto vem da Escritura?
- Considere os projetos em grupo na escola. Existem ocasiões em que você prefere trabalhar sozinho? E existem ocasiões em que você prefere trabalhar em grupo? Por quê? E por que alguns professores fazem os estudantes trabalharem em grupo de qualquer forma? Eles estão corretos?
- Quais são as diferenças entre projetos escolares, projetos de negócios e projetos de igreja ou ministério? Quais são as diferenças entre crenças, propósitos e os fundamentos para unidade e cooperação?
- Existem outros clichês, seja da igreja ou do mundo, que você deveria rejeitar, redefinir ou pelo menos reconsiderar? Dê exemplos.

PARTE 3

A universidade deveria ser uma instituição para aprendizagem, pesquisa e troca de ideias. Contudo, os cristãos ficam desapontados frequentemente pelo fato de muitas dessas ideias, propagadas como conhecimento estabelecido, serem nada mais que falsas alegações e preconceitos irracionais que minam e contradizem a fé bíblica. Porque há tanta oposição contra o Cristianismo na universidade, trata-se de um lugar onde a sua fé será testada.

Para algumas pessoas, a pressão é tão insignificante que eles raramente a observam, enquanto outras passam por luta constante, lidando com questões que vêm de todos os lados. Alguns assumem que a universidade ensina a verdade e desejam manter a sua fé mesmo quando as duas entram em conflito, ou tentam de alguma forma harmonizá-las. Então, inúmeros estudantes abandonam completamente sua profissão de fé. Esses são os mais tolos e indignos.

Parte da pressão que os crentes experimentam na universidade é produzida pela falsa impressão de que as pessoas ali são inteligentes. Percepção é importante porque muitos cristãos superestimam os incrédulos que encontram e, assim, falham em observar as suas asneiras intelectuais. Minha fé nunca esteve sob qualquer ameaça na faculdade, visto que descobri que os estudantes e professores não-cristãos eram burros e irracionais. Manter a minha fé não foi um problema. O desafio estava em limitar demonstrações grosseiras de desdém pela erudição deles.

Os crentes devem dividir uma perspectiva correta com respeito ao intelecto dos não-cristãos a partir da Escritura, que nos ensina que todos eles são tolos e ímpios, e que os cristãos são os iluminados pelo Espírito de Deus e instruídos pela sua Palavra. Isso significa que, embora o crente deva ser capaz de defender a sua fé, não há como um não-cristão justificar aquilo em que ele crê e a forma como se comporta. Os não-cristãos são aqueles que deveriam ser intimidados por nós, por temor que exponhamos seu pensamento irracional e estilo de vida depravado.

Ora, quando entrar num conflito intelectual com um incrédulo, primeiro você precisa permanecer sobre um fundamento forte e possuir uma compreensão firme de sua

própria posição. Isso significa que você deve ter um entendimento correto e abrangente da teologia cristã. A Bíblia exibe perfeita verdade e coerência e, na extensão em que sua teologia for fielmente derivada dela, ela exibirá a mesma perfeição intelectual. Aquilo que é intelectualmente perfeito é também intelectualmente invencível. Mas se sua cosmovisão é impregnada de humanismo, pluralismo, inclusivismo, empirismo, cientismo, ou mesmo arminianismo, calvinismo incoerente, e outros ensinamentos antibíblicos, então ela é vulnerável a ataques.

O conteúdo da sua teologia é essencial, e você precisa de mais do que um entendimento superficial acerca dela. É insuficiente meramente memorizar as fórmulas corretas das doutrinas bíblicas, mas você precisa conhecer suas garantias bíblicas, bem como as relações entre essas doutrinas.¹ Somente então o seu ataque e defesa podem se tornar consistentes e flexíveis ao mesmo tempo, fluindo naturalmente com a conversação sem hesitação ou compromisso. Você não ficará preso a recitar fórmulas teológicas, e não será confundido simplesmente porque seu oponente altera a linguagem de alguns antigos argumentos e objeções.

Então, você precisa de uma abordagem para o engajamento intelectual que seja tanto flexível como invencível, que possa se adaptar a qualquer situação e que sempre vencerá.² Para o nosso propósito, agruparemos as principais abordagens apologéticas em duas categorias gerais.

O primeiro tipo de apologética é o evidencialismo, um nome enganoso, mas aceitável. Incluiremos tanto a apologética clássica como a evidencial sob essa categoria. Esses dois métodos compartilham similaridades suficientes, de forma que podemos discuti-los juntamente, mas há também diferenças significativas entre eles. Como dessa vez preferimos a conveniência à precisão, usaremos o termo “evidencialismo” para representar as duas escolas de apologética.

O evidencialismo tem três fraquezas principais.

Primeiro, em termos bíblicos, ele é infiel. Suas suposições, raciocínios e interações não refletem o que a Escritura diz sobre Deus, o homem, a verdade e o pecado. Mas, como estamos fazendo apologética para defender a fé da Escritura, essa

¹ Veja Vincent Cheung, *Introdução à Teologia Sistemática*.

abordagem mina seu próprio propósito professo desde o início. E se a Bíblia é uma revelação da verdade, então algo que a contradiz deve ser falso.

Segundo, em termos de racionalidade, ele é impossível. Ele começa e prossegue com os mesmos primeiros princípios — a mesma base irracional — que os incrédulos afirmam. O não-cristão confia em sua própria sensação, mas não pode fornecer uma justificativa para o empirismo. Ele apela à sua intuição, mas não pode mostrar que ela reflete outra coisa que não seu preconceito subjetivo. Ele confia no raciocínio indutivo, mas não pode demonstrar sua validade racional. Ele pratica o método científico que, além de ser formalmente falacioso, geralmente depende da indução, sensação e também da intuição.

Em conexão com isso, note que nossas três críticas contra o evidencialismo são de fato direcionadas para o método de raciocínio não-cristão. O fato é que o evidencialismo simplesmente adotou a mesma abordagem não-cristã. Nesse caso, essas três críticas contra o evidencialismo também destroem os argumentos que os incrédulos usam contra a fé cristã.

Terceiro, falando de maneira prática, o evidencialismo não pode ser usado. Mesmo que ignoremos a primeira e a segunda série de problemas com o evidencialismo, na prática, a sua eficácia depende da credulidade do oponente. Essa abordagem pode fazer afirmações e alegações sobre “evidências” que apoiam essas afirmações, mas não pode apresentar essas evidências no momento do debate. Os dados científicos relevantes, os fragmentos de manuscritos, os artefatos antigos, e assim por diante, não estão prontamente disponíveis ou são portáteis para que a pessoa possa mostrá-los ao oponente como argumentos feitos sobre a base dessas evidências.

Além do mais, devido às inúmeras premissas dos argumentos evidenciais, e à complexidade envolvida em estabelecer cada premissa, pode-se levar de vários minutos a várias décadas para simplesmente passar da primeira premissa em quase cada argumento usado no evidencialismo. Sem dúvida, em quase todo caso, há muitas premissas com as quais o incrédulo nunca concordará. E visto que essas premissas dependem de métodos irracionais (sensação, intuição, indução, ciência, etc.) para serem

² Para mais sobre apologética, veja Vincent Cheung, *Questões Últimas, Confrontações Pressuposicionistas, Apologética na Conversação, e Cativo à Razão*.

estabelecidas, o evidencialismo permite que o incrédulo obstinado mantenha indefinidamente a sua resistência.

Portanto, a menos que o oponente creia cegamente no cristão com respeito a essas evidências, ou a menos que a partir da exposição anterior ele já esteja convencido delas (com tão pouca justificação quanto o crente agora as usa), o melhor que o evidencialista pode esperar contra um incrédulo verdadeiramente cético é um empate. Dito isso, por existir mais que o suficiente de incrédulos irracionais e crédulos, o evidencialismo tende a alcançar um sucesso maior do que merece.

O segundo tipo de apologética é o pressuposicionalismo. Essa abordagem recusa assumir primeiros princípios antibíblicos como o ponto de partida e estabelecer o caso para a fé sobre essa base. Em vez disso, o pressuposicionalismo debate esses primeiros princípios, bem como a própria ideia de primeiros princípios, e recomenda a revelação divina como o fundamento necessário para todo pensamento e conhecimento, mostrando como ela autentica a si mesma e destrói todas as visões opostas.

Essa abordagem é vastamente superior ao evidencialismo. Ela se engaja com o incrédulo num nível totalmente diferente. Visto que o evidencialismo permanece sobre um fundamento irracional, o melhor que o cristão pode fazer ao usá-lo é mostrar que ele é menos irracional e o não-cristão é mais irracional. Mas tal abordagem não pode fornecer informação positiva sobre algo ou justificação para alguma alegação. Se for usado de alguma forma, sua função é negativa e o seu resultado é parcial. Por outro lado, o pressuposicionalismo alcança o próprio fundamento da racionalidade e conhecimento, e os primeiros princípios e conteúdos, de verdades necessárias.

Contudo, antes de continuarmos, devemos fazer a distinção entre o pseudopressuposicionalismo e o pressuposicionalismo bíblico. Isso porque existe uma escola de pensamento que chama a si mesma de apologética pressuposicional, mas na realidade começa a partir de pressuposições não-bíblicas, de forma que não possui nenhuma das vantagens que se aplicam à apologética pressuposicional verdadeira.

O pseudopressuposicionalismo afirma que muitas das ferramentas intelectuais que os incrédulos usam são de fato racionalmente corretas, incluindo a sensação, intuição, indução e ciência. Contudo, dois problemas surgem quando as usamos. Primeiro, mesmo que essas ferramentas intelectuais realizem com confiança sua função

esperada, os incrédulos não podem explicá-las de forma racional. Segundo, sem a revelação divina para fornecer os princípios ou pressuposições intelectuais controladoras, os incrédulos usarão essas ferramentas incorretamente, permitindo e produzindo conclusões falsas.

Existem, conseqüentemente, dois problemas fatais com o pseudopressuposicionalismo.

Primeiro, seus aderentes abraçam ferramentas e ideias intelectuais que são inerentemente irracionais, de forma que, mesmo que sustentem a revelação divina como o seu fundamento, ainda não podem justificá-las ou explicá-las. Assim, permanece o fato que essas ferramentas e ideias permitem e produzem conclusões falsas de qualquer forma. E segue-se que introduzi-las em sua cosmovisão é envenenar o sistema inteiro.

Por exemplo, ao confrontar os incrédulos e até mesmos os evidencialistas, os pseudopressuposicionalistas organizam todos os tipos de argumentos contra a certeza das investigações empíricas. Embora não digam que as sensações não podem fornecer conhecimento de forma alguma, eles insistem que os incrédulos não podem explicar a confiança deles em suas sensações, e que suas sensações no mínimo os enganam algumas vezes.

Mas após ter afirmado a revelação divina como a condição necessária para todo conhecimento, eles nunca vão adiante para oferecer uma demonstração precisa sobre como ela explica uma confiança nas sensações ou a crença que nossas sensações fornecem uma forma basicamente confiável de obter conhecimento. Eles simplesmente afirmam que é assim, e às vezes até mesmo lançam várias passagens bíblicas que alegam apoiar o ponto de vista deles sem realmente mostrar a relevância das passagens ou mostrar que elas de fato provam o que eles alegam. Da mesma forma, eles falham em explicar ou justificar a intuição, indução e ciência, entre outras coisas.

Segundo, eles não somente falham tão miseravelmente quanto os incrédulos em justificar ou explicar a sua confiança na sensação, intuição, indução e ciência, mas até mesmo admitem que essas formas irracionais de conhecimento e raciocínio são necessárias para descobrir os conteúdos da revelação divina. Em outras palavras, embora aleguem que é a revelação que explica, digamos, nossas sensações, são as nossas sensações que nos permitem acessar a revelação em primeiro lugar.

O resultado não é apenas um círculo vicioso desintegrando numa massa de confusão e absurdo; é pior do que isso: eles se colocam na posição exata dos incrédulos — fazem de si mesmos e da sua investigação humana o centro e a precondição de todo conhecimento. Eles colocam explicitamente a revelação debaixo da sensação, intuição, indução e ciência. E, de muitas formas, isso é até mesmo pior que uma filosofia explicitamente anticristã que tem senso suficiente para questionar epistemologias irracionais.

É fútil afirmar que esse sistema de pensamento consiste em uma rede de crenças ao invés de um círculo autodestrutivo. A ideia é somente plausível se a sensação pode de fato acessar a revelação, e se ao mesmo tempo a revelação de fato afirma a confiabilidade da sensação. Visto que eles não podem demonstrar o último, o primeiro permanece inexplicável e injustificável. Assim, não há nenhuma “rede” autossustentadora ou autojustificadora de forma alguma, visto que os vários pontos dentro dessa chamada rede são de fato hostis uns aos outros.

Portanto, o pseudopressuposicionalismo apresenta um mero despiste contra os incrédulos — sua confusão é a sua única força. E ele deixa como o seu legado um dos maiores embaraços da História do pensamento cristão. Para a nossa decepção, essa é também a escola predominante de pressuposicionalismo. Ela faz fortes alegações e tem inúmeros seguidores, mas na realidade torna a fé cristã não menos vulnerável que qualquer outra cosmovisão irracional, visto que seu próprio fundamento é o irracionalismo anticristão.

Tal escola faz uma crítica pressuposicional ao evidencialismo, mas no final faz dos princípios do evidencialismo seu próprio ponto de partida epistemológico. Ela prospera mediante a boa vontade dos crentes em pensar que eles estão submetendo todos os seus pensamentos a Cristo sem ter verdadeiramente questionado o comprometimento deles para com princípios antibíblicos. Como o evidencialismo, ela é antibíblica, irracional, impraticável e também hipócrita. Contudo, assim como o evidencialismo, por haver mais que o suficiente de incrédulos irracionais e crédulos neste mundo, ela pode alcançar certa medida de sucesso. Além disso, a grande confusão que ela gera pode frequentemente fazer com que os incrédulos hesitem antes de perceber que a abordagem toda nada mais é do que um absurdo autocontraditório.

Assim, não rejeitamos apenas o evidencialismo, mas também o pressuposicionalismo falsificado. Em vez disso, voltamo-nos para abraçar um pressuposicionalismo bíblico — a abordagem que verdadeiramente afirma a revelação como o único fundamento para a racionalidade e o conhecimento. Essa abordagem pode ser corretamente designada por vários termos, cada um enfatizando um aspecto diferente dela. Para distingui-la do pseudopressuposicionalismo, nomes como fundamentalismo bíblico e racionalismo bíblico são preferidos.

Os cristãos tendem a recuar diante de qualquer coisa que venha sob o rótulo de “racionalismo”, mas aqui estamos usando a palavra num sentido literal e não em seu sentido histórico ou popular. Algumas formas de racionalismo alegam captar a verdade pela “razão” somente, e rejeitam a revelação desde o princípio. Sem dúvida, não é isso que queremos dizer por racionalismo nesse contexto. Tanto cristãos como não-cristãos têm investido a palavra com tantos significados extras, que raramente ela representa a mera racionalidade, mas é frequentemente entendida como um conjunto de falsas suposições sobre epistemologia.

Assim, por “razão” somente, algumas pessoas incluem a ideia de usar a intuição para obter as premissas necessárias, mas eles não possuem nenhuma justificção para isso. É também comum identificar razão com o uso da sensação e da ciência. Esse é a razão de algumas pessoas se queixarem do meu abandono à razão quando rejeito a ciência como uma forma racional de conhecer algo sobre a realidade, embora eu faça isso precisamente porque a ciência falha em passar pela mais simples análise lógica. É porque os cristãos têm aceitado também esse conceito deturpado de razão que eles evitam colocar muita ênfase sobre ela: por temor de exaltar os poderes do homem acima da revelação divina. Contudo, essa preocupação é desnecessária, uma vez que retiramos a bagagem extra adicionada à razão.

Ora, a primeira definição do dicionário *Merriam-Webster* para “racionalismo” é “confiança na razão como a base para o estabelecimento da verdade religiosa”. E sua segunda definição para “razão” diz: “o poder de compreender, inferir ou pensar, especialmente em formas racionais sistemáticas”. Não há nada nessas definições que pressuponha rejeição à revelação desde o princípio.

Então, visto que a mente de Deus é perfeitamente racional assim como a sua revelação, isso significa que qualquer coisa que contradiga a revelação divina é irracional. Dessa perspectiva, não há nada errado em identificar a revelação absolutamente com a razão — isto é, a revelação é razão com conteúdo. De fato, ao invés de adotar uma das posições tradicionais — *fé contra* razão, *fé e* razão, *fé acima* da razão, e assim por diante — tomamos a posição bíblica de que a fé é razão. Para evitar confusão, “razão” pode se referir ao pensamento logicamente válido sem referência a conteúdo, e “Razão” pode se referir à razão com conteúdo, isto é, a autodivulgação da mente de Deus, ou de Cristo o Logos.

A confusão em torno da palavra “razão” vem parcialmente do fato que a razão ou a lógica em si não possuem conteúdo. A lógica em si não pode chegar a nenhum lugar nem alcançar nenhuma conclusão, mas uma pessoa deve alimentá-la com premissas para começar o processo de pensamento. E isso, por sua vez, requer uma epistemologia, uma forma de conhecer essas premissas. Talvez por causa disso, as pessoas identificam seu princípio epistemológico favorito com a própria razão. Contudo, se a epistemologia é falha — isto é, se ela supre premissas falsas, ou não pode justificar suas premissas — então a lógica apenas levará o pensador de um erro para outro.

Por um lado, o racionalismo bíblico coloca uma grande ênfase sobre a razão, mais que qualquer outro sistema de pensamento. E, por outro lado, sua confiança única na Escritura como fonte de premissas verdadeiras significa que nenhuma ênfase forte demais sobre a revelação é possível. Começando pela revelação infalível de Deus, ele procede para deduzir o sistema inteiro de crença de uma pessoa, defendê-lo, e refutar todas as religiões e filosofias não-cristãs. O racionalismo bíblico condena a confiança na intuição e na sensação em sua epistemologia, pois não podem fornecer as premissas verdadeiras necessárias para o pensamento racional. E ele recusa a aceitação de conclusões alcançadas pelo raciocínio indutivo e científico, pois esses são métodos logicamente inválidos de processamento de informação.

Visto que o racionalismo bíblico meramente processa e aplica a revelação divina, ele permanece simples e flexível no fato que é ao mesmo tempo um sistema de teologia, filosofia e apologética. Diferente do pseudo-pressuposicionalismo, por praticar

uma verdadeira confiança na revelação divina, e pelo fato de a revelação ser infalível, o próprio racionalismo bíblico é verdadeiro, coerente e invencível em conflitos intelectuais. E porque ele presta atenção aos seus próprios princípios básicos e aos dos outros, o racionalismo bíblico dá um golpe mortal no sistema de pensamento do incrédulo em cada argumento que propõe e em cada resposta que oferece. A cada investida, golpeia severamente o fundamento do pensamento não-cristão. Repetidamente, ele expõe a futilidade intelectual e a depravação moral de tal pensamento. E em qualquer ponto na conversação, é capaz de apresentar a luz da revelação de Deus através de Jesus Cristo.

O não-cristão apela ao seu próprio modo de conhecimento, alegando que tem informação que lhe dá uma saída. Ao invés de dizer que o incrédulo simplesmente não pode explicar essa informação, ou que, embora seu modo de conhecimento possa ser confiável, a informação é de certa forma errônea, a apologética bíblica destrói tudo desse absurdo e destrói tudo do que depende o incrédulo, tudo ao mesmo tempo, deixando-o sem ajuda e sem escusa, sustentando o evangelho de Jesus Cristo como a sua única esperança.

Além disso, embora seja sempre apropriado preparar-se tanto quanto possível, porque as suas únicas dependências são a revelação e a racionalidade, o apologista bíblico pode entrar em qualquer debate contra qualquer pessoa plenamente convicto de sua vitória, mesmo sem conhecer de antemão o tipo de pessoa com quem debaterá ou o tipo de argumentos e objeções que serão levantados.

Dito isso, porque o apologista bíblico entende a verdadeira natureza da epistemologia falsa e do raciocínio inválido, ele pode livremente selecionar argumentos de todo o campo clássico e evidencial no curso do debate. Ele não depende deles para provar o seu próprio caso, mas somente para mostrar que o incrédulo é derrotado mesmo que seus princípios não-bíblicos sejam permitidos. Em outras palavras, ele mostra que o incrédulo não pode manejar nem suas próprias armas, embora essas armas sejam impotentes antes de qualquer coisa. E visto que o apologista bíblico deixa claro que ele emprega esses argumentos clássicos e evidenciais para realizar uma função negativa, eles nunca podem sair como um tiro pela culatra contra ele.

Ora, há outras escolas de apologética além das que foram consideradas acima. Por exemplo, alguém pode demonstrar a superioridade da fé cristã examinando a História, cultura e literatura. Podemos chamá-las de apologética histórica, cultural e literária. Nossos materiais frequentemente não as mencionam quando comparam as diferentes abordagens porque esses métodos nem mesmo tentam apresentar um caso racional, mas antes focam os efeitos e os sentimentos gerados pelas ideias cristãs *versus* as ideias não-cristãs.

Argumentos práticos e existenciais não são convincentes e, a partir de uma perspectiva estritamente racional, eles geralmente não contribuem para nada a favor do caso de alguém. Simplesmente porque as ideias não-cristãs têm se provado destrutivas para a sociedade, não significa que sejam erradas. Estabelecer esse ponto não faz nada para refutar os não-cristãos, a menos que possamos de alguma forma provar que o que é destrutivo é falso também.³ E mesmo que estabeleçamos o caso que as ideias cristãs têm contribuído para o progresso da ciência, educação e governo, e daí? Isso não significa necessariamente que o Cristianismo é correto ou bom.

De fato, devemos tomar cuidado para que, ao estabelecer o caso que o Cristianismo é superior de uma maneira prática e existencial, ele não seja reduzido, nas mentes de outros, a algo meramente prático e existencial, ou que sejam levados a crer que cremos nele somente pelos benefícios práticos e existenciais. Se o reduzirmos a tal nível será fácil também pensar nele como substituível, tão logo algo tão praticamente eficaz e existencialmente satisfatório quanto seja inventado. Se essa é a base para a fé, então até mesmo a possibilidade de um sistema de crença similar ser inventado é suficiente para neutralizar qualquer alegação de exclusividade. As visões não-cristãs devem ser excluídas por necessidade lógica, e não apenas sobre o nível prático ou existencial.

Nossa alegação é que o Cristianismo deve ser afirmado porque ele é verdadeiro e racionalmente necessário. Somente o pressuposicionalismo bíblico pode argumentar a favor disso com sucesso e, portanto, essa é a nossa abordagem principal; a única necessária em uma discussão com os incrédulos. Os argumentos a partir de outros

métodos podem ser empregados como adições opcionais para tornar nossa apresentação subjetivamente mais convincente aos incrédulos enquanto deixamos claro que não consideramos o Cristianismo verdadeiro sobre a base desses argumentos opcionais, inferiores e até mesmo racionalmente irrelevantes. O único valor lógico que eles fornecem é expor a autocontradição dentro dos sistemas não-cristãos.

De fato, porque a apologética clássica e evidencial não pode se autossustentar, e porque o pseudopressuposicionalismo se autodestrói, a apologética bíblica é a única abordagem que dá uma plataforma segura para esses argumentos clássicos, evidenciais, práticos e existenciais. Precisamente porque não dependemos deles e não alegamos muito a favor deles, eles podem ser agora usados de maneira plena sem destruir nosso caso ou comprometer nossa integridade intelectual.

³ A definição do que é destrutivo também é um problema, visto que requer um padrão absoluto de medida, de forma que uma vez que consigamos defender uma definição da palavra, já teremos estabelecido a fé cristã.

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

- Ao defender a fé contra incrédulos, eles lhe dão algum problema? Que tipo de pessoas são eles — estudantes, professores, pais? Em que contexto você conversa com eles sobre o evangelho? Que tipo de argumentos você usa para desafiar a fé deles?
- Por que você acha algumas dessas objeções difíceis de responder? É porque você consciente ou inconscientemente simpatiza com algumas das suposições antibíblicas por detrás dessas objeções, de forma que não pode ver a natureza falaciosa delas? O que são essas suposições antibíblicas? Por que você simpatiza com elas? O que você pode fazer sobre essa simpatia pecaminosa em relação ao pensamento antibíblico?
- Como você percebe esses incrédulos? Você os considera inteligentes, corretos e compassivos, sendo que apenas não aceitaram o evangelho ainda? É isso o que a Escritura diz sobre os incrédulos? O que ela realmente diz sobre eles? E por que você tem sustentando uma estimativa antibíblica dos não-cristãos? Se a Escritura não ensina tal coisa, quem lhe ensinou?
- Ao examinar o que a Escritura realmente diz sobre os incrédulos, como essa informação influencia sua percepção deles? E como isso, por sua vez, influencia a forma como você interage com eles e o fato de ser intimidado por eles ou não?
- Quais as diferenças entre a apologética clássica e a evidencial? Mencionamos que existem problemas insolúveis com ambas as abordagens, mas das duas, qual é superior? Por quê?
- Examine as várias versões do argumento cosmológico. Elas empregam diferentes pontos de partida? Por quê? Quais problemas os apologistas tentam evitar com a seleção desses pontos de partida? E quais particularidades nessas premissas eles estão tentando evitar? Eles são bem-sucedidos nisso?
- Obtenha pelo menos duas apresentações completas do pseudopressuposicionalismo. Use somente os melhores argumentos de seus proponentes principais e mais

confiáveis. Leia-os e então os refute. No processo, considere o que eles dizem sobre sensação, intuição, indução e ciência tanto antes como depois de afirmarem o pressuposicionalismo como a solução. O chamado pressuposicionalismo deles é capaz de responder os próprios argumentos que eles usam contra o evidencialismo? Ou ele é desmoronado sob as mesmas críticas? Explique e demonstre suas conclusões.

- Localize um debate escrito ou a transcrição de um debate oral entre um ateuista e um pseudopressuposicionalista. De preferência, ambos devem ser os representantes mais bem considerados e consagrados em seus campos.

Você descobrirá que o ateuista perde o debate. Ao mesmo tempo, visto que seu oponente é um pseudopressuposicionalista, você descobrirá que a derrota dele não é tão decisiva como você preferiria ou esperaria. Você pode descobrir que o crente permite que seu oponente use muitas suposições falsas. Isso se deve ao fato de que, sendo um pseudopressuposicionalista, ele também compartilha muitas dessas suposições antibíblicas. De fato, em alguns contextos, tais como quando ele tenta refutar o racionalismo bíblico, ele pode admitir que essas suposições antibíblicas provêm, até mesmo epistemologicamente, de suas pressuposições cristãs, e que ele precisa delas em primeiro lugar para conhecer o Cristianismo.

Visto que o ateísmo é tão fácil de ser derrotado, o cristão pode sempre ter a supremacia, mas a fraqueza e inconsistência que você percebe vêm das contradições internas do pseudopressuposicionalismo. Com esse entendimento, analise o debate novamente e desenvolva argumentos e refutações melhores do que aqueles oferecidos pelo pseudopressuposicionalista.

Então, volte sua atenção para o pseudopressuposicionalista e refute-o. Se ele é verdadeiramente um pseudopressuposicionalista, você será capaz de refutá-lo tão rápida e completamente quanto o faz com o ateuista. Contudo, o ateuista não é capaz de realizar tal refutação, visto que ele está preso às suas próprias pressuposições antibíblicas, as mesmas que o pseudopressuposicionalista afirma. Quando você abandona essas falsas premissas, você é capaz de refutar ambos os lados com a mesma facilidade. Dito isso, um incrédulo disposto a sacrificar sua própria reivindicação de

racionalidade pode provocar uma destruição mútua quando debate com um pseudopressuposicionalista que compartilha as mesmas suposições antibíblicas.

- Como você usa a palavra “razão”? O que você quer dizer com ela? Considere a forma como você usa a palavra em discussões teológicas e filosóficas. Você encontra alguma bagagem antibíblica e suposições desnecessárias em como você a usa? Algumas pessoas assumem uma teoria completa de epistemologia com a palavra. Você pensa que elas estão cientes disso? E você pensa que elas podem justificar isso? Quais os problemas com essa atitude?
- O que é apologética bíblica, pressuposicionalismo bíblico, fundamentalismo bíblico ou racionalismo bíblico? Explique sua base teológica e bíblica. E explique como ele procede na prática, num debate real. Observe se o seu entendimento dessa abordagem é muito mecânico, e se você o está reduzindo a uma mera fórmula a ser memorizada e recitada. Essa é uma falha comum que impede o uso eficaz da apologética bíblica.
- Inicie debates informais contra pelo menos dois incrédulos. Tente manter seu lado do debate amigavelmente e sem qualquer estilo retórico. O aspecto retórico do debate é um estudo legítimo, mas dessa vez estamos preocupados com o lado estritamente racional da apologética. Se você debater somente com dois incrédulos para esse exercício, é preferível que escolha um ateu e o seguidor de uma religião não-cristã. Então, avalie seu desempenho. Se você falhar em obter uma vitória devastadora sem qualquer tensão ou esforço, se precisar de mais de 3 a 10 segundos para desenvolver uma refutação para cada um dos argumentos do oponente, não importa a complexidade, ou se você hesitar em ao menos uma das objeções do incrédulo, é altamente recomendado que você reveja nossos materiais sobre apologética bíblica.¹
- Cite ou encontre exemplos de argumentos fundamentados em outras abordagens para a apologética, a partir de argumentos que se preocupam com História, cultura, literatura e outras áreas. Refute-os. Você deverá perceber que eles não podem resistir à mais simples análise racional quanto à sua validade ou relevância. Como uma defesa da fé

¹ Veja Vincent Cheung, *Questões Últimas, Confrontações Pressuposicionalistas, Apologética na Conversação, e Cativo à Razão*.

cristã ou uma prova dela, você deve ser capaz de aniquilar cada um desses argumentos em 3 a 5 segundos.

- Considere o que acontece quando um apologista enfrenta um incrédulo usando primariamente um desses métodos. Como procederia um debate entre eles? Considere também o que acontece quando um pseudopressuposicionalista adota esses argumentos. O que acontece em termos da racionalidade e consistência do seu sistema? O que poderia acontecer a ele no debate? Agora considere como um apologista bíblico considera esses argumentos. Ele os considera necessários? Se não, encontra algum uso para eles? Como ele os usaria? Que efeitos ele pode produzir com eles? Eles sairão como um tiro pela culatra? Explique sua resposta.

PARTE 4

Nossa abordagem apologética deve ser racional e bíblica, e o racionalismo bíblico é a única opção. A seção anterior, contudo, não incluiu uma explicação da apologética bíblica ou instruções práticas sobre como aplicá-la; nem entraremos em detalhes sobre isso agora. O motivo é que tais coisas foram discutidas extensivamente em outras publicações, e vocês devem estudá-las e revisá-las.²

Sem repetir o que já disse em outros lugares, adicionarei algo aqui que será imensamente útil para o apologista bíblico novato. Refiro-me às deficiências de um entendimento e prática mecânicos da apologética, incluindo o uso de fórmulas em conversações e debates.

Algumas pessoas me perguntam se eu poderia sumarizar para eles tudo o que precisam saber sobre a apologética bíblica em dois ou três parágrafos, ou reduzir minha abordagem inteira a uma breve lista de pontos principais. Na realidade, a abordagem pode ser significativamente descrita em poucos parágrafos, mas é óbvio que esses indivíduos não querem um sumário porque desejam reduzir o que entendem de uma forma conveniente, mas porque desejam estudar um sumário a fim de poder entendê-lo e usá-lo em primeiro lugar. Contudo, um breve sumário deixa de fora tantos detalhes, incluindo os argumentos que apoiam as premissas afirmadas, que ele ofereceria uma ajuda limitada a alguém que já não entenda essa abordagem para a apologética. Tal sumário não pode capacitar uma pessoa que esteja confusa sobre a abordagem a entendê-la e implementá-la.

Para traçar um exemplo a partir de outro sistema de apologética, considere o argumento cosmológico. Mesmo com algo como isso, a questão não é apenas memorizar os passos. Uma pessoa deve entender os princípios por trás dos argumentos e saber como defender cada premissa. Cada oponente é diferente, e podem existir objeções diferentes ou apresentadas de forma diferente a cada passo. Uma pessoa que meramente memoriza os passos e as palavras pode facilmente se perder numa conversação ou debate.

Algumas pessoas submetem seus próprios sumários e paráfrases à minha aprovação. Embora o esforço seja recomendável, eles sofrem de inexatidões significativas e geralmente

² Veja Vincent Cheung, *Questões Últimas, Confrontações Pressuposicionistas, Apologética na Conversação, e Cativo à Razão*.

são muito mecânicos. Na maioria das vezes, suas tentativas denunciam sua falha de captar a essência dessa abordagem. Como sempre insisto, ela não consiste em uma fórmula ou uma série de passos, mas em uma combinação de um corpo de conhecimento e uma forma de pensamento – isto é, conhecimento bíblico e pensamento racional.

Esse corpo de conhecimento é aquilo que defendemos e com o que atacamos. Essa forma de pensamento é que governa nossa aplicação desse corpo de conhecimento em nossa interação com ideias antibíblicas. Como o que é bíblico é racional também, podemos simplesmente dizer que a essência da apologética bíblica é o modo bíblico de pensamento. O que parecem ser “passos” reconhecíveis em minha apresentação dessa abordagem são as manifestações e não sua essência. Em outras palavras, a forma como ela é apresentada pode variar dependendo do contexto, tais como tipos de ideias que estamos procurando contra-atacar.

Esse é o porquê de o racionalismo bíblico carregar poder e flexibilidade ilimitada no debate quando é corretamente entendido e praticado. Não importa se é num diálogo escrito ou num debate oral. Não importa como a conversação começa ou aonde chega. Não importa se o oponente é uma criança ou um adulto, um novato ou um *expert* num campo. Não importa se o sistema de crença do oponente é estranho, desconhecido ou randomicamente inventado – o apologista bíblico adapta-se à medida que o debate prossegue. Ele pode usar o que tem disponível para vários propósitos. Ele pode trazer para a conversação o que entende a partir de outros campos para construir argumentos secundários ou *ad hominem*, ou pode saber nada senão a Cristo crucificado. Em todo caso, a sua vitória está assegurada.

Algumas vezes, uma pessoa estuda nossos materiais e começa a praticar a apologética bíblica com grande sucesso, mas então tropeça diante de um argumento ou objeção particular de um incrédulo. Ele subitamente não sabe como proceder, como se a apologética bíblica não se aplicasse a esse desafio particular. Em todo caso, e não importa por qual razão, o problema é que a pessoa parou de aplicar o modo bíblico de pensamento.

Consideremos uma ilustração a partir da perspectiva de um incrédulo. Considere a moralidade de um relativista que diz não existir nenhum padrão absoluto de bem e mal, mas que tudo é “relativo”. Um desafio típico seria: “Então, o assassinato pode ser bom também, e o estupro pode não ser mal”. Essa resposta, em si mesma, não apresenta nenhuma refutação lógica do relativismo, mas somente uma das suas implicações. O relativista teria que dizer

apenas “tudo bem” e continuar. Todavia, alguns relativistas tropeçam — não porque o relativismo foi refutado, mas porque ele parou de pensar como um relativista. Sem dúvida, o relativismo é falso e pode ser refutado, mas o ponto é que o relativista não precisa perder o debate *aqui neste ponto*, isto é, se ele simplesmente continuar a pensar como um relativista.

Aplique isso à apologética bíblica. Algumas objeções fazem com que apologistas bíblicos iniciantes tropecem não porque refutaram a cosmovisão bíblica, mas porque desviaram temporariamente esses cristãos do pensamento consistente com a cosmovisão bíblica. A diferença é que, enquanto o relativismo é falso e será desmoronado sob análise racional, a cosmovisão bíblica é perfeita e exibe brilho mais intenso quanto mais for examinada. Isso pode ser demonstrado, contudo, somente se o apologista persistir num modo bíblico de pensamento, não importa quais questões e objeções sejam levantadas.

Talvez alguns daqueles que são muito rígidos com a apologética bíblica cometam o engano de pensar que os próprios argumentos são um corpo de conhecimento. Eles deveriam estar perguntando, “O que deveria informar meu pensamento? E o que deveria dirigir meu pensamento?” — é a revelação que informa (ou fornece o conteúdo correto para o pensamento), e é a razão que dirige (ou assegura a validade do pensamento). Mas em vez disso, eles tendem a perguntar, “O que eu deveria dizer para responder a *essa* questão, a *essa* objeção?”.

Eles tendem a memorizar respostas quando deveriam aprender o corpo de conhecimento e a forma de pensamento da qual todas as respostas emanam. E esse é o porquê de eles perguntarem o que dizer para um desafio particular, mas quando encontram até mesmo uma variação leve da mesma coisa, devem voltar a perguntar. Talvez respostas memorizadas e fórmulas convenientes forneçam um senso de segurança, mas isso é enganoso, pois se dependerem dessas coisas, eles de fato se tornarão mais propensos ao fracasso no debate.

Após a advertência e explicação acima, pode parecer irônico que apresentarei agora uma fórmula para uso limitado na apologética. Contudo, é precisamente porque estou a ponto de apresentar essa fórmula que os comentários precedentes são necessários, visto que muitas pessoas são propensas demais a se tornarem mecânicas na conversação e no debate sobre a fé.

Embora fórmulas nunca devam ser necessárias, há pelo menos dois usos aceitáveis para elas.

Primeiro, fórmulas podem ajudar o apologista iniciante e o menos hábil. A fórmula que estou a ponto de lhes dar ajudará a começar e sustentar uma análise lógica do seu oponente no debate. Ela lhe dará algo confiável ao qual recorrer, e assim aumentará a sua confiança. Mas tenha em mente que, no final das contas, a dependência de qualquer fórmula impedirá o desenvolvimento de uma pessoa e, assim, é melhor se des acostumar ao seu uso.

Segundo, o uso deliberado de uma fórmula em um debate pode servir para humilhar um oponente. Isto é, uma forma de expor a tolice de uma filosofia não-cristã e a facilidade com a qual um cristão pode refutá-la é derrotar um não-cristão através do uso óbvio e repetido de uma simples fórmula. Isso demonstra que as suas crenças não podem permanecer diante de uma análise racional, e que ele não pode responder nem mesmo as questões mais básicas, coisas que até mesmo um bebê pode perguntar. Essa prática também torna fácil para os observadores perceberem a inferioridade da posição do incrédulo.

Então, outra razão pela qual desejo apresentar uma fórmula é mostrar como deve ser uma boa fórmula. Dado que é frequentemente um engano usar fórmulas em debates, o problema é ainda mais agravado quando essas fórmulas são longas, complicadas e inflexíveis. Há argumentos que requerem uma configuração perfeita — um oponente atento que não interrompa, um ponto de partida apropriado para a conversação, e um processo passo-a-passo de um item para outro na ordem prescrita. Se o argumento tem alguma força, ele é neutralizado quando o oponente objeta à premissa no meio da apresentação, de forma que o debate todo se desvia do assunto.

Em contraste, a fórmula que introduzirei abaixo é simples, flexível e robusta. De fato, ela pode funcionar no meio do caos total. Além do mais, exceto pela fórmula em si, não existe nenhuma informação para memorizar. Dito isso, ela tem limitações importantes, mas elas serão discutidas mais adiante.

E aqui está a fórmula: “E então? Por quê? Verdade?”. É isso. Essa é a fórmula inteira. Ela é simples, mas poderosa. Embora haja somente três palavras³ nela, usando nada além dessas três expressões, qualquer crente com qualquer aptidão pode esmagar qualquer estudante, qualquer professor e qualquer variedade ou combinação de não-cristãos.

A expressão “E então?” refere-se à *relevância*. Se você parasse para considerar todas as objeções contra o Cristianismo que tem encontrado, poderia ficar surpreso ao descobrir que

³ No inglês, “So? Why? Really?”. [N. do T.]

muitas delas são irrelevantes ao debate. E mesmo quando o tópico pode ser relevante, os incrédulos frequentemente falham em mostrar essa relevância. O mesmo problema de irrelevância ocorre quando eles apresentam o caso para suas próprias posições. Portanto, uma forma de neutralizar seus argumentos e objeções é questionar a relevância do que é dito e demandar que o oponente mostre essa relevância.

A expressão “Por quê?” refere-se à *justificação*. Muitas declarações apresentadas como argumentos são de fato somente afirmações. Você deve perguntar ao oponente porque suas afirmações são verdadeiras. Em resposta, é provável que ele dê outra série de afirmações injustificadas, de forma que você precisará perguntar “por quê?” de novo. Mas note que as outras duas expressões também estão disponíveis a você. Você pode perguntar. “E daí?” – isto é, você pode questionar a relevância entre as duas afirmações ou série de afirmações, e demandar que seu oponente mostre essa relevância. Mas com apenas essas duas expressões, você pode expor o fato de que a posição do oponente carece de qualquer tipo de justificação, e que não somente suas objeções são irrelevantes, mas até mesmo as proposições dentro da sua cosmovisão são irrelevantes umas para com as outras.

A palavra “Verdade?” refere-se à *validade*. Nesse contexto, validade não se refere à verdade de uma posição, mas à forma correta de um argumento. Um argumento “válido” é um no qual a conclusão procede das premissas por inferência necessária – isto é, as premissas *devem* produzir logicamente essa conclusão, e essa deve ser a única conclusão possível dada às premissas. Portanto, a pergunta “Verdade?” é apresentada contra a relação entre as premissas e as conclusões. Assim, quando você pede justificação para uma afirmação feita por um incrédulo e ele lhe dá um argumento para apoiar essa afirmação, além de questionar a relevância do argumento, você deve questionar também se ele é logicamente válido. Raciocínios a partir da intuição, sensação, indução e o método científico são todos inválidos, visto que todos eles procedem em saltos lógicos, e nenhuma de suas conclusões são alcançadas por necessidade lógica.

Essas três expressões se aplicam a todos os argumentos não-cristãos, tanto aqueles que atacam a fé cristã como aqueles que defendem as posições não-cristãs. Como tal, a fórmula pode servir tanto para propósitos ofensivos quanto defensivos na apologética. Visto que os argumentos e objeções dos não-cristãos nunca são consistentemente relevantes, justificados e válidos, qualquer coisa que eles digam na conversação ou debate será rapidamente esmagada por essas três indagações. De fato, até mesmo uma dessas três expressões pode destruir todos

os sistemas de crença não-cristãos. Nenhum deles pode continuar a resistir a uma pressão persistente para mostrar relevância, justificação ou validade.

Ora, com tudo o que tenho dito contra as fórmulas, se essa pode derrotar todos os argumentos e objeções não-cristãs, então ela não é uma boa fórmula? Deveríamos fazer dela uma parte regular da nossa apologética? A resposta é que quase qualquer coisa pode derrotar os argumentos e objeções não-cristãs, e o fato de algo funcionar não o torna uma solução boa ou completa. Ao invés de apontar para o mínimo, devemos nos esforçar para sermos completos em nossa refutação dos sistemas de crença não-cristãos, destruindo completamente tudo no que eles creem, e então devemos apresentar fielmente a cosmovisão bíblica total.

As três palavras nessa simples fórmula fazem lembrar-nos das perguntas que devemos fazer durante uma conversa ou debate. Algumas vezes, quando cristãos se deparam com argumentos antibíblicos, eles tendem a ser levados por aquilo que sentem ser “certo” para eles. Se não podem sentir nada errado, então não sabem como responder. Isso geralmente acontece com os crentes cujas mentes não foram renovadas pela teologia correta. A fórmula os lembra de serem deliberados ao examinar o argumento para relevância, justificação e validade.

Por outro lado, o apologeta bíblico habilidoso possui reflexo intelectual superior. Como o seu pensamento foi treinado para seguir profundamente caminhos bíblicos e racionais impregnados, sua percepção é mais rápida e clara, e ele naturalmente apresenta argumentos e contramovimentos mais fortes. Ele faz quase por instinto aquilo sobre o que o iniciante precisa deliberar. É por isso que, ao invés de ficar satisfeito com uma fórmula decente, o apologeta bíblico deve se esforçar para fazer da sua arte um reflexo natural.

Além do mais, a fórmula dada neste capítulo não inclui nenhuma informação real, tais como a visão bíblica da metafísica, epistemologia, ética, soteriologia, ou qualquer outra doutrina. É possível desenvolver uma fórmula mais complexa que inclua algo dessa informação, mas é certo que o pleno escopo e a profundidade do racionalismo bíblico nunca podem ser reduzidos a uma fórmula manejável. A fórmula apresentada nesta seção é nada mais que uma forma conveniente de lembrar um aspecto menor da apologética bíblica.

Sem dúvida, mesmo quando essa fórmula é usada, o crente deve variar suas expressões. Ele poderia continuar dizendo, “E então? E então? E então?”. Mas a menos que ele esteja tentando humilhar seu oponente pelo uso óbvio de uma linha de questionamento

rígida, ele deve demandar prova de relevância de outras formas. Por exemplo, ele poderia dizer, “Como isso é relevante para o debate?”. Ou, “Mesmo que esse ponto esteja correto, como ele refuta o Cristianismo?”. Ou, com a questão da validade, ele pode dizer: “Eu pedi para você justificar sua afirmação e você me deu um argumento, mas sua conclusão não procede realmente de suas premissas. Simplesmente porque A e B são verdadeiros não significa que C seja verdadeiro”.

Eu não posso enfatizar o suficiente a necessidade de ser desprendido do uso de fórmulas e táticas rígidas na apologética. A força e a beleza da abordagem bíblica são liberadas somente quando nos movemos de pontos principais e respostas memorizadas para onde podemos manter interação natural com incrédulos usando um modo bíblico de pensamento. O que chamamos de racionalismo bíblico é apenas outro nome para a mente de Cristo e, quando interagimos com os incrédulos a partir da mente de Cristo, nossos encontros com eles terão menos a ver com métodos e técnicas, mas para eles se tornará mais e mais uma conversação real com o Senhor Ressurrecto. O apologista bíblico é alguém que pensa como Cristo, não simplesmente alguém que memorizou técnicas e respostas.

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

- Você tem o desejo de reduzir a apologética bíblica a uma forma simplista? Por quê? Você deseja isso por conveniência, por um senso de segurança, ou por alguma outra razão? Quais são as vantagens de tal sumário? Quais são as desvantagens e armadilhas potenciais? Algum sumário é suficiente? De que forma uma supersimplificação pode ser enganosa e autodestrutiva?
- Você já ficou alguma vez embaraçado por um argumento ou objeção não-cristã? Qual foi a natureza da dificuldade? Você teve problemas por falta de informação? Você poderia ter respondido e derrotado o não-cristão de qualquer forma, mesmo sem essa informação? Como? Se foi por alguma outra razão, qual foi?
- A fórmula simples apresentada nesta seção é capaz de refutar cada página de cada livro-texto não-cristão do seu currículo inteiro. Para colocar de outra forma, embora a revelação bíblica possa resistir à análise, a fórmula pode destruir todas as reivindicações humanas ao conhecimento em tudo da História. Há vários exercícios que você pode realizar para demonstrar e aplicar isso.

Abra um dos seus livros-texto numa seção onde ele apresenta uma alegação de algum tipo, preferencialmente amplamente endossada e apoiada por argumentos. Assegure-se de que você tenha lido tanto quanto necessário para entender o contexto. Usando somente as três expressões da fórmula, refute-a. Se você é um iniciante, deverá ser capaz de fazer isso dentro de 3 a 10 segundos. Qualquer apologista bíblico com um nível normal de competência deveria ser capaz de refutá-lo logo quando terminasse a leitura, ou mesmo antes.

Agora, abra qualquer livro-texto encontrado em qualquer lugar no campus da universidade, em qualquer página. Assegure-se de ter lido a página ou a seção dentro do contexto apropriado para não representar incorretamente o que está sendo alegado. Usando somente as três expressões da fórmula, refute-o. Repita isso tanto quanto desejar com tantos livros-texto, ensaios e jornais que puder encontrar. Localize algo

aleatoriamente, ou tente encontrar o melhor dos melhores. Refute-os. Novamente, nada deve levar mais que 10 segundos para ser refutado.

- Assumindo que você foi bem-sucedido, o que isso lhe diz sobre os métodos humanos de investigação e as reivindicações não-cristãs ao conhecimento? Os não-cristãos são inteligentes? Eles sabem algo — qualquer coisa — de alguma forma? Lembre-se que você se restringiu a usar somente as três expressões da fórmula. Você ainda não usou os recursos plenos da apologética bíblica.
- Se os não-cristãos são tão profundamente ignorantes e irracionais, então por que frequentar uma universidade secular? Uma perspectiva apropriada pode ser pensar que uma universidade secular não é um lugar para aprender a verdade racional, mas para aprendermos sobre aquilo em que os não-cristãos creem, e entendendo em que creem, sermos capazes de agir numa sociedade não-cristã. Se desejarmos aprender a verdade, devemos aprendê-la do próprio Deus, que a relevou na Bíblia. Existem outras razões para frequentar uma instituição secular?
- Ensine a fórmula a uma criança, preferencialmente com menos de dez anos de idade. Peça para ela refutar, usando somente as três palavras, as alegações e argumentos não-cristãos que você acabou de refutar nos exercícios acima. A criança pode ter problemas em entender mais as ideias não-cristãs do que a fórmula. Se esse for o caso, explique-as para ela, e assegure-se de que ela não toma as alegações e argumentos não-cristãos fora de contexto.

Se possível, arranje uma ocasião para a criança falar com um professor em sua universidade. Não há nenhuma necessidade de convocar um debate; apenas deixe a criança fazer perguntas sobre o campo de especialidade do professor e refutar cordialmente tudo — *tudo* — que o professor disser, usando somente as três expressões. Assegure-se de que você treinou a criança a pensar persistentemente em torno das três expressões e o que elas representam, visto que será impróprio orientá-la durante sua conversação com o professor. O ponto é ilustrar que até mesmo uma criança pode refutar qualquer professor não-cristão de qualquer campo usando apenas essa simples fórmula.

- Arrume um debate com cinco a vinte não-cristãos *ao mesmo tempo*. Preferencialmente, eles devem tomar posições diferentes sobre várias questões, de forma que haverá certa variedade. Usando as três expressões, debata e refute todos eles ao mesmo tempo. A estrutura precisa ficar ao seu critério e dos incrédulos. Eles podem falar alternadamente, ou sempre que houver algo a ser dito. Você pode debater com cada um individualmente, ou encorajá-los a colaborar. Encontre formas de deixar a coisa difícil para você. Seja criativo. Agora, visto que isso pode ser uma rara oportunidade, após um curto tempo, você pode desejar parar de se limitar às três expressões e começar a empregar todas as suas habilidades e recursos como um apologista bíblico. Fique de olho no debate e assegure-se de alcançar uma vitória decisiva e esmagadora contra cada pessoa.

Observe: Eu me oponho fortemente à ideia de praticar ou testar apologética. “A prática leva à perfeição” é um conceito falso. É possível praticar o tempo todo e não melhorar, mas se você entende os princípios bíblicos da apologética, é possível fazer isso muito bem mesmo na primeira tentativa. Ao fazer apologética, estamos lidando com a alma de pessoas, e não deveríamos praticar à custa delas. Assim, ao prescreveres exercícios onde outras pessoas estão envolvidas, não estou de forma alguma encorajando você a tentar fazer apologética ou brincar de apologética, mas a fazer apologética. Esses exercícios são designados para demonstrar o poder e a flexibilidade do racionalismo bíblico, bem como para expor a tolice e impotência do pensamento não-cristão. Como em situações ordinárias, nosso objetivo é, ainda, promover o evangelho e honrar a Deus.

- Obtenha apresentações escritas de abordagens não-bíblicas para a apologética — clássica, evidencial, pseudopressuposicional, cultural, literária, e assim por diante. Usando somente as três expressões da nossa fórmula, refute todas elas. Embora os conteúdos cristãos unidos a essas apresentações possam gerar certa confusão para você, nenhuma delas deveria exigir mais tempo do que você precisa para refutar qualquer sistema de crença não-cristão. Permita-se no máximo 20 a 30 segundos para cada uma.
- Considere seu próprio entendimento da fé cristã. Gaste tempo para pensar bem sobre o seu entendimento de cada assunto principal na teologia e filosofia — esse é o seu

sistema de crença. Agora tente refutá-lo com as três palavras em nossa fórmula. Seja abrangente — não se apresse! Se nunca fez isso antes, um autoexame teológico e filosófico completo deve levar dias, semanas ou meses, e não minutos ou horas.

Uma teologia consistentemente bíblica deveria ser imune a tal ataque. Observe as áreas em você é vulnerável, e então gaste tanto quanto necessário de tempo e esforço para corrigi-las. Em alguns casos, você descobrirá que o problema é somente uma questão de articulação apropriada. Mas em outros casos, você poderá descobrir que sua posição presente é antibíblica e irracional, e deve ser abandonada por uma visão bíblica e racional.

PARTE 5

Quando se trata de se engajar com ideias não-cristãs, os dois maiores grupos de pessoas com os quais você deve lidar na universidade são os estudantes e os professores. Do ponto de vista espiritual, eles se incluem na mesma categoria — são incrédulos — de forma que tomamos a mesma postura filosófica para ambos. Mas da perspectiva social, há diferenças consideráveis nas posições que eles ocupam em nossas vidas, e essas diferenças carregam ramificações práticas no que diz respeito à forma como devemos nos relacionar com eles quando pregamos o evangelho, defendemos a fé, ou apenas permanecemos em nosso fundamento. Portanto, para o nosso propósito, será útil considerar os dois grupos separadamente.

Então, não nos esqueçamos das ideias anticristãs vindas daqueles que se dizem crentes. Quando você se esforça para articular sua fé com fidelidade e precisão bíblica, algumas vezes a oposição mais forte virá dos cristãos, ou aqueles que alegam ser cristãos. Mas não há necessidade de lhes dar atenção especial aqui, visto que permanece o fato de que a maioria deles serão estudantes ou professores, de forma que nossa discussão se aplicará a eles também.

Ora, não gastaremos muito tempo com os estudantes, visto que são seus colegas, e não há restrições especiais quando se trata da forma como você deve se relacionar com eles.

Talvez a primeira coisa que você deva saber é que o simples fato de uma pessoa ser estudante não a torna inteligente e racional. De fato, seu orgulho e o pouco que ele pensa saber podem torná-lo ainda mais descuidado. As duas implicações para a apologética é que não há nenhuma necessidade de se intimidar e que é um engano assumir que seu oponente entenderá prontamente algo sobre as questões últimas ou as regras da argumentação válida. É impossível subestimar os incrédulos — a maioria dos cristãos comete o engano de superestimá-los, e isso gera um bloqueio mental em suas próprias mentes que os impede de ter um desempenho máximo no debate.

Quanto ao aspecto prático de lidar com estudantes, recomendo na maioria dos casos o uso de conversações informais e estendidas para discussão de questões sobre a fé. Por conversações “estendidas”, refiro-me a discussões repetidas que podem durar de dias a meses.

Alguns cristãos estão acostumados a empacotar o evangelho inteiro e sua defesa numa apresentação de dez minutos. Mas essa abordagem “bater-e-correr” é frequentemente mais curta do que o ideal. Leva tempo dizer todas as coisas que você precisa dizer, dismantelar as crenças do seu ouvinte e apresentar plenamente a sua. Sem dúvida, algumas vezes, quando isso é impossível, Deus fará uma rápida obra de conversão através de uma apresentação do evangelho de cinco minutos. Mas isso não deveria ser a norma. Não há razão para se apressar com pessoas com as quais você se encontrará repetidamente.

A maneira como uma conversação sobre a fé começa também é importante. Alguns ensinamentos sobre evangelismo afirmam que existe algo defeituoso com sua fé, a menos que você informe a outra pessoa que você é um crente ou pregue o evangelho para ela dentro das primeiras horas ou dias do seu encontro com tal pessoa. E, dizem, certamente não existe nenhum traço do Espírito de Cristo em sua vida se tal pessoa ainda não souber que você é um crente após uma semana inteira! Que você deve ter muita vergonha do evangelho é a conclusão de tal ensino.

Contudo, não existe nenhum requerimento na Escritura quanto a rapidez com que alguém deve saber que você é um crente ou pregar o evangelho para a pessoa ao encontrá-la. Manter a consciência presa por regras feitas por homens nessa questão é um problema pelo menos tão severo quanto o que está se tentando corrigir. Sem dúvida, se por alguma razão você pensa que deveria ser aquele que pregará o evangelho a certa pessoa, e se você não tem nenhuma expectativa de encontrar essa pessoa de novo, certamente inicie uma conversação sobre o assunto. Não há necessidade de hesitar.

Mas se é provável que você encontre a pessoa repetidas vezes, então é sempre melhor esperar por uma oportunidade apropriada. Talvez essa pessoa traga um tópico que possa naturalmente mudar para uma discussão sobre o evangelho. Dessa forma, a pessoa estará comprometida a levar a conversação a uma conclusão natural.

Sem dúvida, você pode simplesmente chegar até alguém e dizer: “Você conhece Jesus?”. E ela dirá: “Não” e continuará andando. Isso é bom quando você está usando uma tática metralhadora no evangelismo de rua, e conseguirá a atenção de algumas pessoas dessa forma. Mas com pessoas que você conhece, e a quem encontrará novamente por diversas vezes, uma entrada natural no assunto é muito superior. De fato, você pode gastar semanas com uma aplicação gentil da fórmula “E então? Por quê? Verdade?” para minar a confiança da

pessoa em sua própria inteligência e sistema de crença antes de mudar para uma discussão explícita sobre as questões últimas e a cosmovisão bíblica. Assim, esse não é um chamado para ser passivo, mas para ser paciente e estratégico.

As coisas são diferentes quando lidamos com professores. Estudantes não têm autoridade sobre você, e eles não lhe dão provas e notas. Professores, contudo, deveriam passar o conhecimento, e esperam que você demonstre entendimento acerca do que eles ensinam. Isso é bom em princípio, mas problemas ocorrem quando eles ensinam ideias antibíblicas como se fossem verdade, e então esperam que você as aceite.

Cursos de biologia oferecem alguns dos exemplos mais explícitos disso. No princípio de um dos muitos cursos de biologia que fiz, o professor declarou que quando se trata de evolução, “não precisamos ver nenhum conflito com o relato de Gênesis, conquanto não o tomemos literalmente”. Bem, sem dúvida! Todos os conflitos de ideias podem ser neutralizados conquanto você não tome um lado literalmente. Mas a questão é por que deveríamos tomar o lado da ciência seriamente, ao invés da Bíblia.

Já mostramos em outro lugar que a ciência não é somente inconfiável, mas que ela não tem nenhum contato racional com a realidade de forma alguma, e que todas as suas conclusões são falsas. Seu método impede o descobrimento de qualquer informação verdadeira sobre alguma coisa. Assim, aqui não repetiremos uma análise da ciência, mas tendo em mente esses fatos, devemos considerar como tratar com professores que afirmam ideias anticristãs sobre a base da ciência.

Existem pelo menos três razões para se evitar que as evidências e argumentos científicos atuais sejam o campo de batalha primário.

Primeiro, visto que seu professor é um *expert* em sua área, é menos que provável que você o derrote em seu próprio jogo, isto é, se você aderir completamente aos seus termos e ao contexto que ele constrói. Isso não é dizer que seu professor está certo em seus métodos – estou dizendo que ele pode blefar melhor do que você quando você jogar o jogo dele com as regras dele. Ele conhece muito mais sobre os jargões, nomes, datas, teorias, experimentos, publicações e outras informações relacionadas à área dele. Se desejar, ele poderia inventar coisas à medida que conversa, e você não saberia quando ele estaria dizendo a verdade e quando não estaria.

Segundo, nem todas as alternativas científicas à ciência antibíblica são corretas. Por exemplo, você poderia tentar uma refutação científica da evolução com o *design* inteligente, mas algumas das coisas afirmadas nas publicações do *design* inteligente poderiam estar erradas. Você deve ser capaz de apontar a diferença, e não há nenhuma garantia de que você sempre será capaz de discutir o *design* inteligente melhor que o seu professor. Pior ainda, se acontecer de você endossar alguns detalhes nos argumentos do *design* inteligente que se provem falsos, então seu oponente poderá pressionar isso como uma demonstração da sua falta de informação e julgamento.

Terceiro, visto que o próprio método científico é irracional e nunca pode obter qualquer conhecimento ou informação sobre a realidade, defender a verdade baseando-se em argumentos científicos é fútil em última análise. Se você for capaz de ganhar a vantagem de alguma forma, o melhor que poderá fazer será mostrar que você está menos errado, e não que o Cristianismo é necessariamente certo. Se o ponto é refutar ideias falsas e promover a fé bíblica, então é necessário deixar de lado os falsos métodos de descoberta e ter uma discussão verdadeiramente racional sobre as questões últimas com respeito ao conhecimento e à realidade.

Portanto, da perspectiva de ganhar o debate, a estratégia mais eficaz não é desafiar uma teoria científica com outra, mas desafiar a própria ciência e mostrar que é impossível conhecer algo pela ciência em primeiro lugar. Os argumentos necessários para isso são numerosos e irrefutáveis, e foram apresentados em outros lugares nas nossas publicações. Em essência, desafiamos as suposições por detrás da ciência, tais como a unidade e a estabilidade do universo, a confiabilidade da sensação e da indução, a validade lógica formal do raciocínio científico, e assim por diante. O resultado disso é a humilhação total da especulação humana. Embora o cientista possa dizer, “A partir da perspectiva da ciência, que não pode encontrar a verdade, aqui estão as conclusões”, ele não pode alegar que essas conclusões têm algo a ver com a verdade sobre a realidade.

Dito isso, a abordagem mais racional nem sempre é prática ou mesmo possível em algumas situações. É improvável que um professor permita que você tome conta de uma aula sobre biologia para discutir os detalhes minuciosos de epistemologia e filosofia da ciência. E você deve lembrar que um professor ainda é uma pessoa – ele pode ser pecaminoso, injusto e perverso. Se ele for um não-cristão, então não importa o que ele diga, ele não é alguém que busca a verdade. Ele não se importa que a ciência seja falsa, conquanto não haja ninguém para

desafiá-lo sobre isso. É por isso que você deve exercer cautela, ou se verá sofrendo perseguição desnecessária das suas mãos.

Aqui podemos fazer somente algumas breves sugestões sobre como se comportar durante aulas e provas.

Sem até mesmo a mínima competência em apologética bíblica, você pode facilmente humilhar seus professores diante de todos os estudantes na sala de aula. Contudo, quase nunca é apropriado fazer isso, embora haja exceções sancionadas pela Bíblia. Um dos versículos mais abusados na apologética é 1 Pedro 3.16, que diz que devemos defender nossa fé “com mansidão e respeito” quando lidamos pessoas que detêm autoridade. Ele é frequentemente tirado do contexto e recebe uma aplicação universal, mas o versículo de fato se aplica à forma como você trata os professores, visto que têm autoridade sobre você. Você pode descobrir que os comentários deles são tão irracionais e irreverentes como aqueles que procedem dos estudantes, mas com eles você deve exercer paciência e restrição especial.

Além das restrições bíblicas, existe também um retrocesso prático para ataques inapropriados na sala de aula. Um dos meus cursos de inglês no segundo grau exigia a leitura do livro *Paradise Lost*, de Milton, e durante as discussões sobre a primeira parte da obra, falei alto e corrigi a professora sobre algo que ela disse sobre a Bíblia, e então corrigi Milton também.

Meus comentários de fato estavam corretos, e minha professora e Milton estavam equivocados. Mas a forma como falei foi tão súbita e dura que a professora entrou em choque e os estudantes pareciam ter medo de mim pelo resto do semestre. Assim, embora tenha sido provavelmente apropriado falar alto contra a má representação da Escritura feita por minha professora e por Milton, teria feito melhor se tivesse feito isso de forma que promovesse a fé cristã.

Para corrigir a impressão dominadora que gerei, comecei a mostrar paciência e contenção quando se tratava de assuntos bíblicos e religiosos, embora ainda falasse sem concessão. Enquanto isso, assegurei-me de permanecer como um contribuinte regular para as discussões em classe e de fielmente fazer todas as tarefas. O resultado foi que, embora alguns estragos tenham sido feitos por meu erro inicial, eu era visto como uma autoridade da classe quando dizia respeito à Escritura e ao Cristianismo e, assim, tive oportunidades de corrigir

representações incorretas e expor brevemente doutrinas bíblicas como parte natural das discussões em classe.

Na maioria dos casos, o pior que alguém pode fazer é tomar a classe e pregar um sermão completo. Mesmo que o professor tolere isso, o que é improvável, os estudantes não tolerarão. Eles não pagam mensalidades caras para ouvir você.

Todavia, algumas vezes você deve dizer algo quando a honra de Deus está em jogo e quando o silêncio parece sinalizar concordância. Os incrédulos devem ser desafiados com respeito às suas crenças. Também pode haver outros cristãos na sala de aula menos capazes que você de discernir a verdade do erro, e de resistir aos assaltos da incredulidade – eles estão sendo calmamente sufocados sob o abuso. Um comentário da sua parte, ou mesmo uma pergunta aparentemente inocente que sirva para minar uma declaração antibíblica, pode servir para trazer esperança e frescor para as suas almas cansadas.

Uma coisa que você pode fazer é tomar uma abordagem a longo prazo, plantar sementes na forma de simples declarações e perguntas – aqui um pouco, ali um pouco – à medida que você encontra oportunidades para instilar dúvida contra a visão não-cristã e incitar interesse na fé cristã. Sem dizer muito sobre isso, você poderia até mesmo mencionar o nome de um autor ou um livro que aborde o tópico a partir de uma perspectiva cristã. Mas faça isso com moderação. Os temperamentos dos estudantes e professores variam, de forma que a sabedoria deve ditar o que você diria em cada situação. Seja paciente, e persista na oração, e pode ser que um dia você terá a oportunidade para falar em grande detalhe sobre o assunto em sala de aula, ou mais provavelmente, você terá uma audiência com os estudantes e até mesmo os professores fora da sala de aula.

Tarefas e provas apresentam outra dificuldade para um estudante cristão. Dependendo do professor, embora algumas matérias estejam abertas para o debate, outras são afirmadas como fatos bem estabelecidos. Elas são assumidas como verdadeiras quando as tarefas e provas são dadas, e espera-se que o estudante as afirme e aplique.

Em tarefas e provas, é pouco provável que um professor de biologia fará perguntas que permitam dúvida com respeito à teoria da evolução, mas fará perguntas cujas respostas dependem da suposição que a evolução é verdadeira. Similarmente, um professor de física fará perguntas que assumem sua visão da origem e operação do universo. Sem dúvida, ambos os professores assumirão a validade racional dos métodos e raciocínios científicos.

Portanto, o desafio para o cristão é maximizar seu desempenho em tal ambiente, enquanto permanece firme na fé e recusa a concessão. Ele deve demonstrar que entende as matérias do curso, sem sequer insinuar que concorda com alguma delas.

Parte da solução inclui o uso cuidadoso e deliberado da linguagem. Quando você sabe a resposta que o professor espera em uma questão de prova, mas a resposta correta é contrária à sua fé, você não deve declará-la como fato. Mas você pode mostrar que entende o que o professor está buscando atribuindo a resposta à fonte apropriada no contexto do curso.

Assim, ao invés de apenas declarar a resposta esperada, diga, “De acordo com Darwin”, ou “De acordo com o livro-texto (ou o autor do livro-texto)”, ou declarar o nome do seu professor. Se apropriado, você pode mencionar que nem todo *expert* na área concorda com a resposta esperada. Isso deixa ainda mais claro que você não está necessariamente de acordo com o que tem sido ensinado. Contudo, não há necessidade de uma refutação completa, a menos que a pergunta peça ou permita que você o faça.

Será requerida certa habilidade para evitar que a prosa se torne muito previsível, mas quando isso é feito apropriadamente, um estudante cristão pode demonstrar competência com as matérias do curso e ao mesmo tempo evitar comprometer sua fé. Enquanto sua linguagem recusar abraçar os ensinamentos anticristãos, você abrirá espaço para futuras discordâncias e discussões.

Em todos os meus anos na escola, houve apenas um curso no qual minhas respostas afetaram minhas notas de uma maneira negativa. Grandemente irritado pela erudição anticristã barata por todo o semestre, fui mais grosseiro que o usual, e numa prova usei até mesmo várias injúrias bíblicas contra um dos heróis do professor. De qualquer forma, a nota baixa não teve nenhum efeito sobre o meu futuro, e posso olhar para trás e afirmar que não traí ao Senhor, embora tenha havido um pequeno preço a ser pago.

Esse conselho não resolverá todos os seus problemas. Por exemplo, é difícil manobrar questões de múltipla escolha. Cursos universitários tendem a usar poucas delas, mas de qualquer forma, seu discurso e comportamento geral em sala de aula e como você responde perguntas discursivas se tornam muito mais importante. Você deve deixar claro que não concorda necessariamente com o que está sendo ensinado. Todavia, o que tenho dito sobre o uso da linguagem pode ajudar você a começar a pensar em como melhor manuseará suas próprias circunstâncias.

Novamente, tenha em mente que você não está de fato lidando com tarefas e provas, mas com pessoas — seu trabalho será avaliado por professores e seus assistentes. Essas pessoas consideram a especialidade delas com grande estima, e se você insultar a obra delas e até mesmo o campo inteiro de estudo, haverá um preço a ser pago. Portanto, faça o melhor para evitar perseguição desnecessária, mas nunca com concessão.

Temos usado a ciência para ilustrar como você encontrará ideias anticristãs na universidade e como você pode lidar com elas, mas ideias anticristãs podem vir juntamente com qualquer assunto no currículo. Muitas delas são menos óbvias, mas existem até mesmo em cursos de matemática e línguas estrangeiras. Afinal, lida-se não somente com números e sons, mas com pessoas depravadas. O que dizer sobre aulas em filosofia, religião, política e economia?

É impossível fornecer ilustrações e sugestões para o currículo inteiro, de forma que concluiremos a seção fazendo uma breve observação sobre literatura, ou ficção em particular. Tenha em mente que desta vez estamos interessados somente naqueles textos que contêm ideias anticristãs.

Assumindo que o autor tem pelo menos um nível mínimo de competência, quando ele apresenta um argumento em prosa não-ficcional, seu propósito e posição tenderão a ser relativamente claros. Primeiro, o leitor perceberá que ele está lendo um argumento, e descobrirá que é fácil localizar e entender a conclusão que o autor está afirmando. Então, as premissas que apoiam e levam a tal conclusão deveriam ser óbvias também.

Ora, visto que a conclusão afirmada é tão clara, imediatamente o leitor observa se ela é algo que ele aceita ou rejeita. E se é algo que rejeita, ele levanta uma resistência contra ela. Mas porque as premissas são claras também, a veracidade do argumento e a validade do processo de raciocínio são facilmente examinadas. O leitor deve ser persuadido pelo argumento, ou deve apontar suas falhas. Como o argumento é claro e direto, rejeitar sua conclusão sem encontrar qualquer falta nele exporá o preconceito irracional da própria pessoa. Em outras palavras, quando apresentada dessa forma, a substância de um argumento assemelha-se à sua aparência.

As coisas não são tão claras quando uma opinião ou argumento é apresentado por meio de ficção. E isso se deve ao fato de a conclusão geralmente não ser declarada, e se há premissas suportadoras de alguma forma, eles também são ocultas ou descritas ao invés de

explicitamente declaradas. Uma pessoa pode não receber a impressão que o autor está argumentando em favor de algo, mas pode observar um sentimento de aprovação ou perturbação após ler a história. O autor está de fato estabelecendo o ponto, embora o faça indiretamente, de forma a evitar a análise e resistência de leitores descuidados.

Isso não significa que o autor está sempre tentando enganar, ou que sua conclusão é necessariamente falsa, mas que somente indivíduos ingênuos são diretamente afetados por histórias de ficção, quando elas comunicam seus pontos indiretamente. Ao invés de falar às nossas crenças primeiro, elas tentam gerar certo sentimento em nós que, por sua vez, podem influenciar nossas crenças.

O que os leitores frequentemente esquecem é que o autor possui onipotência no contexto da sua história – ele pode fazer qualquer um fazer ou dizer o que ele quer. Se desejar fazer um personagem parecer heroico, ele pode fazê-lo realizar feitos heroicos. E se desejar gerar ódio em relação ao personagem, ele pode fazer seu personagem realizar todos os tipos de atos desprezíveis. Os leitores nunca devem perder de vista o fato que todos os detalhes numa história de ficção são dados pelo autor — ele constrói tudo — e ao fazer isso, ele não necessariamente reflete a realidade, mas somente a forma como ele percebe o mundo.

Portanto, ao lidar com uma ficção, você deve se tornar um leitor e pensador mais ativo, tomando um passo extra para traduzi-la num argumento. Você deve encontrar a conclusão que o autor está tentando afirmar e as premissas que ele usa para apoiá-la. Se você confunde ficção com não-ficção, então você tenderá a aplicar o que acontece na história ficcional ao mundo fora da história. O autor quer que você pergunte: “Visto que é isso que acontece na história, o que eu deveria pensar sobre o mundo fora da história?”. Mas, ao invés disso, você deveria perguntar: “Por que o autor faz isso acontecer na história? Por que ele faz esse personagem fazer tal coisa? Qual é o plano do autor?”. Uma vez que você tenha transformado a história em algo direto e explícito, você também a terá tornado algo que você pode confrontar e refutar.

Com histórias que promovem ideias anticristãs, você poderia ler sobre pregadores e crentes que agem como hipócritas desprezíveis, cometendo assassinato, roubo e adultério em oculto enquanto apresenta uma cara de santo a todos que o veem. Sem dúvida, é verdade que muitos crentes professos são hipócritas, mas aqui estamos lidando com histórias ficcionais, nas quais o autor pode fazer qualquer coisa acontecer.

E o que isso diz sobre o Cristianismo? A Bíblia nega que alguns cristãos professos não são crentes de forma alguma? E a Bíblia diz que os crentes verdadeiros são perfeitos e sem pecado? Uma história sobre cristãos hipócritas produz sentimentos ruins em relação aos cristãos, e isso é tudo o que ela pode fazer. Em todo caso, para todo pregador que comete adultério numa ficção, eu posso criar um ateu que saqueia cinquenta aldeias, assassina duzentas mil crianças e estrupa cinco milhões de mulheres. Uma história é tão fácil de escrever quanto outra, e nenhuma delas prova algo.

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

- Além dos estudantes e professores, com quais outros grupos de pessoas você tem que lidar como um cristão? Como você prega e defende o evangelho para eles? Em que sua apresentação ou estratégia difere? Por quê?
- Do ponto de partida da competência intelectual, é impossível subestimar os não-cristãos, visto que nenhuma estimativa pode ser menor que aquela que a Escritura atribui a eles. Mas é possível superestimar a nós mesmos? Se sim, de quais formas, e por quê? Quais são alguns dos problemas que podem surgir a partir de uma superestimação de nós mesmos? E o que podemos fazer para reconquistar uma estimativa apropriada de nós mesmos?
- O que significa ter conversações “informais e estendidas” com nossos colegas sobre Cristo? Quais as vantagens dessa abordagem? Existem desvantagens? Você alguma vez já teve uma conversação semelhante ou uma série de conversações com alguém? Se sim, como foi o seu desempenho? Você manteve a entonação, intensidade e profundidade correta durante toda a discussão?
- Muitas conversações na Bíblia podem ser lidas em poucos segundos, mas algumas delas aconteceram realmente somente em alguns segundos, ou duraram muito mais? Considere João 4. Por quanto tempo Jesus conversou com a mulher samaritana? Uma pessoa pode ler do versículo 7 ao 26 em dois minutos, mas os discípulos estiveram ausentes por apenas cento e vinte segundos (veja v. 8 e 27)? Então, a mulher voltou para a cidade, disse ao povo sobre a conversação, e o povo saiu da cidade para ver Jesus (v. 28-30), que então permaneceu por outros dois dias (v. 40).
- Forneça exemplos bíblicos nos quais os personagens envolvidos gastaram horas ou até mesmo dias discutindo a fé cristã. Considere Lucas 24.13-35 e Atos 24.25-27, entre muitos outros exemplos. Quais implicações podem ser derivadas da percepção que muitas conversações bíblicas duraram de horas a até mesmo anos? Eu sugeriria o seguinte princípio: se você tiver tempo, então use-o. Seja calmo e metódico. Concorda?

- O que se quer dizer por abordagem “bater-e-correr” no evangelismo ou apologética? Quais as vantagens e desvantagens dessa abordagem? Você alguma vez já empregou tal método com sucesso? Cite exemplos bíblicos que demonstrem essa abordagem, mas assegure-se de que eles realmente descrevem encontros que não duraram mais do que poucos minutos. Observe os detalhes descritos. Simplesmente porque você pode ler uma passagem em poucos segundos não significa que a conversação real não durou várias horas.
- Você alguma vez já iniciou uma conversação sobre a fé cristã sem um assunto introdutório natural? Cite exemplos a partir de sua experiência no evangelismo de rua ou de seus relacionamentos pessoais. O que você disse que levou ao assunto? O que você fez quando a outra pessoa não mostrou nenhum interesse, ou tentou terminar a discussão? O que você fez para continuar? Quais são as vantagens e desvantagens dessa abordagem de “força bruta”? Você é bom nisso?
- Inicie uma conversação sobre a fé cristã com qualquer pessoa que escolher, usando a abordagem de força bruta. Pregue o evangelho, refute argumentos, responda objeções. Observe tudo que for significativo sobre o processo e o resultado. Prepare-se para usar essa abordagem sempre que necessário no futuro.
- O que significa orar por e antecipar “oportunidades naturais” para começar conversações sobre a fé cristã? Essas oportunidades são raras, ou você falha em tomar vantagem delas porque nem sempre são óbvias? Mas quando você consegue reconhecer essas oportunidades e inicia conversações com elas, você observa qualquer diferença na extensão, profundidade e intensidade das discussões quando comparadas às conversações que você iniciou por força bruta?
- Comece a procurar oportunidades naturais para iniciar conversações sobre a fé cristã em suas interações diárias com as pessoas, especialmente com seus colegas. Escolha várias dessas oportunidades e redirecione as conversações para a fé cristã. Observe tudo que seja significativo sobre o processo e o resultado. Prepare-se para usar essa abordagem de novo no futuro.

- Sem mencionar que você é um cristão, e sem estabelecer uma conversa sobre o Cristianismo (pelo menos a princípio), encontre alguns não-cristãos que alegam basear as crenças deles, bem como a rejeição da religião, na ciência.

Então, sem ajudá-los, (1) peça para eles listarem as suposições por trás do método científico, (2) peça para que eles listem cada passo no método científico, (3) peça para que eles mostrem como um passo leva ao seguinte no método científico, e (4) peça para eles defenderem a ideia de que esse método pode descobrir algo sobre a realidade de alguma forma. Você pode descobrir que, entre aqueles que inflexivelmente insistem em sua confiança na ciência, pouquíssimos, se é que algum, podem responder sequer à primeira ou segunda questão. E nenhum deles pode responder à terceira e à quarta.

Agora que é óbvio que eles não podem defender a confiança deles na ciência, ou mesmo mostrar que entendem a ciência, pergunte se eles passarão a duvidar das crenças deles ou se mudarão algumas delas. O que eles dizem? Eles se comportam de maneira irracional? Essas são pessoas inteligentes?

- Se possível, inicie uma conversa com um professor que é especialista num assunto científico, preferivelmente biologia ou física. Repita o exercício acima. Você descobrirá que suas respostas são mais enroladas do que as fornecidas pelos estudantes, e ele pode ser capaz de responder às questões (1) e (2). Mas você descobrirá que ele é incapaz também de responder às questões (3) e (4). Repetindo, essas são pessoas racionais? Inteligentes?
- Em qualquer livro-texto universitário, procure uma explicação do método científico. Refute-o. Isso não deve levar mais que 3 a 10 segundos.
- Em qualquer livro-texto universitário, procure uma descrição de um experimento realizado usando o método científico. Refute-o. Isso não deve levar mais do que 3 a 10 segundos.

- Em qualquer livro-texto universitário, procure a explicação e a prova de uma teoria científica. Pode ser qualquer teoria científica registrada de qualquer período da História humana, mas preferencialmente uma que seja considerada bem estabelecida. Refute-a. Isso não deve levar mais que 3 a 10 segundos. Repita esse exercício quantas vezes quiser. O que isso demonstra sobre a ciência? O que isso lhe diz sobre as pessoas que cofiam nela como um caminho para entender a realidade?
- Pegue qualquer estudante universitário e peça para ele lhe dizer sua posição sobre um assunto importante para ele. Pode ser sua opinião sobre religião, política, ciência, História, ou qualquer outra coisa. Então, peça para ele dar um argumento para apoiar a sua opinião. Mas faça ele mostrar o que afirma — peça para que ele prove sua conclusão passo a passo, mostrando como cada premissa é verdadeira e como ela leva à próxima e finalmente à conclusão.

Por exemplo, se ele contende que certa teoria científica é verdadeira, não deixe ele escapar com a simples afirmação: “Porque a evidência apoia ela”. Peça para que ele cite uma parte da evidência a partir da qual pôde validamente inferir a conclusão. Se ele se refere a um experimento que alegadamente prova a teoria, sem sequer mencionar os problemas com o método científico, peça para que ele especifique cada passo do experimento, incluindo as suposições por trás do argumento, as razões para escolher cada variável, e assim por diante, e descreva como o experimento prova a conclusão.

A menos que você tenha escolhido um jovem especialmente dedicado, meu palpite é que você pode ter que perguntar a centenas de estudantes antes que algum possa ao menos chegar perto de fazer o que acabei de descrever. Em muitos casos, você descobrirá que eles não podem nem mesmo lhe dizer como as evidências e experimentos que citam são sequer relevantes para as conclusões que desejam expor. Todavia, eles parecem confiantes e consideram-se inteligentes. Isso apenas tornará o fracasso deles ainda mais óbvio quando forem confrontados por um apologista bíblico habilidoso.

- Além das desvantagens do evidencialismo mencionadas na seção anterior, quais são as desvantagens adicionais do evidencialismo ao lidar com um professor?

- Você alguma vez já argumentou com um professor em sala de aula porque ele fez afirmações anticristãs? O debate se tornou hostil? Qual a atitude dos estudantes com você? Eles ficaram intrigados, irritados, ou o quê? Em todo caso, você ganhou? Algumas vezes, as pessoas dizem que não querem “ganhar o argumento, e sim não perder o convertido”. Por que essa é uma declaração estúpida? Qual poderia ser a verdadeira razão para essas pessoas não desejarem ganhar o argumento em favor da fé? O que há de errado com elas?
- Qual é a interpretação e aplicação correta de 1 Pedro 3.15? Como esse versículo é geralmente usado de forma incorreta? Cite pelo menos um exemplo de um livro de apologética cristã. Além do crime espiritual de distorcer a Escritura, que dano um abuso desse versículo faz à prática da apologética? Por que o versículo é relevante para a relação entre estudante e professor? Como você pode aplicar esse versículo à sua situação? Em outras palavras, como isso afeta a sua forma de argumentar em favor da fé diante de um professor?
- Você já permaneceu calado enquanto um professor atacava a fé cristã na sala de aula? Se sim, sua consciência não te repreendeu por não levantar a voz? O que você poderia ter feito? O que significaria ser “sábio como uma serpente” em tal situação? Em outras palavras, como você pode se levantar em favor da fé sem ser tolo ou incitar perseguição desnecessária?
- Discuta com outros estudantes cristãos como eles lidam com ataques contra a fé cristã em sala de aula. Eles possuem um método? Eles o consideram um problema? Eles permanecem calados, replicam imprudentemente, ou o que? As abordagens deles são bíblicas? E quais resultados os métodos deles produzem?
- Em se tratando de tarefas e provas, como você mostra que entende as matérias do curso sem expressar concordância com as ideias anticristãs? Você tem uma abordagem bíblica e consistente? Compartilhe-a com outros estudantes cristãos.

- Encontre um exemplo no qual um autor usa a não-ficção para promover um argumento. Identifique o plano dele e a conclusão que afirma. Localize as premissas que supostamente levam à sua conclusão. Refute cada parte do argumento. Repita o exercício quantas vezes desejar.
- Encontre um exemplo no qual um autor usa a ficção para promover um argumento. Identifique o plano dele e a sua conclusão. Localize as premissas que supostamente levam à tal conclusão. Refute cada parte do argumento. Repita o exercício quantas vezes desejar.

PARTE 6

Embora uma grande parte da vida colegial tenha a ver com a universidade, o estudante tem outras preocupações também. Da mesma forma, um cristão numa universidade vive sua vida diante de Deus e dá testemunho não somente em sua integridade intelectual e defesa da fé, mas também de outras formas.

Antes que abordemos isso, devemos completar nossa discussão sobre apologética mencionando um dos erros mais comuns promovidos pelos líderes cristãos. Esse é o ensino que uma vida santa do crente é uma parte necessária de sua apologética, e que esse é até mesmo o aspecto mais proeminente e eficaz da defesa da fé. Assim, em materiais escritos sobre o assunto, frequentemente encontramos declarações como “O amor é a mais poderosa apologética”, e “O maior argumento para o evangelho é uma vida santa”. Tais coisas são frequentemente afirmadas sob o princípio mais amplo de que “as ações falam mais alto que as palavras”.

Contudo, o amor ou a santidade não é uma apologética mais poderosa que um discurso racional. De fato, visto que uma apologética é *por definição* um discurso racional verbal para promover a causa de alguém ou responder oposições, estritamente falando, amor e santidade não fazem parte da apologética de forma alguma. Elas fornecem, como apontaremos, materiais para uma apologética. Quanto às ações, elas não somente não falam mais alto do que as palavras, como também não falam de forma alguma. Ações requerem palavras para elas, explicando suas origens e implicações; de outra forma, elas permanecem caladas.

Paulo disse aos presbíteros em Éfeso:

“Vocês sabem como vivi todo o tempo em que estive com vocês, desde o primeiro dia em que cheguei à província da Ásia. Servi ao Senhor com toda a humildade e com lágrimas, sendo severamente provado pelas conspirações dos judeus. Vocês sabem que não deixei de pregar-lhes nada que fosse proveitoso, mas ensinei-lhes tudo publicamente e de casa em casa. Testifiquei, tanto a judeus como a gregos, que eles precisam

converter-se a Deus com arrependimento e fé em nosso Senhor Jesus...

Agora, eu os entrego a Deus e à palavra da sua graça, que pode edificá-los e dar-lhes herança entre todos os que são santificados. Não cobicei a prata nem o ouro nem as roupas de ninguém. Vocês mesmos sabem que estas minhas mãos suprimam minhas necessidades e as de meus companheiros. Em tudo o que fiz, mostrei-lhes que mediante trabalho árduo devemos ajudar os fracos, lembrando as palavras do próprio Senhor Jesus, que disse: ‘Há maior felicidade em dar do que em receber.’” (Atos 20.18-21, 32-35)

Se o amor ou a santidade é a apologética mais poderosa, então por que Paulo precisou descrever sua atitude e comportamento de maneira tão coerente para estabelecer o seu ponto? Seu amor ou santidade já deveriam ter estabelecido o ponto para ele. E se ações falam mais alto que palavras, então por que Paulo precisou dizer algo sobre elas? Por que ele usou um meio mais fraco para atrair a atenção para suas ações? Ele mesmo lembrou aos presbíteros que eles já sabiam sobre suas ações.

Da mesma forma, quando Jesus disse, “Qual de vocês pode me acusar de algum pecado?” (João 8.46), teria sido um meio desnecessário e até mesmo inferior de chamar a atenção para a sua santidade e integridade se suas ações de fato falassem mais alto que suas palavras. Mas a verdade é o exato oposto — ele precisava de palavras para chamar a atenção para suas ações, que permaneciam totalmente caladas por si mesmas.¹

Uma apologética é um argumento ou explicação que você promove verbalmente. Ela não deveria requerer que os incrédulos infiram sua defesa para você a partir das suas ações! De fato, você pode apelar às suas ações em seu discurso verbal para mostrar que seu estilo de vida é consistente com sua mensagem, mas não é apologética fechar sua boca e esperar que os

¹ Passagens bíblicas como Mateus 5.13-16, João 13.34-35, Tiago 2.18, e 1 Pedro 3.1-6 não podem ser usadas para dizer que ações santas transmitem informação à parte da pregação da palavra de Deus. Muito menos elas afirmam que o amor e a santidade fornecem uma apologética mais poderosa que o argumento racional. Veja Vincent Cheung, *O Sermão do Monte, Commentary on First Peter e A Luz das Nossas Mentes*.

incrédulos convençam a si mesmos que o evangelho é verdadeiro por causa do seu amor e estilo de vida santo.

E sem estabelecer um padrão moral apropriado pelo argumento verbal, por que eles infeririam o que você quer a partir das suas ações? Você pode exibir compaixão, e eles inferirem bisbilhotice. Você pode demonstrar humildade, e eles inferirem fraqueza. Você pode valorizar a verdade, e eles inferirem fanatismo. O problema com os não-cristãos não é somente que eles carecem de compaixão, humildade, verdade e assim por diante, mas que eles nem mesmo sabem como pensar sobre essas coisas. Suas mentes são tão absolutamente corruptas e débeis que se existe qualquer significância em suas ações santas, você deve explicá-la para eles. Portanto, embora nossas ações possam estar relacionadas com nossa apologética, em si mesmas não constituem parte de uma apologética.

O exposto acima carrega duas implicações para o evangelismo e a apologética.

Primeiro, não existe evangelismo ou apologética sem um discurso verbal racional ou sem o uso da linguagem. Existem cristãos que dizem “Eu não prego ou argumento – eu testemunho sobre Cristo em minha vida”. Aqueles que dizem isso geralmente não têm vidas muito impressionantes em primeiro lugar, porém mais relevante é o fato de que tal abordagem não pode testemunhar sobre Cristo de forma alguma.

Mesmo que os incrédulos observem tais cristãos, talvez pensem que essas pessoas nasceram assim, predispostas ao viver puro e santo, e assim suas vidas produzem nada mais que louvor para si mesmos. Talvez alguns incrédulos pensem que esses cristãos são na realidade budistas ou aderentes de algum outro sistema de pensamento e, dessa forma, suas ações santas acabam incitando outros a buscarem alguma religião ou filosofia que pode ou não ter a ver com o Cristianismo.

Segundo, o exposto acima implica que os não cristãos não estão escusados de crer no evangelho simplesmente porque existem muitos crentes professos que se revelam hipócritas, ou que se comportam de formas inconsistentes com os ensinamentos bíblicos. A verdade está na mensagem e não no estilo de vida. Embora a imperfeição e a hipocrisia dos cristãos de fato façam muitos tropeçar, aqueles que tropeçam não estão escusados, visto que não existe nenhuma relação direta entre o evangelho de Cristo ser verdadeiro e se os crentes se comportarem de acordo com ele.

Na realidade, quer estejamos falando sobre crentes ou incrédulos, aqueles que tropeçam por causa de falhas morais de outras pessoas devem ser pessoas incrivelmente estúpidas. Por que o evangelho é desacreditado quando um crente rouba de seu patrão? E quando um pastor comete adultério, o que isso tem a ver com a verdade a respeito de Jesus Cristo? O evangelho nunca alega produzir pessoas perfeitas nesta vida, e esses indivíduos podem ou não ser crentes genuínos em primeiro lugar. E daí se sacerdotes católicos molestam sexualmente centenas de crianças? O que isso tem a ver conosco? Nós nem mesmo reconhecemos que o Catolicismo é Cristianismo, ou que os católicos são cristãos, ou seja, isso é o que esperamos deles. Ficaríamos surpresos se eles não molestassem crianças.

Então, qual é o problema? A única explicação é que aqueles que tropeçam dessa forma são estúpidos. Poderíamos dizer que essa é uma questão moral, que eles estão tentando encontrar uma razão para escapar das reivindicações do Evangelho. Mas, ainda assim, o fato de eles pensarem que podem escapar com essa pobre escusa deve significar que essas pessoas são espantosamente estúpidas.

Elas não são apenas estúpidas, mas fracas também. Um líder cristão renomado cai em pecado, e elas param de ir às suas igrejas, mesmo que seus pastores não tenham feito nada de errado. O escândalo de uma igreja irrompe em outra parte distante do mundo, e essas pessoas param de contribuir para suas igrejas, quando essas igrejas não têm nada a ver com o escândalo. Ao invés de se apegarem ao Senhor e resolverem pela graça e poder de Deus fazerem melhor do que aqueles que caíram, e até mesmo ajudar a restaurá-los, eles usarão qualquer coisa como uma escusa para parar de servir a Deus e de fazer o que ele requer deles.

Pregadores frequentemente dizem, “Se você não pratica o que prega, então ninguém crerá em você quando falar sobre o evangelho.” Mas declarações como essa equivalem a um ataque contra a perfeição intelectual inerente do Evangelho bem como à obra do Espírito Santo. A verdade é que se você *nunca* praticar *algo* que prega, ou se você *sempre* fizer o *oposto*, conquanto o conteúdo da sua pregação seja bíblico, todo mundo ainda *deverá* crer em você, e muitos de fato crerão. Você não está escusado de seus pecados, mas a verdade e o poder de Deus, e o plano inteiro de redenção dele, não dependem da sua santidade.

A hipocrisia entre os cristãos deve ser duramente condenada, mas ela não fornece nenhuma escusa para os outros caírem de sua profissão de fé ou permanecerem na incredulidade. Se ninguém crê no evangelho, mesmo assim você deve crer! Se ninguém

pratica a santidade, você deve praticar! Que intelecto e caráter débil uma pessoa deve ter para se afastar de Cristo simplesmente porque outra pessoa o fez! Ao invés de lutar para contra-atacar o problema, com seus olhos bem abertos ele se torna uma parte do problema. Somos quase tentados a ter mais simpatia para com aquele que causa o tropeço do que para com o que tropeça.

Em suma, é errado dizer que as ações falam mais alto do que as palavras ou que o amor ou santidade é a apologética mais poderosa pelo fato de as ações não falarem, e o amor ou santidade não serem uma apologética. A hipocrisia e falha moral de alguns cristãos são irrelevantes para a reivindicação de Deus sobre cada pessoa e, portanto, não fornece nenhuma escusa para os incrédulos e crentes professos tropeçarem, rejeitarem a fé, ou se apartarem dela. Enfatizamos isso para neutralizar alguns dos problemas causados pela falsa visão que dá ao nosso desempenho diante do mundo um lugar que não deveria possuir, e que somente a palavra de Deus possui.

Dito isto, existem algumas razões para insistir que o amor, a santidade, virtude, boas obras e realizações consistentes com nossa profissão de fé são de extrema importância. Primeiro, embora em si mesmas estejam excluídas da apologética, elas fornecem materiais para algo do que poderíamos dizer quando defendendo a fé. Segundo, embora não escusem ninguém, é verdade que nossa falha moral, hipocrisia e inconsistência frequentemente se tornam pedras de tropeço para outros. Ao invés de fornecer ocasiões para eles tropeçarem, devemos fazer tudo que podemos pela graça de Deus para contribuir com a conversão e progresso deles. Terceiro, a razão mais importante, praticamos amor e santidade porque isso é mandamento de Deus, e essa é a nossa verdadeira natureza como pessoas regeneradas. Vivemos nossas vidas diante da presença de Deus e, portanto, a santidade é essencial mesmo que nossas falhas nunca levem alguém a tropeçar, ou mesmo quando ninguém souber sobre elas.

Como mencionamos no início, a universidade é o mundo real, isto é, uma parte dele. E como parte do mundo real, ela promove tentações que são comuns a adultos em outras circunstâncias, embora possam se apresentar de formas diferentes. Os fracassos e tragédias espirituais podem acontecer aqui tão rapidamente quanto num ambiente de trabalho, na igreja, ou em casa. E as consequências podem ser tão horríveis quanto. Mas, então, os triunfos espirituais são igualmente possíveis e significativos. Portanto, mesmo sem um comentário

adicional, você pode aplicar tudo que aprendeu a partir da Escritura sobre recursos e responsabilidades espirituais, e os inimigos e provações que enfrentamos neste mundo.

Neste momento, muitos de vocês não precisam se preocupar em construir uma família ou mesmo ganhar a vida, mas mesmo assim, agora é o tempo de praticar o que a Escritura ensina sobre cobiça, aflição, diligência, labor, esbanjamento, economia, e para alguns, até mesmo investimento. Como uma pessoa solteira, o pecado de adultério não é possível para você no sentido pleno, mas tentações sexuais são muito fortes nessa idade e nesse ambiente. Agora é tempo de aprender sobre a visão bíblica do sexo, manter a pureza sexual e preparar seu pensamento e caráter para o casamento.

Outras tentações comuns são fáceis de nomear.

Mesmo que não haja aplicações futuras, a integridade acadêmica é importante agora — novamente, você já está no mundo real, e o que você faz importa. Mas realmente existem aplicações futuras. Frequentemente ouvimos falar de plágios em romances, em obras de não-ficção, em relatos científicos, e assim por diante. Práticas negociais questionáveis são comuns e, algumas vezes, se tornam grandes escândalos corporativos. Pessoas são pessoas — elas se tornam mais complicadas, mas nem sempre melhores ou mais espertas. O pecado pragueja a humanidade inteira e, assim, a necessidade de o poder de Cristo ser universal.

Casos de abuso de drogas e álcool são sem dúvidas frequentes no ambiente universitário. Você pensava que eles teriam melhor senso, mas como declarei, estudantes universitários não são inteligentes, e o fato de eles pensarem que são apenas os tornam ainda mais estúpidos. Pareceria que qualquer pessoa que tivesse a quantia mínima de inteligência faria de tudo para evitar a intoxicação, ou qualquer suspensão desnecessária do pensamento claro e juízo sóbrio. Mas quando não existe nada na mente, a autodestruição se torna uma forma de entretenimento.

Esses são assuntos tipicamente mencionados pelas pessoas, mas parece que alguns pecados nunca ganham a atenção que merecem. Por exemplo, a Bíblia enfatiza o discurso que é claro, sóbrio e honesto. Leia todo o livro de Provérbios, e você verá que essa é uma das lições mais importantes que a Escritura deseja ensinar aos jovens. Todavia, o oposto é modelado por pais, amigos, televisão, filmes e música popular. A forma como você fala importa muito. De fato, mesmo que você não seja confrontado com outras tentações todos os

dias, você ainda precisa falar com pessoas, de forma que a santidade na área do falar deveria ser uma preocupação constante.

Que nenhuma desonestidade, vulgaridade e malícia procedam da sua boca. Que um terror santo impeça você de dizer algo que implique irreverência para com Deus, ou que possa ser interpretado como irreverente. O que dizer sobre fofocas? Também é pecado. É melhor ficar quieto ou sem humor do que contar piadas sujas ou ser entretido por elas. Piadas sobre Deus, doutrinas bíblicas e princípios morais devem ser evitadas.

Alguns cristãos que fazem de tudo para evitar parecem pudicos aos incrédulos. Contudo, para fazer realmente isso, os cristãos devem mostrar que eles podem viver assim como os incrédulos, ou que podem ter até mesmo o que os incrédulos chamariam de “divertido”. Mas isso destruiria sua própria fé e testemunho ao invés de contribuir para a conversão de outros. A verdade é que alguns crentes simplesmente desejam ceder às suas antigas luxúrias e usam essa escusa para parecerem espirituais e até autossacrificiais ao mesmo tempo.

O Cristianismo nunca será aceitável ou interessante ao não-regenerado, e poderíamos confrontar a incredulidade desse ponto de partida também. Isto é, em vez de tentar mostrar que o Cristianismo não é pudico, é mais produtivo simplesmente condenar os incrédulos pela licenciosidade deles. Na universidade, e entre os jovens incrédulos, isso significaria que os estudantes cristãos deveriam mostrar tamanha distinção e superioridade moral que às vezes seriam ridicularizados e excluídos, se não algo mais severo. Mas, em troca, você seria capaz de falar com a autoridade espiritual que vem de outro mundo e que é digna da atenção das pessoas.

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

- Qual é a definição de apologética? Por definição, o que a apologética deve incluir? O que ela exclui? Por que não dizemos que a santidade é uma parte da apologética *como tal*?
- Por que os incrédulos dizem que as ações falam mais alto que as palavras, e por que eles estão errados sobre isso? E por que tantos crentes aceitam essa ideia absurda?
- Os pregadores frequentemente dizem, “se você não pratica o que prega, então ninguém crerá em você quando falar sobre o evangelho”. Por que essa declaração é falsa? Por que isso equivale até mesmo a um ataque a Deus, ao seu Espírito e ao evangelho? Como esse ensinamento concede justificação antibíblica para os não-cristãos blasfemarem ao Senhor e permanecerem em sua incredulidade?
- Então, alguns cristãos afirmam, “não deveríamos argumentar com as pessoas. Deveríamos apenas pregar o evangelho e deixar as nossas ações testemunharem sobre sua verdade”. Mas se alguém é alegadamente impedido da fé por causa da sua crença na evolução, como nossa conduta santa irá sobrepujar isso? Isso é sequer relevante, ou a relevância é clara?
- Liste algumas das passagens bíblicas que têm sido usadas para apoiar a ideia de que as ações falam mais alto do que as palavras, ou que elas falam. Quais são as interpretações e aplicações populares dessas passagens, e por que são errôneas? Leia-as no contexto. Elas certamente ensinam que o viver santo é importante. Mas elas ensinam que nosso viver santo *substitui* a proclamação — se a santidade fala *mais alto*, então deveria tornar a pregação desnecessária — ou a proclamação é tão necessária que é sempre assumida? O conteúdo da proclamação é o que define e julga nossas ações em primeiro lugar.

- Se a santidade não é uma parte integral ou necessária da apologética, ela tem algo a ver com a apologética de alguma forma? Se sim, qual é o seu papel? Como a santidade contribui para o evangelismo e a apologética?
- Os hipócritas estão sempre errados no que afirmam? Se uma pessoa afirma “1+1=2”, mas não age como se isso fosse verdadeiro, então devemos rejeitar a matemática? Da mesma forma, se os hipócritas afirmam e pregam o evangelho, eles desacreditam no evangelho? Como as duas coisas são sequer relevantes uma para com a outra? Ou, a verdade do evangelho é dependente do homem e não de Deus?
- É provável que algumas pessoas entenderão isso incorretamente e pensarão que estamos minando a importância de andar em santidade ou ignorando o ensino bíblico sobre fornecer um modelo de exemplo piedoso diante de cristãos e não-cristãos. Mas é isso o que estamos fazendo? Como essa acusação não entendeu o ponto? Qual é o nosso ponto?
- Quando você tem notícias de um escândalo na igreja, ou que um líder da igreja caiu em pecado, que pensamentos e sentimentos se levantam dentro de você? E esses pensamentos e sentimentos são bíblicos e racionais? A Bíblia ensina que essas coisas nunca acontecerão, de forma que quando acontecem minam o Cristianismo? Mas se a Bíblia diz que deveríamos esperar tais coisas, então qual é o problema quando acontecem?
- Algumas vezes, a culpa é ainda mais irrelevante, ou pelo menos irrelevante de outras formas. Os sacerdotes católicos são expostos, e o rendimento das igrejas Batistas diminui. Um escândalo espalha-se sobre um líder carismático, e as igrejas Presbiterianas perdem frequentadores. Um problema ocorre com uma igreja no final da rua, e os membros de outra congregação param de contribuir com sua própria igreja. Por que isso acontece? O que há de errado com o povo? Deveríamos trabalhar para eliminar a hipocrisia ou condenar reações irracionais e pecaminosas contra a hipocrisia? Sugiro que deveríamos fazer ambas as coisas. Concorda?

- Simplesmente porque nossas falhas morais não dão escusas aos incrédulos, não significa que estamos por sua vez escusados quando fazemos com que outros tropecem. Reconheçamos o que a Bíblia ensina sobre o assunto, mas chega de fazer inferências injustificáveis a partir disso. Você alguma vez já contribui para o tropeço espiritual de outra pessoa? O que a Bíblia diz sobre isso?
- Que tentações você enfrenta como um estudante? Liste algumas das mais proeminentes. Como você lida com elas? Você frequentemente sucumbe? Por quê? O que você pode fazer a respeito? Como seus amigos cristãos lidam com elas? Você se coloca em situações em que essas tentações ocorrem?
- Quais são alguns dos pecados negligenciados que ocorrem com maior frequência? O capítulo menciona o falar pecaminoso. Você peca frequentemente na forma como fala ou com o que diz? Dê exemplos, e considere formas de sobrepujar padrões pecaminosos.
- O que dizer sobre integridade sexual e namoro na universidade? O namoro é bíblico? O que é namoro? Você namora somente alguém com quem planeja se casar? Se não, você está deliberadamente buscando uma relação romântica temporária com alguém que não a sua futura esposa. Isso muda a sua forma de abordar a situação?
- Muitas das ineficiências no ambiente de trabalho são causadas por pessoas preguiçosas e incompetentes que trouxeram essas características de suas vidas como estudantes. Observe o trabalho ético pobre e a incompetência de seus colegas, especialmente ao realizar projetos em grupo. Como você lida com parceiros problemáticos agora? Considere o que significa ter um trabalho ético piedoso. Liste detalhes e exemplos.
- Você pensa que o Cristianismo é pudico, ou ele pode ser divertido? Divertido de acordo com qual padrão? É assim que a Bíblia descreve o Cristianismo? É mais bíblico fazer nossa fé parecer consistente com o padrão não cristão de divertimento,

ou condenar o padrão não-cristão de divertimento? O que a Bíblia diz a esse respeito? O que os cristãos tendem a fazer hoje? Por que eles tendem a fazer isso?

CONCLUSÃO

Começamos observando que, embora a universidade seja um lugar de preparação para o que vem em seguida, não se trata apenas disso. O que os estudantes fazem ali tem ramificações imediatas e algumas vezes permanentes. Isso significa também que a universidade não é um lugar para experimentação espiritual ou para aprender à medida que erra. É um lugar não somente para aprendizado, mas para ação. Você não deve apenas praticar, mas deve realizar também. Ela não é apenas um lugar onde você aprende a fazer as coisas certas, mas onde você deve de fato fazer as coisas certas. Essa é a vida “real”. Uma conversão é tão real quando acontece na universidade como quando acontece em outro lugar qualquer. E o mesmo pode ser dito da apostasia. Positivamente, isso coloca importância e significado para tudo que você até mesmo pensa como um estudante ainda. Negativamente, isso significa que não há nenhuma escusa para o fracasso, e que quando ele acontece, há um preço a ser pago.

Mencionamos também que transições maiores em nossas vidas nos forçam a reavaliar nossas prioridades. Aqueles que são míopes e mundanos dão preeminência aos novos desafios que chegam às suas vidas quando essas transições ocorrem. Antigos hábitos, mesmo os bons, são algumas vezes abandonados por novos que consideramos convenientes. Essa é uma razão pela qual os crentes professos algumas vezes retrocedem da fé quando entram na faculdade, em algum trabalho ou em novas relações. Contudo, se nossa fé é uma constante que mantemos no centro das nossas vidas, então não importa as mudanças que possam ocorrer ao nosso redor, elas não afetarão nossas prioridades, mas as avaliaremos imediatamente em relação à nossa fé, e consideraremos como nossa fé pode avançar no meio dessas novas circunstâncias.

Isso nos leva a outro ponto importante. Não devemos focar meramente em manter nossa fé na universidade, ou em qualquer outra situação em qual Deus nos coloque. Nosso propósito deve ser glorificar a Deus, crescer na fé, e promover o Reino. Não é suficiente resistir às influências negativas da universidade, mas devemos procurar influenciá-la pela sabedoria e poder de Cristo. Para tanto, devemos tomar medidas agressivas para minar seu fundamento anticristão e introduzir nela a luz do evangelho. Como muitas outras instituições, a universidade tem uma estrutura social e política bem

estabelecida, mas essa é a sua única força. Ela não possui nenhum poder espiritual ou intelectual por meio do qual possa resistir às ideias cristãs.

O mesmo pode ser dito sobre qualquer outro ambiente. Um cristão no local de trabalho não é apenas um empregado tentando permanecer como cristão. Não, ele é um cristão determinado a se infiltrar no lugar de trabalho para promover seu próprio crescimento espiritual e promover a causa de Cristo. Isso não é menos verdade quanto à dona de casa cristã. Afinal, a dona de casa está no mundo “real”, e o que ela faz tem importância.

Finalmente, embora tenhamos nos focado somente em algumas poucas coisas, os desafios que ocorrem para um estudante incluem mais que os pontos óbvios com respeito ao assunto “espiritualidade e vida acadêmica”. Ele deve considerar também seus relacionamentos, finanças, saúde, dieta, sono, e assim por diante. Como não podemos cobrir todas as áreas aqui, devemos remeter nossos leitores aos nossos outros materiais, encorajando o estudo e reflexão próprios, e recomendando-os à graça de Deus.

4. AS LUTAS HUMANAS E A SOBERANIA DIVINA

Este capítulo é minha resposta a um cristão que me escreveu sobre algumas lutas que ele tem experimentado em associação com sua crença na doutrina da soberania divina. A natureza exata do seu problema se tornará evidente assim que você começar a leitura, de forma que não gastarei tempo para resumir ou explicá-la aqui.

Começarei apresentando uma versão alterada do que ele me escreveu. As mudanças incluem o seguinte:

1. Reuni parágrafos de três mensagens numa única. Somente oito sentenças foram tomadas da primeira e terceira, e anexei ao começo e fim da segunda mensagem.
2. Excluí várias pequenas seções. Essas consistem de comentários e detalhes que não afetam o significado e a ênfase da sua mensagem, e minha réplica não se refere a elas diretamente.
3. Mudei a informação pessoal inclusa nas mensagens originais, tais como os nomes dessa pessoa e de sua esposa. Isso foi feito para proteger a sua privacidade. Como as lutas espirituais dessa pessoa e os eventos de sua vida não são únicos, parece desnecessário alterar outros aspectos de sua mensagem.

Outra informação relevante é que essa pessoa já tinha recebido conselho competente de um pastor sobre essa questão, mas ele diria em cada ponto: “Sim, mas Deus determina todas as coisas”; “Se Deus quiser, então eu farei isso que devo fazer”; ou “Se Deus quiser, então ele mudará isso em minha vida, mas por que ele não faz então?” É com esse tipo de mentalidade que ele me escreveu.

Vincent,

Preciso falar com alguém que entenderá o que estou passando atualmente. Resumindo, eu estou sobrepulado pela realidade da soberania de Deus. Agora, deixe-me tentar explicar o que quero dizer.

Em primeiro lugar, eu abraço completamente a verdade que Deus é soberano sobre todas as coisas, em todo lugar e em todos os tempos. Ele controla os pensamentos e as ações dos homens, e cada evento que acontece neste mundo, desde antes de o tempo ser como o conhecemos hoje. Ele é tudo em todos. Isso, como uma realidade teológica, é algo que não encontro problema para reconhecer e abraçar como verdade.

Minha esposa não pode ter filhos. Digo isso sabendo que Deus é soberano sobre o ventre. Assim, se ele ordenar que Jill tenha filhos, então ela terá. Mas a partir de uma perspectiva médica, a realidade é que ela não pode ter filhos. Ela tem o mais forte dos desejos de ter uma grande família. Ela chora à noite. Eu fico acordado à noite, segurando minha esposa à medida que ela chora porque não pode ter filhos. E, ali, começo a considerar o número incontável de pequenas meninas, adolescentes e mulheres que abortam, jogam seus filhos na lata de lixo, ou simplesmente negligenciam seus filhos e penso... como isso pode acontecer?

Ora, alguém dirá: “Jack, Deus faz com que todas as coisas contribuam juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”. Eu posso reconhecer isso como uma realidade teológica. Mas isso não lhe ajuda quando você sente sua esposa tremendo de tristeza e dor. Alguém dirá: “Jack, você precisa apenas confiar no Senhor e ser obediente a ele, a despeito da emoção”. Posso concordar com isso também. Mas ainda não é algo que ajuda a aliviar a frustração intensa, a dor e a tristeza. E no final do dia, penso comigo: “Deus

é soberano. Ele poderia fazer Jill ter filhos. Tudo isso poderia terminar”.

Em adição a isso, não posso escapar de padrões de pecado em minha vida. Irmão, eu sei que para Deus todas as coisas são possíveis. E também sei que somos exortados nas Escrituras para fugir do pecado e nos apegarmos aos preceitos do nosso Senhor. E, todavia, me encontro voltando aos velhos padrões do pecado de vez em quando na minha vida. Assim, eu luto por liberdade. Eu digo a alguém seja lá o que estiver acontecendo, isto é, quando estou pensando sobre o meu passado, lidando com a cobiça dos meus olhos, e assim por diante. Eu tenho alguém a quem presto conta. Faço esforço extra para meditar sobre as coisas do Senhor. E, todavia, a batalha interna nunca se acalma. Parece ser algo diário. Uma vez mais penso comigo: “Deus é soberano — total e completamente. Por que ele não remove essa fraqueza patética de mim de uma vez por todas???”.

Sim, positivamente estou em Cristo e Cristo está em mim. Fui lavado e purificado pelo sangue do Cordeiro imaculado. E posso também reconhecer que mesmo a preordenação da minha pecaminosidade glorifica a Deus em seu grande plano. Mas Vincent, eu detesto absolutamente o pecado em minha vida. Eu não quero mais pecar na minha vida. Assim, a realidade de que Deus poderia fazer, mas não o faz, é dura para que eu lide com ela.

Uma terceira coisa que pragueja meus pensamentos é a Igreja. Corta o meu coração ver as coisas que vejo dentro do Corpo. Leio nas Escrituras o que o Corpo deve ser, como deve agir, e qual é a vontade do Senhor para a sua preciosa Noiva. Todavia, olho ao meu redor, vejo as coisas que assisto na televisão, e dou uma olhada nas centenas de livros nas prateleiras de livrarias cristãs e penso: “Pai, por quê?” E assim, novamente, me vejo perguntando

o motivo de tudo isso acontecer por ter sido ordenado (não permitido).

Não me considero tão grande a ponto de Deus me dever uma resposta. Ele não me deve nada. Não penso ser tão sábio a ponto de assumir que deveria ter uma resposta. Honestamente, eu não assumo ou penso nada. Só me encontro num péssimo lugar por causa da contínua montanha russa que passa. Ela é cruel.

Irmão, estou cansado. Estou muitíssimo cansado. Eu não tenho mais desejo de orar. Penso: por que fazer isso? Sim, posso estar orando concorrentemente com a vontade de Deus, mas no grande esquema das coisas, o que isso realmente importa? Minha oração muda alguma coisa? Não posso crer nisso. O que Deus ordenou *com certeza* acontecerá, a despeito de eu orar ou não. E se eu não orar, não seria o caso de a falta de oração ter sido ordenada? Se eu orar, ela não foi ordenada?

Concordo também que minha necessidade imediata é a capacidade de simplesmente aplicar a verdade, e não apenas ter um conhecimento dela. A ironia disso é que a capacidade de simplesmente aplicar a verdade está sob o controle da soberania do nosso Senhor. Assim, se ele quiser, ele fará isso.

Jack

Jack,

Como mencionei, uma vez que a sua dificuldade requer não somente informação sobre as doutrinas corretas, mas que você seja levado a crer e aplicá-las corretamente, minha prescrição usual seria exigir um programa de longas sessões de aconselhamento para avaliação espiritual e preparação radical da mente para se conformar aos ensinamentos bíblicos.

Contudo, como isso não é possível nesse momento, uma resposta escrita terá de ser suficiente. Dito isso, dada a sua condição, uma resposta muito breve poderia ser apenas um pouco melhor do que nada. Portanto, embora pretendesse fornecer uma resposta simples a princípio, decidi que um artigo extenso é necessário.

INTRODUÇÃO

Devo começar com uma explicação da minha abordagem. Isso ajudará você a entender minhas preocupações e motivos à medida que escrevo minha resposta. Esta seção é indispensável, visto que lhe preparará para entender e talvez até aceitar o que lhe direi no corpo da minha resposta. Assim, por favor, dê-lhe a mesma atenção que dará ao restante do artigo. De fato, se você tiver ouvidos para ouvir, essa seção introdutória será suficiente para libertar você, mas eu lhe darei mais.

Embora eu não possa concordar com o seu pensamento, inicialmente resolvi construir uma resposta tão caracterizada com gentileza que você seria movido à verdade pela demonstração de compaixão. Contudo, por causa do seu padrão atual de pensamento, logo percebi que qualquer coisa diferente de uma confrontação direta, apenas acarretaria mais da mesma reação: “Sim, você está certo, e eu farei isso se Deus me levar a fazê-lo”, “Sim, concordo, e agora cabe a Deus modelar-me dessa forma”, e declarações similares. Porque você alega estar familiarizado com alguns dos meus escritos sobre o assunto da soberania divina, não posso assumir que uma resposta gentil faria alguma diferença, especialmente porque parece que outros já tentaram fazer isso.

Nossa correspondência então seria uma perda de tempo e esforço e, mais importante, reforçaria seu desespero e frustração, bem como sua incredulidade e rebelião.

À medida que ponderei sobre o assunto, o Senhor eliminou minha determinação de conter uma demonstração completa do seu erro por causa de consolo e amabilidade; em vez disso, “sua palavra estava no meu coração como fogo ardente, encerrada nos meus ossos; e estou fatigado de sofrer, e não posso mais aguentar” (Jeremias 20.9, KJV). Ele é contra os falsos profetas que enganam as pessoas, que proclamam “paz” a alguém que os alimenta, e iniciam guerra contra alguém que não faz o mesmo. A Sobre eles, a Escritura diz: “Todos eles cobrirão os seus lábios, porque não haverá resposta de Deus” — eles não têm a resposta que você procura. “Mas eu estou cheio do poder do Espírito do SENHOR, e de juízo e de força, para anunciar a Jacó a sua transgressão e a Israel o seu pecado” (Miqueias 3.5-8).

A Escritura nos instrui a “falar a verdade em amor” (Efésios 4.15). Sob a tutela de Satanás, muitos cristãos têm reduzido esse amor para significar o uso de palavras não-ríspidas, faladas num tom efeminado, embora em sua hipocrisia eles ataquem qualquer um que pense que amor significa algo diferente. O versículo está nos mandando dizer a verdade às pessoas porque as amamos, e não que deveríamos fazê-lo de uma maneira tão débil, que poderíamos não dizer nada também. Na verdade, ao ajudar as pessoas a se tornarem “sãs na fé”, algumas vezes devemos “repreendê-las severamente” (Tito 1.13). A falsa interpretação de Efésios 4.15 tornaria inaceitável praticar Tito 1.13 em qualquer ocasião — faria a Bíblia se contradizer. Assim, a própria inerrância bíblica é comprometida quando os cristãos adotam a ideia mundana de amor, e a sustentam como uma definição não-negociável mediante exegese.

“Melhor é a repreensão franca do que o amor encoberto” (Provérbios 27.5). O amor é ousado para falar a verdade em repreensão aberta pelo benefício de alguém que precisa de correção. Cada vez que falo dessa forma com uma pessoa, eu arrisco perder seu respeito e apoio, mas farei isso por amá-la. “No amor não há temor, antes o perfeito amor lança fora o temor” (1 João 4.18), de forma que se eu evitar corrigir alguém por temer o que ele pensará de mim, então meu amor para com ele é imperfeito. Mas se meu amor para com essa pessoa é puro e forte, então direi a correção que ele precisa a despeito da possibilidade de a sua percepção a meu respeito mudar para pior quando ele ouvir tal correção.

Podemos tomar uma analogia de Provérbios 13.24, que diz: “O que não faz uso da vara odeia seu filho, mas o que o ama, desde cedo o castiga”. O amor requer até mesmo o uso de violência física quando diz respeito à paternidade. Se nos envergonhamos de Deus, ele se envergonhará de nós (Marcos 8.38). Assim, não façamos alguma distinção artificial entre disciplina e violência nesse contexto. É disciplina pelo uso de violência controlada contra o corpo. Deus diz que se você recusa a fazer isso, então é evidência que você odeia seu filho.

Da mesma forma, aqueles que reduzem amor a algo relacionado com cortesia social, de fato odeiam aqueles que alegam amar e ajudar. A definição deles permite que substituam amor por mera delicadeza, de forma que podem se sentir bons e compassivos sem possuir a genuína virtude espiritual, e sem arriscar perder o recurso, o respeito e a reputação que vêm com o exercício do amor autossacrificial. Essas pessoas amam apenas a si mesmas. A sua falsa definição de amor produz uma fachada que encobre seu ódio contra Deus e as outras pessoas. Esse método desviado gera uma confusão que lhes permite viver em ódio, mas orgulhar-se de amor.

Eu nunca lutei com os problemas contra os quais você batalha. Até eu testemunhá-lo em cristãos, nunca me ocorreu que alguém tomaria a atitude que você atualmente sustenta com Deus. Eu sabia mais mesmo antes de me converter. E agradeço a Deus que ele nunca tenha permitido que eu o blasfemasse, quer em pensamento ou palavra, por afirmação ou implicação, como você o blasfema agora.

Contudo, simplesmente porque eu nunca experimentei sua condição mental oprimida não significa que sou incapaz de ajudá-lo. De fato, estou numa posição muito boa para lhe entregar a resposta de Deus. Você pode achar muito do que digo duro, ofensivo e insultante. Direi que você está errado em sua atitude, que você está equivocado em seu entendimento. Mas isso seriam boas novas para você, visto que se seu problema se deve ao seu erro, então há algo que você pode fazer sobre isso. E dado que há uma solução na palavra de Deus para todo erro espiritual, o fato de você estar em erro é uma base para a esperança. Se você já fosse perfeito em tudo, não haveria nada que eu pudesse lhe dizer. Assim, minha palavra de repreensão e correção não deveria incitar ira ou desespero em você, mas expectativa de mudança positiva.

A compaixão humana é enganosa e impotente. Quando colocamos isso como o padrão de julgamento, até mesmo Deus parecerá carecer de simpatia. As pessoas gritam: “O amor de Deus! O amor de Deus!”, e resistem minha mensagem porque eu recuso submeter-me à ideia humanista de amor deles, uma definição que eles impuseram sobre a fé cristã. Mas é Deus quem diz a Jeremias: “Se te fatigas correndo com homens que vão a pé, como poderás competir com os cavalos? Se tão-somente numa terra de paz estás confiado, como farás na enchente do Jordão?” (Jeremias 12.5). Esse profeta estava passando por provas e enfrentando perigos bem mais sérios do que os seus, mas essa foi a resposta de Deus para ele: “Se você não pode aguentar nem mesmo isso, o que acontecerá quando tornar-se pior?” Onde está a compaixão? Se o Senhor tem alguma compaixão, certamente ela não é do tipo humanista.

Da mesma forma, Jesus esperava que seus discípulos confiassem em Deus mesmo em face da tempestade que ameaçava a vida deles, de forma que, quando eles estavam temerosos, ele os repreendeu dizendo: “Onde está a vossa fé?” (Lucas 8.25). Onde está a simpatia? Onde está a gentileza? Mas Jesus não parece nada com o pregador efeminado que muitos crentes proclamam. Eles adoram um ídolo criado por eles, uma prole de um casamento entre o pensamento bíblico e pagão. Sem dúvida eu não me submeterei a tal coisa, mas a condenarei com confiança e autoridade, no nome e espírito de Cristo, com toda sua energia que tão poderosamente opera em mim (Colossenses 1.29). Cristãos contemporâneos desaprovam isso porque eles têm sido ensinados pelas tradições de homens, não pelas doutrinas de Deus. Eles não conhecem a Deus, e julgam seus métodos e seus servos pelos padrões perversos deste mundo.

Mesmo que eu parasse por aqui, já teria respondido a todos os pontos que você levantou. Isto é, Jeremias 12.5 e Lucas 8.25 deveriam ser mais que suficientes, e muitas pessoas não receberiam mais do que isso da parte do Senhor. De fato, isso seria suficiente para satisfazer algumas pessoas, aquelas que se submetem e respondem mesmo à menor revelação do céu como seu mais precioso tesouro. Esses são aqueles que não dizem: “Por que Deus não faz isso dessa forma? Por que tenho que aguentar isso? Por que ele causa isso ou aquilo? Eu sei que ele pode mudar isso se quiser, mas por que não o faz?” Tudo isso procede do espírito de incredulidade e rebelião.

Talvez você me diria: “Mas você não entende o que estou passando”. Bem! Você não entende o que Jeremias estava passando também, e seus problemas eram bem piores

do que os seus. Todavia, Deus o censurou, e o chamou a uma fé mais forte. E você não está enfrentando, como os discípulos, uma forte tempestade que ameace tirar a sua vida em poucos minutos. Todavia, Jesus os repreendeu por sua falta de fé. Assim, advinha qual é a atitude de Deus em relação a você neste exato momento?

Em todo o caso, eu não preciso entender o que você está passando, pois Jesus entende: “Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado” (Hb 4.15). Você é alguém que terá que viver com as consequências de fazer mais escusas. Estou feliz e satisfeito no Senhor, e posso lhe mostrar como alcançar a mesma coisa, se você ouvir. Ao invés de fazer escusas e apresentar resistência, é melhor orar para que os ouvidos ouçam e aceitar a verdade que existe no que estou para lhe dizer agora.

Eu admito carecer de uma perspectiva completa de sua situação. Estou ciente da minha falta de informação. Mas não sou ignorante da palavra de Deus nem do que você me disse, embora eu assuma que você tenha em dito apenas um pouco sobre o que está na sua mente e o que está acontecendo em sua vida. Assim, se você crer em mim, sou menos julgador de você do que pareço ser, mas estou respondendo ao que você disse da forma como você disse, e as implicações dessas duas coisas. E assim como Paulo escreve, “eu vos quero fazer compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: Jesus é anátema” (1 Coríntios 12.3), aquele que está falando pelo Espírito Santo não ousará falar ou implicar alguma das coisas que você disse. Consequentemente, alguém que está falando pelo Espírito de Deus nunca pode aceitá-las.

Há alguém que lhe julga, mas não sou eu. Assim, mesmo que pareça que eu tenha entendido você erroneamente no que segue, mesmo se você insistir que não é tão mau quanto eu faço você parecer, não há necessidade de se defender para mim. Tenho certeza de que estou essencialmente correto em minha avaliação, visto que é necessário certo tipo de mentalidade pecaminosa para abrigar alguns dos pensamentos que você me revelou. Não é que suas faltas são únicas, mas o fato de elas serem comuns não as torna menos perversas. É alarmante que mais que uns poucos crentes professos pensem como você, e isso resulta na rejeição deles da doutrina bíblica da soberania divina, ou como em seu caso, em tornar a doutrina um fardo insuportável e uma base para blasfêmia uma vez que alegam tê-la aceitado.

Eu abordarei os efeitos de seu modo atual de pensamento e apontarei as suposições por trás dessas coisas que você disse, bem como suas implicações. Você pode negar que pretendeu essas suposições e implicações, mas não pode negar seus efeitos, visto que foi você quem as compartilhou comigo, e não pode negar as suposições e implicações associadas a elas se a relação lógica for demonstrada. Você poderia não estar ciente de todas as suas intenções, mas como seus efeitos tornaram-se óbvios, talvez você seja movido a examiná-las e admiti-las.

Creio que estou correto, caso contrário não estaria dizendo o que lhe digo. E eu devo descrever a situação tão severamente quanto a percebi; de outra forma, não estaria lhe dizendo o que estou realmente pensando e nem lhe oferecendo a ajuda que você pediu. Em todo o caso, quer você considere minha avaliação correta ou incorreta, no final você é aquele que tem que viver com as consequências de aceitar ou rejeitar o que digo.

Procedendo ao conteúdo do que você me disse, uma característica comum notável às questões que você levantou é que eu já as respondi em meus escritos. Nossas interações anteriores deram-me a impressão de que você leu e concordou com grande parte deles, se não com tudo. Mas se você os tivesse aceitado, jamais teria levantado essas questões ou pelo menos não da forma como você as declarou. Assim, as possibilidades são que você não leu de fato muito das minhas obras (de forma que nunca leu as respostas), que você esqueceu o que leu (de forma que tudo o que você precisa fazer é revisá-las), que você nunca as aceitou (embora não tenha dado nenhuma indicação quanto a discordar de mim e sua razão para a discórdia), e/ou que você falhou em aplicá-las no devido respeito à sua própria vida e pensamento (e é estranho e frustrante que não haja nenhuma indicação de que você tenha aplicado minhas obras aos seus problemas em alguma extensão).

Quanto ao que lhe perturba, uma grande parte disso nada mais é do que uma variação do chamado problema do mal. Em sua expressão usual, essa objeção contra o Cristianismo foi respondida há muito tempo por mim e no mínimo umas poucas outras. Eu a abordei em meu artigo: “O Problema do Mal”. Entre outras coisas, tenho mostrado que a objeção em si é tão incoerente que ela é refutada mesmo antes de terminarmos de lê-la. Como um argumento contra a fé cristã, “Se Deus existe, então por que o mal?”, não pode ser expresso numa forma que possa ser logicamente entendido.

Seu problema não é idêntico ao argumento ateu, mas certas facetas dele são as mesmas. Assim, se você revisar a resposta a ele, verá que todas as suas questões não fazem sentido. Em algum ponto, uma premissa arbitrária é introduzida, ou uma suposição é mantida sem reconhecimento ou justificação. Como se dá com o problema, se dá com a solução. Se o problema geral é que seu pensamento não faz sentido, então a solução geral é que você deveria parar de pensar dessa forma. A solução é parar o seu pensamento irracional em vez de lhe dar uma resposta que satisfaria tal pensamento.

O mesmo é verdade com respeito ao entendimento e aplicação da soberania de Deus. A partir das nossas interações anteriores, sei que você concorda que apelos à liberdade humana, ao mistério, a contradições aparentes, ou ao compatibilismo são todos errôneos e enganosos. Essas são respostas falsas às questões que você levantou. Todavia, se você tiver lido e aceitado minhas exposições sobre o assunto, nunca teria dito tais coisas. O problema não é com Deus, mas o conflito e confusão ocorrem porque você sustenta algumas suposições centrais e segue padrões de pensamento antibíblicos e irracionais.

Além de ter abordado o problema amplo do mal, eu dei também respostas específicas a cada um dos itens que você mencionou. Espalhadas em todos os meus escritos estão respostas aos seus problemas com a soberania e a relação que a doutrina tem com questões específicas na vida. Primeiro, minhas exposições sobre a soberania divina são mais que suficientes para abordar a condição de sua esposa, incluindo seu dever como marido. Você pode estar certo de que a resposta de um marido amoroso — um que ama verdadeiramente a Deus e sua esposa — não é dizer que a Deus que ele pode mudar, mas não muda. Meu livro *Cura Bíblica* é um suplemento às exposições sobre soberania divina aplicada às enfermidades humanas. Então, em vários lugares eu abordei a razão para o decreto divino para a existência de falsas doutrinas e práticas na igreja, e para falsas religiões e seitas. E eu abordei o tópico de novo recentemente em meu artigo “A Igreja Invencível”. Quanto à importância da oração, considerando a soberania divina, falei sobre isso em meu livro *Oração e Revelação*, bem como em vários outros lugares. Você deveria ler essas obras de novo, bem como outros escritos que dão atenção especial à soberania divina, tais como meu *Comentário sobre Efésios* e *O Autor do Pecado*.

No que segue evitarei dizer-lhe: “Você já deveria saber isso”. Eu direi isso aqui, e então não repetirei com muita frequência. De fato, se viesse prestando atenção, todas as suas questões deveriam ter sido respondidas há tempos, e você estaria ajudando outros ao invés de você mesmo precisar de ajuda. Há um lugar para dizer: “Eu não tenho a resposta, mas orarei com você”. Mas não vou fazer isso, pois eu tenho a resposta — toda ela. Você poderia responder como você disse sobre um versículo da Escritura: “Eu posso reconhecer isso como uma realidade teológica. Mas isso não é de grande ajuda quando você sente sua esposa tremendo de tristeza e dor”. Eu não sou enganado por essa conversa piedosa e a responderei num instante. Por ora observemos também que a resposta poderá não lhe “ajudar” não somente porque você tem o que considera compaixão para com sua esposa, mas também se você tiver um coração perverso e incrédulo, que recuse combinar a palavra de Deus com a fé (Hebreus 4.2).

Assim, você pode não gostar da resposta que estou para lhe dar. Essa introdução sozinha poderia ser mais do que você pode tomar. Mas é minha responsabilidade apresentar a resposta, e não fazer com que você goste dela. E eu tenho a resposta. Eu a tenho bem aqui. Eu o libertarei se você escutar. Você pode aceitá-la e viver uma vida alegre e produtiva em Deus, ou rejeitá-la e perecer em sua incredulidade e desespero. Você poderia dizer: “Eu ouvirei se isso for a vontade de Deus, pois ele preordena todas as coisas”. Eu respondi mesmo essa escusa ímpia — em si mesma a declaração é verdadeira, mas você a diz duma forma e num contexto que ela é usada como uma desculpa para impiedade e rebelião.

Embora eu fale dessa forma, desejo que você saiba que me importo com você. Estou do seu lado, não contra você. Mas o fato de eu estar ao seu lado significa que devo lhe dar a palavra de Deus sobre o assunto, e não o que faz você se sentir melhor à custa da verdade e honra de Deus. Eu poderia despedir-lhe com umas poucas sentenças, ou remeter-lhe aos meus escritos, e teria lhe dado uma resposta verdadeira. Mas não fiz isso, de forma que a extensão desta resposta é em si um testemunho ao fato de que me importo com você. Todavia, ela poderia ser ainda maior, visto que existem muitas coisas que eu posso dizer, mas não tudo, e por isso devo ser seletivo. A partir da minha perspectiva — isto é, comparado a tudo o que posso dizer sobre cada item — tocarei rapidamente cada ponto antes de proceder para o próximo. Assim, insto que você pense

sobre essas coisas, e o Senhor sobrepujará a deficiência e lhe dará entendimento (2 Timóteo 2.7).

Concluo esta introdução com uma advertência. Eu lhe darei a resposta de Deus no que segue. Enquanto o que eu disser proceder da revelação de Deus e concordar com ela, sua resposta a ela é também sua resposta para com o próprio Deus. E isso significa que você não pode permanecer não afetado por ela. Se você endurecer seu coração e recusar-se a aceitar a resposta, sua condição tornar-se-á bem pior. No mínimo exporá a impiedade que já está em seu coração, de forma que você não poderá mais fingir. E se você permanecer em sua atual rebelião, isso será muito mais deliberado do que antes. Como 2 Pedro 2.21 diz: “Porque melhor lhes fora não conhecerem o caminho da justiça, do que, conhecendo-o, desviarem-se do santo mandamento que lhes fora dado”.

Num nível pessoal, minha resposta poderia destruir nosso relacionamento. Poderia ser que eu me tornasse seu inimigo ao dizer-lhe a verdade (Gálatas 4.16). Contudo, minha principal preocupação é com a honra de Deus. Sua atitude e pensamento desonram a Deus, de forma que é necessário que minha resposta inclua um forte elemento de repreensão e correção. É com muita compaixão para com você que escrevo isto, mas escrevo com muito mais zelo pela honra de Deus, para que seu nome e sua doutrina não sejam blasfemados ou tornados objetos de zombaria e desdém. Assim, com isso em mente, não tenho medo de lhe ofender. Você não pode fazer nada para me magoar, nada que importe. E esse é o seu problema, a sua vida. Eu sei que arrisco perder seu respeito, apoio e amizade, mas essas coisas são completamente desprezíveis para mim quando comparadas à satisfação de Deus e a vindicação do seu nome.

A ENFERMIDADE HUMANA E A SOBERANIA DIVINA

Sobre a condição de sua esposa, você escreveu: “Minha esposa não pode ter filhos. Digo isso sabendo que Deus é soberano sobre o ventre. Assim, se ele ordenar que Jill tenha filhos, então ela terá”. Isso é correto até certo ponto, ou quando tomado isoladamente. Mas a última parte do parágrafo sugere que existe uma falsa atitude por trás dele. Lidaremos com isso diretamente daqui há pouco, mas visto que não posso assumir que sua atitude por trás dessa primeira parte é correta, devo mencionar algumas coisas.

Primeiro, a Bíblia prescreve essa reação, essa atitude? Você declarou a verdade metafísica por trás da situação, mas você também a tomou como a sua postura para com a situação como um cristão. Existem preceitos bíblicos que lhe digam como reagir de alguma outra forma?

Você tomou o decreto de Deus — não o decreto em si, visto que ele não é conhecido, mas o princípio que as coisas ocorrem pelo decreto de Deus — como a base e o conteúdo de sua reação. Mas a Bíblia diz: “As coisas encobertas pertencem ao SENHOR nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei” (Deuteronômio 29.29). Deus revelou sua lei para que você a siga, mas sua atitude para com a situação apela ao seu decreto divino. Você aplica o princípio da soberania divina a cada item que você mencionou para mim, mas o exposto acima apenas começa a mostrar que o seu entendimento da doutrina é defeituoso e antibíblico. Você não pode confiar na sua aplicação de tal entendimento. Ou você recusa aplicá-lo corretamente – e eu oferecerei algumas possíveis razões para isso — ou você não sabe como em primeiro lugar, embora eu tenha ensinado isso inúmeras vezes.

Um dos muitos preceitos que se aplicam a essa situação é a oração persistente (Lucas 18.1-8). Jesus diz: “E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite, ainda que tardio para com eles? Digo-vos que depressa lhes fará justiça. Quando porém vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?” (v. 7-8). A questão não é a justiça de Deus, como a última parte do seu parágrafo alega indiretamente, mas se você tem fé (ou, como implícito no versículo 7, se você é um dos seus escolhidos). E de acordo com a passagem, se você tivesse fé, você persistiria em oração. Você tem sido persistente na oração? Aparentemente não, ou não falaria dessa forma sobre a situação.

Como você tem orado por sua esposa? Se você vem dizendo a Deus o que você me disse, então o melhor presente que ele poderia lhe dar é uma forte repreensão — bem parecida com a qual estou lhe dando agora. Deus responde oração por cura. Como Gênesis 25.21 diz: “E Isaque orou insistentemente ao SENHOR por sua mulher, porquanto era estéril; e o SENHOR ouviu as suas orações, e Rebeca sua mulher concebeu”. Aparentemente, sua alma é tão estéril quanto o ventre da sua esposa.

Você continua: “Eu fico acordado à noite, abraçando minha esposa à medida que ela chora pelo fato de não poder ter filhos. E ali, começo a considerar o número incontável de pequenas meninas, adolescentes e mulheres que abortam, jogam seus filhos na lata de lixo, ou simplesmente negligenciam seus filhos e penso... como pode ser assim?”

Espere um minuto, você se apresenta como alguém que faz uma aplicação generalizada da soberania de Deus sobre todas as coisas, mas aqui você faz uma comparação entre você e essas outras pessoas baseada nos preceitos de Deus. Você julga corretamente o seu comportamento como pecaminoso, mas você pode fazer isso apenas usando os preceitos de Deus como o ponto de referência para o seu pensamento. E você julga a sua intenção não pecaminosa, se não até mesmo nobre, mas novamente, você pode fazer isso apenas usando os preceitos de Deus como o ponto de referência.

Então você lamenta: “como pode ser assim?” Visto que a comparação é baseada nos princípios morais de Deus, e visto que por esse ponto de referência essas pessoas são moralmente inferiores a você, e visto que você afirma que alguém ter ou não filhos é algo baseado na soberania de Deus, isso necessariamente significa que sua frustração é baseada em sua crença de que você *merece* um tratamento melhor do que você está recebendo de Deus. Você pensa que Deus dá soberanamente aos pecadores o que ele deveria lhe dar. Você o questiona sobre a base que você é melhor do que essas outras pessoas.

Isso cheira a farisaísmo. Você é como o irmão mais velho na história do Filho Pródigo. Lemos: “Mas ele se indignou, e não queria entrar. E saindo o pai, instava com ele. Mas, respondendo ele, disse ao pai: Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos; vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou os teus bens com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado” (Lucas 15.28-30).

A história não corresponde exatamente à sua situação, mas seria igual se esses pecadores sobre os quais você fala se arrependessem e viessem a Cristo. E aqueles que fizeram isso provavelmente terão uma atitude melhor do que a sua sobre a vida e sobre Deus. Aparentemente, quer essas outras pessoas se arrependam ou não, você soa como o irmão metido a santo: “Olhe! Eu desejo filhos e pretendo criá-los bem, mas você se

recusa a me conceder mais. Mas esses pecadores dissipam a capacidade deles de ter filhos, até mesmo abandonando-os e matando-os, todavia, você os abençoa com fertilidade! Como pode ser isso?”

Quando mencionei que você deveria aplicar a verdade, você replicou: “A ironia disso é que a capacidade de simplesmente aplicar a verdade está sob o controle da soberania do nosso Senhor. Assim, se ele quiser, ele fará isso”. Mas você não disse isso sobre esses pecadores, disse? Ei, você disse? Você os julga apelando ao preceito de Deus, mas se desculpa apelando ao decreto de Deus. Percebe isso? Você é um hipócrita. Ora, se você os julgasse também pelo decreto de Deus, sua comparação estaria destruída, e não mais poderia perguntar: “Como pode ser isso?” E se você se julgasse também pelos preceitos de Deus da mesma forma que julga esses pecadores, não mais poderia se escusar de obedecer a esses preceitos apelando à soberania de Deus.

Você se queixa que outros têm o que você não tem, mas você é grato pelo que já tem? Se é, não há nenhuma indicação disso no que você me disse. Com tal atitude perversa, o que você faria se tivesse filhos? Passaria sua atitude cheia de ressentimento e justiça própria para eles? Seria completamente irracional perguntar se essas crianças estão em melhor situação mortas, como aquelas dos pecadores que você mencionou, do que criadas por alguém como você? Mas eu pouparei você nesse ponto.

Não lhe pouparei, por outro lado, da questão de você ter sido um bom marido ou não, visto que já tem uma esposa. Você ao menos ama sua esposa? Sem dúvida pensa que sim, mas esse amor resulta em rebelião, ressentimento e discórdia contra Deus? Ou esse amor resulta num chamado zeloso para que sua esposa siga os ensinamentos de Deus? Esse amor compele você a encher sua esposa de fé, amor e esperança? Esse amor compele você a afirmar a bondade de Deus para a sua esposa? Ou você tem dito a ela o que me disse e enchido o coração dela com a mesma hipocrisia e justiça própria? Você a defende contra Deus, ou defende Deus diante dela? No segundo caso, você faz isso sinceramente? Se sim, então por que sequer precisa conversar comigo, a não ser que não queria dizer o que disse?

Deixando de lado por ora a possibilidade de cura mediante a oração, e se Deus tiver algo diferente ou melhor para você e sua esposa? E se isso for apenas uma questão de tempo? E se ele quiser que você abandone o desejo de ter seus próprios filhos

biológicos, de forma que possa adotar aqueles que têm sido abandonados, ou que de outra forma teriam sido assassinados, ou criados como pecadores e criminosos? E se ele quiser que você seja parte da solução para esses pecadores sobre os quais você tem se queixado? E se ele quiser que você desista de ter filhos para que possa gastar mais tempo no ministério e gerar filhos espirituais? Ou a justiça da situação é mensurada somente pelo que você e sua esposa desejam?

Você não pode passar nesse simples teste de fé? E o que dizer sobre a sua atitude para com o próprio teste? Você o valoriza ou despreza? Jó diz: “Porém ele sabe o meu caminho; provando-me ele, sairei como o ouro” (Jó 23.10). Você quer isso, ou quer filhos? Você quer isso para a sua esposa, ou quer apenas que ela se sinta agradada e tranquila? Então, Tiago nos diz: “Meus irmãos, tende grande gozo quando cairdes em várias tentações; sabendo que a prova da vossa fé opera a paciência. Tenha, porém, a paciência a sua obra perfeita, para que sejais perfeitos e completos, sem faltar em coisa alguma” (Tiago 1.2-4). Você quer uma fé que é genuína e testada? Você quer perseverança? Você quer maturidade espiritual e plenitude em Deus? Ou quer que Deus simplesmente entregue o que você deseja, de forma que possa ser feliz sem passar por testes e provações? Sim, você alega crer na soberania absoluta de Deus. Seu problema é que você discorda de como ele usa essa soberania. Mas isso não faz de você melhor que Satanás (Tiago 2.19). Você alega perceber a soberania divina como uma realidade, mas suas queixas mostram que você não gosta dela. Você quer as coisas do seu jeito.

Acorde! Escute! Humilhe-se e preste atenção, e terá a sua resposta. Aqui está a palavra de Deus para você (Salmo 73, ênfase adicionada).

Verdadeiramente bom é Deus para com Israel,
para com os limpos de coração.

**Quanto a mim, os meus pés quase que se desviaram;
pouco faltou para que escorregassem os meus passos.
Pois eu tinha inveja dos néscios,
quando via a prosperidade dos ímpios.**

Porque não há apertos na sua morte,

mas firme está a sua força.
Não se acham em trabalhos como outros homens,
nem são afligidos como outros homens.
Por isso a soberba os cerca como um colar;
vestem-se de violência como de adorno.
Os olhos deles estão inchados de gordura;
eles têm mais do que o coração podia desejar.
São corrompidos e tratam maliciosamente de opressão;
falam arrogantemente.
Põem as suas bocas contra os céus,
e as suas línguas andam pela terra.
Por isso o povo dele volta aqui,
e águas de copo cheio se lhes espremem.
E eles dizem: Como o sabe Deus?
Há conhecimento no Altíssimo?

Eis que estes são ímpios,
e prosperam no mundo; aumentam em riquezas.

Na verdade que em vão tenho purificado o meu coração;
e lavei as minhas mãos na inocência.
Pois todo o dia tenho sido afligido,
e castigado cada manhã.

Se eu dissesse: Falarei assim;
eis que ofenderia a geração de teus filhos.

**Quando pensava em entender isto,
foi para mim muito doloroso;
Até que entrei no santuário de Deus;
então entendi eu o fim deles.**

**Certamente tu os puseste em lugares escorregadios;
tu os lanças em destruição.**

Como caem na desolação, quase num momento!
Ficam totalmente consumidos de terrores.

Como um sonho, quando se acorda,
assim, ó Senhor, quando acordares,
desprezarás a aparência deles.

**Assim o meu coração se azedou,
e sinto picadas nos meus rins.
Assim me embrutei, e nada sabia;
fiquei como um animal perante ti.**

Todavia estou de contínuo contigo;
tu me sustentaste pela minha mão direita.
Guiar-me-ás com o teu conselho,
e depois me receberás na glória.

**Quem tenho eu no céu senão a ti?
e na terra não há quem eu deseje além de ti.
A minha carne e o meu coração desfalecem;
mas Deus é a fortaleza do meu coração,
e a minha porção para sempre.**

**Pois eis que os que se alongam de ti, perecerão;
tu tens destruído todos aqueles que se desviam de ti.
Mas para mim, bom é aproximar-me de Deus;
pus a minha confiança no Senhor DEUS,
para anunciar todas as tuas obras.**

Você está escorregando por causa da prosperidade do ímpio (v. 2), mas a verdade é que Deus os colocou em lugares escorregadios, de forma que serão destruídos (v. 18-19). Quando você fica triste e amargurado devido à forma como Deus exerce sua soberania (v. 21), você está sendo irracional e ignorante, como um animal bruto (v. 22).

Em primeiro lugar, a questão é se você está entre os ímpios. Você pode dizer: “Quem tenho eu no céu senão a ti? e na terra não há quem eu deseje além de ti” (v. 25)? Se você está longe de Deus e sendo infiel para com ele, você será destruído (v. 27), mas se Deus é a força do seu coração (v. 26), então você dirá: “Eu tenho feito do SENHOR Soberano o meu refúgio” — não como você diz agora, “se ele quiser, então fará”. Essa é a sua palavra a alguém que está em sua situação, alguém que está oprimido por pensamentos com respeito à prosperidade do ímpio? Como você responderia? Você a aceitaria sem fazer escusas?

Então, você escreveu: “Ora, alguém dirá: ‘Jack, Deus faz com que todas as coisas contribuam juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito’. Eu posso reconhecer isso como uma realidade teológica. Mas isso não ajuda quando você sente sua esposa tremendo de tristeza e dor”. Por quê? Por que não ajuda? Como você deveria saber, não é simplesmente “qualquer um” que diz isso, mas Paulo escreveu isso pela inspiração infalível de Deus.

Se nos voltarmos para Romanos 8 a fim de observar o contexto, não existe nenhuma razão para que o versículo não o ajudasse. Antes do versículo em questão, Paulo diz: “Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada” (v. 18). Ele está falando sobre as nossas “aflições deste tempo presente”. O versículo 28 nos dá a declaração sob discussão: “E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”. Então ele diz: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (v. 31), e aplica isso em face de tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo, espada, morte, vida, anjos, demônios, o presente, o futuro, principados, potestades, altura, profundidade e “qualquer coisa em toda a criação” (v. 35, 38-39). E você tem o rancor de “reconhecer isso”, mas tal fato “não ajuda”. Paulo aplica isso a alguns problemas bem “presentes” (v. 18) como perseguição, fome, nudez, perigo ou mesmo a espada (v. 35). Mas em face de sua esposa tremendo, “isso não ajuda”. Esse deve ser algum tremor muito forte!

Você é um mentiroso (Romanos 3.4). Você não “reconhece isso como uma realidade teológica” de verdade. O que você provavelmente reconhece é que você *deveria ter* “reconhecido isso como uma realidade teológica”. A outra possibilidade é pior — é que você não ama a Deus, e que não foi chamado segundo o seu propósito. Se

você é um incrédulo, um não-cristão, então sem dúvida o versículo 28 não lhe ajuda. Mas isso é entre você e Deus. Você alega ser um cristão, e até agora eu o tratei como tal. Portanto, no contexto dessa discussão, não há razão pela qual o versículo 28 não o ajudaria. O que você diz aqui é blasfêmia contra a palavra de Deus, e é pura imundície.

Jesus diz: “Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós” (Mateus 5.11-12). Agora imagine algum idiota que diz: “Eu reconheço isso como uma realidade teológica, mas isso não ajuda quando as pessoas lhe insultam de verdade, lhe perseguem e dizem falsamente todo o mal contra você”. Bem, por que Jesus disse isso então? Deveria ajudar, pois esse foi o motivo de ter dito. Ele diz que em face de insulto, perseguição e calúnia, deveríamos “exultar e alegrar-nos” — temos que *fazer isso*, exultar e alegrar-nos de verdade, não apenas dizer que cremos nisso, porém não é de nenhuma ajuda. E ao invés de arrumar desculpas, os apóstolos fizeram isso: “Retiraram-se, pois, da presença do conselho, regozijando-se de terem sido julgados dignos de padecer afronta pelo nome de Jesus” (Atos 5.41).

Paulo escreve: “Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Coríntios 5.21). Agora imagine algum idiota que diga: “Eu reconheço isso como uma realidade teológica, mas isso não ajuda quando você fez algo errado e se sente culpado por isso”. Mas isso deveria ajudar, pois é diretamente aplicável ao pecado e à culpa. Se não ajuda alguém, então ele não reconheceu de fato como uma realidade teológica, ou algum tipo de realidade. Similarmente, 1 João 1.9: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça”. É um mentiroso aquele que diz crer nisso, mas que isso em nada ajuda.

Quando Paulo implorou que o Senhor removesse dele um espinho em sua carne, um mensageiro de Satanás, o Senhor respondeu: “A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2 Coríntios 12.7-9). Agora imagine se Paulo tivesse replicado ao Senhor: “Eu reconheço isso como uma realidade teológica, mas não ajuda quando o espinho está ferindo o meu lado”. Ele seria um idiota. Soaria como você. Mas diferentemente de você, ele cria verdadeiramente nisso e agia conforme tal crença: “De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder

de Cristo. Por isso sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando estou fraco então sou forte” (v. 9-10).

Considere José. Ele foi traído por seus próprios irmãos e vendido a uma terra estrangeira. Então ele foi falsamente acusado de um crime vergonhoso e lançado numa prisão. Agora imagine se ele tivesse dito: “Eu reconheço meu sonho sobre minha ascensão ao poder como uma realidade profética, mas isso não ajuda quando você está apodrecendo numa prisão sem saída”. Se essa tivesse sido a sua atitude, então em que sentido ele teria reconhecido seu sonho como algum tipo de realidade? Ele o teria visto como uma irreabilidade. Mas ele foi fiel e manteve-se numa atitude correta, e o Senhor o abençoou onde ele estava. E todas as coisas de fato contribuíram para o seu bem. A traição dos seus irmãos o levou para longe, onde ele subiria ao poder. E a falsa acusação contra ele, que o lançou na prisão, colocou-o no exato lugar onde ele precisava estar para ganhar a atenção de Faraó. Cada tragédia foi um atalho para o sucesso e o destino.

Ah, mas seu problema é tão grande que isso não lhe ajuda. Patético! O que acontece? Você tem enganado a si mesmo: “E sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos” (Tiago 1.22). Você é um mentiroso, e aceita a sua própria mentira.

Eu preciso realmente lidar com essa outra coisa que você disse? “Alguém dirá: ‘Jack, você precisa apenas confiar no Senhor e ser obediente a ele a despeito da emoção’. Posso concordar com isso também. Mas ainda não é algo que ajuda a aliviar a frustração intensa, a dor e a tristeza. E no final do dia, penso comigo: ‘Deus é soberano. Ele poderia permitir que Jill tivesse filhos. Tudo isso poderia parar’”. Irreverente. Ridículo. Não, você não concorda com isso. Você não crê que deveria confiar no Senhor e obedecer-lhe — ou talvez creia que *deveria*, como até mesmo os demônios, mas, como os demônios, não crê e nem o obedece de fato; de outra forma, isso de fato aliviaria a frustração, dor e tristeza.

Você tem a atitude: “Deus pode terminar esse sofrimento, mas não o faz”. Em outras palavras: “Deus pode me obedecer. Deus pode se curvar diante de mim e fazer toda a minha vontade, mas não o faz”. E isso lhe frustra, causando-lhe tristeza e dor. Você pode reconhecer como uma “realidade teológica” que ele é Deus, e que ele é

soberano, mas você não gosta disso. Você não aprova o que ele faz como Deus. Você pensa que ele está retendo coisas boas de você, mas Jesus diz: “Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem?” (Mateus 7.11). A única forma de isso ser uma “realidade teológica” que “não ajuda” é ele não ser o seu Pai de forma alguma. Não há nenhuma palavra de gratidão no que você me disse sobre a sua situação. É tudo sobre como Deus tem lhe prejudicado. Comparando à sua blasfêmia, a esterilidade da sua esposa é o menor dos seus problemas.

A DEPRAVAÇÃO HUMANA E A SOBERANIA DIVINA

Então você começa a falar sobre a batalha contra o pecado em sua vida, e como quando considerada em relação à soberania de Deus sobre o assunto, isso leva à frustração. Você escreveu:

Não posso escapar de padrões de pecado em minha vida. Irmão, eu sei que para Deus todas as coisas são possíveis. E também sei que somos exortados nas Escrituras para fugir do pecado e nos apegarmos aos preceitos do nosso Senhor. E, todavia, me encontro voltando aos velhos padrões do pecado de vez em quando na minha vida. Assim, eu luto por liberdade. Eu digo a alguém seja lá o que estiver acontecendo, isto é, quando estou pensando sobre o meu passado, lidando com a cobiça dos meus olhos, e assim por diante. Eu tenho alguém a quem presto conta. Coloco esforço extra para meditar sobre as coisas do Senhor. E, todavia, a batalha interna nunca se acalma. Parece ser algo diário. Uma vez mais penso comigo: “Deus é soberano — total e completamente. Por que ele não remove essa fraqueza patética de mim de uma vez por todas?”.

Sim, positivamente estou em Cristo, e Cristo está em mim. Fui lavado e purificado pelo sangue do Cordeiro imaculado. E posso também reconhecer que mesmo a preordenação da minha pecaminosidade glorifica a Deus em seu grande plano. Mas, Vincent, eu detesto absolutamente o pecado em minha vida. Eu não quero mais pecar na minha vida. Assim, a realidade de que Deus poderia fazer, mas não faz, é dura para eu lidar com ela.

A “dificuldade” com isso é que é muito fácil para eu responder. Devo seguir um esboço lógico que organize minha resposta por assunto, ou devo abordar o que você diz aqui com um esboço cronológico que organiza os princípios e exemplos como eles ocorrem por toda a história da salvação? Os dois arranjos poderiam produzir um livro expositivo enorme, visto que há muito sobre isso na Escritura. Tenho que me restringir a poucos pontos apenas.

O que impressiona no que você escreveu é que parece que você não tem nenhum entendimento da soberania de Deus, além do fato de que ele controla todas as coisas. Parece que você nem mesmo gosta da doutrina — ela torna a sua vida miserável. Mas você ainda continua para falsificar uma aplicação abrangente dela — eu não disse “fazer”, mas falsificar”,¹ pois sua aplicação é arbitrária, e não abrangente, como demonstrado na hipocrisia com a qual você julga alguns pecadores que podem ter filhos. Uma coisa que você precisa fazer é encarar seu orgulho e reconhecer que o seu entendimento dessa doutrina é de fato inferior, parcial e distorcido.

Você menciona que há um “grande plano”, e que mesmo os seus pecados e falhas devem ser uma parte dele. Mas em vez de integrar isso em sua aplicação da soberania divina para gerar uma perspectiva completa sobre o assunto, você tem apenas sua agenda minúscula em mente: “Assim, a realidade de que Deus poderia fazer, mas não faz, é dura para eu lidar com ela”. O que aconteceu com a “realidade” do “grande plano”? Você não tem o direito de sustentar ou ignorar um aspecto essencial de uma

¹ No original: “make” but “fake”. [N. do T.]

doutrina bíblica simplesmente porque isso é conveniente para você num momento, ou porque você quer construir um argumento.

Isso é especialmente relevante porque você gosta de perguntar “por quê?”. Isso tem algo a ver com o “grande plano”? Mas você não deu nenhuma oportunidade. “Por quê?” parece ser a sua resposta consistente à soberania divina, e o seu uso dela é enganoso, talvez sem intenção. Entendemos que “por quê?” pode ser um advérbio moralmente neutro numa proposição que requeira informação ou explicação. Mas ela pode ser usada também para indicar desaprovação e impaciência em determinada situação. Algumas vezes, as duas coisas podem ser tencionadas e, julgando pelo contexto de cada seção que você escreveu, é esse o sentido em que você usa a palavra. Não é apenas uma solicitação de informação, mas um sinal de sua insatisfação com as decisões e operações de Deus.

Isso é claro a partir das várias formas como você continua dizendo: “Deus poderia fazer isso que eu quero, mas não faz”. O fato de o seu “por quê?” indicar não somente curiosidade, mas também forte desaprovação e rebelião, é consistente com a sua tendência a ignorar as soluções e explicações oferecidas a você. Assim, Romanos 8.28 é ignorado porque “não ajuda” e o “grande plano” dele não sobrevive por muito tempo em seu pensamento, aparentemente porque ele não é o *seu* grande plano. Você não quer que Deus simplesmente lhe informe do que ele faz — de fato, é questionável você estar muito interessado nisso — mas você quer que Deus lhe obedeça no que ele faz.

O que foi dito acima é suficiente para mostrar que você não está pensando corretamente sobre tudo isso, e que o seu “por quê?” para com Deus é pecaminoso e irracional. Mas, ainda assim, olharemos para o que a Bíblia diz sobre o assunto, como ela responde à questão direta e repetidamente:

Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas?
Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: Por que
me fizeste assim? Ou não tem o oleiro poder sobre o
barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e
outro para desonra?

E que direis se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira, preparados para a perdição; para que também desse a conhecer as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios? (Romanos 9.20-24)

A pergunta que Paulo diz que não deveríamos fazer é precisamente a que você está formulando: “Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: Por que me fizeste assim?” Se você é um réprobo, então a questão é simples. Essa passagem diz que Deus faz alguém como você, para que alguém como eu possa aprender sobre sua ira, poder e paciência — que ele toleraria alguém como você por um longo tempo — e, em contraste, sobre sua riqueza e misericórdia para comigo. Assim, se você for um réprobo, essa seria uma conclusão satisfatória à minha resposta.

Contudo, estamos trabalhando sobre a suposição de que você é um cristão. Mesmo assim, a passagem é relevante. Observe que Deus se revela ao eleito não somente através dos objetos de ira, a quem preparou para a destruição, mas aqueles que são salvos são objetos de sua *misericórdia* — eles mesmos eram pecadores, mas Deus decidiu soberanamente mostrar-lhes misericórdia: “Logo, pois, compadece-se de quem quer, e endurece a quem quer” (Romanos 9.18).

Podemos tomar a história de Sansão como um exemplo de como o pecado pode se encaixar no “grande plano” de Deus. Assumirei que você conhece a Bíblia o suficiente para lembrar que Sansão cometeu um engano após outro, pecando contra alguns dos preceitos morais universais de Deus, bem como contra o voto que deveria guardar diante de Deus. Seus pecados culminaram em sua captura e humilhação, que levou à celebração que atraiu os príncipes dos filisteus (Juízes 16.23). E em seus últimos momentos, Sansão demonstrou uma fé na misericórdia de Deus que é raramente testemunhada na maioria dos cristãos — ele orou pela restauração de sua força para que pudesse destruir os filisteus. Mas, contrário ao que alguns têm sido conduzidos a crer,

Sansão não falhou em realizar aquilo para que Deus o havia chamado, pois a Escritura diz: “foram mais os mortos que matou na sua morte do que os que matara em sua vida” (16.30). Por sua fé, ele foi honrado juntamente como Abel, Enoque, Noé, Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, Davi e Samuel (Hebreus 11.32).

Eu aprendi isso, e até escrevi um livro pequeno sobre ele. Essa grande lição com respeito à misericórdia de Deus é apenas um aspecto minúsculo da revelação total concernente à maneira como ele poderia fazer bom uso do pecado em seu “grande plano”. Mas como a sua rebelião cega a sua mente para essa revelação preciosa!

E o que dizer do profeta Jonas? Ele pecou ao desobedecer à instrução de Deus para pregar a Nínive (Jonas 1.3), mas Deus enviou um grande peixe para tragá-lo, de forma que permaneceu ali por três dias e três noites (1.17). Desse grande peixe veio uma revelação e então uma oração que se tornou parte da Escritura (2.2-9, ênfase adicionada).

Na minha angústia clamei ao SENHOR,

e ele me respondeu;

do ventre do inferno gritei,

e tu ouviste a minha voz.

Porque tu me lançaste no profundo,

no coração dos mares,

e a corrente das águas me cercou;

todas as tuas ondas e as tuas vagas

têm passado por cima de mim.

E eu disse: Lançado estou

de diante dos teus olhos;

todavia tornarei a ver o teu santo templo.

As águas me cercaram até à alma,

o abismo me rodeou,

e as algas se enrolaram na minha cabeça.

Eu desci até aos fundamentos dos montes;

a terra me encerrou para sempre com os seus ferrolhos;

mas tu fizeste subir a minha vida da perdição,

ó SENHOR meu Deus.

**Quando desfalecia em mim a minha alma,
lembrei-me do SENHOR;
e entrou a ti a minha oração,
no teu santo templo**

**os que observam as falsas vaidades
deixam a sua misericórdia.**

**Mas eu te oferecerei sacrifício
com a voz do agradecimento;
o que votei pagarei.
Do SENHOR vem a salvação.**

Que revelação da graça! Ler a passagem quase me leva às lágrimas, e eu o teria feito se não tivesse me contido para poder continuar escrevendo. E mais tarde o Senhor Jesus até mesmo citou esse incidente como um sinal correspondente à sua própria morte e ressurreição (Mateus 12.3-40). Em contraste, tudo o que você pode pensar sobre isso é: “Deus poderia fazer isso por mim, mas não faz”. Essas são apenas duas ilustrações na Escritura que “onde o pecado abundou, superabundou a graça; para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor” (Romanos 5.20-21).

Se um pensamento ou ação é pecaminoso ou não é algo determinado pelo fato de ele transgredir ou não os preceitos de Deus, de forma que mesmo que os decretos de Deus produzam um efeito bom a partir de algo mal, não transforma o mal em bem. Assim, eu não digo que esses pecados não são de fato errados ou perversos simplesmente porque Deus usa até mesmo os pecados dos homens para glorificar a si mesmo e cumprir o seu propósito. De fato, se eles não são maus ou se deixaram de ser maus uma vez empregados para o bem, isso destrói o próprio ponto que devemos aprender. Pois se a lição consiste de uma revelação da ira de Deus contra os pecadores e a misericórdia de Deus para com os crentes, então o pecado deve permanecer pecado;

de outra forma não seria uma demonstração de ira, e não seria uma demonstração de misericórdia.

Assim, não aceitamos o mal simplesmente porque Deus faz bom uso dele. Antes, porque ele faz bom uso dele, aprendemos algo sobre sua ira, sua misericórdia, e o “grande plano” que você tanto despreza. Em seu caso, a luta contra aqueles pecados que você observa manifesta os maiores pecados que você falha em observar ou se recusa a reconhecer, tais como ressentimento, rebelião e blasfêmia. Você alega detestar o pecado em você. Bom! Arrependa-se, destrua essas atitudes perversas, e seja grato pela graça de Deus.

Assim, eu lhe disse o “por quê?”, mas não é realmente o “por quê?” que você deseja, é? Se você não pode me fazer de tolo, muito menos pode fazer a Deus. Não é a explicação de Deus que você quer — se for, eu já lhe dei o suficiente, embora pudesse dizer muito mais — mas é a sua submissão que você requer. Você diz: “Ele poderia fazer, mas não faz. Por quê?” Responda-me isso: *Por que* ele deveria agir da maneira que você deseja? Produza uma resposta e justificação para isso. Se não pode dizer porque ele deveria fazer isso do seu jeito, então qual é base de sua contestação? Mas se você pode levantar-se com uma razão e defendê-la contra ele, então lhe diga isso, e talvez admita que ele cometeu um engano com você e se submeterá à sua demanda. Quanto a mim, eu louvarei seus decretos e seguirei seus preceitos, pois sua misericórdia dura para sempre.

Quanto ao aspecto prático de como combater o pecado, há vários livros sobre o assunto que você poderia adquirir e estudar. Você pode ler um pouco de John Owen, J. C. Ryle, ou autores mais recentes como Jerry Bridges, Joel Beeke, e Jay Adams. Meu livro *Comentário sobre Filipenses* contém uma exposição básica sobre o ensino de Paulo com respeito ao despir do velho homem e o revestir-se do novo homem. Você também mencionou a luta que tem com o legalismo, e esses livros também abordam isso. Mas eu insisto que, por ora, sua principal queixa não é contra o seu pecado, mas contra o Senhor. Talvez isso não seja óbvio para você, pois não gosta de pensar sobre você mesmo dessa forma.

Eu também lhe lembraria das palavras de Jesus, que diz: “Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis

descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mateus 11.29-30). Se a sua alma não encontra descanso, e sua fé é difícil e pesada, não é o seu jugo que você está carregando, e não é o seu ensinamento que você aprendeu. Estou longe de ser perfeito, mas não vivo sob escravidão e opressão, pois o Reino de Deus é uma questão de “justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo”, e “quem nisto serve a Cristo agradável é a Deus e aceito aos homens” (Romanos 14.17-18).

Incluirei nesta seção sua próxima queixa sobre as deficiências e perversidades que você percebe na Igreja:

Uma terceira coisa que pragueja meus pensamentos é a Igreja. Corta o meu coração ver as coisas que vejo dentro do Corpo. Leio nas Escrituras o que o Corpo deve ser, como deve agir, e qual é a vontade do Senhor para a sua preciosa Noiva. Todavia, olho ao meu redor, vejo as coisas que assisto na televisão, e dou uma olhada nas centenas de livros nas prateleiras de livrarias cristãs e penso: “Pai, por quê?” E assim, novamente, me encontro perguntando o motivo de tudo isso ter sido ordenado (não permitido) acontecer.

Eu sujiro que dada a sua triste condição, você não está na posição de julgar o restante da Igreja, e a verdade é que pessoas como você são parte do problema. Por que a Igreja está em tal condição? É parcialmente porque você está nela. Como a sua atitude ressentida para com a soberania de Deus é melhor que as doutrinas heréticas e práticas tolas que você despreza dos outros?

Observe que seu “Pai, por quê?” implica desaprovação. Você pensa que Deus arranjaria as coisas de um jeito, mas ele não faz da forma que parece melhor a você. Novamente, pergunto: *por que* ele deveria agir do seu jeito? Se você não tem nenhuma ideia definitiva quanto à forma como as coisas deveriam ser diferentes, e se você não tem nenhuma razão definitiva quanto à razão de as coisas terem de ser como as concebe e deseja, então não existe nenhuma base para desafiar ou questionar a Deus sobre a

questão. O seu “por quê?” seria uma explosão aleatória de rebelião e insatisfação que não tem base racional e, portanto, não requer nenhuma resposta racional. Como você pensa exatamente que ele deveria usar sua soberania nessa situação, e por que você pensa assim? Formule sua resposta e tente justificá-la. Então leve essa resposta a Deus em oração e veja se ele aceitará sua correção.

Contudo, se é compreensão que você deseja, embora eu duvide que seja esse o seu verdadeiro desejo, então mesmo isso foi explicado — de fato, não somente por mim, mas por muitos outros. Falsas doutrinas e religiões dentro ou fora da igreja alarmam o verdadeiro povo de Deus, os desperta do seu descanso e complacência espiritual, os incita a buscarem santidade, e os compele a definirem as doutrinas bíblicas e refinarem suas formulações teológicas. Outra razão que eu ensinei, mas não tem sido mencionada pelos outros, é que as falsas doutrinas e falsas religiões produzem apostasia naqueles que estão na igreja, mas que não são verdadeiros crentes, e assim livram-na do fardo que eles impõem sobre a comunidade cristã. Minha declaração mais recente disso aparece no artigo “A Igreja Invencível”.

O apóstolo João nos oferece outro ensinamento aplicável quando declara: “Filhinhos, sois de Deus, e já os tendes vencido; porque maior é o que está em vós do que o que está no mundo” (1 João 4.4). O contexto da passagem refere-se aos falsos profetas e ao espírito do anticristo que propaga falsas doutrinas. Em face das falsas doutrinas e religiões, penso como o apóstolo me ensina — eu sou de Deus, e as tenho vencido, porque o que está em mim é maior do que o que está no mundo. Compare isso ao seu patético “Pai, por quê?”. Se você está realmente tão preocupado com a igreja (eu duvido disso), certamente não está ajudando muito com sua atitude.

Então, os versículos 5 e 6 declaram de uma forma diferente o que eu disse acima sobre como as falsas doutrinas e religiões servem para distinguir os crentes verdadeiros e os falsos: “Eles vêm do mundo. Por isso, o que falam procede do mundo, e o mundo os ouve. Nós viemos de Deus, e todo aquele que conhece a Deus nos ouve; mas quem não vem de Deus não nos ouve. Dessa forma reconhecemos o Espírito da verdade e o espírito do erro”. Você se queixou sobre a soberania de Deus na forma como ela se relaciona com vários aspectos da vida, mas isso é como se você não tivesse nenhum conhecimento ou entendimento de todas essas passagens que venho lhe apresentando. Você lê a Bíblia? Ao menos tem uma? Essas passagens não são difíceis de entender.

Elas lhe dizem abertamente o que você precisa saber em palavras claras e sentenças diretas.

A ESPIRITUALIDADE HUMANA E A SOBERANIA DIVINA

Essa é a terceira e última seção no corpo da minha resposta, e deppis disso farei uma conclusão. O tópico aqui é a soberania divina em relação à oração. Você escreveu:

Irmão, estou cansado. Estou muitíssimo cansado. Eu não tenho mais desejo de orar. Penso: por que fazer isso? Sim, posso estar orando concorrentemente com a vontade de Deus, mas no grande esquema das coisas, o que isso realmente importa? Minha oração muda alguma coisa? Não posso crer nisso. O que Deus ordenou COM CERTEZA acontecerá, a despeito de eu orar ou não. E se eu não orar, não seria o caso de a falta de oração ter sido ordenada? Se eu orar, ela não foi ordenada?

Como mencionei na introdução, falei sobre isso em meu livro *Oração e Revelação*. Há pelo menos dois capítulos relevantes no livro intitulados “Oração e Soberania” e “Oração e Onisciência”. Embora considere o que escrevi nesses e outros livros mais que suficiente, complementarei esses materiais escrevendo uma resposta específica ao que você declarou acima.

Para parafrasear, para você o fato de que Deus pré-ordenou todas as coisas por sua soberania absoluta remove qualquer sentido de propósito ou significado na oração. Mas se esse problema existe quando diz respeito à soberania ou pré-ordenação divina, então se aplica com igual força à presciência divina. Embora aplique-se duma maneira diferente ou a partir de um ângulo diferente, o efeito é o mesmo.

A soberania ou pré-ordenação divina é inteiramente ativa – Deus decide o que acontecerá e então faz com que aconteça, de forma que cada evento é determinado de

antemão. Por causa do contraste – isto é, para tornar a ilustração possível – suponhamos que a presciência divina seja inteiramente passiva, de forma que Deus decide e não causa nada, mas que ele apenas sabe de antemão o que suas criaturas decidirão e farão. Esse é um uso antibíblico do conceito da presciência, mas vamos assumi-lo por um momento.

Se essa presciência divina é tão exaustiva quanto a pré-ordenação divina, então mesmo que inteiramente passiva, ainda significará que cada evento é determinado de antemão. Deus saberá com certeza de antemão o que um homem decidirá e fará, e visto que esse conhecimento é perfeito e infalível, embora Deus não seja aquele que produz o efeito, será tão certo como se ele tivesse decidido de antemão produzir esse efeito.

Portanto, se a pré-ordenação divina neutraliza todo sentido de propósito e significado na oração, mesmo uma presciência divina passiva faria o mesmo. Isso significa que enquanto você afirmar a presciência e onisciência divina, você terá o mesmo problema, mesmo que não afirme a doutrina da soberania ou pré-ordenação divina.

A suposição necessária por trás da sua atitude é que a menos que suas orações não sejam pré-ordenadas e a menos que essas orações não-pré-ordenadas tenham o poder de afetar as circunstâncias (ou afetar a Deus, de forma que ele as mudaria), então a oração é um exercício inútil. Para dizer isso de outra forma, você pensa que a oração não tem sentido, a menos que você possua liberdade soberana (de forma que a decisão de orar não tenha sido pré-ordenada por Deus), e a menos que você possua uma eficácia metafísica (de forma que possa mudar as circunstâncias diretamente por suas orações) ou pelo menos uma eficácia espiritual com Deus (de forma que possa persuadir Deus a mudar as circunstâncias). Sem dúvida, essa liberdade como eficácia requereria que o resultado em questão não tivesse sido imutavelmente pré-ordenado ou infalivelmente pré-conhecido.

Em outras palavras, a suposição por trás da sua atitude requer pelo menos um Deus que é tão fraco quanto aquele do teísmo aberto, para preservar o significado das suas orações. Esse Deus não é todo-poderoso e todo-conhecedor, mas suas limitações deixam muitas coisas “abertas”, por assim dizer, para que sejam determinadas por ou pelo menos em conjunção com as atividades de suas criaturas. Sua suposição requer

pelo menos isso, e de fato essa é a razão pela qual muitas pessoas são atraídas a essa heresia.

Contudo, embora seu problema reduza em severidade assumindo-se o teísmo aberto, ele não desaparece. Esse Deus ainda será uma pessoa muito mais forte e sábia que você, e em tempos de sofrimento e insatisfação ainda será possível pensar que ele poderia lhe ajudar, mas não o fará. Ele ainda poderá decidir se responderá ou não as suas orações, e de fato ainda poderá ajudá-lo à parte das suas orações. Ele ainda conhecerá seus problemas e circunstâncias, e ainda poderá fazer uma previsão melhor do seu futuro do que você ou alguém poderia. Assim, mesmo com o teísmo aberto, não há nada que impeça você de dizer a mesma coisa, ou algo muito similar, que a oração não parece ser algo muito significativo de fazer.

Você poderia reduzir mentalmente a severidade da falta de significado comprometendo os atributos divinos de poder e sabedoria, mas não pode fazê-la desaparecer. A questão ainda permanecerá enquanto existir algum tipo de Deus. Portanto, sua atitude é consistente apenas com o ateísmo. Enquanto Deus existir, você nunca será feliz, nunca verá propósito em seu esforço, e nunca achará a oração significativa. Sua queixa não é contra a soberania de Deus, mas contra a Sua existência.

Em adição à pré-ordenação divina, você declara que suas orações não podem mudar nada, e essa é outra razão para uma falta de motivação para orar. A oração não muda as coisas, e se a oração não muda as coisas, então você não considera significativo orar. Mas, em primeiro lugar, quem lhe disse que se espera que a oração mude algo? E de onde você tirou a ideia de que a significância da oração deveria depender de ela mudar ou não as coisas?

Se a Bíblia diz que a oração muda as coisas, mas você descobre que não, então isso significa que a Bíblia está errada, e não tem sentido orar. Mas se a Bíblia está errada, então você tem um problema bem maior que a falta de motivação na oração. Em todo caso, para que essa linha de pensamento seja sustentada, você deve encontrar primeiro os textos em que a Bíblia ensina que a oração muda as coisas no sentido requerido pelo contexto dessa discussão. Por exemplo, a Bíblia diz: “Não têm, porque não pedem [a Deus]” (Tiago 4.2) e “a oração de um justo é poderosa e eficaz” (Tiago 5.16), mas esses versículos não contradizem um Deus que inspira soberanamente a

oração e então a responde soberanamente. Assim, a Bíblia ensina que a oração *em si* muda as coisas? Se nesse ponto você pensa que a verdade sobre a oração contradiz o ensino da Bíblia sobre ela, então você deve provar que a Bíblia de fato ensina que a oração *em si* muda as coisas, e então refutar o ensino bíblico.

Em todo o caso, você parece concordar que a Bíblia de fato não ensina que a isso. Mas se a própria Bíblia não diz que a oração muda as coisas e você também chegou à mesma conclusão, de forma que o ensinamento de que a oração muda as coisas é antibíblico, então como o reconhecimento que uma ideia antibíblica sobre a oração é de fato errônea torna a ideia bíblica menos significativa? O que uma coisa tem a ver com a outra?

Se a Bíblia ensina a verdade sobre a oração em primeiro lugar, e não ensina a ideia falsa, então como o fato de que o ensinamento falso é deveras falso anula o ensino verdadeiro sobre a oração? Você nunca declarou o que a Bíblia realmente ensina sobre a oração e então mostra como *esse* ensino não é útil ou significativo. Você descobriu que a perspectiva antibíblica para com a oração é falsa. Bom! Mas o que isso tem a ver com a oração cristã, ou o ensino bíblico sobre a oração? Seu pensamento é arbitrário e irracional.

Sua suposição é que, se você não pode fazer uma diferença por sua própria liberdade e poder, então não tem sentido seguir os preceitos de Deus. Se o resultado de alguma forma não depende de você, à parte da decisão soberana de Deus, então você não tem nenhuma motivação para orar. O mandamento de Deus não lhe comove. Ele não faz diferença para você. Mas se a oração não tem sentido porque tanto a atividade como o resultado foram pré-ordenados, então sua preocupação por sua esposa também não tem sentido, pois também foi pré-ordenada. Seu amor por sua esposa é vazio e falso. Assim, de que se trata a sua queixa então? Por que você ainda está tão aflito por ela? Por que você está me incomodando? O seu uso da doutrina é aleatório e estúpido.

Ao invés de achar o propósito e conquista final sem sentido por conhecer e obedecer aos preceitos de Deus (Eclesiastes 12.13-14), a própria ideia de Deus é o que lhe rouba todo o propósito e significado. Você vê a implicação terrível, mas inevitável? A solução que você procura é o ateísmo.

Deus tem sido absoluta e exaustivamente soberano, quer você sabia disso ou não. A doutrina da soberania divina é apenas um aspecto maior de um entendimento e definição apropriados de Deus. E como tal, ela tem um efeito divisor e distinguidor. Isto é, enquanto “Deus” for apenas uma palavra, ou simplesmente um conceito que se refere a uma grande entidade, muitos podem achar um denominador comum com ele. Mas quanto mais a ideia for definida, e quanto mais se tornar específica, os homens devem começar a tomar partido a favor ou contra tal ideia. Dessa forma, a sã doutrina revela a natureza verdadeira do coração, a verdadeira identidade e destino de cada pessoa.

Como Hebreus 4.12-13 diz: “Pois a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada de dois gumes; ela penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e julga os pensamentos e intenções do coração. Nada, em toda a criação, está oculto aos olhos de Deus. Tudo está descoberto e exposto diante dos olhos daquele a quem havemos de prestar contas”. O mesmo evangelho convence alguns e endurece a outros. A mesma doutrina gera reverência em alguns, mas desacato em outros, “Sim, Senhor” em alguns, mas “Por que, Senhor?” em outros. Ela revela qualquer mentira, e destrói qualquer pretexto.

Eu tenho lidado com algumas pessoas que, a princípio, pareciam amar ao Senhor e ser zelosos pela fé e persistentes na oração. Mas, uma vez que os introduzi à doutrina da soberania divina, eles perderem todo o interesse pelo estilo de vida cristão e caíram da fé. Não há nada de errado com a doutrina, e não há nada de errado com a forma como eu a ensino. Mas como todas as doutrinas bíblicas, essa doutrina da soberania divina penetra, julga e expõe a condição real do coração. A fé deles era falsa desde o começo, mas pensavam poder obter algum benefício da parte de Deus. Uma vez que aprenderam que suas orações e esforços não ocupavam o papel determinativo e que eles não podiam manipular a situação como desejavam, as máscaras caíram e eles abandonaram a fé que uma vez professaram.

CONCLUSÃO

Você escreveu: “Eu sou sobrepujado pela realidade da soberania de Deus”. Isso é mentira. Você é sobrepujado por sua própria incredulidade e rebelião, sobrepujado com sua insatisfação com a forma como ele usa sua soberania. Quando Deus apareceu a

Jó e o confrontou com seu poder soberano, Jó disse: “Por isso menosprezo a mim mesmo e me arrependo no pó e na cinza” (42.6). Mas isso não é o que você faz – você apenas continua se queixando e perguntando “por quê?”.

Você escreveu: “Não me considero tão grande a ponto de Deus me dever uma resposta. Ele não me deve nada”. Isso também é uma mentira. Fica claro, com base no que você escreveu, que você pensa que ele lhe deve, mas está preocupado porque sabe que *ele* não pensa que lhe deve algo. Se Deus não lhe deve uma resposta, então por que você simplesmente não cala a boca? Por que não fica quieto e se sujeita a ele? Mas você continua se queixando e perguntando “por quê?”.

Você escreve: “Honestamente, eu não assumo ou penso nada”. Essa é outra mentira. Se você não assume ou pensa nada, então não haveria nenhuma luta e nenhum conflito em sua mente. Você não perguntaria “por quê?” face aos decretos soberanos de Deus. O fato é que seu pensamento está cheio de suas suposições sobre como as coisas deveriam ser, e você faz essa pergunta somente porque em cada exemplo Deus faz algo diferente do que você assume ou pensa que deveria ser feito.

Você conclui cada tópico que apresentou com um “por quê?” contra os decretos soberanos de Deus. Você afirma sua soberania, mas discorda sobre a forma como ele a usa. O “por quê?” implica que quando Deus faz algo diferente do que você gostaria que ele fizesse, você sempre considera sua própria expectativa superior ao que Deus realmente produziu. Em outras palavras, você afirma a soberania de Deus, mas quer ser o soberano. Você reconhece que ele é Deus, mas não pensa que ele deveria ou mereça ser. E o fato de ele ser mais poderoso lhe preocupa, de forma que você não pode fazer nada quanto a isso. É fútil negar tal conclusão, visto que nas páginas anteriores demonstrei que essa é a implicação das coisas que você disse.

Então, quando você é confrontado com os preceitos e mandamentos de Deus, a partir dos quais você deve ordenar sua vida e pelos quais você é considerado responsável, você respondeu: “A ironia disso é que a capacidade de simplesmente aplicar a verdade está sob controle da soberania do nosso Senhor. Assim, se ele quiser, ele fará”. Você faz isso com cada tópico que levantou e com cada tópico que foi levantado para você. Você gosta de esfregar a soberania de Deus na face dele em protesto à forma como ele a tem usado e tratado você.

Contudo, eu tirei agora isso de você, e não mais pode fazer isso. Você não mais pode apelar à soberania divina continuamente, em cada passo, e na conclusão de cada tópico, para odiar os decretos do Senhor, ignorar os argumentos dos seus servos, e adiar a obediência aos mandamentos divinos. Isso é porque eu já demonstrei que o seu entendimento da soberania divina é quase inteiramente defeituoso. Você falha em aplicá-la correta e consistentemente, de forma que não está qualificado para fazer um apelo autoritativo a ela.

A Escritura não ensina a soberania divina da forma como você a afirma, e não aplica a doutrina da forma que você apela a ela. Portanto, quando você continua afirmando a ideia da soberania divina a cada passo, isso não tem nada a ver com a aplicação de uma doutrina bíblica. Você está apenas impondo seu próprio entendimento falso da doutrina sobre a conversa ou situação. Sem dúvida, você ainda pode pronunciar as palavras e esconder-se atrás desta desculpa, mas de agora em diante, a cada vez que fizer isso, estará aumentando sua condenação: “Pois por suas palavras vocês serão absolvidos, e por suas palavras serão condenados” (Mateus 12.37)

A Bíblia diz: “Aproximem-se de Deus, e ele se aproximará de vocês! Pecadores, limpem as mãos, e vocês, que têm a mente dividida, purifiquem o coração” (Tiago 4.8). Ela diz: “Numa grande casa há vasos não apenas de ouro e prata, mas também de madeira e barro; alguns para fins honrosos, outros para fins desonrosos. Se alguém se purificar dessas coisas, será vaso para honra, santificado, útil para o Senhor e preparado para toda boa obra” (2 Timóteo 2.20-21). E: “Assim respondeu o SENHOR: ‘Se você se arrepender, eu o restaurarei para que possa me servir, se você disser palavras de valor, e não indignas, será o meu porta-voz’” (Jeremias 15.19).

Jesus diz: “Mas vocês não creem, porque não são minhas ovelhas. As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem” (João 10.26-27). Eu lhe dei a palavra de Deus, e através dela o verdadeiro Pastor falou contigo. Você quer falar de soberania divina? Bom! Você disse: “Se ele quiser, então fará”. Correto, se você estiver entre as suas ovelhas, então ouvirá sua voz e o seguirá. Mas se você endurecer o seu coração e rejeitar o que eu lhe apresentei — se você recusar-se a seguir a voz do Pastor — todos nós saberemos o que você é, ou antes, o que não é. E essa será a sua resposta final.

5. FÉ PARA MOVER MONTANHAS

No dia seguinte, quando estavam saindo de Betânia, Jesus teve fome. Vendo à distância uma figueira com folhas, foi ver se encontraria nela algum fruto. Aproximando-se dela, nada encontrou, a não ser folhas, porque não era tempo de figos. Então lhe disse: “Ninguém mais coma de seu fruto”. E os seus discípulos ouviram-no dizer isso.

Chegando a Jerusalém, Jesus entrou no templo e ali começou a expulsar os que estavam comprando e vendendo. Derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas e não permitia que ninguém carregasse mercadorias pelo templo.

E os ensinava, dizendo: “Não está escrito: “‘A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos’? Mas vocês fizeram dela um ‘covil de ladrões’”. Os chefes dos sacerdotes e os mestres da lei ouviram essas palavras e começaram a procurar uma forma de matá-lo, pois o temiam, visto que toda a multidão estava maravilhada com o seu ensino.

Ao cair da tarde, eles saíram da cidade.

De manhã, ao passarem, viram a figueira seca desde as raízes. Pedro, lembrando-se, disse a Jesus: “Mestre! Vê! A figueira que amaldiçoaste secou!”

Respondeu Jesus: “Tenham fé em Deus. Eu lhes asseguro que se alguém disser a este monte: ‘Levante-se e atire-se no mar’, e não duvidar em seu coração, mas crer que acontecerá o que diz, assim lhe será feito. Portanto, eu lhes digo: Tudo o que vocês pedirem em oração, creiam que já o receberam, e assim lhes sucederá. E quando estiverem orando, se tiverem alguma coisa

contra alguém, perdoem-no, para que também o Pai celestial lhes perdoe os seus pecados”. (Marcos 11.12-25).

Nossa passagem tem seu paralelo em Mateus 21.12-13, 18-22, mas enquanto Mateus oferece uma apresentação tópica, a versão de Marcos é cronológica e segue a ordem real dos eventos como aconteceram. Assim, Marcos 11.12-14, 20-25 corresponde a Mateus 21.18-22, e Marcos 1.15-19 corresponde a Mateus 21.12-13.

Em outras palavras, Mateus separa o que aconteceu em Jerusalém e no templo daquilo que aconteceu em Betânia. Ele é cuidadoso em omitir os sinalizadores de tempo, de forma que seu relato tópico não se tornasse inexato ou confuso. Por outro lado, a versão de Marcos segue a ordem real dos eventos, nos dando cuidadosamente um claro senso das relações cronológicas entre os eventos que ele descreve ao incluir vários sinalizadores de tempo. Em adição, correspondendo a cada evento, ele também indica a direção da viagem que o Senhor e seus discípulos estavam tomando. Dessa forma, encontramos as seguintes declarações no capítulo 11:

“Quando se aproximaram de Jerusalém...” (v. 1)

“Jesus entrou em Jerusalém...” (v. 11)

“... como já era tarde, foi para Betânia...” (v. 11)

“No dia seguinte, quando estavam saindo de Betânia...”
(v. 12)

“Chegando a Jerusalém...” (v. 15)

“Ao cair da tarde, eles saíram da cidade” (v. 19)

“De manhã, ao passarem...” (v. 20)

“Chegaram novamente a Jerusalém...” (v. 27)

Tanto Mateus como Marcos nos oferecem relatos exatos do que aconteceu. Cada abordagem serve ao propósito do escritor e causa uma impressão particular sobre o leitor. Eu escolhi tratar do relato de Marcos para tomar vantagem de como seu arranjo cronológico contribui para a interpretação do versículo 23.

v. 12-14

Nossa passagem começa quando Jesus parte de Betânia e se dirige a Jerusalém (v. 12). Ele vê uma figueira de longe, mas quando a alcança, não encontra nada senão folhas. Então, ele diz para ela: “Ninguém mais coma de seu fruto” (v. 14). O incidente causa perplexidade a muitas pessoas, visto que lhes parece que a árvore aqui recebe um tratamento excessivamente duro e até mesmo injusto da parte do Senhor.

Comentaristas tipicamente oferecem dois pontos de esclarecimento.

O primeiro tem a ver com a “biologia complicada”¹ da figueira. Existiam duas safras de figos naquela região. A primeira e de figos menores se tornava madura em maio e junho, e a última e de figos maiores se tornava madura por volta do final de agosto e setembro. Novas folhas começavam a aparecer em março e juntamente com elas apareceriam muitos figos minúsculos, chamados de *taksh* em árabe. Eles eram comidos por pessoas quando com fome, e frequentemente reunidos para serem vendidos nos mercados. Esses não eram os figos verdadeiros, pois cresciam somente até um tamanho pequeno e a maioria morria.

Esse incidente em nossa passagem ocorre no tempo da Páscoa (14.1), por volta de abril, de forma que “não era tempo de figos” (v. 13). Contudo, essa figueira particular tinha folhas, e “quando as novas folhas estavam aparecendo na primavera, toda figueira fértil teria alguns *taksh* nela, embora a época de figos comestíveis (Mc 11.13, AV) não tivesse chegado. Quando as folhas estavam plenamente desenvolvidas, o fruto deveria estar maduro também. Mas se a árvore com folhas não tivesse nenhum fruto, ela seria estéril durante a estação inteira”.² Assim, a abundância de folhas deu a Jesus razão para esperar fruto também — isto é, *taksh* — mas quando ele chegou na árvore, não encontrara nada além de folhas.

Então, o segundo ponto que os comentaristas mencionam é que a figueira funciona meramente como um símbolo para algo mais, e a forma como Jesus a tratou tinha a intenção de ser uma parábola viva. Hendriksen escreve: “É impossível crer que a maldição que o Senhor pronuncia sobre esta árvore fosse um ato de punição, como se

¹ *New Bible Dictionary, Third Edition* (InterVarsity Press, 1996), p. 368.

² *The International Standard Bible Encyclopedia, Revised Edition* (William B. Eerdmans Publishing Company, 1982), p. 302. Veja o artigo inteiro sobre “Fig; Fig Tree” para maiores informações.

árvore como tal fosse responsável por não produzir fruto, e como se, por essa razão, Jesus estivesse irado com ela”.³

Por ora não discutiremos o que essa interação simbólica entre Jesus e a figueira transmite – isso está reservado para mais tarde. Agora, nosso foco são as formas típicas nas quais os comentaristas tentam fornecer justificação moral para como Jesus trata a figueira. Quando se trata disso, devemos declarar que embora ambos os pontos sejam verdadeiros, os dois falham como justificação moral para a ação de Jesus.

Com respeito ao primeiro ponto, embora Jesus tivesse razão para esperar fruto na árvore por causa das folhas, isso por si só não justifica amaldiçoá-la porque a árvore falhou em satisfazer tal expectativa. Esses comentaristas diriam que outra pessoa, numa situação similar, teria justificativa para fazer o mesmo? Eles não apelariam ao ensino da Escritura e diriam que, em vez disso, devemos exercer paciência, gratidão e contentamento? Não temos a permissão de amaldiçoar alguém simplesmente por falhar em satisfazer o que parece ser uma expectativa “razoável”.

Com respeito ao segundo ponto, é irrelevante se a árvore funciona como um símbolo de outra coisa ou não, ou se Jesus está agindo por parábola ou não. A ação de uma pessoa não é automaticamente justificada simplesmente por ser simbólica. Se ela é errada em si, é errada de qualquer forma. Eu não tenho a permissão de matar alguém conquanto minha intenção seja estabelecer um ponto sobre algo mais. Não tenho a permissão de roubar alguém simplesmente por estar agindo por parábola.

Assim, ambos os pontos falham em fornecer justificativa moral para a ação de Jesus. O problema real é que os comentaristas têm assumido um ponto de referência centrado no homem à medida que leem a passagem e, assim, aplicam às ações e mandamentos divinos um padrão humano — um padrão que é ele mesmo subordinado e julgado pelas ações e mandamentos divinos. O ponto de referência apropriado deve ser centrado em Deus, e esse é o direito e o poder soberano de Deus. O que Deus realiza e ordena é justo por definição. Ao invés de requerer justificação ou explicação moral por nosso padrão, o contrário é verdadeiro – suas ações e mandamentos constituem o padrão pelo qual *nossas* ações devem ser julgadas.

³ William Hendriksen, *New Testament Commentary: Mark* (Baker Books, 1975), p. 442.

Deus e sua criação são como o oleiro para com o barro. Ele tem o direito de fazer o que quiser, e então destruir, fazer algo novo, e então destruir novamente. Ele pode ordenar também que suas criaturas realizem o que é normalmente proibido, tal como quando disse a Abraão para sacrificar Isaque. Sim, Jesus está agindo por parábola, mas e daí se não estivesse? E daí se Deus decide destruir uma árvore simplesmente porque ela falha em produzir fruto, embora a produção do fruto seja totalmente dependente do poder do próprio Deus? E daí? Por que ele precisa explicar isso a alguém, ou provar que tratou a árvore de forma justa? E por qual padrão de “tratamento ético de árvores” iremos julgar Deus?

Ora, se você pede que um servo seu lhe faça um favor, alguma gratidão é sempre adequada, e a recompensa é algumas vezes esperada. Mas quando Deus lhe diz para fazer algo, ele deve dizer “por favor”? E após ser feito, ele deve lhe agradecer? Não, ele não “agradecerá ao servo por ter feito o que lhe foi ordenado”; por outro lado, devemos dizer, “somos servos inúteis; apenas cumprimos o nosso dever” (Lucas 17.9-10).

A confusão resulta quando esquecemos a distinção entre senhor e servos, e julgamos o senhor como um dos servos. Mas não há nenhuma hipocrisia em falar sobre o senhor, pois num sentido, a mesma regra se aplica a senhor e servos — isto é, ambos agem pelas regras do senhor, o que o senhor considera correto e apropriado. Um servo será bom enquanto obedecer ao seu senhor, e a integridade do senhor estará intacta enquanto ele agir por suas próprias regras — em outras palavras, enquanto ele aprovar suas próprias ações.

Deus pode fazer o que quiser com uma árvore, ou mandar alguém fazer o que ele quiser com a mesma — é a sua árvore! Até mesmo considerar a necessidade de fornecer justificação moral para sua ação já é tratá-lo como um mero homem. Problemas na interpretação bíblica e formulação teológica ocorrem quando as pessoas olham para Deus como se ele fosse uma criatura, de forma que deva ser julgado como uma. Mas nenhuma justificação moral é necessária. A questão nunca deveria ser levantada, de forma alguma. A Escritura diz que Jesus sempre faz a vontade do Pai, e isso deveria ser suficiente para nós.

Todavia, Jesus amaldiçoa a figueira por uma razão, e Marcos nos diz isso por uma razão também. A abordagem correta não é procurar justificação moral, visto que é desnecessária, mas procurar a intenção ou significado, e isso nós descobriremos e discutiremos à medida que continuarmos com a nossa passagem.

v. 15-19

Quando Jesus chega em Jerusalém, ele entra no templo, provavelmente no pátio dos gentios. Essa era a área exterior do templo, e o único lugar onde os não-judeus tinham permissão de adorar. Mas a adoração era impossível, visto que o lugar tinha se tornado um ambiente de comércio agitado.

Ali se encontravam cambistas, vendedores de pombas, e aqueles que carregavam mercadorias pelo templo. Os cambistas eram aqueles que trocavam dinheiro estrangeiro em moeda aceitável na área do templo. Muitos peregrinos vinham de muito longe. Seria difícil para eles trazer seus animais para o sacrifício e, então, arriscar que os mesmos não passassem pela inspeção do templo.

Num sentido, esses comerciantes estavam realizando um serviço necessário; contudo, a forma como eles ocupavam a área estava profanando a área do templo e, ao invés de promover a adoração, a forma como conduziam os negócios na verdade a impedia. Provavelmente, eles tomavam vantagem dos peregrinos, cobrando preços altos pelos animais e oferecendo-lhes taxas de câmbio absurdas.

Quanto àqueles que “carregavam mercadorias pelo templo”, eles estavam usando a área do templo como atalho quando viajavam entre o Monte das Oliveiras e a cidade. Sem dúvida, suas atividades não contribuíam de forma alguma para a adoração; antes, eles obstruíam a adoração por conveniência e comércio.

Hendriksen observa que o Senhor não expulsa somente os vendedores do templo, mas os compradores também.⁴ Eles podem parecer inocentes a princípio, e podemos até mesmo dizer que são vítimas dos comerciantes gananciosos e irreverentes, mas eles não são inteiramente inculpáveis do fato de tolerarem essa abominação no templo. Eles não haviam ido adorar o Deus deles? Então, deveriam ser zelosos em preservar a honra de seu nome e a pureza do seu templo.

⁴ Ibid., p. 452.

Alguns comentaristas novamente ficam nervosos nesse ponto e se embaraçam para oferecer alguma justificação moral para essa “explosão de raiva” que o nosso Senhor exhibe. Mas a resposta é a mesma. Não há nada para explicar, pois não há nada de errado com o que ele faz aqui. Cristo é o Senhor do templo e de fato “maior que o templo” (Mateus 12.6), e isso é o que ele pensa sobre o que estava acontecendo no lugar de adoração. O culpado é a falsa impressão de que Jesus é sempre meigo, de voz suave e até mesmo um tipo de pessoa efeminado.

No Evangelho de João, à medida que Jesus expulsa os comerciantes do templo e grita, “Tirem estas coisas daqui! Parem de fazer da casa de meu Pai um mercado!”, seus discípulos se lembraram que a Escritura diz, “O zelo pela tua casa me consumirá” (João 2.16-17). A verdadeira piedade é sempre acompanhada de zelo piedoso. Você não pode ser fiel e não-zeloso ao mesmo tempo. Você não pode se dizer espiritual e permanecer calmo quando o nome de Deus é blasfemado e seus adoradores, enganados e abusados. É por isso que o episódio do templo é tão chocante para alguns leitores — eles não têm nenhum zelo e não entendem o que é isso. Eles têm uma fé cortês que se importa mais com a propriedade social do que com a honra de Deus. Para eles, isso é caráter cristão, e é surpresa para eles quando Jesus não age como um “cristão”, ou seja, como eles! Mas há tempo para ser gentil e tempo para ser duro.

Jesus não se irrita no templo e deixa a cena, mas ensina o povo a partir da Escritura, e diz: “Não está escrito: ‘A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos’? Mas vocês fizeram dela um ‘covil de ladrões’.” Primeiro, ele cita Isaías 56.7, onde Deus designa o templo como uma casa de oração *para todas as nações* (ARA). Longe de preservar o templo para o seu uso intencionado, os judeus tinham feito dele “um covil de ladrões”. A expressão vem de Jeremias 7.11. Ali o contexto tem a ver com uma falsa confiança — um falso senso de segurança — no templo de Deus.

Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel:
Corrijam a sua conduta e as suas ações, eu os farei habitar
neste lugar. Não confiem nas palavras enganosas dos que
dizem: ‘Este é o templo do Senhor, o templo do Senhor, o
templo do Senhor!’

Mas se vocês realmente corrigirem a sua conduta e as suas ações, e se, de fato, tratarem uns aos outros com justiça, se não oprimirem o estrangeiro, o órfão e a viúva e não derramarem sangue inocente neste lugar, e se vocês não seguirem outros deuses para a sua própria ruína, então eu os farei habitar neste lugar, na terra que dei aos seus antepassados desde a antiguidade e para sempre. Mas vejam! Vocês confiam em palavras enganosas e inúteis.

“Vocês pensam que podem roubar e matar, cometer adultério e jurar falsamente, queimar incenso a Baal e seguir outros deuses que vocês não conheceram, e depois vir e permanecer perante mim neste templo, que leva o meu nome, e dizer: ‘Estamos seguros!’, seguros para continuar com todas essas práticas repugnantes? Este templo, que leva o meu nome, tornou-se para vocês *um covil de ladrões*? Cuidado! Eu mesmo estou vendo isso”, declara o Senhor. (Jeremias 7.3-11)

O povo no tempo de Jeremias estava oprimindo estrangeiros, órfãos e viúvas; estavam derramando sangue inocente e seguindo outros deuses. Eles tinham feito do templo “um covil de ladrões”, mas ainda pensavam estarem a salvo. Eles apelavam ao templo para proteção e prosperidade, mas Deus lhes disse que eles precisavam reformar seus caminhos, pois só então ele permitiria que eles permanecessem e prosperassem na terra.

A relevância para a passagem de Marcos é óbvia. O templo estava tumultuado de pessoas e atividades, mas não existia nenhuma adoração real, nenhuma reverência verdadeira. Eles usavam o lugar para seu proveito financeiro, para progresso social, e algumas vezes apenas por mera conveniência. No processo, sobrepujavam qualquer um que oferecesse oração e adoração sincera.

O ponto em Jeremias não é que as pessoas estavam usando o templo para *roubar*, mas que estavam usando-o como um *covil* de ladrões – um lugar de descanso e

segurança para criminosos. Da mesma forma, embora os comerciantes estivessem provavelmente “roubando” os peregrinos e adoradores com seus altos preços e taxas de câmbio injustas, ao aludir a essa expressão em Jeremias, Jesus também condena sua falsa segurança no edifício e o sistema do templo. Eles estavam agindo como se nada aconteceria a eles porque tinham o templo de Deus, e se recusavam a reformar seus caminhos. Mas e se Deus abandonasse o seu próprio templo? Consideraremos isso quando chegarmos ao versículo 20.

Como essa parte da nossa passagem fala à igreja contemporânea! O mercantilismo que está ligado ao Cristianismo de hoje é menos grosseiro e vergonhoso? Um livro pode ser teologicamente fraco ou mesmo herético, mas se prova ser popular, recebe uma nova capa e é lançado como devocional diário. Depois disso, vem um diário de oração que pretende reforçar sua mensagem. Então vêm os guias de estudos, cartões comemorativos, pôsteres, calendários, braceletes, mochilas, camisetas, músicas, jogos, piqueniques, almoços, seminários, retiros, cruzeiros, e assim por diante, tudo cavalgando sobre o tema do livro popular.

Os não-cristãos riem da estupidez e hipocrisia de tudo isso, e como não há substância no movimento, alguns dos seguidores com o tempo ficam desiludidos. Mas não se preocupe, pois aqui vem outro. *Esse* mudará tudo. Como no templo, é claro que os compradores são pelo menos tão culpados quanto os vendedores. Eles desfrutam do mercantilismo. Eles amam imitar os incrédulos conquanto coloquem um rótulo cristão no que vendem, compram ou fazem.

Os cristãos professos mostram algum respeito, por Deus e pelos adoradores, maior do que esses judeus nos dias de Cristo? Alguns deles usam a igreja para fazer contatos de negócios e vender seus produtos. Outros estão ali procurando pessoas gananciosas e crédulas a quem possam enganar, “cristãos” que estão ávidos por entrar em outro esquema para ficar rico, ou economizar dinheiro mediante meios questionáveis ou mesmo ilegais. Algumas vezes, a liderança da igreja sabe o que está acontecendo, mas está indisposta a fazer algo a respeito. Mas essa é uma daquelas coisas que sua autoridade espiritual deveria resolver. Eles devem proteger as ovelhas dos lobos, bem como repreender as ovelhas por serem mundanas, gananciosas e crédulas.

Quanto a favorecer a conveniência acima da adoração, existem vários sinais nos crentes de hoje. Não mencionaremos o escandaloso e extremo, mas o que dizer de algo aparentemente menos significativo, como responder a uma chamada de celular durante uma reunião da igreja? É ruim o suficiente esquecer-se de desligar o telefone, mas se a pessoa atende a chamada e inicia uma conversa, embora breve, podemos dizer que ela não tem nenhum respeito por Deus ou pelo restante de nós, que desejamos nos concentrar nas coisas de Deus. Se a pessoa que ligou for tão importante, convide-a à igreja! Se for uma chamada de negócios, então ele deve escolher entre Deus e Mamon.

A área do templo não tinha se tornado num mercado sem a permissão dos sacerdotes, que provavelmente recebiam uma bela porção dos lucros das transações dos comerciantes. A ação e o ensino de Jesus angustiarão grandemente esses sacerdotes não somente porque ele tinha brevemente interrompido as atividades comerciais, mas porque tinha exposto a apostasia deles e minado sua autoridade. Assim, ele coloca uma ameaça ao bem-estar econômico deles, bem como à sua posição social.

Ao invés de serem levados ao autoexame e arrependimento, agora eles conspiram para matar Jesus. Eles pensavam que tinham posição espiritual com Deus porque Abraão era o seu ancestral natural, mas ele lhes disse em outro lugar: “Se vocês fossem filhos de Abraão, fariam as obras que Abraão fez. Mas vocês estão procurando matar-me, sendo que eu lhes falei a verdade que ouvi de Deus; Abraão não agiu assim” (João 8.39-40).

Embora fossem descendentes naturais de Abraão, espiritualmente falando, eles não tinham nada dele, mas eram como os seus ancestrais que tinham matado os profetas enviados a eles. Jesus percebe sua hipocrisia, e lhes diz em Mateus 23: “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês edificam os túmulos dos profetas e adornam os monumentos dos justos. E dizem: ‘Se tivéssemos vivido no tempo dos nossos antepassados, não teríamos tomado parte com eles no derramamento do sangue dos profetas’. Assim, vocês testemunham contra si mesmos que são descendentes dos que assassinaram os profetas” (v. 29-31). Mas eles estavam explorando o templo por benefício financeiro e conspirando para assassinar quem se opunha a eles. Contrário às suas afirmações, eles eram exatamente como os apóstatas do tempo passado, a quem Deus puniu e exilou da terra.

Com essa menção dos pecados passados e exílios de Israel, estamos finalmente prontos para considerar o significado da figueira, sobre o qual já dei algumas dicas várias vezes até aqui. E isso nos leva à próxima seção do nosso estudo.

v. 20-21

No relato de Marcos, a visita de Jesus ao templo (v. 15-19) é colocada entre o amaldiçoar da figueira (v. 12-14) e o murchamento da figueira (v. 20-21), ou mais precisamente, a percepção dos discípulos de que a figueira tinha murchado. A ordem é cronológica, de forma que não *demand*a uma explicação; todavia, isso naturalmente produz um efeito que não devemos ignorar.

Imagine que você esteja assistindo a um filme. Quando uma nova cena começa, a câmera focaliza uma minúscula flor amarela crescendo entre as fendas da calçada. De repente, você ouve gritos cansados e ruidosos... a câmera se afasta da flor... um carro passa correndo e freia violentamente na calçada. Vários homens saem rapidamente do carro, e ao mesmo tempo, a câmera mostra a face de um jovem, talvez o protagonista. Sua expressão exhibe medo e determinação ao mesmo tempo. Alguém atrás dele o puxa para fora do carro, e diz: “Vamos!”.

O que está acontecendo? O jovem nunca tinha conhecido um crime, mas por meio de várias circunstâncias e decisões, tinha se unido com a multidão errada. Agora eles arrombam uma loja na estrada, arrancam suas armas, e berram: “Deem-me todo o seu dinheiro!”. Segundos depois, o líder sai da loja e olha ao redor, e então volta para o carro, seguido pelo restante.

A câmera focaliza a flor novamente. Esquecemos tudo sobre ela? Quão bela ela é! Veja a cor brilhante, e a forma das folhas. Você se maravilha pelo fato de ela ter brotado num terreno tão áspero. Então, um dos ladrões fugitivos pisa na flor enquanto corre para o carro. Quando ele levanta o seu pé, você percebe que a flor foi esmagada e seu caule, cortado da base.

A importância da flor é óbvia, e quanto mais contexto você receber, mais óbvia ela será para você. Ela representa o jovem, o protagonista da história. Sua vida e beleza é como a sua esperança e inocência. Ao colocar o roubo entre a vida e a morte da flor, o homem se identifica com a flor, e o que acontece à flor é o que acontece ao homem. De

fato, nesse caso, a flor “representa” algo que está acontecendo no coração do homem, algo que, a despeito do roubo, permanece menos óbvio exteriormente.

Da mesma forma, ao colocar o episódio do templo entre o amaldiçoar e o murchamento da figueira, Marcos identifica o templo — ou por implicação, o sistema de adoração do templo e o privilégio único dos judeus de terem o templo de Deus em seu meio — com a figueira. O que acontece à figueira é o que acontece ao templo. Que a figueira tem sido repetidamente usada para representar Israel no Antigo Testamento torna o simbolismo ainda mais óbvio e inequívoco (Oseias 9.10; Joel 1.7; Zacarias 3.10).

Com isso em mente, revisemos a história novamente. Quando Jesus se aproxima da figueira a caminho para Jerusalém (v. 12-14), ele encontra nela apenas folhas, mas nenhum fruto, e assim a amaldiçoa, dizendo: “Ninguém mais coma de seu fruto”. Isso gera imediatamente tensão na mente do leitor. Por que Jesus fez isso?

Novamente, a questão não é, ou pelo menos *não deveria* ser, “qual a justificativa moral de Jesus para fazer isso?”, visto que nenhuma justificação moral é necessária. Uma tensão requerendo justificação moral para a ação de Jesus seria uma tensão somente entre as suposições antibíblicas do leitor contra a justiça perfeita que Jesus sempre exhibe, à medida que cumpre a vontade do seu Pai. Antes, a tensão pretendida e legítima é gerada pela distância entre a pergunta e a resposta — isto é, parece que Jesus não *tinha que* amaldiçoar a figueira, mas por que o fez? Ele deve ter uma razão. O incidente deve ter algum significado. Mas qual?

Sem remediar essa tensão que ele criou, Marcos nos leva ao templo em Jerusalém. Ali Jesus encontra um centro de religião que está tumultuado de atividades, mas mesmo uma inspeção casual revela que eles não constituíam ou contribuíam para a verdadeira adoração. Mais do que isso, essas atividades de fato tornavam a verdadeira adoração impossível, e impediriam qualquer buscador sincero de usar o templo para o seu propósito intencionado. Em outras palavras, como a figueira com folhas e sem frutos, havia muito barulho e movimento no templo, mas nenhuma substância espiritual. Havia uma aparência de dedicação religiosa, mas não havia nenhuma realidade e poder nisso.

Nesse ponto, a tensão gerada pelo amaldiçoar da figueira permanece fresca na mente do leitor, visto que ele ainda não sabia o que aconteceria. Mas se vinha prestando atenção, ele já deveria ter entendido o porquê de Jesus amaldiçoar a figueira antes. Da mesma forma que ele responde com uma maldição — um pronunciamento da destruição *final* — à árvore com somente folhas e nenhum fruto, assim ele destruirá um sistema religioso que parece ativo exteriormente, mas que é sem vida e fé interiormente.

A justaposição da figueira e o templo, enquanto a tensão criada pelo amaldiçoar da figueira ainda está fresca na mente, leva o leitor a perceber os dois incidentes como uma unidade. Então, quando ele chega aos versículos 20 e 21, descobre o que aconteceu com a figueira. A tensão é resolvida e, à medida que identifica a figueira com o templo em seu pensamento, ele não pode mudar a impressão que o que aconteceu à figueira é também o que acontecerá ao templo. Em adição, o fato de que a figueira é de fato *destruída* (seca desde as raízes) sugere que a ação de Jesus no templo representa algo que é maior do que aparenta, algo mais destrutivo e mais final — isto é, a destruição do próprio templo.

Como se o ponto fosse muito sutil, Marcos o aborda muitas vezes e com clareza crescente. Tome como exemplo a parábola no começo do capítulo 12, uns poucos versículos após nossa passagem. Não podemos examiná-la por completo, mas o final é o que precisamos para ilustrar o ponto: “O que fará então o dono da vinha? Virá e matará aqueles lavradores e dará a vinha a outros. Vocês nunca leram esta passagem das Escrituras? ‘A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular; isso vem do Senhor, e é algo maravilhoso para nós’” (v. 9-11; também Mateus 21.43).⁵ A mensagem estava se tornando muito explícita: “Então começaram a procurar um meio de prendê-lo, pois perceberam que era contra eles que ele havia contado aquela parábola” (v. 12).

Quando chegamos no capítulo 13, figuras de linguagem são substituídas pela explicação clara. Nos dois primeiros versículos, somos informados — diretamente e sem simbolismo — que o templo seria destruído: “Quando ele estava saindo *do templo*, um de seus discípulos lhe disse: ‘Olha, Mestre! Que pedras enormes! Que construções

⁵ “Portanto eu lhes digo que o Reino de Deus será tirado de vocês e será dado a um povo que dê os frutos do Reino” (Mateus 21.43).

magníficas!’ ‘Você está vendo todas estas grandes construções?’, perguntou Jesus. ‘Aqui não ficará pedra sobre pedra; serão todas derrubadas’” (v. 1-2).

Jesus até mesmo especifica quando isso aconteceria, dizendo: “Eu lhes asseguro que não passará *esta geração* até que *todas estas coisas* aconteçam” (v. 30). A parábola no capítulo 12 nos informou que, porque o povo tinha matado o filho do dono da vinha (v. 6-7), “[ele] virá e matará aqueles lavradores e dará a vinha a outros” (v. 9). Mais tarde, quando os judeus estavam pedindo que Jesus fosse crucificado, eles disseram: “Que o sangue dele caia *sobre nós* e *sobre nossos filhos!*” (Mateus 27.25). Dessa maneira, eles amaldiçoaram sua própria geração e profetizaram sua perdição.

A História nos diz que as coisas aconteceram no ano 70 d.C., exatamente como Jesus predisse. Os romanos marcharam para Jerusalém e destruíram o templo juntamente com seu sistema de adoração. Multidões de judeus foram assassinadas, mas os cristãos foram salvos, visto que Jesus tinha dito, “...os que estiverem na Judeia fujam para os montes” (13.14). Os crentes obedeceram, e foram preservados.

Em todo o caso, a verificação histórica é infinitamente inferior à inspiração divina. A palavra de Deus é infalível, de forma que mesmo que não possuíssemos nenhuma referência extrabíblica, apenas com base nos Evangelhos poderíamos estar igualmente certos de que o templo foi destruído dentro da geração da predição de Jesus. Que historiadores concordem com a Bíblia não adiciona nada a ela, visto que ela já é perfeita e completa; antes, é a Bíblia que proporciona credibilidade a qualquer historiador que concorde com ela.

v. 22-25

Pedro diz a Jesus no versículo 21: “Mestre! Vê! A figueira que amaldiçoaste secou!”. Então nos versículos 22-25, parece que ao invés de dizer algo relevante em resposta, Jesus subitamente muda de assunto e começa a ensinar sobre fé, oração e perdão. Contudo, embora esses versículos de fato discutam fé e oração, eles podem fazer muito bom sentido quando interpretados dentro do contexto da destruição do templo. Visto que temos nos envolvido com o tema do templo durante todo o tempo, examinaremos primeiramente esses versículos a partir desse ângulo, e então discutiremos as aplicações específicas que eles têm para fé e oração.

Quando Salomão dedicou seu templo em 1 Reis 8, ele orou: “Estejam os teus olhos voltados dia e noite para este templo, lugar do qual disseste que nele porias o teu nome, para que *ouças a oração* que o teu servo fizer voltado para este lugar. Ouve as súplicas do teu servo e de Israel, o teu povo, quando orarem voltados para este lugar. Ouve desde os céus, lugar da tua habitação, e, *quando ouvires, dá-lhes o teu perdão*” (v. 29-30).

Observe a conexão que ele faz entre o templo e a oração, e entre o templo e o perdão. Na mente de um judeu, essa é a casa de oração, e o lugar onde ele oferece sacrifícios por seus pecados. Mas alguns tinham amarrado tanto a adoração, oração e perdão a esse lugar e seu sistema, que isso tinha produzido em seu pensamento não somente uma falsa concepção de piedade, mas também um falso senso de segurança. Lembre-se da passagem de Jeremias, em que o profeta repreende o povo por oprimir os estrangeiros, o pobre, os órfãos e as viúvas, e por seguir falsos deuses, e ainda assim pensarem que nenhum mal cairia sobre eles, pois tinham o templo do Senhor.

Isso nos leva à pergunta que levantamos no começo: Mas e se Deus abandonar o seu próprio templo? Como então as orações do povo seriam respondidas? E como eles encontrariam perdão pelos seus pecados? Os versículos 12-21 nos dizem que a religião deles tinha apenas folhas e nenhum fruto, e ao invés de tolerá-la mais um pouco, Deus pronunciou uma maldição final sobre ela. Dentro de uma geração, o templo e seu sistema seriam destruídos, e os judeus seriam exterminados ou espalhados. O que seria da verdadeira adoração? Como o homem entraria em contato e favor com Deus?

Jesus responde: “Tenham fé em Deus”.⁶ Ninguém jamais foi justificado sobre a base da obediência à lei, mas a base de uma relação correta com Deus sempre foi a fé e nada mais. Como Hebreus 11.6 diz: “Sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e recompensa aqueles que o buscam”. O versículo não diz que você deve agradar a Deus ou vir a ele por meio do sistema do templo, mas como Paulo explica: “Assim, a Lei foi o nosso tutor até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. Agora, porém, tendo chegado à fé, já não estamos mais sob o controle do tutor” (Gálatas 3.24-25).

⁶ As traduções alternativas, “tenham a fé [fidelidade] de Deus” e “vocês têm a fidelidade de Deus” também são consistentes com a interpretação que oferecerei abaixo. O versículo então se referiria ao fato

O assunto sempre foi a fé, e esse era o problema com os judeus. Embora estivessem envolvidos na oração e sacrifício, permaneciam na incredulidade. “Portanto”, disse Jesus, “eu lhes digo que o Reino de Deus será tirado de vocês e será dado a um povo que dê os frutos do Reino” (Mateus 21.43). Sem dúvida, o Reino de Deus não pode ser destruído, mas agora a administração da graça não está ligada ao templo judeu, mas à Igreja de Deus, um templo feito sem mãos, constituído daqueles que são circuncidados no coração pelo Espírito (veja João 4.19-24).

Em adição, a verdade é que todos os elementos da adoração no templo permanecem, mas agora os temos em sua manifestação plena, e não na forma de tipos e sombras. Há Jesus nosso mediador, Jesus nosso sacrifício, o Santo dos santos celestial ao qual temos pronto acesso pela fé em Cristo por meio do Espírito de Deus.

A passagem indica que embora não tenhamos mais um templo — isto é, o edifício — nossas orações não são enfraquecidas. Mesmo sem o templo, a fé ainda pode ir tão longe a ponto de mover montanhas (v. 23), e nos fazer receber “tudo o que” pedirmos em oração (v. 24). Quanto ao perdão, embora o sistema de sacrifício animal tenha desaparecido, o verdadeiro sacrifício chegou e permanece, que é Jesus Cristo o Cordeiro de Deus. Assim, o perdão pertence a qualquer um que tenha fé – não a mera aparência de piedade, mas a verdadeira fé fundamentada no coração que foi transformado pela graça de Deus e que pode agora estender livremente perdão a outros (v. 25; também Mateus 18.21-35).

Quanto à fé e oração, embora o contexto dos versículos 22-25 seja a falsa piedade dos judeus e a destruição do templo, esses versículos estabelecem vários pontos sobre fé e oração que são verdadeiros em si mesmos e no contexto mais amplo do ensino bíblico.

No versículo 21, Pedro se maravilha com o fato de a figueira que Jesus amaldiçoou ter secado desde as raízes. Jesus aparentemente deseja fazer com que seus discípulos pensem mais e lhes diz que se uma pessoa tiver fé, pode até mesmo ordenar que um monte seja arrancado e lançado ao mar, e isso acontecerá. Do que entendemos sobre a localização do grupo no momento da conversação, “este monte” é o Monte das Oliveiras e “o mar” refere-se ao Mar Morto. Para o nosso propósito, importa pouco a

que nossa condição espiritual depende da fidelidade de Deus, e não do sistema do templo. A ênfase sobre

que monte ou mar Jesus estava apontando. Contudo, que Jesus estava se referindo a um monte particular carrega certa significância, como veremos abaixo.

Comentaristas de todas as variedades e persuasões imediatamente lutam para afirmar que a declaração de Jesus não deve ser tomada no sentido literal, mas que o monte é simbólico de alguma dificuldade ou obstáculo (Zacarias 4.6-7). Embora eu concorde que o monte representa algo além do monte físico remetido na declaração, e de fato “mover montes” seja uma expressão rabínica comum, eu insistiria que devemos tomar a declaração primeiro, em seu sentido literal, e então reconhecer as coisas que o monte literal simboliza.

É pura tolice pensar que se algo é um símbolo para algo mais, então o *próprio* símbolo não tem nenhum status literal. O cordeiro pascal representa Jesus Cristo, o sacrifício verdadeiro e final, mas havia de fato um cordeiro físico na Páscoa judaica. O versículo 23 mesmo é expresso no contexto da maldição da figueira. Com certeza, a figueira representa algo mais, mas existia realmente uma figueira, que Jesus amaldiçoou, e que então secou desde as raízes.

Como, então, podemos dizer que porque o monte é um símbolo para dificuldades e obstáculos, ele não é literal? Os mesmos comentaristas diriam que Jesus está apontando para o Monte das Oliveiras enquanto fazia a declaração. Assim, quando disse “*este* monte”, ele quis dizer *este* monte ou não? Ou quis dizer: “Se tiver fé, você pode dizer a *este* monte, mas não realmente a *algum* monte”? Não, se X é um símbolo para Y, então uma declaração usando X para estabelecer um ponto sobre Y se aplicaria a X e Y, não Y menos X.

Existe a alegação de que a declaração é uma hipérbole, um exagero deliberado para estabelecer um ponto. Eu não objeto à ideia que Jesus algumas vezes use a hipérbole como um recurso retórico ou literário para comunicar um ensino; contudo, o versículo 23 não pode ser assim interpretado. De fato, entendê-lo como somente hiperbólico produziria implicações blasfemas.

Deixe-me explicar. Sugerir que é hipérbole dizer que por meio da fé podemos ordenar até mesmo que um monte se mova implica que podemos realizar coisas

a nossa fé para com Deus é retida nos versículos 23 e 24.

menores por meio da fé. Isto é, se mover uma montanha é uma figura *exagerada* do poder da fé, então isso significa que a fé ainda pode realizar coisas menores.

Contudo, observe que Jesus diz, “Tenham fé *em Deus*”, e não “Tenham fé em vocês mesmos”. O que é realizado é feito em total confiança e dependência de Deus, por meio do Seu poder e energia. Quando temos fé em Deus para a realização de algo, tal como mover um monte, é realmente Deus quem realiza a tarefa.

Portanto, dizer que essa declaração é mera hipérbole é dizer que ela é um exagero do que Deus pode realizar, de forma que mesmo Deus não pode arrancar um monte e arremessá-lo no mar. Caso contrário, a interpretação implica que tudo o que é realizado pela fé é de fato nossa própria obra, de forma que uma fé que move uma montanha é um exagero porque *de nós mesmos* não podemos fazer isso. O primeiro nega a onipotência de Deus; o último equivale a deísmo. Deixarei que você decida qual é pior, mas é suficiente dizer que as duas implicações são errôneas. E porque as duas implicações são errôneas, a posição que as gera também deve ser. A declaração não pode ser mera hipérbole.

Então, alguns poucos comentaristas sugerem que o versículo 23 refere-se precisamente ao tipo de milagres que os judeus demandavam de Jesus, e que ele recusou realizar. Primeiro, da leitura dos Evangelhos, eu questiono se os judeus alguma vez requereram de Jesus um milagre *dessa* magnitude. Pode ser que nunca lhes tenha ocorrido demandar algo como isso. Segundo, Jesus realizou tremendos sinais e maravilhas – na realidade, maiores do que foi demandado dele. Ele andou sobre a água, acalmou a tempestade, e aqui amaldiçoou a figueira e a fez secar. Nem todos os grandes milagres foram realizados somente diante dos discípulos, pois ele também ressuscitou Lázaro dentre os mortos diante de muitas testemunhas e multiplicou os peixes e os pães diante de milhares de pessoas (João 11.19, 45; 6.10). Nem ele recusou realizar milagres diante dos seus críticos. Por exemplo, ele curou publicamente um homem que tinha uma mão atrofiada diante dos fariseus e escribas (Lucas 6.7-10).

O que Jesus se recusou a fazer foi operar milagres – grandes ou pequenos – *sob demanda*, especialmente quando o desafio vinha de incrédulos empedernidos, que já sabiam que ele podia operar milagres e que não estavam procurando razões para crer, mas razões para condená-lo de algum crime. Assim, visto que Jesus realizou milagres

muito grandes, e fez muitos deles em público e diante de cétricos hostis, concluímos que o que os comentaristas dizem sobre Jesus se recusar a realizar grandes milagres é enganoso e, na verdade, absolutamente errado.

Então, há a observação tola de que existem milagres maiores que mover uma montanha, tal como a conversão dos corações humanos. Sem dúvida a conversão é maior. Como um provérbio chinês, traduzido de forma livre diz: “Um reino é fácil de mudar, mas a natureza de uma pessoa é difícil de mover”. Mas esse ponto milita contra a posição deles, pois se os milagres maiores como as conversões espirituais ocorrem todos os dias, então o que impediria que milagres muito menores como mover uma montanha acontecessem? É absurdo dizer que, porque existem milagres maiores, os muito menores *nunca* acontecem e nunca pretenderam acontecer.

Outra forma que alguns têm desafiado uma interpretação literal do versículo 23 é simplesmente perguntar: “O que há de bom nisso?” Por que alguém precisaria mover uma montanha, e fazê-lo mediante uma ordem verbal? Mas a questão é irrelevante para a discussão. Estamos considerando se isso *pode* acontecer, não se alguém *precisaria* de que algo como isso acontecesse. Muitas coisas que nunca precisaríamos acontecer apesar disso. E mais, nenhum comentarista pode mostrar que uma necessidade de tal milagre jamais aconteceu em toda a História humana.

Em Mateus 21, quando os discípulos perguntam, “Como a figueira secou tão depressa?” (v. 20), Jesus replica: “Eu lhes asseguro que, se vocês tiverem fé e não duvidarem, poderão fazer não somente o que foi feito à figueira, mas também dizer a este monte: ‘Levante-se e atire-se no mar’, e assim será feito” (v. 21). Note que ele diz, “*não somente* o que foi feito à figueira, *mas também* dizer a este monte...”.

Com respeito a Mateus 21, um comentarista teve a coragem de dizer que, embora a figueira que Jesus amaldiçoou seja literal, quando ele diz no versículo 21 que os discípulos fariam o mesmo, a figueira se tornou simbólica, assim como o monte é simbólico. Seria mais fácil afirmar que a figueira que Jesus amaldiçoou é simbólica também, e que de alguma forma os discípulos testemunharam uma figueira simbólica que simbolicamente secou. É mais fácil simplesmente jogar a Bíblia fora e se tornar um não-cristão. Não há, na verdade, nenhuma concessão para uma interpretação somente simbólica da figueira ou do monte.

Parece que a razão mais comum para afirmar uma interpretação simbólica de Marcos 11.23 é simplesmente pura incredulidade. Esses comentaristas falham naquilo que o versículo promove — a ideia de que as grandes coisas são possíveis quando uma pessoa crê em Deus e confia em seu poder. Mas a interpretação deles equivale a uma declaração velada que o que Jesus diz é falso.

Para algumas pessoas, outra razão para suavizar ou espiritualizar o versículo é impedir o abuso do mesmo. Em nosso tempo, existe um ensino que é popular em algumas seitas carismáticas. De fato, ele é tão prevalecente que podemos até mesmo chamá-lo de um movimento. Supostamente derivado de Marcos 11.23 e versículos similares, o ensino diz que se uma pessoa crê, não importa o que ela diga, acontecerá, e a aplicação diligente desse ensino pode trazer saúde e riqueza a alguém. Comentaristas receiam dizer algo que encoraje tal ensinamento. Contudo, suavizar ou espiritualizar ilegitimamente um versículo bíblico é uma forma equivocada de solucionar o problema do abuso. Além do mais, o versículo *diz* que se uma pessoa crê, então o que ela disser acontecerá. É fútil reagir ao abuso negando o que o versículo clara e literalmente significa.

A maneira apropriada de atacar o abuso não é alterar o significado do versículo, mas criticar o falso ensinamento em que ele verdadeiramente se desvia da Escritura. Para ilustrar, levantarei dois pontos sobre o ensino em questão. O primeiro tem a ver com a natureza da fé, e o segundo tem a ver com a origem da fé, ou como a fé é gerada. Esses dois pontos não cobrem todas as ideias errôneas esposadas pelo ensino, mas nosso propósito presente é chegar a um entendimento correto positivo do versículo 23, e nada mais.

Primeiro, esse falso ensino concebe a fé como uma força que é poderosa em si mesma. Algumas vezes, isso é menos esotérico e equivale a uma versão cristianizada da doutrina autocentrada do “pensamento positivo”. Seus proponentes nem sempre são consistentes nisso, mas quando falam a partir de tal perspectiva, não se referem à fé como a crença e confiança da pessoa num objeto apropriado — como em Deus, suas promessas, e assim por diante — mas que a crença é, *ela mesma*, o poder que produz os efeitos desejados. Atacar essa concepção errônea de fé irá ao mesmo tempo mostrar o abuso do versículo 23.

Segundo, o falso ensino apela a Romanos 10.17 (“a fé vem por se ouvir”, NVI) e afirma que a fé é produzida por ouvir as palavras da Escrituras novamente e novamente. Uma forma de fazer isso é uma pessoa pronunciar repetidamente alguns versículos bíblicos selecionados para si mesma. Por exemplo, uma pessoa doente pode dizer “Por suas feridas, fui curado” (veja 1 Pedro 2.24) centenas de vezes num dia. Ela poderia duvidar da declaração a princípio, mas com o tempo se convencerá de que é verdade, e então pelo princípio ensinado em Marcos 11.23, a cura física se seguirá.

Quando eles tentam se opor a esse ensinamento, muitas pessoas acabam atacando a própria Escritura. Eles criticaram o princípio de que um cristão pode ordenar que coisas aconteçam pela fé. Mas esse princípio é *exatamente* o que Jesus ensina. Aderentes ao falso ensinamento estão certos em alegar que é pura incredulidade sugerir que Jesus não queria dizer literalmente o que disse no versículo 23. Todos os cristãos deveriam afirmar que, se temos fé, podemos ordenar que uma montanha se mova, e isso acontecerá. Jesus demonstrou isso com a figueira, e então disse que podemos fazer o mesmo e ainda mais, se tivermos fé. Assim, a menos que estejamos dispostos a sacrificar a inspiração da Escritura devido à incredulidade, esse princípio não está sujeito a debate.

O que há de errado com o falso ensinamento não é o entendimento deles do princípio, mas o entendimento deles da fé. Primeiros, eles concebem erroneamente a fé como uma força — que o poder reside na crença *em si* — ao invés de entender a fé como a crença nas proposições divinamente reveladas que requer o exercício ativo de Deus do seu poder para fazer o bem. Segundo, eles concebem erroneamente a fé como algo que podem produzir em si mesmos ao repetidamente ouvirem proposições bíblicas.

O primeiro equívoco torna a definição deles de fé totalmente não-cristã. Esse ponto sozinho é suficiente para refutar a doutrina deles com respeito a Marcos 11.23. Mas o segundo ponto é ainda mais relevante para o nosso propósito principal, que é obter um entendimento positivo correto do versículo. Para revisar, Jesus ensina o princípio, “se tivermos fé, então podemos mover montanhas”. Comentaristas têm se focado em qualificar a porção “podemos mover montanhas” do princípio. Mas eu sugiro, ao contrário, que deveríamos nos focar na porção “se tivermos fé”.

Aqui está a resposta, então. A Bíblia diz que a fé vem pelo ouvir a Palavra de Deus. Disso, o falso ensinamento em questão tem inferido que a fé *sempre* vem quando uma pessoa ouve a palavra de Deus. Mas o versículo não diz tal coisa. No contexto, o versículo está falando sobre a pregação do evangelho. Como Paulo escreve: “Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não houver quem pregue?” (Romanos 10.14). Mas em nenhum lugar é sugerido que *todos* que ouvem o evangelho crerão e, assim, serão salvos.

A salvação vem quando uma pessoa crê no evangelho, e uma pessoa pode crer no evangelho somente quando descobre o que é o evangelho e o que ele diz. Assim, alguém deve pregar o evangelho de forma que as pessoas possam ouvi-lo. Mas o ponto não é que todo aquele que ouvir o evangelho se tornará um cristão. Tampouco Paulo está sugerindo que quanto mais uma pessoa ouve, mais fé ele tem *garantia* de receber. O falso ensino em questão confunde a forma como a fé é usualmente promovida ou “entregue” com o que realmente faz uma pessoa crer no que ouve.

Assim, o que faz uma pessoa crer na Palavra de Deus quando a ouve? A Bíblia ensina que tanto a fé como a incredulidade são controladas por Deus. Ela ensina em inúmeros lugares que uma pessoa se recusa a crer porque Deus ativamente opera em sua mente para endurecer seu coração (João 12.39-40). Assim, uma pessoa pode ouvir a Palavra de Deus todos os dias durante meio século, mas a menos que Deus soberanamente lhe conceda fé para crer no que ouve, ela permanecerá na incredulidade.

O tipo de convicção que surge de nada mais que uma repetição prolongada pode muito bem ser o efeito de lavagem cerebral, por falta de um termo melhor. É verdade que pode existir uma relação entre a exposição contínua à Bíblia e um crescimento da fé, mas por ora estou me referindo à mera repetição sem a operação do Espírito. Se o tipo de fé sobre a qual a Bíblia fala pode vir dessa forma, então a forma mais eficaz de evangelismo seria sequestrar os incrédulos e trancá-los num quarto onde a Bíblia é tocada em alto som todos os dias e todas as noites. Não haveria nenhuma necessidade de oração, persuasão ou da obra do Espírito Santo.

Mas, novamente, a convicção seria o resultado de mera lavagem cerebral, e a profissão de fé uma mera imitação do que tem sido ouvido, similar a como uma pessoa

insana poderia murmurar sem pensar algumas das frases que ouve por acaso ou lhe são ditas por outros. Não haveria nenhuma crença genuína nas promessas de Deus, mas a convicção serviria somente como a substituição morta e impensada para as crenças anteriores da pessoa que foi agora forçosamente eletrocutada pelo processo. A pessoa poderia se sentir convencida, mas não existe nenhum poder e nenhuma salvação nesse tipo de “fé”.

A verdadeira fé é um dom de Deus (Efésios 2.8). Em 1 Coríntios 12.9, Paulo se refere ao tipo de fé que é uma manifestação especial do Espírito. De sua menção em 1 Coríntios 13.2 — isto é, no contexto de manifestações espirituais — entendemos que fé é *esse* tipo de fé que move montanhas. Assim como a fé para crer no evangelho para salvação é soberanamente concedida por Deus a quem ele escolher, essa manifestação especial de fé é concedida também “como [ele] quer” (1 Coríntios 12.11).

Esse entendimento bíblico de fé remete o cumprimento de Marcos 11.23 à mão soberana de Deus. No processo, destrói o falso ensinamento em questão sem comprometer o princípio ensinado por Jesus — que se tivermos fé, teremos tudo o que dissermos. A diferença é que termos fé, ou esse tipo de fé, depende inteiramente da decisão de Deus. Ele poderia nos concedê-la por meio de sua palavra, mas ouvir sua palavra não garante esse tipo ou nível de fé.

Nossa fé depende da obra do Espírito, que aplica a palavra de Deus aos nossos corações e nos convence de sua verdade, dando-nos confiança de seu efeito, poder e relevância. Os comentaristas acima ficariam aliviados de eu ter fornecido uma forma legítima de explicar como o que Jesus diz *não* aconteceria. Mas eu também expliquei como isso *poderia* acontecer — acontece quando Deus concede a fé. Assim, resta aos comentaristas, ou aqueles que pensam como eles, afirmar que Deus *nunca* concederá esse tipo de fé. Contudo, não existe nenhuma evidência bíblica para isso, e se Deus nunca concederia esse tipo de fé *mesmo em princípio*, isso tornaria a declaração de Jesus sem sentido. Dessa forma, parece que a sugestão uma vez mais procede simplesmente da incredulidade.

Para recapitular, o versículo 23 ensina que, se tivermos fé, poderemos até mesmo ordenar que uma montanha se mova, e isso acontecerá. É dessa mesma perspectiva que podemos derivar um entendimento correto do versículo 23. Nesse

versículo, Jesus se refere a “tudo o que vocês pedirem em oração”. Os comentaristas novamente amontoam qualificações sobre qualificações para isso, até que afundam o versículo em incerteza e incredulidade, tornando-o praticamente inútil para os leitores. Sem dúvida, qualquer promessa escriturística deve ser entendida dentro do amplo contexto da Bíblia. Contudo, esse versículo é claramente positivo em intenção, e deveria ser exposto a partir de um ângulo positivo.

Larry Hurtado observa que Marcos coloca grande ênfase em chamar os cristãos a seguirem o ministério de Jesus, e deveríamos entender esse ensinamento sobre fé em tal contexto.⁷ Ele adiciona: “Aqui Marcos apresenta Jesus como um exemplo de fé, e seus leitores não devem apenas admirar a fé de Jesus, mas imitá-la também”.⁸

Deveríamos apoiar essa perspectiva, visto que é verdade que a Bíblia enfatiza a fé como algo que glorifica a Deus e promove o seu propósito. Contudo, é possível enfatizar excessivamente esse ponto legítimo, visto que a Bíblia também descreve o papel crucial da fé em usar os recursos de Deus para o nosso sucesso e preservação. Não devemos hesitar em exercitar fé em Deus para suprir nossas necessidades pessoais, como se os recursos de Deus fossem requeridos para o ministério, mas opcionais para o nosso viver diário. Um cristão deveria depender de Deus para tudo, mesmo em seu pão diário (Mateus 6.11).

Talvez seja melhor reconhecer que a fé em Deus pode operar tanto em nosso benefício próprio como para o avanço do seu Reino, e esses dois raramente estão em conflito quando colocamos o primeiro dentro do interesse mais amplo do último. Em outras palavras, nossa fé para a autopreservação e vários benefícios deve ser moldada e subordinada à nossa preocupação pelo Reino de Deus.

Outro aspecto da fé tem a ver com a persistência. Por toda a Bíblia, a fé é algumas vezes retratada como uma qualidade que desempenha atos simples e instantâneos de grandeza, mas em outros momentos é pintada como uma convicção persistente e teimosa que produz falácia e ação consistente de longa duração. Uma pessoa precisa ler apenas Hebreus 11 para exemplos desses dois tipos de fé. É por meio da “fé e paciência” que herdamos as promessas de Deus (Hebreus 6.12). Esse é um

⁷ Larry W. Hurtado, *Mark*, New International Biblical Commentary (Hendrickson Publishers, 1989), p. 185.

⁸ Ibid.

lembrete importante para todos aqueles que se aventuram na fé pela obra do Reino. Nossa confiança é na palavra de Deus, que nunca falha, e não nos resultados imediatos ou passageiros.

Então, o versículo 25 nos adverte sobre um individualismo extremo em nossa fé. Não podemos amar a Deus e ao mesmo tempo odiar nossos irmãos e irmãs em Cristo. Não podemos ter fé para com Deus e ao mesmo tempo ressentimento abrigado para com os outros. Uma fé forte floresce num ambiente onde o povo de Deus vive em amor e harmonia, mas as rixas a sufocarão. Como 1 Pedro 3.7 diz: “Maridos, sejam sábios no convívio com suas mulheres e tratem-nas com honra, como parte mais frágil e co-herdeiras do dom da graça da vida, *de forma que não sejam interrompidas as suas orações*”.

Jesus nos diz que a fé pode mover montanhas. Esse não é um ensinamento para escusarmos ou afundarmos em milhares de qualificações. Pelo contrário, ele serve para confrontar nossa incredulidade e encorajar uma fé mais forte em nós. Ele nos capacita a tentar novas coisas, alcançar cumes mais altos, e expandir nossa imaginação. Não devemos evitar ou negar essa fé. Devemos cobiçá-la!

Senhor, nós cremos, ajuda-nos em nossa incredulidade! Aumente a nossa fé, para que possamos “encorajar o exausto e fortalecer o fraco” (Isaías 35.3, NASB). E se isso te agradar, conceda-nos uma fé que pode até mesmo virar uma montanha de cabeça pra baixo por uma mera palavra de ordem. Senhor, conceda-nos essa fé — agora na forma de um poder explosivo, agora na forma de uma confiança persistente — de forma que possamos vencer todos os obstáculos e realizar proezas em teu nome, para a tua glória e para o bem do teu povo. Amém.

6. O SANGUE DA PÁSCOA

O SENHOR disse a Moisés e a Arão, no Egito: “Este deverá ser o primeiro mês do ano para vocês. Digam a toda a comunidade de Israel que no décimo dia deste mês todo homem deverá separar um cordeiro ou um cabrito, para a sua família, um para cada casa... Passem, então, um pouco do sangue nas laterais e nas vigas superiores das portas das casas nas quais vocês comerão o animal... Ao comerem, estejam prontos para sair: cinto no lugar, sandálias nos pés e cajado na mão. Comam apressadamente. Esta é a Páscoa do SENHOR.

“Naquela mesma noite passarei pelo Egito e matarei todos os primogênitos, tanto dos homens como dos animais, e executarei juízo sobre todos os deuses do Egito. Eu sou o SENHOR! O sangue será um sinal para indicar as casas em que vocês estiverem; quando eu vir o sangue, passarei adiante. A praga de destruição não os atingirá quando eu ferir o Egito. “Este dia será um memorial que vocês e todos os seus descendentes celebrarão como festa ao SENHOR. Celebrem-no como decreto perpétuo.

Então, à meia-noite, o SENHOR matou todos os primogênitos do Egito, desde o filho mais velho do faraó, herdeiro do trono, até o filho mais velho do prisioneiro que estava no calabouço, e também todas as primeiras crias do gado. No meio da noite o faraó, todos os seus conselheiros e todos os egípcios se levantaram. E houve grande pranto no Egito, pois não havia casa que não tivesse um morto. (Êxodo 12.1-3, 7, 11-14, 29-30)

Aqui temos o registro bíblico da instituição da Páscoa. Antes de tratarmos da Páscoa em si, vamos colocá-la em primeiro lugar no contexto apropriado, considerando os eventos que levaram a ela.

Aproximadamente 400 anos antes da instituição da Páscoa, Deus disse a Abraão que seus descendentes seriam escravizados e maltratados durante um tempo num país que não era deles, mas depois disso Deus castigaria a nação que eles serviram como

escravos, e tiraria eles de lá e os levariam à sua própria terra (Gênesis 15.13-14). De acordo com o plano e decreto de Deus, os filhos de Jacó, que tinham ciúmes do favor especial do pai deles para com José, venderam o seu irmão mais novo para o Egito. Mas Deus guardou José, e ele foi elevado à posição mais alta no Egito abaixo de Faraó, para supervisionar as preparações para a fome que haveria de vir.

Quando a fome veio e as nações ficaram sem comida, elas vinham até o Egito para comprar deles. Jacó também enviou seus filhos para comprar comida, e eles se reuniram com José. Como a fome continuaria por algum tempo ainda, Jacó e toda a sua família se mudaram para o Egito e lhe foi dado um pedaço de terra como sua residência.

O Livro de Êxodo começa quando um novo Faraó se sentiu ameaçado pelo crescimento em número e prosperidade de Israel. Assim, ele os escravizou e então deu até mesmo ordens para matar os seus meninos recém-nascidos. Mas então o povo de Israel clamou ao Senhor, que era fiel à sua promessa a Abraão, e o Senhor enviou Moisés para confrontar Faraó e tirar o seu povo do Egito.

Quando Deus chamou Moisés para essa obra especial, ele lhe disse que Faraó não deixaria o povo partir tão facilmente. Ou, de outra perspectiva, podemos dizer que Deus não deixaria Faraó permitir tão facilmente. Ele disse: “Eu, porém, farei o coração do faraó resistir; e, embora multiplique meus sinais e maravilhas no Egito, ele não os ouvirá” (Êxodo 7.3). Ele controlaria diretamente o coração de Faraó para desafiar o mandamento divino, mesmo em face dos desastres miraculosos que Deus enviaria contra a nação.

Em outras palavras, Deus prolongaria deliberadamente a luta entre Faraó e Moisés para que houvesse oportunidades adicionais para demonstrar seu poder à custa do Egito. Foi assim para que ele pudesse glorificar a si mesmo, punir a nação do Egito, e induzir confiança no povo de Israel em Deus e seu servo Moisés.

Os capítulos 7 até 10 exibem um padrão consistente. Moisés confrontaria Faraó e lhe pediria para deixar o povo de Israel partir do Egito para adorar ao Senhor. Faraó recusaria, e assim Deus enviaria uma praga contra a nação. Então, mesmo quando Faraó parecesse ceder, Deus controlaria seu coração e o endureceria novamente.

O relato de Êxodo declara *repetidamente* que é Deus quem endureceu o coração de Faraó (4.21, 7.3, 9.12, 10.1, 20, 27; 11.10; 14.4, 8). Isso evidentemente é algo que o

Espírito desejava enfatizar, de forma que ninguém deixasse de perceber ou chegasse a alguma outra conclusão. Há somente alguns casos em que a linguagem parece sugerir que Faraó endurecia a si mesmo (8.15, 32; 9.34), mas isso não é nada mais do que linguagem relativa, visto que é claro que, mesmo nesses casos, é Deus quem endurecia ativamente a Faraó.

Por exemplo, 9.34 traz: “Ele e seus conselheiros endureceram seus corações” (NIV). E certamente eles o fizeram. Mas quando Deus se refere ao mesmo caso dois versículos adiante, ele diz: “Eu endureci o coração dele e o de seus conselheiros, a fim de realizar estes meus sinais miraculosos entre eles” (10.1, NIV). Mais adiante, no capítulo 14, é dito que “Faraó e os seus conselheiros mudaram de ideia” (v. 5). Certamente eles o fizeram, mas o que mudou a mente deles? O versículo 8 explica que eles mudaram suas mentes porque “o SENHOR endureceu o coração do Faraó”. É a ação do criador que explica a ação da criatura, o último que explica o relativo, e não o sentido contrário.¹

Assim, Faraó endureceu seu coração num sentido, mas Deus fez isso acontecer controlando-o diretamente. Da mesma forma, quando uma pessoa crê no evangelho, ela crê no evangelho — Deus não é aquele que crê, mas quem faz a pessoa crer. E quando uma pessoa ora, não é Deus quem ora e sim a pessoa, mas é Deus quem faz a pessoa orar e quem controla todo o seu pensamento e expressão à medida que ela ora.

A Bíblia ensina que é Deus quem endurece diretamente o coração de alguém contra sua palavra, de forma que essa pessoa não receberá misericórdia, mas antes incorrerá numa ira divina ainda maior contra ela mesma. Para ilustrar, considere Josué 11.19-20: “Com exceção dos heveus que viviam em Gibeom, nenhuma cidade fez a paz com os israelitas, que a todas conquistou em combate. Pois foi o próprio SENHOR que

¹ Se eu movimento o objeto X de forma que ele bate e movimenta Y, então é corretamente dito que eu sou aquele que movimenta Y. É também correto dizer que é X quem movimenta Y se quisermos explicar isso num sentido relativo. Mas se X de alguma forma movimenta a si mesmo para bater e movimentar Y, então em nenhum sentido pode ser dito que eu sou aquele que movimenta Y. O conceito de causação secundária pode explicar somente uma relação entre dois objetos não últimos, mas ele não pode explicar o controle direto de Deus sobre todas as coisas, incluindo o mal. Isto é, ele explica somente a relação entre X e Y, e não a relação de Deus com X e Y. Então, a analogia não seria completa, a menos que apontássemos também que não há nenhuma relação inerente e necessária entre X e Y, mas Deus é aquele que determina e regula a interação deles. Quando X bate em Y, o último se movimenta não porque há um poder ou princípio inerente e necessário funcionando à parte de Deus, mas porque Deus movimenta X, e então ele movimenta também Y ao mesmo tempo em que X bate em Y. Assim, Deus de fato exerce controle direto e

lhes endureceu o coração para guerrearem contra Israel, para que ele os destruísse totalmente, exterminando-os sem misericórdia, como o SENHOR tinha ordenado a Moisés”. Deus controlou o pensamento dessas nações. Ele fez com que elas atacassem Israel, de forma que incorressem na ira de Deus e fossem destruídos por seu povo, “exterminando-os sem misericórdia”.

Então, Isaías 63.17 diz: “Senhor, por que nos fazes andar longe dos teus caminhos e endureces o nosso coração para não termos temor de ti? Volta, por amor dos teus servos, por amor das tribos que são a tua herança!”. Deus fez com que eles desviassem e endurecessem os seus corações. Como o povo deixaria de andar longe e como os seus corações deixariam de ser endurecidos? Isso aconteceria quando *o Senhor* retornasse ao povo, e não quando o povo retornasse a ele. Certamente, o povo deveria retornar. Certamente eles deveriam parar de andar longe dos caminhos de Deus, e certamente os seus corações deveriam ser amolecidos. Mas por que eles fariam isso? Eles fariam — ou *poderiam* — fazer isso somente quando Deus retornasse a eles e lhes favorecesse novamente.

O Novo Testamento é igualmente claro sobre isso. João 12.40 diz: “Cegou os seus olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos nem entendam com o coração, nem se convertam, e eu os cure”. Durante todo esse processo, Deus permanece justo porque é sua prerrogativa controlar suas criaturas de qualquer forma e para qualquer propósito que lhe agrade. Até mesmo protestar contra esse ensino denuncia um desafio pecaminoso contra o Senhor (Romanos 9.14-24).

Deus estava agindo contra eles. Ele lhes enviaria uma praga, e então endureceria seus corações para que pudesse lhes enviar outra. O Egito foi arruinado no processo (Êxodo 10.7). Ele foi um gigante entre as nações, sem rivais na força econômica e militar. As pessoas também adoravam muitos deuses. Mas nada poderia salvá-las quando o verdadeiro Deus estivesse agindo contra elas. Elas não poderiam nem mesmo se arrepender e clamar por misericórdia, porque Deus as tornou obstinadas.

Podemos fazer uma observação similar com respeito à relação de Deus com a natureza. Deus controlou ativamente a natureza para produzir as pragas, que devastaram a terra e mataram multidões de pessoas. Ele não apenas “permitiu” que a água do Nilo

constante tanto sobre X como sobre Y. Veja Vincent Cheung, *Introdução à Teologia Sistemática, Questões*

se transformasse em sangue. Não é como se o estado natural do líquido fosse sangue, e que ele o tinha sustentado como água até o tempo da praga. E não é como se a água pudesse por si mesma se transformar em sangue por sua própria iniciativa e poder. Podemos dizer o mesmo com as rãs, os piolhos, as moscas, a sarna, a chuva de pedras, os gafanhotos, e assim por diante.

É fútil afirmar que talvez Deus “tenha permitido” que o diabo fizesse isso. Se o diabo tivesse qualquer escolha, não estaria em seu maior interesse enviar pragas sobre o Egito; assim, apenas permitir que ele fizesse isso não garante que ele teria feito. Em adição, o objetivo das pragas era demonstrar o poder de Deus, não do diabo. Mas não precisamos especular sobre isso. Os mágicos, ou aqueles que representavam o poder do diabo, puderam reproduzir versões em miniatura das primeiras pragas, mas depois disso eles não puderam continuar, e admitiram que o dedo de Deus deveria estar em operação. Em todo caso, se alguém apenas ler todos os capítulos e observar a linguagem empregada, ficará claro que o texto descreve cada praga como planejada, produzida, sustentada e então removida pelo poder ativo de Deus.

Nossa passagem trata da praga final que Deus trouxe contra o Egito, embora ele viesse novamente contra eles no Mar Vermelho. Ele declarou: “naquela mesma noite passarei pelo Egito e matarei todos os primogênitos, tanto dos homens como dos animais” (12.12). Novamente, observamos a natureza ativa e deliberada do julgamento rígido e sangrento de Deus contra os seus inimigos. Ele não diz que abandonaria o Egito em julgamento e salvaria os israelitas da autodestruição que os egípcios trariam sobre si mesmos. Ele não diz que ele abandonaria o Egito e, de alguma forma, seus primogênitos cairiam mortos por si mesmos. Ele nem mesmo diz que ele deixaria os egípcios nas mãos de Satanás.²

Últimas, Commentary on Ephesians, e Cativo à Razão.

² O “destruidor” em Êxodo 12.23 não é o diabo, mas o Anjo do Senhor que apareceu a Moisés (3.2). Como C. F. Keil escreve: “Jeová efetuou a destruição dos primogênitos através do destruidor, ou anjo destruidor (Hebreus 11.28), isto é, não um anjo caído, mas o anjo de Jeová, em quem Jeová se revelou aos patriarcas e a Moisés” (Keil & Delitzsch, *Commentary on the Old Testament, Vol. 1*; Hendrickson Publishers, p. 334). Visto que é certo que o Anjo do Senhor é uma manifestação do Filho de Deus pré-encarnado (Keil & Delitzsch, Vol. 1, p. 118-122), a segunda pessoa da Trindade, é correto afirmar que foi o próprio Deus quem ativamente matou os primogênitos do Egito. De fato, o versículo reforça nosso ponto e aprofunda o seu significado, mostrando que a Deidade está unida em matar direta e ativamente os ímpios e causar desastres contra eles. Veja também 2 Reis 19.35. Quanto ao Salmo 78.49, ali a referência não é aos anjos que eram maus, mas aos anjos que causaram o mal. Eles eram, pelo menos naquele

Não, ele declara que passaria pelo Egito e mataria todos os primogênitos. Essa é sua natureza, seu método, e sua glória. O que frequentemente acontece é que as pessoas constroem seus próprios padrões e regras sobre como um Deus justo deveria agir, e então inventam todos os tipos de argumentos e distinções complicadas para explicar como Deus nunca violou os padrões e regras delas. É como se elas ficassem embaraçadas pelo Deus da Bíblia porque ele é muito diferente de como o homem pecador age e porque ele desrespeita os padrões impostos sobre ele por rebeldes espirituais.

A Bíblia afirma a reprovação ativa, o endurecimento ativo e o julgamento ativo. Como eu já argumentei sobre isso em outros lugar³ exaustiva e repetidamente, eu não retomarei o assunto. Mas estou enfatizando esse ponto aqui porque ele nos ajudará a apreciar plenamente a Páscoa e o que ela representa na Escritura.

Aquela noite, “o SENHOR matou todos os primogênitos do Egito, desde o filho mais velho do faraó, herdeiro do trono, até o filho mais velho do prisioneiro que estava no calabouço, e também todas as primeiras crias do gado. No meio da noite, o faraó, todos os seus conselheiros e todos os egípcios se levantaram. E houve grande pranto no Egito, pois não havia casa que não tivesse um morto” (Êxodo 12.29-30). Não se diz que Deus foi passivo em nenhum lugar com relação a isso. Ele não passou sobre o Egito para salvar seu povo, mas passou sobre o seu povo para matar os membros mais estimados da comunidade do Egito, de forma que nem mesmo os animais foram poupados. Ele estava numa missão de morte, e fez um trabalho completo, de forma que “houve grande pranto no Egito, pois não havia casa que não tivesse um morto”.

Temos testemunhado alguns grandes desastres em nosso tempo de vida, no qual muitos pereceram, e em que há “grande pranto”. Sem considerar os detalhes desses eventos, a natureza das vítimas, e os princípios bíblicos aplicáveis, muitas pessoas rejeitam a própria possibilidade de que Deus tenha algo a ver com essas tragédias, exceto que elas as tenham “permitido”. Tolices! É verdade que nem toda tragédia ou morte violenta é um caso de castigo de Deus contra uma pessoa, mas é antibíblico rejeitar isso em todo caso. Estamos envergonhados de Deus? Aqueles que o adoram por

contexto, “anjos trazendo infortúnios” (Keil & Delitzsch, Vol. 5, p. 528). Veja também *Barnes' Notes* sobre Êxodo 12.29 e Salmo 78.49.

quem ele é confessarão ousadamente — pelo contrário, se gloriarão — que ele é aquele que persegue e mata seus inimigos e aqueles que ele deseja punir. Você o odeia por isso? Ou você o louva por isso? Sua resposta revela se sua lealdade pertence ao Deus da sua imaginação ou ao Deus da Bíblia.

Assim, a Páscoa não foi um caso em que Deus abandonou os pecadores e deixou que eles caíssem em julgamento, enquanto ele tirou o seu povo para longe dos danos. Não, ele passou sobre o seu povo e deu aos pecadores toda a sua atenção, matando todos os primogênitos deles. Mas através de Moisés, ele instruiu os israelitas a passarem o sangue do cordeiro pascal nas ombreiras das suas casas. Ele disse: “O sangue será um sinal para indicar as casas em que vocês estiverem; quando eu vir o sangue, passarei adiante. A praga de destruição não os atingirá quando eu ferir o Egito” (12.13).

Tudo isso é um retrato do que Cristo fez pelo seu povo. Quando João o Batista viu Jesus, ele disse: “Vejam! É o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (João 1.29). E Paulo escreve: “Pois Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi sacrificado” (1 Coríntios 5.7). A Páscoa é somente um tipo e sombra da salvação. A realidade é encontrada na morte expiatória de Cristo. Consequentemente, o sangue do cordeiro pascal é um tipo e sombra do sangue de Jesus Cristo. O efeito do primeiro é um retrato do efeito do último.

A Páscoa nos dá também um retrato da ira de Deus contra os incrédulos. Para diferenciar graus, e se elas estão se referindo à reprovação, endurecimento, ou julgamento, algumas pessoas frequentemente descrevem esse aspecto da obra de Deus como passivo. Mas isso é contrário ao retrato que a Escritura pinta para nós. Se cremos na Bíblia como revelação de Deus, devemos afirmar que ele não deixa meramente os incrédulos em seus pecados, como se eles fossem então se autodestruir, ou como se eles pudessem criar um inferno, colocar fogo nele, e se lançarem ali. Não, o próprio Deus os persegue e os lança no lago de fogo.

Entre outras coisas, o valor do sangue expiatório de Cristo está em jogo. Uma visão fraca da ira de Deus denuncia uma visão fraca da expiação, visto que é o sangue de Jesus que nos salva da ira divina. Correspondendo ao sangue do cordeiro pascal, o sangue de Jesus não somente nos remove do julgamento, mas o retrato é que ele nos

³ Veja Vincent Cheung, *Introdução à Teologia Sistemática, Commentary on Ephesians, O Autor do*

oculta do poder mais terrível e destrutivo de tudo que existe — a ira de Deus manifestada em toda a sua ferocidade e violência.

Mesmo agora, ouvimos o “lamento ruidoso” dos não-cristãos vindo de uma longa distância. Não, Deus não lhes deixou sozinhos, e essa é precisamente a razão de eles sofrem assim! Nós trememos quando pensamos sobre o que Deus lhes reserva. Mas ficamos aliviados, e lágrimas de alegria e gratidão correm em nossas faces porque Deus nos deu graciosamente a Páscoa. Nós encontramos refúgio do Destruidor atrás do sangue do cordeiro e, como participantes da Festa da Páscoa através da fé em Jesus Cristo, recebemos vida e força para a nossa jornada.

Suponha que essas outras pessoas estejam certas. Suponha que Deus meramente passe sobre os incrédulos e os deixe no lugar do julgamento! Mas onde é esse lugar de julgamento? Hebreus 10.31 diz: “Terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo!”. Há um sentido no qual Deus passa sobre os réprobos e os deixa no lugar de julgamento? Sim, mas somente no sentido em que ele não precisa removê-los de um lugar de não-julgamento (como se houvesse um lugar neutro) para colocá-los num lugar de julgamento, pois o lugar de julgamento é onde eles estão, e esse lugar está nas mãos de Deus.

Assim, não há nada passivo sobre reprovação, endurecimento ou julgamento. Se parece que Deus é menos ativo para com os réprobos do que ele é para com os eleitos, é somente porque sua relação com os réprobos não pode ser mais ativa do que já é. Eles começam em suas mãos iradas, permanecem em suas mãos iradas, e serão esmagados por suas mãos iradas. Não há espaço para ele ser mais ativo do que isso. Ele deixa que eles sejam atormentados pelo diabo? Mas até mesmo o diabo está em suas mãos!

Uma vez minha esposa viu uma pequena aranha no carpete em casa e tentou matá-la. Ela pegou um papel de seda e pressionou firmemente sobre a aranha. Quando levantou sua mão, a aranha estava achatada, e parecia estar morta. Mas eu sabia um pouco mais sobre aranhas, e assim lhe disse: “Isso é falso! Você tem que realmente esmagá-la. Apresse-se!”. Enquanto estava falando, a aranha se endireitou como se não tivesse sofrido nenhum dano e começou a correr por sua vida. Minha esposa foi rápida o suficiente e a pegou debaixo do papel de seda novamente. Eu lhe disse: “Você precisa

Pecado, e também Martinho Lutero, O Cativo da Vontade.

pressioná-la realmente com força, esmague-a entre seus dedos com o papel, e então jogue-a no banheiro”.

E se você é um não-cristão, isso é o que Deus fará com você. Num tempo de sua escolha, ele te esmagará com suas mãos e te jogará no inferno, para o sistema de esgoto cósmico, como se você não fosse nada mais do que um excremento espiritual. Isso não é de forma alguma excessivamente dramático ou imaginativo, nem é um exagero. A palavra no Novo Testamento para “inferno” é “gehenna”, e refere-se ao Vale de Hinon, localizado ao sul de Jerusalém. No primeiro século, os judeus ainda o estavam usando como um depósito de lixo, onde eles mantinham o fogo queimando para destruir o lixo. Jesus o utiliza para representar o lugar onde Deus jogará os réprobos. A implicação é que os não-cristãos são lixo espiritual. Se você rejeita a Jesus Cristo, você não é nada além de um pedaço de lixo.

Meu ponto é que é *disso* que o sangue de Cristo nos salva. Diminuir a ira de Deus é diminuir o sangue de Cristo. Insultamos a obra expiatória de Cristo quando dizemos que a reprovação e o endurecimento são meramente passivos, ou quando retratamos o julgamento divino como se não fosse tão terrível quanto realmente é. Isto é, subestimar a ira de Deus é subestimar o sangue de Cristo que nos salva dela. Sobre essa base de um entendimento correto da magnitude e terror da ira divina, a extensão extrema da depravação humana, e então o poder salvador correspondente do sangue de Cristo, pressionamos o ponto: “Como escaparemos, se negligenciarmos tão grande salvação?” (Hebreus 2.3).

As pragas do Egito foram terríveis, mas algo infinitamente pior está vindo. Quando ele vier, não haverá nenhum arrependimento, e não haverá nenhum escape. Qual é o seu refúgio? Onde reside sua salvação? Qual é o seu substituto para o sangue do cordeiro? Você colocará chá gelado nas ombreiras da porta ao invés de sangue? O Destruidor virá te matar. Você colocará um Buda na frente da sua porta? Ele enviará tanto você como o seu Buda para o inferno. Você colocará uma pintura de Maomé na sua porta? Mas ele já está no inferno te esperando. Você se esconderá atrás da ciência? Você confiará em sua filosofia? Mas Deus já tornou louca a sabedoria do mundo (1 Coríntios 1.20).

Se você é um não-cristão, você está em grande perigo. A qualquer momento, o Destruidor virá e te lançará no lago de fogo para ser torturado para sempre. Nem mesmo o sangue de animais podem te salvar desta vez. Esse tipo e sombra da expiação poderiam salvar você somente da sombra do julgamento. Mas o julgamento real está vindo, e a prestação de contas final está próxima. Esse momento está chegando para mais do que seus primogênitos. Apresse-se! Tome refúgio atrás do sangue de Cristo, e o Destruidor passará sobre você. Venha! Una-se àqueles que já estão festejando com o Cordeiro de Deus, aqueles que já encontraram vida em Cristo, e serás salvo da ira porvir.

7. O DEUS DOS DESASTRES

Ai daqueles que planejam maldade, dos que tramam o mal em suas camas! Quando alvorece, eles o executam, porque isso eles podem fazer. Cobiçam terrenos e se apoderam deles; cobiçam casas e as tomam. Fazem violência ao homem e à sua família; a ele e aos seus herdeiros. Portanto, assim diz o Senhor: “Estou planejando contra essa gente uma desgraça,¹ da qual vocês não poderão livrar-se. Vocês não vão mais andar com arrogância, pois será tempo de desgraça.

“Não preguem”, dizem os seus profetas. “Não preguem acerca dessas coisas; a desgraça não nos alcançará.” Ó descendência de Jacó, é isto que está sendo falado: “O Espírito do Senhor perdeu a paciência? É assim que ele age?” “As minhas palavras fazem bem àquele cujos caminhos são retos

Se um mentiroso e enganador vier e disser: ‘Eu pregarei para vocês fartura de vinho e de bebida fermentada’, ele será o profeta deste povo!’. (Miqueias 2.1-3, 6-7, 11)

Pequenos desastres acontecem todos os dias. Desastres maiores não são tão frequentes, mesmo assim, vários deles ocorrem todos os anos. Um acidente pode mutilar e matar várias pessoas. Uma floresta em chamas pode deixar centenas sem casa. Desastres naturais tais como furações, terremotos e tsunamis podem eliminar milhares de seres humanos. E algumas guerras matam muitas pessoas.

Os homens sempre se interessaram em relacionar esses acontecimentos com o que pensam saber sobre Deus e sobre si mesmos, e o fazem de forma coerente com suas cosmovisões. Entretanto, muitas pessoas adotam linhas de pensamento incapazes de lidar com catástrofes e, dessa forma, pensam nos desastres apenas como algo aleatório, sem sentido e inexplicável. Algumas pessoas se refugiam no pragmatismo, focando-se em juntar pedaços; outras são dirigidas ao cinismo e desespero.

¹ “Estou planejando contra essa gente um desastre”, na versão do autor (NIV). [N. do T.]

Porém, quer proponham explicações próprias ou não, ainda que as explicações concordem ou não umas com as outras, elas estão unidas em condenar quem afirma tratar-se de atos divinos para castigar os pecadores — adoradores de ídolos, blasfemadores, assassinos, fornicadores, fraudadores, opressores, amantes de si mesmos e não de Deus, e todos os que desejam eliminar os sinais da existência de Deus de tribunais, escolas e famílias.

Isso não se dá pela possibilidade da comprovação da inocência dessas pessoas, ou da atestação de que Deus não pune, mas pelo anátema imposto sobre quem ousa sugerir que Deus os castigaria com guerras, enchentes e incêndios que às vezes matariam milhares de pessoas. Qualquer um que ouse sugerir que um desastre pode ser a punição divina legítima aos malfeitores é considerado cruel, antipatriótico, ou coisa semelhante. Deve-se ressaltar que, entre esses indivíduos, encontram-se tanto não-cristãos quanto cristãos professos. Eles se recusam a crer que Deus seja a causa de *qualquer* desastre natural ou “realizado pelo homem” como juízo contra os transgressores e advertência para os demais.

Entre outras coisas, os profetas bíblicos faziam previsões e eram intérpretes divinamente inspirados da providência. Eles declarariam ao povo o que Deus estava para fazer e o porquê de sua ação. E após algum acontecimento, eles poderiam oferecer uma interpretação autorizada de como aquilo se encaixava no plano de Deus.

Eles eram capacitados pelo Espírito para “ler” infalivelmente a providência. Sem essa inspiração divina, seria perigoso tentarmos fazer o mesmo. Isso não significa a ausência de conhecimento sobre as intenções e os propósitos de Deus, mas não devemos ultrapassar a revelação e cair na especulação. Por outro lado, isso também significa que enquanto permanecermos na revelação da Escritura, será possível chegar a algumas interpretações gerais do que Deus faz no mundo e na nossa vida.

A Bíblia nos diz que Deus pune os pecadores tanto com desastres naturais quanto com ações “realizadas pelo homem”, desde contratempos e inconveniências do dia-a-dia até enchentes, terremotos, pragas, fomes, nevascas, e assim por diante. Todas as coisas ocorrem pelo decreto e poder soberano de Deus.

Algumas delas envolvem decisões e ações humanas e, assim, distinguimos desastres naturais dos “realizados pelo homem”. Isso não é atribuir liberdade aos seres

humanos nesses acontecimentos, como se pudessem fazer algo sem o poder direto, ativo e constante de Deus, movendo-os a pensar e realizar o que ele tenha decretado, mas é enfatizar o controle divino tanto da natureza quanto do homem, de forma que até mesmo os chamados desastres “realizados pelo homem” foram planejados e causados por Deus. Inclusive guerras, terrorismo e genocídio. Os desastres são “realizados pelo homem” somente em sentido relativo. Assim, segundo nosso propósito, a distinção não é estritamente necessária. Ressaltamos que Deus é a causa direta, soberana e justa de todos os desastres de todos os tipos.

A partir desse ensino bíblico, podemos formar interpretações gerais dos vários atos da providência, incluindo desastres naturais e “realizados pelo homem”. E temos a garantia da Escritura para dizer que quando desastres como furacões, tsunamis, e até mesmos ataques terroristas ocorrem, matando milhares de pessoas, há *quase* sempre um elemento de castigo divino. Para falar de maneira clara, Deus mata pessoas por serem pecadoras e merecerem morrer, e por ser o tempo de puni-las. Não é esse o ensino escriturístico? Se você rejeita isso, pode parar também de se chamar um cristão, pois sua fé descansa em si mesmo e em suas opiniões, e é evidente que você não tem nenhuma consideração para com Deus e a Escritura. Então, outro efeito tencionado por esses desastres é despertar os eleitos e endurecer os réprobos.

O elemento humano complica o assunto, embora não para quem leia e afirme a Escritura, e que não se indignou com o ensino que não pode mais pensar claramente. O que complica o assunto, para alguns, é que as próprias pessoas usadas por Deus para punir pecadores são, não raro, igualmente ímpias. A Escritura trata disso em diversos lugares. Quando Deus usa o ímpio para punir o culpado, ele também planeja punir esse instrumento da providência no futuro. De fato, Deus os move para realizar atos adicionais de impiedade e cumprir seu decreto: fazê-los incorrer numa ira ainda maior.

Isso foi demonstrado várias vezes na história de Israel. Quando o povo caiu em pecado e idolatria, Deus enviou nações estrangeiras para massacrá-los e escravizá-los. Mas esses invasores também estavam sujeitos à ira de Deus, e foi precisamente por terem massacrado e escravizado o povo de Deus (movidos pelo poder divino) que o juízo de Deus caiu sobre eles também, não muito tempo depois. Considere Israel no tempo de Cristo. O Filho de Deus veio e os judeus o assassinaram, dizendo: “Que o sangue dele caia sobre nós e sobre nossos filhos!” (Mateus 27.25). Deus fez com que o

pedido deles fosse realizado. Dentro de uma geração, os romanos saquearam e queimaram Jerusalém, e a devastaram completamente. Mas Deus também destruiu os romanos. Esse é o padrão da providência.

Apenas a menção desse fato é considerada anti-semitismo para muitas pessoas, mas elas são hipócritas. Que os judeus primeiro respondam pelo assassinato de Cristo e dos milhares de cristãos que pereceram no início da igreja, e então poderemos falar sobre anti-semitismo. A verdade é que esses desastres foram obra de Deus, e adotar a mentalidade de que as vítimas são sempre inocentes é mostrar que as pessoas ainda não aprenderam com a própria História. Como nos dias de Miqueias, elas ainda dizem: “A desgraça não nos alcançará. O Espírito do Senhor perdeu a paciência? É assim que ele age?”. Mas, a menos que eles se arrependam e creiam no evangelho, nem mesmo mil holocaustos se assemelharão ao tipo de sofrimento que experimentarão após essa vida. Certamente, isso não é verdade apenas para os judeus, mas para todas as pessoas de todos os lugares.

Por isso, é verdade que podemos ler a providência de modo geral a partir das informações dadas pela Escritura. Mas devemos nos assegurar de que conhecemos realmente o que a Bíblia ensina e evitarmos ir além do que ela diz em nossa interpretação. Para ilustrar: os amigos de Jó, que tentaram confortá-lo, terminaram confundindo e até mesmo difamando seu caráter, pois interpretaram incorretamente o motivo para aqueles desastres terem caído sobre Jó. A Bíblia não diz que os desastres *sempre* ocorrem como castigos divinos ou porque as vítimas pecaram. Lembre-se de João 9, quando Jesus e seus discípulos se depararam com um homem cego de nascença. Os discípulos enunciaram sua suposição ao perguntarem: “Mestre, quem pecou: este homem ou seus pais, para que ele nascesse cego?”. Jesus respondeu: “Nem ele nem seus pais pecaram, mas isto aconteceu para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele”.

Todavia, isso não nos faz retroceder ao desconhecimento total dos significados e propósitos dos atos da providência divina. Os princípios estão na Escritura, mas os amigos de Jó e os discípulos de Jesus presumiram excessivamente e os aplicaram de modo equivocado. Devemos evitar emitir avaliações específicas sobre a razão de algum acontecimento, pois ainda que estejamos parcialmente corretos, Deus pode ter várias razões para realizar seus atos, e não somente a que você imaginou.

Por outro lado, quem insiste que certo desastre em que muitas pessoas pereceram não ocorreu como juízo divino comete o mesmo erro, apenas na direção oposta. Eles alegam conhecer a mente de Deus numa proporção maior que a declarada na Escritura. Quanto ao que rejeita a ideia da retribuição divina por meio de acidentes naturais e de desastres “realizados pelo homem”, e da morte de milhares de pessoas no processo, seu problema é incredulidade na Bíblia e, por isso, deve ser abertamente confrontado e refutado. Uma coisa é debater se determinado desastre é juízo de Deus ou não, em que sentido ele é juízo divino, ou se o juízo é a principal razão, mas rejeitar esse conceito de imediato é puro preconceito.

A Bíblia denuncia repetidamente como falsos profetas aqueles que ofereciam falso conforto. Eles pregavam “paz, paz” quando não havia paz (Jeremias 6.14). Anunciavam a prosperidade quando a calamidade estava às portas. Deus os condenou porque “tratam da ferida do meu povo como se não fosse grave” (Jeremias 6.14). Já os verdadeiros profetas de Deus, que recebiam mensagens dele, entendiam que “para os ímpios não há paz” (Isaías 57.21). Anunciavam o juízo a quem pecava.

Considere os desastres naturais mais destacados e recentes e também os “realizados pelo homem” em várias partes do mundo. Posso dizer, no mínimo, que nenhum dos povos e regiões afetados representava a santidade cristã. Sem a revelação pessoal de Deus, não podemos alegar conhecer a mente divina a respeito das razões e dos propósitos específicos para esses acontecimentos. Contudo, podemos ser tão específicos quanto a dedução a partir dos princípios escriturísticos nos permitir. Sobre essa base, o mínimo que podemos dizer é que ninguém deveria ficar impressionado com a ideia de que Deus tenha causado esses desastres para matar algumas pessoas como aplicação do juízo contra elas e como advertência para os seus.

Talvez alguns concordem que as vítimas desses desastres eram pecadores que mereciam o que lhes aconteceu. Eles eram idólatras, fornicadores, trapaceiros, opressores e amantes de si mesmos e da riqueza em vez de Deus. Entretanto, pode parecer a essas pessoas que admitir isso seja colocar mais lenha na fogueira e desdenhar a memória delas. Embora eu entenda essa perspectiva, não simpatizo com ela por exaltar o homem a ponto de honrar quem se opõe a Deus sem reconhecer a advertência proveniente da morte deles.

Em vez disso, quando o desastre acontece, deveríamos dizer: “Essas pessoas eram idólatras, avarentas, lascivas e ímpias ao extremo. Embora Deus possa ter outras razões, isso parece ser um juízo contra elas, e uma advertência para os outros. Não estou pronto para encontrar a Deus nesse momento. Se eu fosse uma das pessoas mortas, poderia estar sofrendo no inferno agora. Se o desastre me atingisse hoje, temo que Deus me lançaria no fogo do inferno para ser atormentado para sempre. Preciso me arrepender. Isso não pode esperar nem mais um minuto. Devo me emendar agora”.

Isso também deveria nos fazer pensar sobre outras pessoas, de forma que lhes disséssemos: “Amigo, você não está pronto para se encontrar com Deus. O desastre poderia tê-lo fulminado hoje, ou sua vida poderia ter sido arrebatada ontem. Sua vida é apenas um vapor. Arrependa-se! Arrependa-se! Arrependa-se enquanto há tempo. Creia no Senhor Jesus Cristo. Abandone seus pecados. Destrua seus ídolos. Clame para que ele o salve dessa geração perversa”. Sim, lamente a morte das vítimas, até mesmo honre sua memória num nível humano, mas não faça deles santos e heróis se eram pecadores e transgressores. Antes, esteja ciente de que “se não se arrependerem, todos vocês também perecerão”.

Os réprobos não reagem dessa forma; os desastres os tornam mais obstinados. Eles afirmam entre si que as vítimas eram inocentes e honradas, e que não mereciam o que lhes aconteceu. Eles consideram impossível que Deus julgue dessa forma, ou que ele as julgue assim. E se esses desastres vierem mesmo de Deus, ele deve ser denunciado e amaldiçoado como uma deidade injusta e indigna.

Que não haja nenhum mal entendido: a perspectiva bíblica não nos impede de oferecer assistência prática aos sobreviventes. Isto é, mesmo que tenham sido os objetos do juízo divino, a Escritura nos ensina a demonstrar benevolência mesmo com os nossos inimigos. Puni-los por seus pecados é prerrogativa de Deus, na extensão e no momento em que ele escolher. Nosso dever é obedecer aos preceitos bíblicos relevantes sobre como tratar as pessoas. E, certamente, é ainda mais importante pregar o evangelho, e dizer que somente Jesus Cristo pode livrá-los da ira ainda maior que está por vir.

Quem nega a possibilidade de que esses desastres surjam como juízo divino contra os ímpios faz isso baseado em várias crenças e suposições que subvertem o

entendimento apropriado do dogma bíblico. Alguns deles parecem inferir que as pessoas são intrinsecamente boas e decentes, e não mereciam a morte horrenda que sofreram. Por isso, algumas pessoas falam como se Deus não as julgasse simplesmente por serem americanas. Também os israelitas caíram numa ilusão similar.

Em todo caso, se o cidadão comum é inocente e não merece o julgamento rígido de Deus, o evangelho é desnecessário para a maioria das pessoas. Mas a Escritura ensina que todos pecaram contra Deus e transgrediram suas leis, de forma que todos merecem a morte e a destruição. Uma vez que afirmamos isso, não há razão para nos chocarmos quando Deus derrama sua ira sobre um grupo de pessoas, mesmo que mate milhares delas repentinamente. Ao contrário, isso deveria ser esperado.

Quem rejeita a possibilidade de que os desastres naturais e “realizados pelo homem” possam vir como juízo divino contra as vítimas não somente contradiz a doutrina bíblica da depravação humana, mas também vê Deus como alguém que não julgaria e puniria dessa forma. Às vezes, até mesmo cristãos professos são abalados pelos acontecimentos e se perguntam por que Deus “permite” essas coisas. Mas isso mostra que eles nunca levaram a sério os relatos históricos da Bíblia a respeito do grande Dilúvio no tempo de Noé, a destruição de Sodoma e Gomorra, e as pragas do Egito.

Deus sempre julgou os pecadores por meio de desastres naturais e dos “realizados pelo homem”, matando milhares deles num momento. Isso é totalmente coerente com sua natureza santa e justa. Não há problema nisso, a não ser o fato de que muitas pessoas não querem crer na verdade sobre Deus e sobre si mesmas. Ao negar que Deus é o Deus de desastres, transmitem às pessoas a mensagem de que ele pode ser ignorado e até mesmo zombado com impunidade.

Apesar disso, o universo não é uma democracia, e não se pode democratizar ou “americanizar” o Reino do céu. Você não tem direitos que obriguem Deus a tratá-lo de determinada forma. Para Deus, não há liberdade de religião, nem de expressão e nem liberdade de pensamento — caso você creia, diga ou até mesmo pense da forma errada, Deus levará isso em conta e o castigará por isso, a menos que você tenha sido salvo de sua ira por Jesus Cristo.

Talvez você diga: “Isso faz de Deus um tirano”. Será Deus injusto, a menos que ele se conforme à sua teoria política? Essa própria objeção evidencia a depravação humana, e demonstra que os homens merecem os castigos divinos mais severos. E quem disse que Deus não pode ser um “tirano”? A etimologia desse vocábulo não carrega as conotações negativas que lhe são frequentemente associadas; ele significa simplesmente “um governante absoluto, não limitado por leis ou constituição” (*Merriam-Webster*). Nenhum pecador merece tanto poder, mas o verdadeiro Deus não pode ter menos que isso.

Alguns cristãos professos resistem à doutrina bíblica da soberania divina com essa objeção — ela faz de Deus um tirano. A implicação é: ou eles rejeitam Deus como “governante absoluto”, ou alegam que um Deus que usa seu poder absoluto da forma que desagrade esses cristãos abusa do poder. De qualquer forma, sua reação os torna rebeldes contra o Altíssimo, em vez de filhos submissos. O problema mais urgente, portanto, não é Deus ser corretamente designado *tirano*, mas se essas pessoas são cristãs de fato. Se eles são cristãos verdadeiros, momentaneamente confusos, então que se corrijam imediatamente.

A verdade é que Deus não apenas “permite” os desastres, como se algo na criação tivesse poder para iniciar mudanças e movimentos próprios. Porém, segundo o nosso texto, assim como os pecadores “planejam maldades” e “tramam o mal em sua cama”, também Deus declara: “Estou planejando contra essa gente uma desgraça”. Da mesma forma que os pecadores planejam e realizam o mal ativamente, Deus de modo ativo planeja e causa desastres contra eles.

Não somente ele planeja e causa desastres para afligir os pecadores, mas também deseja que as pessoas saibam que ele é o realizador de todas essas tragédias, e por isso envia seus profetas para anunciar o juízo. Quem nega que Deus planeja e causa desastres contra as pessoas, incluindo as mortas recentemente em catástrofes naturais e nas “realizadas pelo homem”, obscurece os ensinamentos bíblicos sobre Deus, o homem, o pecado, a providência, o juízo e o arrependimento. Aceitar esse conceito, portanto, equivale a um golpe mortal no entendimento apropriado e coerente da dogmática bíblica. Isso embainha a espada do Espírito, e diminui o poder e a urgência na pregação do evangelho.

Além de comprometer a dogmática bíblica, e pelo fato de realmente afetá-la, essa perspectiva que nega a possibilidade de Deus julgar os homens dessa forma — por meio de desastres naturais e dos “realizados pelo homem” — também ameaça a eficácia da apologética bíblica. Fala-se como se Deus não possuísse ou não exercesse controle constante sobre a própria criação. A natureza não é autônoma? Como seria? Qual sua fonte de poder? Ou, afirma-se que os desastres naturais acontecem porque nossos pecados corromperam a natureza. Mesmo que essa seja uma verdade, em certo ponto, ela não responde à pergunta. Não podemos fazer nem mesmo um cabelo tornar-se branco ou preto, e mesmo assim nossos pecados causam terremotos?

Pelo contrário, o ensino bíblico dá uma explicação clara, correta e coerente, e convoca, de forma convincente, à fé e ao arrependimento. É Deus quem ininterruptamente sustenta e controla toda a criação: a natureza, os animais, os homens ou os anjos. Nossos pecados têm, de fato, corrompido a natureza, mas isso acontece somente porque Deus decidiu que essas mudanças na criação aconteceriam em correspondência aos nossos pecados. Ele é quem sustenta e reforça essa relação.

Com toda a certeza, Deus decretou nossos pecados, mas agora estamos considerando a relação entre nossos pecados e a natureza. Deus disse a Adão: “Visto que você deu ouvidos à sua mulher e comeu do fruto da árvore da qual eu lhe ordenara que não comesse, maldita é a terra por sua causa; com sofrimento você se alimentará dela todos os dias da sua vida. Ela lhe dará espinhos e ervas daninhas, e você terá que alimentar-se das plantas do campo” (Gênesis 3.17-18). Adão não amaldiçoou a terra, pois ele não poderia produzir espinhos e ervas daninhas, mesmo que tentasse. Contudo, o pecado de Adão afetou a terra não por haver uma relação necessária ou inerente entre os dois, mas porque Deus estabeleceu essa relação em sua mente, e então *amaldiçoou* a terra após o pecado de Adão. O pecado é punido porque Deus deseja puni-lo, mas o pecado não possui onipotência — ele não pode controlar a natureza, muito menos pode criar o inferno e enviar a si mesmo para lá.

A perspectiva bíblica é coerente e convincente. Ela confessa com ousadia que Deus é quem faz todas as coisas. Assim, quando somos inquiridos: “Onde estava Deus quando isso aconteceu?” (é uma vergonha que mesmo cristãos professos façam essa pergunta, não raro com profundo ressentimento), nunca deveríamos responder: “Deus apenas permitiu” ou “Deus não poderia impedir”. Antes, sem embargo diremos que

Deus planejou esse acontecimento desde o começo, e quando ele aconteceu, Deus estava certo ao causá-lo, realizando toda a sua vontade mediante suas boas razões e propósitos. Onde estava Deus quando isso aconteceu? Ele estava ali, realizando esse acontecimento, para a glória do seu nome e para o bem dos eleitos. E se ele não estivesse ali, isso nunca poderia ter acontecido.

Essa resposta bíblica sem dúvida provocará raiva e confusão, mas a diferença é sua veracidade: é bíblica e defensável. Poderemos, então, continuar e expor aos nossos ouvintes a soberania de Deus, a depravação do homem, e a salvação por Cristo. Os eleitos serão quebrantados e se voltarão para Deus com fé e reverência. Os réprobos serão endurecidos e amaldiçoarão esse Deus que exige obediência e pune a impiedade. Dessa forma, as palavras e os atos divinos separam a humanidade em dois grupos. Aqueles a quem Deus escolheu o aceitarão como ele é e o adorarão por sua soberania e justiça. Os outros preferirão o Deus da sua imaginação, e serão condenados por isso.

Se você conhece um não-cristão que morreu num dos grandes desastres dos anos recentes — alguém que foi morto pela guerra, pelo terrorismo, por uma enchente, ou por um incêndio — não lamente pela forma como ele morreu, mas por seu sofrimento atual. Essa pessoa pode ser seu pai ou sua mãe, seu irmão ou sua irmã, seu filho ou sua filha, sua esposa, ou um amigo. Nesse exato momento, no inferno, o não-cristão está gritando em agonia extrema, torturado por uma dor sobrenatural. Enquanto amaldiçoa a Deus, Ele ri dele. Ele implora para que Deus o liberte, mas Ele aumenta seu sofrimento. Ele grita seu nome, mas você não pode ouvi-lo nem ajudá-lo. Ele relembra os tempos quando vocês dois ridicularizavam os cristãos e zombavam do Deus deles. Pensa em quando um cristão o desconcertou num debate, mas ele endureceu o coração.

Lembra-se de como foi encorajado em sua incredulidade ao ler certo romance que registrava a História cristã como apenas uma grande conspiração. Agora ele percebe que a totalidade desse livro era de velhas teorias refutadas há muito tempo. Um dos recém-chegados ao inferno lhe diz que fizeram até mesmo um filme sobre o romance. O diabo ouve por acaso e ri: “As pessoas poderiam ser mais ingênuas? Vocês afirmam ser tão racionais e entendidos, tão avançados... E vocês foram enganados por um romance? Bem, vocês encontrarão seu autor em breve. E então poderão pegar um autógrafo!”.

Não importa como o não-cristão morreu, ou que tipo de pessoa você pensa que ele era, pois se morreu incrédulo está agora no inferno — queimando, queimando, queimando! Combine todas as angústias mentais que você já sofreu e toda a agonia física já suportada, multiplique sua intensidade um milhão de vezes, e estenda sua duração por toda a eternidade, e você terá uma ideia vaga do que ele passa neste exato momento. Nossa imaginação nos impede, pois tudo o que podemos imaginar é muito fraco quando comparado ao que Deus está fazendo ao seu amigo ou parente. Assim, eu me contenho, para que minha descrição não faça o inferno soar muito agradável. Deus nunca faz um serviço pela metade — o que promete, ele cumpre, e quando castiga, ele vai até o fim.

Você pode pensar que sou um homem rude e insensível por dizer tudo isso. Talvez seu amado também considerasse o evangelho e quem o pregasse rude e insensível. Mas agora ele está no inferno, e é tarde demais. Ele está perdido para sempre. Mas ainda há esperança para você. Você ainda pode ser salvo, hoje, se Deus lhe der a graça para dizer: “Deus, tem misericórdia de mim, pecador”. Corra para Jesus Cristo agora. Clame: “Senhor, salva-me”. Ele concederá luz para a sua mente débil, e vida para a sua alma miserável.

Finalmente, o que dizer sobre os cristãos que morrem? Certamente algumas pessoas dentre as milhares que pereceram eram crentes. Deus as julgou também? Não podemos afirmar além do que a Bíblia revela, mas podemos ser tão específicos como os princípios gerais revelados na Escritura nos permitir. É possível que alguns cristãos tenham sido incluídos como um ato final de disciplina paternal para com eles, de forma que, embora tenham morrido com o mundo, não foram condenados com o mundo. Ou, talvez alguns deles tenham sido incluídos porque Deus usaria a morte deles para inspirar fé, reverência e santidade em outros, e ao mesmo tempo endurecer aqueles a quem queria endurecer. Essas são apenas algumas das possíveis razões que podemos deduzir a partir da Escritura, das quais poderíamos derivar muito mais. Mas seria perigoso especular sobre a razão de Deus escolher um crente específico para morrer de tal maneira.

O que sabemos com toda a certeza é que esses cristãos não estão se queixando agora. Eles não estão gritando em agonia ou amaldiçoando a Deus pela forma que seu corpo pereceu. Eles estão descansando na presença de Deus, agradecidos, adorando e

até mesmo pulando de alegria! Eles não mais passarão por dor e enfermidade, ou guerra, terrorismo, enchentes ou incêndios.

Se o seu amado morreu como cristão, saiba que ele recebeu conforto e recompensa abundantes por seu labor e sofrimento. E não há outro lugar onde ele desejaria estar, senão onde está agora. Não há necessidade de preocupar-se com ele, ou de chorar pela forma como ele morreu. Pela graça de Deus, ele conseguiu, chegou lá. Agora é tempo de pensar sobre a condição da sua alma. Você tem a fé que ele tinha? Você se arrependeu de seus pecados e creu em Jesus Cristo para sua salvação, assim como o seu amado tinha feito? Em caso afirmativo, você o verá novamente, e que reunião será essa! Mas se você não se arrepender e não crer, então um dia Deus tirará sua vida e o lançará no lago de fogo. E você será contado com os assassinos, os adúlteros, os homossexuais, os caluniadores, os praticantes de feitiçaria, os amantes do dinheiro e do prazer, e todos os idólatras e incrédulos.

8. LEMBRE-SE, ARREPENDA-SE, RETORNE

Contra você, porém, tenho isto: você abandonou o seu primeiro amor. Lembre-se de onde caiu! Arrependa-se e pratique as obras que praticava no princípio. Se não se arrepender, virei a você e tirarei o seu candelabro do lugar dele. (Apocalipse 2.4-5)

Hoje consideraremos algo que nosso Senhor disse à grande igreja de Éfeso. O apóstolo João escreveu que estava “em Espírito” no Dia do Senhor, e foi naquele momento que Jesus lhe apareceu. Contudo, sua aparência não era mais a do carpinteiro humilde. Em vez disso, ele é visto em seu estado glorificado. Seus olhos eram como chamas de fogo, seus pés como bronze numa fornalha ardente e sua voz como o som de muitas águas (1.14-15).

Quando João o viu, caiu aos seus pés como morto (1.17). Isso nos faz lembrar de como os profetas eram tomados de temor quando viam a manifestação de Deus, como que sobrepujados por sua glória e poder. Estamos cientes, então, de que quando Jesus fala, ouve-se ninguém menos que o próprio Deus. Quando veio pela primeira vez, sua missão era sofrer e morrer; entretanto, ele foi exaltado, e não morrerá outra vez. Nenhum ser humano pode cuspir nele, esbofeteá-lo ou crucificá-lo; Jesus pode apenas ser temido e adorado. Por seu zelo cego, Saulo de Tarso perseguiu e matou os seus discípulos, mas quando Jesus lhe apareceu numa luz do céu, Saulo caiu por terra e clamou: “Quem és tu, Senhor?” (Atos 9.3-5).

Talvez você seja um daqueles que têm zombado dele, injuriando-o, ou até mesmo se referindo à história da redenção como mitos e fábulas. Quando os servos de Cristo lhe declaram a verdade e demandam seu arrependimento, você os amaldiçoa e ri deles. Você lhes resiste abertamente e faz tudo o que pode para impedir a obra.

O Glorificado virá atrás de você. Não espere um camponês humilde que suportaria seus insultos e abusos. Ele é DEUS, cheio de glória e poder aterrorizante. Você já está marcado, e ele virá à sua procura. No tempo escolhido por ele, Jesus tirará sua vida e o lançará no lago de fogo, onde ele o torturará para sempre. Você o amaldiçoará, e Jesus rirá de você. Você implorará para que ele o destrua, mas Cristo

ignorar suas petições. Ele sustentará sua existência de forma que você sofrerá toda a agonia extrema que ele lhe reservou, e a infligirá com toda a intensidade, eternamente.

Este é o destino de quem não adora Jesus Cristo. Você exclamará: “Esse é um castigo cruel e único!”. Mas você tem sido cruel para com o povo de Deus, e agora ele lhe dará a justa recompensa. E seu castigo não é “único”: haverá milhões de companheiros no inferno, um número tão grande que você não conseguirá contar. Mas não se conforte com isso, pois nenhum deles terá um segundo de descanso do sofrimento para ajudar a aliviar a sua dor.

Jesus se apresenta como “aquele que tem as sete estrelas em sua mão direita e anda entre os sete candelabros de ouro” (v. 1). Ele anda entre as igrejas, examinando-as, avaliando-as. Que desilusão pensar que nosso Mestre foi embora, como se pudéssemos governar como reis em sua ausência, podendo comer, beber e nos alegrar, negligenciando a obra que ele nos deu. Ele tudo vê e a todos julga.

Ele envia uma palavra por meio do apóstolo João às sete igrejas, e em cada mensagem declara: “Conheço” (2.2, 9, 13, 19; 3.1, 8, 15). Ele conhece. Ele vê. Seu conhecimento é completo, e seu juízo é justo. Hoje, muitas igrejas e crentes agem como se ele não os conhecesse. Por que você pensa ser capaz de minar a soberania divina e escapar dela? Ele o conhece! Você pensa que pode menosprezar as doutrinas da expiação feita com o sangue dele e da salvação exclusiva em seu nome, e não ser considerado responsável. O quê? Você pensa realmente que pode aprovar a sodomia e não sofrer julgamento?

Para quem se une a Jezabel, ele declara: “Por isso, vou fazê-la adoecer e trarei grande sofrimento aos que cometem adultério com ela, a não ser que se arrependam das obras que ela pratica. Matarei os filhos dessa mulher” (2.22-23). Para que fim? “Então, todas as igrejas saberão que eu sou aquele que sonda mentes e corações, e retribuirei a cada um de vocês de acordo com as suas obras” (v. 23). Ninguém pode enganá-lo nem ser mais inteligente do que ele. Retórica não o afeta; falsa comparação não o confunde. Ele é quem examina corações e mentes, e ele conhece a sua infidelidade.

Você se maravilha com a minha ousadia no falar? Você não entende? Você não é nada. É porque eu temo a Cristo que lhe dirijo a palavra e digo: “Incrédulo vil, não-cristão desprezível — arrependa-se ou seja condenado; creia ou você será destruído”.

Ele elogia os crentes pelo “trabalho árduo e [...] perseverança” (v. 2). Sabe que eles não “tolerariam homens maus”, e que “puseram à prova os que dizem ser apóstolos, mas não são, e descobriu que eles eram impostores” (v. 2). Eles estavam comprometidos com a manutenção da ortodoxia doutrinária, e permaneciam firmes mesmo sob perseguição, pois o Senhor diz que eles “suportaram sofrimentos” por causa do seu nome, e “não tinham desfalecido” (v. 3).

Então, vem uma palavra de correção e repreensão: “Contra você, porém, tenho isto: você abandonou o seu primeiro amor”. Os homens maus e os falsos apóstolos não foram extintos. As igrejas que se esforçam para permanecer na sã doutrina, mesmo sob perseguição, devem demonstrar grande discernimento, força e comprometimento. O perigo é tornar a batalha, e não a adoração, a principal tarefa. Para muitos crentes, o fim principal do homem não é amar a Cristo, mas odiar o anticristo; não promover a verdade, mas denunciar heresias. A ênfase de sua pregação não é dogmática, mas apologética. Seu alvo não é adoração, mas batalha. Há ministérios fundados com o objetivo de dizer ao mundo no que *não* crer. Sua obra é quase exclusivamente negativa.

Essa não é uma consequência natural da ortodoxia, ou do estudo de doutrinas bíblicas, visto que as próprias doutrinas mandam que sejamos fervorosos na oração, zelosos nas boas obras, e que cresçamos na fé e no amor. Todavia, nosso interesse agora não é descobrir a razão pela qual os crentes esquecem o primeiro amor, mas o que eles devem fazer depois de isso ter acontecido. Resumiremos a instrução de nosso Senhor em três palavras: lembrar, arrepender e retornar.

Inicialmente, *lembre-se* de sua condição anterior e compare-a com a atual. Você declinou em amor, zelo e fervor? Você ficava feliz em entrar na casa do Senhor, mas agora você fica aliviado ao escapar dela. Você expressava seu louvor por meio de hinos e cânticos espirituais, com lágrimas escorrendo pelo rosto, mas agora você tem medo de ser comparado a um carismático. “Mas eu sou fiel por atacar o erro”, você diz. Sim, mas antes isso era indignação pela honra de Deus crescendo dentro de você e o zelo por sua casa o consumindo, agora você está mais preocupado em demonstrar sua superioridade intelectual e em defender os ídolos teológicos que você segue.

Você costumava ficar em casa toda noite após o trabalho para que pudesse entrar em seu quarto de oração, para ler um sermão ou dois, ou mesmo reunir-se com os

irmãos na igreja. Mas agora você prefere um jogo de futebol na televisão, e se vangloria das tolas aquisições de outras pessoas. Então, quando o Espírito fala e a consciência o acusa, você volta à velha desculpa: “Não há distinção entre o sagrado e o secular”. Sim, nesse ponto você pratica o que você prega.

Lembre-se da altura da qual você caiu!

Após isso, você deve se *arrepender*. Admita ter caído. Reconheça seu pecado. Confesse ao Senhor sua negligência, infidelidade e arrogância. Confesse que você se esqueceu do primeiro amor e chama o mundo de amigo. Sim, você é rígido ao provar os falsos apóstolos, expor os falsos profetas e refutar os falsos mestres. Todavia, parece que você se esqueceu dos primeiros princípios da fé em Jesus Cristo, como se alguém tivesse que lhe ensinar tudo novamente.

Confesse, dê meia volta, e avance para a direção oposta. Deixe de lado o peso que o impede, e volte à corrida, olhando para Jesus, o autor e consumador da fé. Transforme seus pensamentos e atitudes, e desfaça-se de suas desculpas. Clame ao Senhor por perdão e restauração. Implore para que ele reavive seu coração pelo Espírito.

Então, *retorne* ao primeiro amor e às primeiras obras, e recupere a fé, a santidade e o zelo anteriores. Retorne à casa do Senhor com alegria e ação de graças. Regozije-se com os hinos, salmos e cânticos espirituais. Que os ensinamentos de Cristo habitem em você ricamente. Siga o Senhor na batalha, mas primeiro deixe que Ele o ensine a adorar em espírito e em verdade. Obedeça aos seus líderes, e ore para que até as verdades mais simples que o Senhor falar por intermédio deles leve você à contrição e ação. Seja zeloso, e não endureça o coração.

Jesus não deu aos efésios mera sugestão, ele lhes deu uma ordem seguida de ameaça. Ele os advertiu: “Se não se arrepender, virei a você e tirarei o seu candelabro do lugar dele”. Ele considerava o problema tão sério que garantiu uma ação decisiva contra a congregação. O Senhor está edificando sua Igreja; ele está ativo no meio do seu povo. Ele não espera de forma passiva e indefesa que as coisas caminhem da sua forma — as coisas *estão* caminhando da sua forma. Quando os crentes prosperam e andam na verdade, quando passam por perseguição e sofrimentos, e até mesmo quando as congregações se comprometem com o erro e apostatam, tudo acontece por seu desígnio

e poder. Ele sustenta as igrejas com suas mãos, e nada mais além do seu controle faz isso. Ele é quem conhece, fala e age.

Alguns de vocês não caíram de nenhuma altura espiritual. Não, eu não estou me referindo àqueles entre vocês que mantêm o amor ardoroso e forte para com Cristo. Mas estou falando dos que nunca caíram porque jamais alcançaram algo! Vocês nem mesmo começaram. Jesus diz à igreja: “Lembre-se de onde caiu!”. Mas quando você tenta lembrar, algo lhe virá à mente? Houve o tempo em que você afirmou a sã doutrina e denunciou as heresias? Houve o momento em que você não tolerava os homens maus, e colocava à prova os que alegavam ser apóstolos, descobrindo que eles eram mentirosos? Alguns pensam que o problema era a permanência dos efésios na ortodoxia, entretanto, eles esfriaram na fé. Mas nem isto você alcançou!

Tente lembrar. Houve o tempo em que você era tomado pelo amor divino por sua pessoa, e você sentia seu amor por ele? Por causa do pecado e da negligência, alguns permitem que o amor esfrie cada vez mais. Porém, você alguma vez o amou?

Tente lembrar. Houve um momento em sua vida quando a leitura casual de uma passagem bíblica fazia seu coração arder? Ou o tempo em que você ficava tão ansioso para visitar a casa de adoração que remexia as mãos, nervoso, e suas palmas ficavam molhadas? Você já teve fome da palavra de Deus a ponto de o coração doer de antecipação; você ansiava por ela como a planta seca anseia pela água? Você já experimentou o desejo intenso de entrar em comunhão com Deus que até se esqueceu de jantar para usar um pouco mais de tempo em oração?

Tente lembrar. Você já sentiu misericórdia em seu coração — no lugar onde antes havia ódio? Paz onde havia tumulto? Amor onde havia avareza e cobiça? Humilhação em vez de justiça própria?

Queridos amigos, tentem lembrar, pois se na condição espiritual decaída em que vocês se encontram não puderem lembrar de ter perdido algo do que descrevi, então vocês nunca foram crentes. Quando você foi ávido por adorar, fervoroso na adoração, zeloso de boas obras e da honra de Deus? Quando? Seus amigos e familiares podem testemunhar isso? Você não pode simplesmente desejar o caminho para o Reino. Você deve nascer para ele. E se Deus já implantou em você a vida espiritual, isto é algo que nunca pode morrer. Onde está o fruto dela em sua vida?

Se há algo para você lembrar, então lembre-se, arrependa-se e retorne. Você se esqueceu do primeiro amor, mas Deus o escolheu para si mesmo e não se esquecerá de você. Arrependa-se e retorne, e ele o restaurará. Mas se não há nada para você lembrar, saiba que você nunca teve vida no espírito. Você não se esqueceu do primeiro amor: você nunca o amou. Ainda está morto em delitos e pecados, e a ira de Deus permanece sobre você. Arrependa-se agora, creia no Evangelho, e você será salvo. Pois se Cristo é tão rígido com a igreja, o que você imagina que ele lhe fará se você não se arrepender (1 Pedro 4.17)?

Portanto, quer você seja um crente que caiu de um nível espiritual anterior, quer você nunca tenha sido crente, a palavra de Cristo para você é “arrependa-se”. Nela está a salvação; nela você encontrará compaixão. Queira o Senhor que olha e julga conceder também a você o arrependimento. Que Deus tenha misericórdia de nós, para que não tenhamos o coração endurecido; em vez disso, esqueçamo-nos de nossos pecados e obedeçamos ao Evangelho. Que ele nos mostre grande bondade a fim de nos restaurar e nos faça amá-lo ainda mais do que antes.

9. MATEUS 23.37

Jerusalém, Jerusalém, você, que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados! Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vocês não quiseram.

Quando os arminianos atacam as doutrinas bíblicas da soberania divina, eleição, reprovação, e assim por diante, este é um dos versículos que eles mencionam com mais frequência para apoiar a posição deles. O que Jesus “queria” não foi realizado porque as pessoas “não estavam querendo”. Supostamente, isso mostra que o homem possui um livre arbítrio que pode se opor à vontade divina, de forma que o desejo de Deus pode finalmente ser frustrado, e sua graça pode ser combatida com sucesso. O que se segue não oferecerá uma exposição positiva do sistema bíblico, mas mostrará que esse versículo não pode ser usado para apoiar o arminianismo.

Quanto ao esquema chamado calvinismo, podemos distingui-lo entre duas formas. Chamaremos uma de visão bíblica ou coerente, e a outra de visão popular ou incoerente.

O calvinismo coerente afirma com a Escritura que a soberania divina é incompatível com a liberdade humana, e visto que a Escritura ensina que Deus é absolutamente soberano, isto exclui e destrói completamente a liberdade humana. O homem não tem nenhum livre arbítrio; ele não é livre de forma alguma. É verdade que o homem exerce sua vontade — ele toma decisões — mas sua vontade não é livre. Antes, sua vontade — como e quais decisões ele toma — é direta e constantemente controlada por Deus tanto para o bem como para o mal, tanto para a fé como para a incredulidade. E Deus é justo por definição em todas as ações que ele realiza sobre as criaturas. Eu já ofereci exposições completas desse esquema bíblico em outros lugares.

Então, há a forma popular de calvinismo. Esse é a visão incoerente que diz que a soberania divina e a liberdade humana são “compatíveis” em algum sentido; que a responsabilidade moral pressupõe em alguma medida ou sentido uma “autodeterminação”; que Deus tem desejos que contradizem uns aos outros, que Deus

faz com que os decretos divinos causem coisas *contra* o que ele deseja, talvez para estabelecer o que ele mais deseja; que Deus pode decretar a reprovação de indivíduos, tornando impossível que eles creiam, mas ainda oferecer “sinceramente” a salvação a eles, se eles puderem crer; que Deus de alguma forma governa o mal, mas não tem relação causativa direta para com ele; que Adão foi criado inocente e sem maldade, mas pôde de alguma forma realizar o mal, sem que Deus fizesse com que ele agisse assim; que podemos afirmar a realidade do mal, mas negar que Deus exerce algum poder causativo direto sobre ele e ainda assim evitar, de alguma forma, calhar num deísmo ou dualismo; que podemos afirmar ambos os lados de uma contradição “aparente”, e que a Escritura ensina doutrinas “aparentemente” contraditórias que não são contradições reais na mente de Deus. Não faremos nenhuma tentativa para defender este pacote antibíblico e irracional de confusão.

Começaremos observando o contexto em que nosso versículo está inserido. Aconselho que você leia Mateus 23 em sua completude antes de continuar lendo, mas se te faltar a paciência, pelo menos o leia após esta exposição. Isso te ajudará a captar melhor os pontos que estabeleceremos. Lucas 13.34 é um versículo paralelo. Ali, o contexto, em termos do *assunto* levantado pelos versículos em volta, é similar o suficiente, de forma que ele não demanda um tratamento separado. E, por causa disso, eu não dispensarei nenhuma atenção a esse outro versículo em nossa discussão. Após termos completado nossa discussão sobre Mateus 23.37, você não terá nenhum problema com Lucas 13.34.

O capítulo começa, nos versículo 1-12, com Jesus fazendo algumas considerações sobre a hipocrisia dos escribas e fariseus. Ele diz que até onde eles ensinavam a lei, as pessoas deveriam obedecer. Então, ele adiciona: “Obedeçam-lhes e façam tudo o que eles disserem. Mas não façam o que eles fazem, pois não praticam o que pregam. Eles atam fardos pesados e os colocam sobre os ombros dos homens, mas eles mesmos não estão dispostos a levantar um só dedo para movê-los” (v. 3-4).

Nos versículo 13-32, ele pronuncia sete “ai’s” sobre eles, citando as acusações que ele tinha contra eles juntamente com cada “ai”. Essa porção do capítulo é essencial para um entendimento apropriado do versículo 37. À medida que você ler esses versículos, observe como Jesus pronuncia um “ai” após o outro, e observe a intensidade com que ele faz isso. Então observe *a quem* ele está dirigindo estes “ai’s” de uma

maneira dura: “Ai **de vocês**, escribas¹ e fariseus, hipócritas!”. Observe todas as ocorrências nas quais ele dirige suas declarações a “vocês” – os escribas e fariseus. Preste atenção especial ao versículo 13, que diz: “Ai de **vocês**, escribas e fariseus, hipócritas! Vocês fecham o Reino dos céus diante dos homens! **Vocês** mesmos não entram, nem deixam entrar aqueles que gostariam de fazê-lo”.

Então, nos versículos 33-36, ele os identifica com aqueles que, por toda a história de Israel, tinham matado os profetas que Deus enviara ao povo. Ele diz: “E, assim, **sobre vocês** recairá todo o sangue justo derramado na terra... Eu lhes asseguro de que tudo isso sobrevirá a **esta geração**” (v. 35-36). Sem dúvida, ele está se referindo à destruição iminente do templo. O contexto comprova isto, visto que vários versículos adiante, lemos: “Jesus saiu *do templo* e, enquanto caminhava, seus discípulos aproximaram-se dele para lhe mostrar as construções do templo. ‘Vocês estão vendo tudo isto?’, perguntou ele. ‘Eu lhes garanto que não ficará aqui pedra sobre pedra; serão todas derrubadas’” (Mateus 24.1-2). Essa predição foi cumprida no ano 70 d.C., isto é, na mesma geração à qual Jesus ministrou e pregou, e a mesma geração que o assassinou. As pessoas foram massacradas e o templo foi destruído.

Jesus não muda o assunto quando chega ao versículo 37. O versículo seguinte ainda se refere à destruição do templo: “Eis que a casa de vocês ficará deserta” (v. 38). De fato, como já observamos, ele ainda está no mesmo assunto com o qual Mateus 24 começa. E é com *esse* pano de fundo em mente que deveríamos ler nosso versículo: “Jerusalém, Jerusalém, você, que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados! Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vocês não quiseram”.

Aqui “Jerusalém” não se refere à cidade física, ou a toda pessoa considerada individualmente na cidade. “Jerusalém” é considerada aquela que “mata os profetas” e, no contexto, aqueles que matariam os profetas são os líderes do povo – incluindo os escribas e fariseus. Eles imitam seus antepassados que “assassinaram os profetas” (ver v. 29-32). No versículo 34, Jesus diz que ele está prestes a enviar-lhes profetas e mestres, e esses líderes iriam maltratá-los assim como os seus antepassados maltrataram os antigos profetas: “Por isso, eu lhes estou enviando profetas, sábios e mestres. A uns

¹ Ou “mestres da lei”, em algumas versões. [N. do T.]

vocês matarão e crucificarão; a outros açoitarão nas sinagogas e perseguirão de cidade em cidade”.

Quanto aos “filhos” no versículo 37, naturalmente eles eram as pessoas que viviam sob a autoridade e direção destes líderes. Líderes religiosos e políticos são algumas vezes chamados de “pais” na Escritura (Atos 7.2, 22.1), e aqueles sobre quem eles exercem poder e influência são chamados “filhos” (Mateus 12.27; Isaías 8.18).

Deveríamos observar primeiro, então, que esse versículo não pode se referir à disposição ou à fé de indivíduos para aceitar o evangelho, pois de outra forma o versículo deveria dizer: “Eu quis reunir *vocês*... mas *vocês* não quiseram”, ou “eu quis reunir os *seus filhos*... mas *seus filhos* não quiseram”. Mas o versículo diz: “Eu quis reunir os *seus filhos*... mas *vocês* não quiseram”. Não foram os “filhos” que resistiram, mas “vocês” que resistiram para evitar que os “filhos” fossem reunidos. O versículo, portanto, está se referindo à mesma coisa já mencionada no versículo 13: “Vocês mesmos não entram, nem deixam entrar aqueles que gostariam de fazê-lo”.

Os arminianos podem afirmar a liberdade humana e negar que Deus controla diretamente uma pessoa para crer ou descreer. Mas tendo negado o controle a Deus, supomos que nem mesmo eles são tolos o suficiente para então voltar e atribuir a líderes *humanos* políticos e religiosos o controle interno direto sobre as mentes do povo, como se os fariseus possuíssem maior controle do que Deus sobre as pessoas, de forma que eles poderiam ter misericórdia de quem quisessem, e endurecer a quem eles desejassem. Não, é evidente que os versículos 13 e 37 estão se referindo à forma como os líderes humanos impediam os profetas sobre um nível puramente humano e externo, para evitar que a mensagem deles chegasse até o povo, e para evitar que o povo abraçasse tal mensagem. Jesus está falando sobre uma influência social e externa, não de um poder metafísico e interno.

Segue-se, então, que “eu quis” no versículo 37 está se referindo ao relacionamento de Jesus com aqueles líderes e o povo deles sobre um nível humano e externo. Não há nenhuma indicação nesse versículo de que o desejo divino ou o decreto divino possa ser afrontado com sucesso simplesmente porque alguém “não está querendo”. A Bíblia é clara sobre o ensinamento que, se alguém está indisposto, é porque Deus o *tornou* indisposto (João 12.40; Romanos 9.18, 11.7), e se alguém está

disposto, é porque Deus o *tornou* disposto (João 6.44, 65). Ninguém que Deus torne indisposto pode vir (João 6.44), e ninguém que Deus torne disposto pode recuar (João 6.37).

Uma objeção que pode se levantar é que o que é atribuído ao “eu” aqui não pode ser realizado por Jesus, considerando-se um nível puramente humano. Mas em quase qualquer outro contexto, talvez numa discussão sobre a deidade de Cristo, até mesmo os arminianos admitiriam que, como Deus-homem, a Escritura nem sempre distingue meticulosamente o que é atribuído à sua natureza divina e o que é atribuído à sua natureza humana. Nós podemos fazer a distinção quando devemos, mas a Escritura nem sempre a faz.

Por exemplo, em João 4.10, Jesus é ao mesmo tempo alguém que pede água para beber, e alguém que dá água viva. Mas Jesus em sua natureza divina não pode ficar com sede. Em Atos 3.15, Pedro diz aos judeus: “Vocês mataram o autor da vida”. Mas Jesus em sua natureza divina não poderia ser morto. Certamente, esse não é um problema para a inspiração da Escritura, para a deidade de Cristo ou para a doutrina da encarnação. Antes, é um testemunho do fato que a natureza divina e a natureza humana estão realmente intimamente unidas em Cristo e, todavia, ainda permanecem distinguíveis, de forma que não há nenhuma mistura ou confusão. Uma não é divinizada e a outra não é humanizada.

De qualquer forma, é possível responder à objeção a partir do próprio versículo. Observe que o envio dos profetas não é atribuído ao “eu”; antes, somente a reunião dos filhos é assim atribuída. E como a reunião está se referindo ao ministério sobre um nível humano e externo, não demanda um assunto divino. O fato de que um ministério é afrontado num nível humano não diz nada sobre a soberania divina ou a liberdade humana sobre um nível metafísico.

Embora possamos trazer à tona detalhes adicionais para fortalecer o caso, nosso presente esforço foi mais do que suficiente. Já mostramos que o versículo não concede nenhum suporte à heresia do arminianismo, e urgimos que seus aderentes abandonem seu pensamento humanístico para abraçar a doutrina bíblica.

Nem pode o falso esquema do calvinismo incoerente encontrar refúgio aqui, visto que nosso caso se aplica igualmente a eles e o uso impróprio desse versículo por

eles, por exemplo, em seus ensinamentos sobre a “oferta sincera” do evangelho e sobre a tensão entre os desejos contraditórios na mente de Deus. Nós urgimos que os aderentes dessa teologia antibíblica abandonem seu irracionalismo e finalmente removam todos os traços da heresia arminiana do seu pensamento.

10. SINTOMAS DE RETARDAMENTO¹

Tenho mostrado em meus escritos que a única forma de obter informação confiável sobre a realidade é pela dedução válida a partir da revelação. Muitos se opõem a isso, incluindo aqueles que alegam ser cristãos, mas até aqui nenhum argumento inteligente foi oferecido contra ela. Embora seja cansativo responder a uma objeção tola após outra, depois de certo tempo meu crescente desapontamento com a incompetência intelectual da erudição cristã contemporânea transformou-se num alarme contínuo com respeito ao que parece ser uma manifestação peculiar de retardamento mental nesses crentes. Quando colocados na frente de incrédulos, o que eles chamam de apologética equivale na verdade a uma luta entre idiotas, isto é, ver quem pode permanecer flutuando por mais tempo, enquanto ambos afundam no mar da estupidez.

Há um crítico que se esforçou de forma incomum para me criticar, e seus argumentos são enaltecidos pelos meus outros críticos. Uma de suas objeções sugere que, embora eu insista num sistema deduzido da revelação bíblica, eu mesmo não obtenho algumas das minhas conclusões desse procedimento. Como exemplo, ele cita um lugar em meus escritos onde apelo a Gênesis 8.22 como a base para a uniformidade da natureza. Ele aponta que isso é insuficiente para estabelecer a uniformidade da natureza, visto que para mencionar apenas um problema, é impossível deduzir a uniformidade de tudo da natureza a partir desse versículo. Portanto, pareceria que não sigo o método dedutivo que defendo, e que embora eu rejeite a intuição e a indução como meios para a informação confiável sobre a realidade, eu na verdade dependo desses métodos.

Pelas seguintes razões essa crítica é obviamente enganosa e demonstra a incompetência dessa pessoa:

Primeiro, eu não alego que esse versículo sozinho estabeleça um princípio todo-inclusivo com respeito à uniformidade da natureza. E eu não disse que não podemos usar o restante da Bíblia. Se o crítico concorda que a uniformidade da natureza é dedutível a partir da Escritura, sendo que eu apenas falhei em usar todos os versículos

¹ O que segue é baseado numa correspondência escrita sobre o assunto.

necessários, então a objeção não prejudica minha filosofia, mas apenas aponta que devo listar mais de um único versículo da Bíblia para estabelecer minha conclusão. Se o crítico discorda que a uniformidade da natureza é dedutível a partir da Escritura, então ele precisa mostrar isso examinando o restante da Bíblia, deduzir tudo o que ele pode sobre a uniformidade da natureza, e então mostrar que a dedução não resulta num princípio todo-inclusivo da uniformidade da natureza.

Se o seu propósito não é argumentar se a uniformidade da natureza é dedutível ou não a partir da Escritura, mas que eu falhei em usar o método filosófico que sustento, então novamente apontarei que nunca disse que não podemos usar o restante da Bíblia. Visto que o contexto é claro que mencionei a uniformidade da natureza meramente como uma ilustração, apenas um tolo exigiria que eu listasse todos os versículos na Bíblia onde algo sobre a uniformidade da natureza poderia ser deduzido. E, novamente, eu não alego que apenas um versículo estabeleça um princípio todo-inclusivo da uniformidade da natureza.

Além do mais, mesmo que ele esteja correto que eu falhei em usar meu próprio método para fazer uma afirmação, isso em si não refuta minha filosofia ou meu método, mas apenas expõe um defeito em minha prática. Isto é, talvez minha filosofia e meu método sejam melhores que minha prática, mas isso não refuta a filosofia ou o método. Somente um tolo suporia que isso é uma refutação adequada, e apenas um farsante enviaria essa refutação a leitores inocentes. Mas eu nem mesmo concordo que minha filosofia seja melhor do que minha prática, visto que, como mostrei acima, a acusação do crítico contra minha prática é baseada em sua incapacidade de compreensão de leitura e numa lista incompleta de versículos onde uma lista completa não é exigida.

Segundo, eu nem mesmo creio na uniformidade da natureza como tal. Eu nego que haja coisas tais como leis naturais; antes, afirmo que Deus constantemente e de maneira direta controla a natureza, e ele faz isso de forma regular, não se desviando disso. Portanto, a natureza pode parecer uniforme, mas não é a natureza que é regular, mas a forma como Deus age.

Se usarmos o termo, afinal, “leis naturais” são, na melhor das hipóteses, descrições da forma que Deus geralmente age no processo de controlar sua criação. Visto que esse é um aspecto proeminente do meu sistema de teologia e filosofia, se esse

crítico tivesse sido cuidadoso ao ler e competente para entender, ele saberia isso. Mas visto que ele escreve como se não soubesse isso, devemos assumir que ele é um tolo ou um farsante, ou ambos.

Se eu nem mesmo afirmo a uniformidade da natureza, certamente não alego que Gênesis 8.22 sozinho estabeleça um princípio todo-inclusivo da uniformidade da natureza. No contexto da minha obra, o tópico é levantado apenas para ilustrar o fracasso da ciência, visto que ela requer a uniformidade da natureza, mas falha em estabelecê-la através dos métodos que endossa, tais como sensação, indução e experimentação.

Terceiro, a menos que o crítico ofereça uma alternativa à minha filosofia que estabeleça a uniformidade da natureza, ele deve abandonar a uniformidade da natureza, ou sua objeção explodirá contra sua própria cosmovisão, destacando o fracasso de sua própria filosofia. De fato, visto que nem mesmo afirmo a uniformidade da natureza, sua objeção chama a atenção para o fracasso de todo sistema de pensamento que afirme a uniformidade da natureza, mas que não possa estabelecê-la, talvez incluindo a dele, enquanto a minha posição permanece intacta.

Suas outras críticas contra mim sofrem de problemas similares, às vezes bem piores. Como ele apresenta muitos deles, e com um ar de sofisticação, pode parecer para leitores desatentos e impressionáveis que ele faz uma crítica justa e detalhada à minha filosofia, quando na verdade ele evita uma confrontação direta com as principais ênfases do meu sistema e método.

Além disso, visto que nenhum argumento existe no vácuo, considerando que cada crença e que cada ação pressupõe alguns princípios básicos de raciocínio, cada refutação apresentada pelo crítico o leva a aderir a uma de suas próprias cosmovisões defensíveis. Ou seja, é impossível refutar sem que haja apego aos seus próprios pressupostos.

Para ilustrar, entre outras coisas, apresentar uma refutação lógica pressupõe regras de pensamento lógico. Como a sua cosmovisão as acomoda? Se ele não pode defender o lugar da lógica em seu sistema, então com base em que ele tenta refutar a minha? Ou, se sua cosmovisão demanda um lugar para a confiabilidade da sensação, ele precisa defender a confiabilidade da sensação. Isto é, se sua cosmovisão assume que ele

deve depender da sensação de visão para ler meus escritos para então criticá-los, a menos que ele possa demonstrar a confiabilidade das suas sensações, sua própria cosmovisão o impede de criticar meus escritos. De fato, o requerimento para ele defender a confiabilidade de suas sensações precede logicamente a possibilidade de uma tentativa de me refutar. A menos que ele possa satisfazer esse requerimento imposto sobre ele por sua própria cosmovisão, cada argumento contra mim é um suicídio intelectual, e cada refutação é uma proclamação de sua incapacidade mental.

E isso é verdadeiro para toda pessoa que tenta me criticar ou refutar sem uma cosmovisão defensível da sua. Se eu fosse evitar esse requerimento lógico e entrasse numa discussão com ele antes dele estabelecer a confiabilidade das suas sensações (isto é, se sua cosmovisão demandar isso; mas se a cosmovisão não requer tal confiabilidade, ele deve apresentar uma epistemologia alternativa que possa defender contra minhas críticas), seria um puro ato de piedade da minha parte, visto que logicamente falando, ele não tem nenhum lugar para permanecer quando tenta uma refutação.

Então, há outro crítico que inventou uma analogia para representar meu ensinamento sobre epistemologia. A analogia parece indicar que minha epistemologia deve estar equivocada, posto que ela é impossível. Fui informado que essa analogia forma um argumento aparentemente insuperável contra minha posição. Mas quando o examinei, logo notei que o crítico esqueceu-se de arrumar um lugar para Deus na analogia, enquanto Deus ocupa o único lugar central e necessário em todo o meu ensinamento sobre epistemologia.²

Como lembrei esse crítico, cuja falta de inteligência e competência é típica de todos os meus outros críticos, eu fiquei balançando a minha cabeça. Algumas pessoas têm me criticado por minha relutância em responder a cada pequena objeção contra mim, não importa quão curta ou estúpida. Existe uma razão para essa relutância. É porque sempre que fui compelido, geralmente por demanda popular, ao examinar uma refutação contra meus escritos, eu experimento esse sentimento horrível que acompanha minha tristeza pela ausência de entendimento ou inteligência na objeção.

Sem dúvida, tenho confiança na minha posição e preferiria permanecer imune à refutação, mas há uma pressão tremenda em ser desencorajado pelo fato de que mesmo

² Veja Vincent Cheung, “Cego pelo Ateísmo” em *Blasfêmia e Mistério*.

críticos cristãos podem ser tão estúpidos. E o clamor que cerca essas objeções que supostamente devastam minha posição, serve apenas para enfatizar a subsequente decepção anticlimática quando eu finalmente as leio. Todavia, como a minha esperança não reside no homem, eu me encorajo no Senhor, olhando para ele para desafio e estímulo intelectual. Tenho repetidamente mostrado que muitas das objeções da parte de crentes professos são frequentemente aplicáveis direta ou indiretamente contra Deus e a Escritura. Na realidade, a queixa deles não é contra mim, mas contra o Senhor. Eles discordam de mim, mas não ousam dizer isso em público ou mesmo admitir isso para eles mesmos. Assim, eles atacam aquele que faz afirmações ousadas em favor do Mestre.

Embora os homens possam se desapontar, o Senhor nunca o faz. Ele é sempre inteligente, estimulante e invencível em sua sabedoria. Assim, uma pessoa pode sempre olhar para o Senhor Jesus para satisfação intelectual. Contudo, minha preocupação persiste pelos críticos e aqueles que acham o sofisma deles persuasivo. A falta de inteligência e competência deles é um sintoma de doença mental, e a menos que a cura seja administrada, eles nunca podem se tornar um exército eficaz e fiel contra a incredulidade.

Minha prescrição é que eles suspendam temporariamente seu engajamento com argumentos filosóficos ou metodologia apologética e retornem a um estudo regular de doutrinas bíblicas básicas, comentários bíblicos básicos e raciocínio lógico básico. Estou convencido de que qualquer um que possa promover ou apoiar tais objeções sinistras contra mim não está preparado para o “alimento sólido” da fé cristã. Qualquer coisa além das instruções mais elementares em teologia, filosofia e apologética está muito longe da sua capacidade atual de compreensão e aplicação.

O Senhor me ajudou a entender duas coisas a partir dessas tentativas descuidadas de refutar meus escritos.

Primeiro, elas ilustram para mim o profundo dano que o pecado infligiu sobre a mente do homem. Alguns dos críticos não são cristãos, mas alguns alegam ser, embora algumas vezes a incompetência e comportamento deles lance dúvida sobre tal alegação. Se pelo menos alguns desses críticos são cristãos genuínos — e de fato eu sustento essa suposição — as refutações tolas deles também ilustram para mim que esse dano mental

infligido pelo pecado permanece evidente no regenerado. Paulo nos chama à renovação da mente, e os cristãos que são lerdos para isso exibem inevitavelmente o tipo de tolice que esperamos encontrar apenas nos incrédulos.

Segundo, elas ilustram a necessidade de construir e promover um programa de educação bíblica básica, do tipo que sugiro acima. Como um adulto responsável, você não entra numa luta de morte súbita com uma menina pequena, mesmo que ela pense ser uma mestra do *kung fu* que pode estrangular você num ringue. Sem dúvida você *pode* lutar com ela e matá-la, mas isso não é o que ela precisa da sua parte. Não, primeiro você a ensina a amarrar o cadarço dos sapatos, usar um garfo, andar de bicicleta, ou qualquer outra coisa que seja apropriada para sua mente e corpo infantis. De fato, você aconselharia que ela parasse de lutar e parasse de pensar que pode, pois poderia se machucar no processo.

Da mesma forma, minha recomendação é que meus críticos e seus partidários participem de um programa de educação básica. Faço minha recomendação não porque eles me criticam — o que em si não é o problema — mas por causa da confusão e incompetência que eles exibem em seus argumentos. Na verdade, eu tenho notado a mesma incompetência intelectual — um estranho bloqueio mental ou retardamento — em seus outros escritos, incluindo suas objeções contra visões que eu também considero falsas. Eles falham em criticar qualquer visão. Em jogo está o bem-estar intelectual e espiritual da Igreja. Todavia, embora os críticos demonstrem sintomas óbvios de retardamento mental em seus escritos, se eles se arrependerem e voltarem seus corações para Jesus Cristo, haverá esperança e cura para eles por meio da renovação das suas mentes.

11. A HISTÓRIA DE UM SISTEMA¹

Você advoga a teologia sistemática como a coisa mais importante que uma pessoa pode estudar. Contudo, existe a teologia bíblica também. Como essas se relacionam? A teologia sistemática é tópica. A teologia bíblica é linear, na forma de história. Parece-me que a Bíblia é muito mais que meramente teologia sistemática. A Bíblia é sobre Deus ganhando glória tanto da salvação como da condenação de homens e anjos. Deus demonstra quem ele é, mas na forma de história.

Deixe-me contar uma história sobre um coelho. Seu nome é Roger, e ele vive com seus pais e irmãos num pequeno buraco. Como eles tratam um ao outro com amor e respeito, o espaço geralmente não parece muito limitado. E sempre que ele precisa de algum ar fresco, pode sair para um passeio.

Na manhã de um domingo, Roger acordou mais cedo que o normal. Não sendo um coelho frequentador de igreja, ele geralmente dorme até tarde aos domingos. Mais essa manhã ele foi despertado quando sua irmã, Marlene, deu um chute na sua cara com o seu pezão. Ele já estava para dar-lhe o troco quando ela rolou e resmungou algo sobre cenouras. Roger suspirou e decidiu deixar sua vingança para depois — agora ele queria apenas voltar a dormir.

Duas horas mais tarde, Roger ainda estava acordado e seus olhos estavam vermelhos de frustração. Ele estava com muita fome! Assim, decidiu se aventurar lá fora para conseguir comida. Há muitos jardins em sua vizinhança. À medida que Roger passava por cada um, tinha cuidado para evitar que os cães percebessem sua presença. Ele estava convencido que eles ficariam radiantes se o capturassem para um lanche matinal de domingo. Ele pulava ali... sniff, sniff. Esperava acolá... sniff, sniff... procurando algo delicioso.

De repente, ele tropeçou numa pedra e caiu de cara na grama. Ficou confuso por alguns segundos, mas logo se recuperou. Rapaz, ele estava irado! Virou-se para

¹ O que segue é uma correspondência editada, com uma resposta revisada e expandida.

amaldiçoar a pedra — como disse, ele não era um coelho que frequentasse alguma igreja — mas então notou que não era uma pedra.

O que era aquilo? Era um objeto retangular grosso, na forma de um tijolo, mas não era como nenhum tijolo que Roger já tivesse visto. Assim, ele chegou perto e colocou sua cabeça adiante para cheirá-lo, e viu que havia letras escritas no topo desse objeto parecido com tijolo. Embora sua mãe tivesse lhe ensinado o alfabeto inteiro e a ler alguns sinais simples, as palavras no objeto eram muito sofisticadas para ele: “*Institutas da Religião Cristã, de João Calvino.*”

Ah! Aquilo era o que os humanos chamavam de livro. E nesse caso, era uma teologia sistemática. Mas Roger não conhecia aquilo. Sempre curioso, ele folheou cada uma das páginas com suas patas, verificando cada linha:

.....,
.....,
.....,

[Embora minha ilustração pudesse ser mais realista reproduzindo as *Institutas* de Calvino na sua íntegra aqui, eu duvido que o leitor toleraria isso. Assim, sob o risco de ofuscar o efeito, imagine nesse lugar o texto completo das *Institutas* de Calvino, ou de qualquer outra obra teológica que tenha no mínimo mil páginas.]

.....,
.....,
.....,

Roger não entendia a maioria das palavras. E como o livro obviamente não era comestível — bem, ele não estava com *tanta* fome assim — se afastou do objeto e foi para o próximo jardim, esperando finalmente encontrar uma daquelas cenouras sobre as quais Marlene estava resmungando...

Uma história é um relato de eventos. De acordo com essa definição, o exposto acima sem dúvida pode ser considerado uma história. Mas se alguém me pedir para contar-lhe uma história, e eu obedecer relatando-lhe a experiência de Roger no domingo, ele observaria corretamente que a história é meramente uma escusa para eu ensinar-lhe teologia sistemática.

Logo consideraremos o quanto a Bíblia é semelhante à história de Roger, mas agora o ponto é que simplesmente porque algo é apresentado como uma história não quer dizer que a coisa toda seja uma história. Como observado, falando de maneira geral, uma história é um relato de eventos, mas faz diferença quando muitos discursos e cartas são mesclados com o relato desses eventos. É prematuro colocar a ênfase maior sobre a Bíblia como história, até que consideremos quanto dessa história consiste em discursos, cartas e outras formas de discursos não-narrativos.

Devemos primeiro definir alguns termos. Tanto teologia sistemática como teologia bíblica são “bíblicas” no sentido que ambas são derivadas do conteúdo da Bíblia e fiéis a ele. Assim, o termo “teologia bíblica” pode gerar alguma confusão, a menos que lembremos que a ênfase está no arranjo do conteúdo, e não na sua fonte. Teologia sistemática é uma síntese e apresentação da revelação bíblica num arranjo tópico e lógico. Quando a chamamos de “lógica”, não queremos dizer que a teologia bíblica seja ilógica, mas novamente nos referimos ao arranjo, de forma que um item procede logicamente ao seguinte. Quanto à teologia bíblica, trata-se de uma síntese e apresentação da revelação bíblica num arranjo histórico ou cronológico, seguindo a ordem dos eventos como eles aparecem na Bíblia.

Como um relato de eventos, uma história pode ser histórica ou fictícia. Podemos chamá-la também de uma narrativa. Quando nos referimos à Bíblia como história, entende-se que a consideramos um relato de eventos históricos — incidentes que aconteceram em tempos e locais específicos. Alguns teólogos sustentam que, como história, a própria Bíblia leva à teologia bíblica. As visões deles com respeito à teologia sistemática variam entre considerá-la uma contextualização permissível do registro bíblico, ao pensamento que ela é um empreendimento totalmente não-natural que faz violência ao texto, para satisfazer o desejo do homem por sistematização.

Nesse momento, até a suposição que a Bíblia leva mais prontamente à teologia bíblica do que à teologia sistemática é prematura. Quanto dessa “história” é composto por relatos de eventos? Quanto dessa “história” consiste em relatos de discursos, como em prédicas e cartas? Eu folheeí cada porção da Bíblia para fazer uma estimativa por cima, que seria suficiente para o nosso propósito.

Digamos que Gênesis é uma narrativa, assim como uma porção significativa de Êxodo. Mas após isso, Êxodo 20-40, Levítico, Números e Deuteronômio são proclamações e exposições da lei de Deus, não narrativas como tal. Digamos que todos os livros de Josué a Ester sejam narrativas e, para simplificar, não consideraremos os discursos nesses livros. Jó contém um discurso após outro, e dificilmente algum material narrativo. Leia ao longo dos Salmos — esses não são narrativas. Da mesma forma, Provérbios e Eclesiastes são discursos. Isaías, Jeremias e Ezequiel contém principalmente discursos. Daniel contém narrativas e enfatiza discursos na forma de profecia para o fim. Os doze profetas menores, de Oseias a Malaquias, são quase inteiramente discursos. Oseias, Ageu e Zacarias incluem algumas narrativas. O elemento narrativo é proeminente em Jonas.

Voltando-nos para o Novo Testamento, com exceção de Marcos, mais da metade de cada um dos Evangelhos consiste em discursos, e essa estimativa inclui somente os discursos de Jesus, não aqueles feitos pelos escritores dos Evangelhos. Embora Atos contenha muitos discursos significativos, a maioria das seções deveria ser classificada como narrativas. Então, todas as cartas, de Romanos a Judas, são classificadas como discursos. Apocalipse é material apocalíptico – eu o classificaria como discurso, mas chamemos todo o Apocalipse de narrativa, com exceção das cartas às sete igrejas.

Uma estimativa que defina narrativas e discursos nos livros bíblicos da maneira acima produz os seguintes números. O Antigo Testamento é composto por 63% de discursos, e o Novo Testamento, por 67% de discursos. Como um todo, a Bíblia consiste em 64-65% de discursos. Apenas isso já torna óbvio que a simples designação da Bíblia como “história” é enganosa.

Há mais dois fatores a considerar. Primeiro, lembre-se de que não contamos os discursos nos livros que classificamos como narrativas totais, tais como 1 & 2 Samuel, 1 & 2 Reis e 1 & 2 Crônicas. Em outras palavras, muitos discursos foram ignorados, de

forma que os cálculos são na verdade preconceituosos *contra* o número de discursos na Bíblia. Segundo, um número devastador das porções narrativas da Escritura fornece prontamente o registro utilizável para a sistematização teológica, a até mesmo à parte do próprio contexto narrativo. Os discursos podem permanecer em 65%, mas as passagens que levam à sistematização (incluindo esses discursos) poderiam estar entre 80-95%. Novamente, admite-se que esses números foram produzidos por um procedimento de cálculo bem grosseiro, e se alguém não confia nele, deve folhear a Bíblia para confirmar essa estimativa. Em todo caso, simplesmente reconhecer o fato de que muito da Bíblia consiste em discursos, e não narrativas, é suficiente para estabelecer meu ponto de que é incorreto e enganoso dizer que a Bíblia é “história” e, portanto, leva mais prontamente à teologia bíblica do que à teologia sistemática. Essa alegação contradiz a apresentação clara da Escritura como um relato de eventos que dedica mais espaço aos discursos do que às narrativas.

Não há nenhuma necessidade de denegrir histórias. De fato, muito da Bíblia consiste em narrativas históricas, ou histórias, mas é verdade também que a maior parte da Bíblia não é de histórias, mas discursos. Assim como refletiria uma erudição inferior enfatizar o aspecto narrativo da história de Roger quando mais de mil páginas dela consiste de uma teologia sistemática, seria enganoso enfatizar o aspecto narrativo da Escritura em detrimento e negligência dos discursos e porções sistemáticas. Contudo, é isso o que muitas pessoas fazem. Quando isso acontece, é provável que um preconceito intelectual esteja envolvido, isto é, eles abrigam uma inclinação contra sistemas lógicos e uma preferência por histórias.

Aqueles que insistem que a Bíblia é primariamente narrativa em natureza, e que essa premissa deveria dominar tudo da nossa exegese, teologia e pregação, não estão vendo a Bíblia pelo que ela é. Sua disposição religiosa ou filosófica favorece essa falsa visão da Bíblia, mas não reflete a realidade. A verdade é que a Bíblia contém narrativas e discursos. Ela é tanto uma história como um sistema, tanto histórica quanto teológica, e é apresentada de maneira que mescla a história e o sistema. Não há nenhuma necessidade de denegrir um ou outro.

Algumas vezes é alegado que Deus fala apenas em narrativas, e que a teologia sistemática (mesmo se legítima e necessária) é um produto “humano”, organizando os dados da narrativa numa forma lógica. Isso é falso. A própria Bíblia contém discursos

de teologia sistemática em forma lógica ou tópica, e algumas vezes em arranjos similares como nossas próprias exposições teológicas. O discurso de Paulo no Areópago é um exemplo de teologia sistemática (Atos 17.22-31).² Então, Colossenses 1.15-23 assume, ou mesmo apresenta, um sistema de teologia com a cristologia como seu tema central.³ Algumas vezes é dito: “A Bíblia é história, não um livro-texto de teologia sistemática.” Mas à luz dessas e de tantas outras passagens bíblicas, algumas vezes grandes seções de exposições sistemáticas de teologia, essa é uma caracterização enganosa.

E sem dúvida a Bíblia também contém exemplos de teologia bíblica. Considere o discurso de Estevão em Atos 7 — uma porção brilhante de teologia bíblica com a resistência dos judeus contra o Espírito Santo como seu tema central. Portanto, devemos reconhecer tanto a teologia sistemática quanto a bíblica na Escritura. Elas são distinguíveis e realizam propósitos diferentes, mas estão intimamente mescladas, e informam e servem uma à outra.

Finalmente, voltamos nossa atenção para as declarações: “Parece-me que a Bíblia é muito mais que meramente teologia sistemática. A Bíblia é sobre Deus ganhando glória tanto da salvação como da condenação de homens e anjos. Deus demonstra quem ele é, mas na forma de história.” Essas são declarações altamente enganosas. Se a Bíblia é mais do que teologia sistemática, ela também é mais que teologia bíblica. E é insuficiente dizer que Deus demonstra quem ele é por meio de história, se a história é como o relato do domingo de Roger na busca por comida. Se desejarmos insistir que Deus se glorifica mesmo por meio de história, devemos admitir também que a história que ele conta contém mais discursos do que narrativas.

² Veja Vincent Cheung, *Confrontações Pressuposicionistas*.

³ Veja Vincent Cheung, *Commentary on Colossians*.

12. O CÓDIGO DA VINCI

O Código Da Vinci é um romance popular recente. Embora seu autor admita que ele é ficcional, que é “apenas um romance”, ele também alega que a trama é baseada em fatos históricos. Esses “fatos”, por sua vez, referem-se a uma conspiração por meio da qual a Igreja procurou ocultar informação com respeito a Jesus Cristo, e que, se descoberta, destruiria o que veio a se tornar as crenças cristãs ortodoxas. Como o autor admite, esses alegados “fatos” não têm nada de novo, nem essa é a primeira vez que algo é escrito sobre eles. Eles são na realidade baseados em vários documentos, teorias e lendas com as quais estudiosos e crentes informados têm se familiarizado desde... bem, desde sempre. E eles também têm sido refutados desde sempre.

Contudo, agora que essas teorias têm sido combinadas num filme que muitos consideram divertido, elas estão subitamente chamando a atenção do público geral. E, certamente, a maioria dos leitores não tem nenhuma forma de discernir entre fato e ficção. Uma história pode frequentemente desarmar a faculdade crítica das pessoas e transmitir as teorias e crenças que permanecem por trás dela para o pensamento das pessoas, como por osmose. Quer uma história seja verdadeira ou falsa, a pessoa mediana é facilmente influenciada porque a maioria dos indivíduos é irracional e sem discernimento. Assim, quer o que esteja sendo transmitindo seja verdade ou falsidade, uma teoria ganha influência quando ela é colocada em forma de narrativa. Novamente, isso não significa que o método de contar história seja em si mesmo irracional e enganoso, mas estou dizendo que uma teoria pode ganhar acesso à mente de uma pessoa irracional mais facilmente quando ela é parte de uma história do que quando ela é apresentada de forma não-ficcional.

Aqueles de vocês que têm seguido esse ministério por muito tempo saberão que eu não tenho o hábito de dar a “perspectiva bíblica” sobre eventos atuais ou comentar sobre os ataques mais recentes contra a fé cristã. Isso é assim parcialmente porque eles vêm e vão tão rápido que dedicar *diretamente* muito esforço sobre eles minaria o valor permanente dos meus materiais de ensino, embora isso possa tomar minha atenção mais imediata e breve. Isto é, fazer com que meus materiais sejam muito “atuais” também

faria com que eles se tornassem antigos muito rápido. Eu também creio que minha abordagem lida *indiretamente* com todos os problemas e ataques, de forma que respostas diretas nunca são necessárias. Como todas as outras, a badalação de *O Código Da Vinci* em breve cairá em segundo plano, e como em outros tempos, novos ataques, um após outro, ficarão no seu lugar. Mas a fé cristã é verdadeira e indestrutível, e ela permanecerá inabalável como nos séculos passados. Assim, embora possamos olhar para *Da Vinci*, que nunca respondamos com medo, pois não há nada para temer.

Eu sempre preferi continuar elaborando continuamente materiais de ensino que sejam mais universais e permanentes em valor. Eu penso que essa é uma sábia estratégia de ministério. É por isso que eu, na maioria das vezes, produzo exposições bíblicas e obras tópicas sobre teologia. Dito isto, embora essa seja minha abordagem para o ministério, eu aprecio a obra que outros têm feito ao formular respostas específicas ao *Da Vinci*. Se eles decidem que é nisso que devem gastar o tempo deles, então tudo bem para mim, conquanto que os conteúdos dos seus materiais sejam exatos e eficazes. Estas respostas certamente não são baseadas em nova pesquisa e reflexão, mas naquilo que crentes eruditos e informados têm conhecido e afirmado desde o começo; a única diferença é que elas são agora aplicadas ao romance.

O problema principal que tenho contra esses materiais não é a respostas que eles dão ao *Da Vinci*, pois no geral eles estariam corretos, mas a filosofia por trás dos seus argumentos. Por exemplo, eles poderiam responder a uma alegação histórica ou suposição no *Da Vinci* com argumentos formulados a partir de uma epistemologia puramente empírica. Embora seus argumentos possam ainda ser corretos com relação aos métodos estabelecidos (aceitos) de investigação, eles podem refletir muita confiança e dependência no empirismo ao estabelecer suas conclusões, ao argumentar em favor da fé cristã ou ao responder aos ataques. Por causa desse fundamento faltoso, sua apresentação inteira necessariamente misturará as incertezas e problemas lógicos que são *inerentes* nessa abordagem. Para usar outro assunto como uma ilustração, os cristãos podem usar argumentos científicos para argumentar contra a teoria da evolução. Isto é, eles poderiam usar os métodos científicos para formular argumentos contra as objeções científicas. Mas se na sua apresentação eles mostrarem uma dependência epistemológica da ciência, e se a ciência for em si mesma incerta, irracional e até mesmo falsa (como tenho argumentado em outros lugares!), então sua abordagem fará

parecer que o próprio Cristianismo é incerto, mesmo que ele pareça ser o *mais provavelmente* correto. Assim, essa seria a primeira reserva que tenho para as respostas cristãs ao *Código Da Vinci*.

Outro problema que encontro nas respostas cristãs ao *Código Da Vinci* é a sugestão de que não há nenhum dano no fato de uma pessoa ler o livro, se ela lembrar que ele é apenas um romance. Vários escritores admitem que acharam o livro muito agradável, mas têm um problema com a alegação de que o trama é baseado em fatos históricos. Contudo, o livro não é somente inexato sobre a História, mas *sobre* o que ele é inexato — sobre o que ele se posiciona contra — tem a ver com a verdade da Escritura, a identidade e obra de Jesus Cristo, e até mesmo a própria natureza de Deus. Portanto, a obra não é apenas “inexata” — ela é uma blasfêmia! Visto que esse é o caso, é pecaminoso para um cristão dizer a outros: “Conquanto você conheça os fatos, vá em frente e leia o livro! Ele é realmente divertido. Apenas lembre-se que ele é um romance e não o leve muito a sério”. *Mesmo que* haja razões legítimas para ler o livro, *essa* certamente não é uma delas. Antes, eu insistiria que um cristão peca grandemente se ele lê o romance por essa razão, e um líder cristão peca ainda mais severamente se ele até mesmo sugere que seria bom lê-lo por essa razão. Portanto, eu diria que nenhum cristão deveria ler o romance, a não ser que ele *precise*, e pouquíssimos cristãos realmente precisam fazer isso — as únicas pessoas que precisam ler o livro são aquelas que desejam investigar o romance para produzir uma resposta.

Nunca deveríamos dizer às pessoas que é bom ler ou assistir uma blasfêmia simplesmente porque é divertida, simplesmente porque não apresenta uma ameaça real à nossa fé, conquanto não a levemos a sério. Eu insistiria que é um *grande* pecado contra o Senhor ler ou assistir, ou dizer às pessoas que leiam ou assistam por essa razão. Uma razão pela qual muitas pessoas não pensam dessa forma é porque elas têm uma moralidade antropocêntrica. Não permitiríamos que as pessoas assistissem pornografia simplesmente para que elas pudessem se divertir ou serem informadas, mas blasfêmia é muito pior do que pornografia. Como ousamos ser entretidos por ela? Como ousamos? Que tipo de monstro eu seria se me divertisse com um romance que insulta minha esposa ou um filme que zomba dos meus pais? Mas é bom apreciar um romance ou um filme que blasfema o nosso Senhor, desde que não o levemos a sério? Pelo menos desse ponto de vista, aqueles que pensam dessa forma são tão culpados quanto o autor do *O*

Código Da Vinci. Você deve ter uma razão muito melhor para ler o livro ou assistir ao filme do que a mera curiosidade, ou um desejo por entretenimento ou controvérsia.

Agora que o *Código Da Vinci* está virando filme, alguns de vocês provavelmente encontrarão pessoas que mencionem o livro ou o filme. Não se deixe distrair pela intensidade atual da badalação. Sua principal resposta ainda deve ser uma discussão sobre assuntos fundacionais tais como epistemologia, metafísica, para arrumar um confronto abrangente entre a cosmovisão do crente e do incrédulo, e assim por diante. Para tanto, você deve examinar meus livros *Questões Últimas*, *Confrontações Pressuposicionalistas*, e *Apologética na Conversação*. Qualquer hora que você gaste sobre os detalhes no *Código Da Vinci* deveria eventualmente conduzir a discussão de volta aos assuntos fundacionais da cosmovisão e os conteúdos do Evangelho.

Isso não é muito diferente de quando alguém o desafia com a teoria da evolução. Sim, você pode usar argumentos científicos para derrotá-lo neste assunto, mas pra quê? Mesmo depois que você provar que a evolução é falsa, você ainda não provou que os argumentos contra o Cristianismo são falsos, ou que o Cristianismo é certo. Por isso, em determinado momento, você ainda deve investigar os primeiros princípios dos sistemas de filosofia opostos. Assim, embora nunca seja *necessário*, talvez seja útil conhecer vários argumentos científicos contra a evolução, por nenhuma outra razão além de usá-los como argumentos *ad hominem* para mostrar que você não teme tratar de ciência, ou mostrar que seu oponente está errado *até mesmo* se você empregar os métodos irracionais dele.

Da mesma forma, também poderia ser útil a você ter acesso à informação contra as afirmações históricas no *Código da Vinci*. Portanto, no final deste capítulo, estou listando vários recursos on-line sobre o assunto.¹ Há muitos outros, mas os que listei aqui são suficientes para responder aos desafios contra o Cristianismo que as pessoas podem apresentar ao lerem o livro ou assistir ao filme. Há vários livros escritos para responder ao *Código da Vinci*, mas, novamente, esses *sítios* devem ser suficientes, e eles são especialmente convenientes quando tratam com outras pessoas, visto que você pode enviar os links por um e-mail.

¹ Consultar os links em <http://www.vincentcheung.com/2006/05/19/the-da-vinci-code/>. [N. do T.]

Em todo caso, lembre-se de que as pessoas *nunca* se recusam a crer no Cristianismo porque elas têm algum argumento sólido ou evidência contra ele, mas porque, como a Bíblia diz, suas obras são más, de forma que eles amam as trevas e odeiam a luz. A falsa informação no *Código Da Vinci* simplesmente lhes dá a desculpa para alegar que eles estão fazendo uma rejeição racional do Cristianismo, embora não haja nada irracional nela. Assim, a menos que o Espírito Santo opere em seus corações para produzir arrependimento e fé, mesmo que as afirmações no *Código Da Vinci* sejam mostradas como completamente falsas, eles ainda recusarão crer, mas apenas encontrarão outra escusa para se esconderem atrás.

Portanto, deixar o incrédulo te forçar a devotar muito tempo a algum tipo de objeção — quer seja o *Código Da Vinci*, ou evolução, etc. — é cair numa armadilha. Ele sempre pode criar algo para dizer, não importa quão ridículo, apenas para que você tenha que gastar tempo para refutá-lo. Veja, quer ele esteja fazendo isso conscientemente ou não, ele está apenas tentando fazer objeções para que não tenha que ser confrontado com a verdadeira condição da sua alma e a verdade sobre Jesus Cristo. De fato, no tempo certo numa conversa, você deveria apontar isso e dizer: “Eu tenho mostrado as respostas às alegações feitas no *Código Da Vinci*. Agora você deve refutar essas respostas, ou reconhecer que o *Código Da Vinci* de fato não apresenta nenhum problema para a fé cristã. Ou você ainda se esconderá atrás do *Código Da Vinci*, não porque ele te dê alguma objeção racional contra o Cristianismo, mas porque você está tentando encontrar uma escusa para rejeitar a verdade?”.

O incrédulo deseja fazer com que você pare de falar sobre *ele* — isto é, sobre o próprio incrédulo. Ele sempre dirá algo. Ele lançará algo na sua cara para que possa adiar uma confrontação real com Deus. Se não for algo do *Código Da Vinci*, será alguma outra coisa. Então, sim, responda suas objeções, mas sempre traga a conversa de volta para *ele* – a condição miserável da sua alma, seus pecados contra Deus, e sua única esperança de salvação em Jesus Cristo. Faça com que ele defenda *suas* crenças. Faça com que ele justifique o *seu* comportamento e estilo de vida.

É verdade que o *Código Da Vinci* menciona assuntos que é bom os crentes conhecerem, mas o romance faz afirmações falsas sobre esses assuntos. Por exemplo, ele faz uma alegação sobre a relação entre o Cristianismo e Constantino, imperador de Roma. Mas eu penso que o melhor lugar para aprender primeiramente sobre esse e

outros assuntos é um curso geral em história da Igreja — uma apresentação positiva e organizada sobre o assunto — e não no contexto de uma refutação de um pedaço de ficção popular que faz alegações falsas sobre a história da Igreja. E, certamente, um conhecimento geral da história da Igreja automaticamente refutaria o que é alegado no romance, visto que ele incluiria informação sobre o que realmente aconteceu no tempo de Constantino, e daí em diante.²

² Este artigo foi adaptado a partir de uma mensagem “interna” enviada originalmente para a nossa lista de e-mail particular.